UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGÜÍSTICA

AS RELAÇÕES SEMÂNTICAS DE POLISSEMIA E HOMONÍMIA PARA UM TRATAMENTO DE HETEROSSEMÂNTICOS NA INTERFACE PORTUGUÊS–ESPANHOL

ELIANE BARBOSA DA SILVA

MACEIÓ
2004

ELIANE BARBOSA DA SILVA

AS RELAÇÕES SEMÂNTICAS DE POLISSEMIA E HOMONÍMIA PARA UM TRATAMENTO DE HETEROSSEMÂNTICOS NA INTERFACE PORTUGUÊS–ESPANHOL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal de Alagoas, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Doutora em Lingüística.

Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa
Orientadora

Prof. Dr. Paulo José Silva Valença
Co-orientador

Maceió
2004

S579r Silva, Eliane Barbosa da.
As relações semânticas de polissemia e homonímia para um tratamento de heterossemânticos na interface Português–Espanhol / Eliane Barbosa da Silva. Maceió: [s.n.], 2004.

Orientadora: Januacele Francisca da Costa.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Alagoas, Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística.

1. Descrição e Análise Lingüística. 2. Semântica Lingüística. 3. Lingüística Aplicada. I. Título.

CDD: 462

ELIANE BARBOSA DA SILVA

AS RELAÇÕES SEMÂNTICAS DE POLISSEMIA E HOMONÍMIA PARA UM TRATAMENTO DE HETEROSSEMÂNTICOS NA INTERFACE PORTUGUÊS–ESPANHOL

Maceió, 01 de dezembro de 2004.

Tese submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em letras e Lingüística da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Lingüística. (Aprovada em 01 de dezembro de 2004.)

_____
Profa. Januacele Francisca da Costa, M.Sc., Dra., Ph.D. (UFAL)

_____
Prof. Paulo José Silva Valença, M.Sc., Dr. (UFAL)

_____
Profa. Eva Ucy Soto, M.Sc., Dra. (UFRJ)

_____
Profa. Roseanne Tavares, M.Sc., Dra. (UFAL)

_____
Prof. Marlos Pessoa, M.Sc. Dr. (UFPE)

A Deus,
porque por Ele e para Ele são todas as coisas,

Ao Gedeão, esposo querido,
pelo apoio e companhia ao longo da caminhada,

A Ada Rízia, querida filhinha,
a quem reneguei um precioso tempo em busca desta realização,

Aos meus Pais,
que me ensinaram a ser persistente.

AGRADECIMENTOS

A ***Deus***, pela verdadeira fonte de Sabedoria, Luz, Força e Proteção.

Ao meu companheiro, ***Gedeão***, e a minha filha, ***Ada Rízia***, pelo carinho e auxílio, compreensão e estímulo em todos os momentos desta jornada. Pela confiança e contribuição para o nosso êxito. Minha eterna gratidão e carinho.

Aos meus ***pais***, pela presença e força em momentos difíceis.

Aos meus ***irmãos*** e ***irmãs***, especialmente ***Edilene***, ***Nilma***, ***Elias*** e sobrinho ***Willian***, pelo apoio e incentivo que sempre recebi.

A minha ***orientadora***, ***professora Januacele***, meu agradecimento especial, por suas observações acertadas, as quais contribuíram para o aprimoramento e elaboração deste trabalho. Pela dedicação e empenho com que me orientou, tornando possível a realização desta tese. Pelo encorajamento e confiança a mim depositados desde o início deste percurso. Minha gratidão e admiração, sempre.

Ao professor ***Paulo Valença***, por suas observações, esclarecimentos e leitura, contribuindo para o aperfeiçoamento do nosso trabalho.

À professora ***Ucy***, pelo incentivo e orientação, encorajando-nos a melhorar e seguir em frente.

Ao Dr. ***João Batista***, pelo apoio recebido através de sua biblioteca particular, fornecendo-nos raras e preciosas obras, indispensáveis para nosso trabalho.

À amiga ***Maria***, pelo apoio e colaboração, principalmente, nos momentos finais.

À professora ***Vitória Régia***, pelas aulas de inglês, as quais nos auxiliaram na leitura dos textos nessa língua.

Aos ***membros da Banca Examinadora***, pela ética com que leram este trabalho. Assim como àqueles que participaram da Qualificação e da Banca Prévia.

Ao ***Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal de Alagoas***, pela oportunidade de poder continuar aprimorando a minha formação profissional.

À ***coordenação***, aos ***professores*** e aos ***funcionários*** deste Programa de Pós-Graduação, pela contribuição para o andamento e realização do curso.

A ***CAPES***, pelo auxílio financeiro durante um período de dois anos, com a concessão de bolsa de estudo.

A todos os ***amigos*** que contribuíram, direta ou indiretamente, para o êxito neste trabalho.

“Uma língua é como um camaleão: ela muda de cor segundo a sua vizinhança.”

(Tarone)

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise comparativa de palavras heterossemânticas do português e do espanhol. A pesquisa foi motivada face à observação da mudança ou deslocamento de sentido ocorrido em palavras substancialmente semelhantes nas duas línguas, e sua relativa freqüência em textos, e em produções (falada ou escrita) de nativos e aprendizes de uma língua estrangeira. O questionamento principal volta-se especificamente para um problema léxico-semântico. Isto é, quais seriam as possíveis causas para a divergência semântica entre duas palavras substancialmente idênticas em línguas geneticamente relacionadas? O problema da divergência de sentidos nesses lexemas é especificamente semântico ou outros níveis lingüísticos se imbricam? Há algum tipo de relação semântica ou de significado nesses lexemas que explique esse fenômeno? Se há, como essa relação ocorre nas duas línguas, e/ou em cada língua particular? Assim, procura-se descrever comparativamente esses lexemas classificando-os e analisando-os através das relações semânticas de polissemia e homonímia, e identificar as causas que promovem a mudança ou o deslocamento de sentido neles. O *corpus* constitui-se de pares de palavras lexicais do português e do espanhol semelhantes fonética ou graficamente, e consideradas heterossemânticas por serem semelhantes no plano da expressão (som) e divergentes no plano do conteúdo (significado). Descreve-se sua etimologia, seus sentidos primários e secundários, exemplificando cada um dos sentidos com sentenças observadas no uso formal e informal da língua, escrito ou falado, presentes em livros, textos e dicionários, e ainda no uso espontâneo de informantes dessas línguas. O trabalho apresenta um carácter eminentemente explicativo quanto ao tratamento dos dados, diante de uma perspectiva, basicamente, diacrônica e estruturalista pois volta-se para aspectos históricos e etimológicos, explicitando as causas das mudanças ou deslocamento de sentido. Procura-se comprovar também que essa divergência semântica pode ser explicada através das relações semânticas de polissemia e homonímia. Fundamenta-se, teoricamente, por um lado, nos postulados da Lingüística Aplicada, visando à questão da interferência/interlíngua, à delimitação e classificação dos heterossemânticos. Por outro lado, ao tratar especificamente sobre as questões léxico-semânticas, recorre-se à Lingüística Geral e à Semântica Lingüística, dentro da linha semântica denominada pré-Estruturalista preconizada por Saussure, e em discussões de Ullmann, Guiraud, Lyons. Discute-se sobre o signo lingüístico e sua natureza, sobre arbitrariedade e mutabilidade, valor lingüístico, sobre as relações semânticas de polissemia e homonímia, as causas de mudanças ou deslocamento de sentido, e outras questões que envolvem o problema. Assim, da análise comparativa dos dados, classificam-se

os heterossemânticos em: homônimos e polissêmicos, e estes, em quatro subgrupos advindos de processos lingüísticos distintos. Em síntese, os heterossemânticos propriamente ditos (homônimos) surgem por evolução fonética, ou por divergências semânticas na origem ou base; os heterossemânticos acidentais (polissêmicos) tornam-se tais por evolução semântica, deslocamento de sentido, ou traços semânticos distintos. Acredita-se também que o português possui mais lexemas motivados do que os mesmos do espanhol, pois o grau de arbitrariedade e motivação é diferente em ambas; confirma-se ainda que apesar de as línguas confrontadas terem inúmeros cognatos entre si, os mesmos tornam-se heterossemânticos, devido ao deslocamento ou mudanças semânticas ocorridos em cada língua particularmente.

Palavras-chave: heterossemânticos; polissemia; homonímia; mudanças ou deslocamento de sentido.

ABSTRACT

This works presents a comparative analysis of heterosemantic words from portuguese and spanish. The research was motivated as a result of observing either the change or the displacement of meaning which occurs in substantially similar words in both languages, as well as by observing their relative frequency both in texts and in the (spoken / written) productions of natives and students of a foreign language. The main inquiry specifically turns to a lexical-semantic problem. Namely, what would probably be the reasons for a semantic discrepancy between two substantially identical words in genetically related languages? Is the problem of divergence in the meaning of these lexemes specifically semantic or do other linguistic levels imbricate? Do these lexemes comprise any kind of semantic or of meaning relations, which explains this phenomenon? If so, how does this relation occur either in both languages or in one of them in particular? Thus, this work intends to comparatively describe these lexemes by classifying and analysing them through semantic relations of polysemy and homonymy, and also identify the reasons for their change or displacement of meaning. The *corpus* of analyses is constituted of paired portuguese and spanish lexical words, phonetically or graphically similar, which are considered as being heterosemantic for their similarity on the expression level (sound) and different on the contents level (meaning). The etymology of these words is described as well their primary and secondary meanings, which, in turn, are exemplified by sentences observed in the formal and informal use of language, spoken or written, which are found in books, texts and dictionaries, as well as in the speakers' spontaneous utterances of these languages. The work presents an eminently explanatory character toward the treatment of data, basically under a diachronic and structuralist perspective, since it turns to historical and etymological aspects, by making explicit the reasons of the changes or displacement of meaning. It is also intended with this work, to have this semantic divergence explained through the semantic relations of polysemy and homonymy. On one hand, the work is theoretically founded on the postulates of the Applied Linguistics, focalizing at the interference/interlanguage notion and at the delimitation and classification of heterosemantics. On the other hand, it searches the General Linguistics and the Semantic Linguistics when specifically dealing with lexical-semantic matters in the light of the semantic line – referred to as pre-Structuralist, preconized by Saussure – , and in the discussions by Ullmann, Guiraud, Lyons. The linguistic sign and its nature, the arbitrariness and mutability, the linguistic value, the semantic relations of polysemy and homonymy are, among other topics discussed. Thus, from the comparative analysis of data, the

heterosemantics are classified in: homonymous and polysemics, which are divided into four sub-groups stemmed from distinct linguistic processes. In summary, the true heterosemantics (the homonymous ones) arise from phonetic evolution, or from semantic divergences in their origin; the accidental heterosemantics (the polysemic ones) become as they are from semantic evolution, displacement of meaning, or distinct semantic features. Portuguese is also thought to have more motivated lexemes than spanish, for the degree of arbitrariness and motivation is different in both languages; although the confronted languages have a number of cognates in common, it is also confirmed that they become heterosemantic, because of semantic displacement or changes which have occurred in each language in particular.

Keywords: heterosemantics; polysemy; homonymy; semantic evolution or displacement of meaning.

RESUMEN

Este trabajo presenta un análisis comparativo de palabras heterosemánticas del portugués y del español. La investigación fue motivada mediante la observación del cambio o desplazamiento de sentido ocurrido en palabras sustancialmente semejantes en las dos lenguas, y su relativa frecuencia en textos, y en producciones (habladas o escritas) de nativos y aprendices de una lengua extranjera. El cuestionamiento principal se concentra específicamente en un problema léxico-semántico. Es decir, ¿cuáles serían las posibles causas para la divergencia semántica entre dos palabras sustancialmente idénticas en lenguas genéticamente relacionadas? ¿El problema de la divergencia de sentidos en esos lexemas es específicamente semántico u otros niveles lingüísticos se imbrican? ¿Hay algún tipo de relación semántica o de significado en esos lexemas que explique ese fenómeno? Si hay, ¿cómo esa relación ocurre en las lenguas, y/o en cada lengua en particular? De esto, se procura describir comparativamente esos lexemas clasificándolos y analizándolos a través de las relaciones semánticas de polisemia y homonimia, e identificar las causas que promueven el cambio o el desplazamiento de sentido en ellos. El *corpus* se constituye de pares de palabras lexicales del portugués y del español semejantes fonética y gráficamente, y consideradas heterosemánticas por ser semejantes en el plano de la expresión (sonido) y divergentes en el plano del contenido (significado). Se describe su etimología, sus sentidos primarios y secundarios, ejemplificando cada uno de los sentidos con sentencias observadas en el uso formal e informal de la lengua, escrito o hablado, presentes en libros, textos y diccionarios, y aún en el uso espontáneo de informantes de esas lenguas. El trabajo presenta un carácter eminentemente explicativo en cuanto al tratamiento de los datos, frente a una perspectiva, básicamente, diacrónica y estructuralista pues se aboga para aspectos históricos y etimológicos, explicitando las causas de los cambios o desplazamiento de sentido. Se busca comprobar también que esa divergencia semántica puede ser explicada a través de las relaciones semánticas de polisemia y homonimia. Se fundamenta, teóricamente, de un lado, en los postulados de la Lingüística Aplicada, abordando la cuestión de la interferencia/interlengua, la delimitación y clasificación de los heterosemánticos. De otro lado, al tratar específicamente sobre las cuestiones léxico-semánticas, se acude a la Lingüística General y a la Semántica Lingüística, desde la perspectiva de la corriente semántica llamada pre-estructuralista preconizada por Saussure y en discusiones de Ullmann, Guiraud, Lyons. Se discute sobre el signo lingüístico y su naturaleza, sobre arbitrariedad y mutabilidad, valor lingüístico, sobre las relaciones semánticas de polisemia y homonimia, las

causas de cambios o desplazamiento de sentido, y otras cuestiones que se relacionan al problema. Así, del análisis comparativo de los datos, se clasifican los heterosemánticos en: homónimos y polisémicos, y estos, en cuatro subcategorias provenientes de procesos lingüísticos distintos. En síntesis, los heterosemánticos propiamente dichos (homónimos) surgen por evolución fonética, o por divergencias semánticas en el origen o base; los heterosemánticos accidentales (polisémicos) se tornan tales por evolución semántica, desplazamiento de sentido, o rasgos semánticos distintos. Se cree también que el portugués tiene más lexemas motivados que los mismos del español, pues el grado de arbitrariedad y motivación son distintos en ambas; se confirma todavía que aún teniendo las lenguas confrontadas innumerables cognatos entre si, los mismos se transfoman en heterosemánticos, decorriente del desplazamiento o cambios semánticos ocurridos en cada lengua particularmente.

Palabra clave: heterosemánticos; polisemia; homonimia; cambios o desplazamiento de sentido.

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

[≠] = diferença, nenhuma semelhança (entre os sentidos)
[≈] = certa semelhança, traços comuns (entre os sentidos)
[=] = igualdade, muita semelhança (entre os sentidos)
< = advindo, proveniente
2 g. = dois gêneros
2n = dois números
a. al.= alto alemão
acp. = acepção
adj. = adjetivo
Amér. = América
anal. = analogia
Anat. = Anatomia
ant. = antigo
antr. = antroponímia, antropônimo
aprox.. = aproximadamente
ár. = árabe
Arg. = Argentina
arg. = argentino
Arquit. = Arquitetura
atrv. = através
aum. = aumentativo
bitr.= bitransitivo
Br. = Brasil
Bras. = Brasil; brasileiro
BS = Bíblia Sagrada
célt. = céltico
Col. = Colômbia
Com. = Comércio
Contab. = Contabilidade
DEMM = Diccionario Electrónico de María Moliner.
deriv. = derivado
desig.= designação
desus. = desusado(a)
DFA = Diccionario de Falsos Amigos (Hoyos)
dim. = diminutivo
dir = direto
doc. = documentado(a), documento, documentação
DRAE = Diccionario de la Real Academia Española
DUEMM = Diccionario de Uso del Español de María Moliner
E = espanhol
Econ. = Economia
emprt. = emprestado(a), empréstimo.
esp. = especialmente
ex. = exemplo
exp. = expressão, expressões
f. = forma
f. hist.= forma histórica

fam. = família; familiar
fig. = figurado(a)
fr. = francês
fr. fig. = francesa figurada
frânc. = frâncico
freq. = verbo frecuentativo (DRAE)
gên. = gênero
geralm. = geralmente
gr. = grego
hebr. = hebraico
Ind.= Indústria
inf. = informal
intr.= verbo intransitivo
irl. méd. = irlandês médio
Is = Isaías (BS)
it. = italiano
ITm = I Timóteo (BS)
lat. = latim
loc. = locução, locuções
loc. fam. = locução familiar
M.q. ou m. q. = Mesmo que
Mar. = Marítimo; Marinha
medv. = medieval
Metrol. = Metrologia
mod. = moderno, modernamente
orig. = (acepção) original
orig. obsc. = origem obscura
P = português
p. = pessoa
p. anal. = por analogia
p. ex. = por exemplo
p. ext. = por extensão
p. mtf. = por metáfora
p. mtn. = por metonímia
p. us. = pouco usado
p. p. = particípio passivo
part. = particípio
part. pas. = particípio passivo
pl. = plural
pop. = popular
Port. = Portugal
Prnl = pronominal
pronom = pronome ou pronominal.
prov. = provável, provavelmente
provç. = provençal
rad. = radical
Reg. = Regionalismo
regr. = regressivo
s. = substantivo
S.f. = substantivo feminino

S.m. = substantivo masculino
séc. = século
sing. = singular
snt. fig. = sentido figurado
sup.= supino
tb. = também
ter. ou trm. = termo
tr = transitivo
u.t.c.= usa-se tambem como
U.t.c.s. = usado também como substantivo
us. inf. = uso informal
us. pej. = uso pejorativo
V., v. ou vb. = verbo
V. tr. = verbo transitivo
v. tr. d. e i., intrans. = verbo transitivo direto e indireto, intransitivo.
vern.= vernáculo, vernacular
vocáb.= vocábulo
vulg. = vulgar

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO---------- 15

I – DA GÊNESE AO DISTANCIAMENTO: LATIM, PORTUGUÊS E ESPANHOL---------- 22

1 UMA RETROSPECTIVA DO ESPANHOL E DO PORTUGUÊS---------- 22
1.1 ORIGENS DISTANTES DO ESPANHOL---------- 23
1.1.1 O latim na e da Espanha---------- 24
1.1.2 O período árabe---------- 27
1.1.3 A Reconquista---------- 29
1.1.4 O castelhano---------- 31
1.1.5 O espanhol na e da América---------- 34
1.2 O PORTUGUÊS E SUAS ORIGENS---------- 39
1.2.1 O galego-português: uma língua literária de prestígio---------- 40
1.2.2 O nascimento de Portugal e do português---------- 42
1.2.3 O português no e do Brasil---------- 45
1.3 O ESPANHOL E O PORTUGUÊS: ALGUMAS DIVERGÊNCIAS---------- 48
1.3.1 Divergências fonéticas---------- 49
1.3.2 Divergências vocálicas e consonânticas---------- 50

II – MODELOS TEÓRICOS EM FACE DA AQUISIÇÃO-APRENDIZAGEM DE LE---------- 55

2 OBSERVAÇÕES PRELIMINARES---------- 55
2.1 ALGUMAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE INTERLÍNGUA, INTERFERÊNCIA E ANÁLISE DE ERROS---------- 57
2.2 NÍVEIS DE INTERFERÊNCIA---------- 70
2.3 O LÉXICO: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS. FACILIDADE OU DIFICULDADE?---------- 73
2.3.1 Os falsos cognatos---------- 76
2.4 OBSERVANDO ALGUNS DADOS---------- 86
2.4.1 Inadequações lexicais---------- 87
2.4.1.1 Uso da forma em português---------- 87
2.4.1.2 Uso de uma forma mista---------- 87
2.4.1.2 Inadequação léxico-semântica---------- 88

III – POR UM TRATAMENTO DO SIGNIFICADO NO LÉXICO---------- 91

3 ALGUNS PORQUÊS INICIAIS---------- 91
3.1 OS ESTUDOS SEMÂNTICOS E O PROBLEMA DO SIGNIFICADO---------- 92
3.1.1 As semânticas---------- 92
3.1.1.1 Semântica filosófica---------- 93
3.1.1.2 Semântica geral ou psicossociológica---------- 95
3.1.1.3 Semântica lingüística---------- 96
3.2 TEORIAS DO SIGNO LINGÜÍSTICO---------- 105
3.2.1 A língua: forma, sentido e distribuição---------- 105

3.2.2 A cultura: forma, sentido e distribuição---------- 112
3.2.3 Transferência de sentido para a cultura estrangeira---------- 114
3.2.4 O valor lingüístico---------- 116
3.2.5 Arbitrariedade e motivação---------- 118
3.3 TIPOS DE MOTIVAÇÃO---------- 123
3.3.1 Motivação fonética---------- 124
3.3.2 Motivação morfológica---------- 125
3.3.3 Motivação semântica---------- 126
3.4 RELAÇÕES ASSOCIATIVAS E SINTAGMÁTICAS---------- 127
3.5 AS RELAÇÕES DE SIGNIFICADO NO LÉXICO---------- 131
3.5.1 A palavra e seu campo associativo---------- 133
3.6 HOMONÍMIA E POLISSEMIA---------- 146
3.6.1 No nível fonético---------- 149
3.6.1.1 Homonímia: fontes---------- 149
3.6.1.1.1 Convergência fonética: critério histórico-etimológico---------- 149
3.6.1.1.2 Divergência semântica---------- 151
3.6.1.1.3 Influência estrangeira (empréstimo)---------- 153
3.6.2 No nível semântico---------- 155
3.6.2.1 Polissemia: fontes---------- 155
3.6.2.1.1 Mudanças de aplicação (ou emprego)---------- 155
3.6.2.1.2 Especialização num meio social---------- 156
3.6.2.1.3 Linguagem figurada---------- 157
3.6.2.1.4 Homônimos reinterpretados---------- 158
3.6.2.1.5 Influência estrangeira ou empréstimo semântico---------- 159
3.7 CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO SEMÂNTICA---------- 162
3.7.1 Causas lingüísticas---------- 164
3.7.2 Causas históricas---------- 164
3.7.3 Causas sociais---------- 165
3.7.4 Causas psicológicas---------- 166
3.7.5 Influência estrangeira ou empréstimo---------- 167
3.7.6 Necessidade de um nome novo---------- 168

IV – PARA UMA CLASSIFICAÇÃO DOS HETEROSSEMÂNTICOS EM FACE DA RELAÇÃO DE POLISSEMIA E HOMONÍMIA---------- 170

4 OBSERVAÇÕES PRELIMINARES---------- 170
4.1 HETEROSSEMÂNTICOS: HOMONÍMIA E POLISSEMIA---------- 172
4.1.1 GRUPO A: HOMONÍMIA---------- 172
4.1.1.1 Grupo A.1: Homonímia por convergência fonética---------- 173
4.1.1.2 Grupo A.2: Homonímia por divergência semântica desde a origem ou sentido de base---------- 178
4.1.2 GRUPO B: POLISSEMIA---------- 185
4.1.2.1 Grupo B.1: Originalmente polissêmicos, posteriormente homônimos por mudanças semânticas---------- 186
4.1.2.2 Grupo B.2: Originalmente polissêmicos, porém com traços semânticos distintos, tornando-se posteriormente homônimos por mudanças semânticas---------- 223

V – ENCAMINHANDO UMA PROPOSTA DE DICIONÁRIO DE HETEROSSEMÂNTICOS COMO SUBSÍDIO DIDÁTICO---------- 235

5 OBSERVAÇÕES PRELIMINARES---------- 235

5.1 GRUPO A: HOMONÍMIA---------- 237
5.1.1 Grupo A.1: Homonímia por convergência fonética---------- 237
5.1.2 Grupo A.2: Homonímia por divergência semântica---------- 250
5.2 GRUPO B: POLISSEMIA---------- 267
5.2.1 Grupo B.1: Originalmente polissêmicos, posteriormente homônimos por distanciamento entre os sentidos secundários---------- 267
5.2.2 Grupo B.2: Originalmente polissêmicos, posteriormente com traços semânticos distintos--------- 312

CONSIDERAÇÕES FINAIS---------- 324

REFERÊNCIAS---------- 329

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem sido significativa a atenção que vem sendo dada aos questionamentos sobre ensino-aprendizagem do espanhol como língua estrangeira, não se esquecendo também a preocupação pelo estudo de sua Literatura, preocupação esta que pode ter sido fomentada, provavelmente, por dois fatores que se imbricam: o querer aprender a língua ou sobre a língua e, conseqüentemente, a necessidade de ensiná-la, os quais vêm despertando preocupações que envolvem esse processo de ensino–aprendizagem. Dessa forma, vemos surgir, concomitantemente, uma grande demanda de alunos e uma imensa diversificação de materiais didáticos, métodos e técnicas de ensino que se adeqüem aos objetivos e necessidades de cada aprendiz ou de cada grupo de alunos que se interessam em estudar o espanhol como língua estrangeira, bem como uma maior preocupação por parte de professores e pesquisadores no que diz respeito ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e, neste contexto, aos estudos comparativos entre o português e o espanhol. Diante desta realidade, ressurge também uma discussão ainda mais peculiar: o(s) problema(s) que envolve(m) o processo ensino-aprendizagem de línguas próximas.

É curioso observar que, durante muito tempo, o Brasil não deu à língua dos seus irmãos circunvizinhos a importância que vem dando ultimamente, se considerarmos, entre outras questões, a predominância do espanhol como língua oficial na quase totalidade dos países da América do Sul, embora reconheçamos a presença de outras, como as línguas indígenas em toda a América, e a vizinhança ou fronteira de toda costa oeste do território brasileiro com estes países. Esse panorama, no entanto, vem mudando substancialmente e caminha talvez para uma integração maior, devido a algumas mudanças e medidas

impulsionadas por alguns setores da nossa sociedade, como a introdução do ensino do espanhol como língua estrangeira nos currículos das escolas públicas municipais e estaduais, e, no âmbito comercial e econômico, a criação do Mercosul, em 1991, a partir do qual, inegavelmente, e talvez por influências e interesses outros, começam a surgir, com maior impulso, a busca e a importância que a língua espanhola não tinha ainda adquirido para os brasileiros. Assim, em toda a história do ensino–aprendizagem do espanhol como língua estrangeira no Brasil, este nunca foi tão procurado e valorizado como se observa nos últimos dez anos, colocando, inclusive, à margem o ensino do francês, tão arraigado nos centros culturais, nas escolas públicas e particulares, nas universidades, e concorrendo até mesmo com o ensino-aprendizagem do inglês – a língua do comércio internacional.

A língua espanhola atualmente, pelo seu número de falantes, está entre as cinco primeiras línguas mais faladas do mundo. Sabe-se que cerca de 400 milhões de pessoas falam a língua de Cervantes, isso sem contar com aquelas pessoas que acham que falam espanhol e dizem que vão jogar "*buela*", ou que os hispanos-falantes bebem "cueca-cuela", como afirma Grand Mariano, em *Muy amigo* (1999: 5). A verdade é que, diante da necessidade de integração lingüística ou sociocultural entre esses povos da América, ou dos interesses de ordem político–econômica entre alguns países como Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, surge também a necessidade, ou talvez a motivação, do ensino–aprendizagem do espanhol. Concomitantemente com isso, surge também a necessidade de aprender uma língua estrangeira que seja, talvez para alguns, mais fácil de ser aprendida, tendo em vista a exigência e incentivo do mercado de trabalho para o conhecimento de uma língua estrangeira. Espera-se, entretanto, que essa busca ocorra, simultaneamente, com a expansão do espanhol no Brasil, como também do português nos países circunvizinhos, abrindo caminhos para uma

integração que permita aumentar nossas forças para negociar nossos interesses e necessidades diante dos países em condições mais favoráveis.

Como estudante da língua espanhola, observamos que esta e a língua portuguesa mantêm traços comuns, tanto no léxico quanto na fonologia, morfologia e sintaxe. Isso porque ambas são tidas como irmãs da mesma família lingüística – a das neolatinas ou da família românica, e as que, dentre as línguas românicas, mantêm maior afinidade entre si. Elas possuem um tronco comum, o latim, e uma história evolutiva paralela, a da popularização do latim clássico na Península Ibérica e desta para a América, a África e a Ásia. Esses fatos nos permitem refletir e concluir que algo no passado aproxima essas línguas e os seus falantes. Observamos, assim, uma relação tipológica evidente dada essa proximidade, como podemos ver no léxico, cuja maior parte tem a mesma origem. Diante desse fato, propomo-nos, no Capítulo I, a refletir, sucintamente, sobre a história dessas duas línguas confrontadas em nossa pesquisa, voltando-nos basicamente para a observação de fatos históricos ocorridos na evolução de ambas, os quais instigam questionamentos preliminares, fomentando outros mais minuciosos diante dos traços que as aproximam e as diferenciam. As muitas palavras análogas, por exemplo, podem apresentar muitas semelhanças ou grandes divergências quanto ao sentido. Isto é, inúmeras palavras da língua espanhola são iguais ou semelhantes no plano da expressão e do conteúdo àquelas da língua portuguesa. Muitas outras, porém, são iguais ou semelhantes no plano da expressão (substância da expressão) e diferentes no plano do conteúdo (forma do conteúdo).

A língua materna – o português, no nosso caso –, apesar de ser uma grande facilitadora na acepção de muitas palavras do espanhol com semelhanças *intrínsecas e extrínsecas* a ela, não facilita, contudo, a compreensão de palavras denominadas

heterossemânticas ou *falsos cognatos.* É, justamente, diante da dificuldade dos alunos em apreender o sentido dessas palavras, tendo em vista a sua relativa freqüência em diversos tipos de textos e em produções da língua (falada ou escrita) dos nativos e/ou aprendizes, que nos propomos a analisar as possíveis causas que provocam o deslocamento de sentido nelas, refletindo no Capítulo II sobre a questão da interferência (interlíngua) na aquisição ou ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, e como essa influência se reflete em línguas próximas, ou melhor, línguas geneticamente relacionadas. Para a discussão aqui proposta, fundamentamo-nos, teoricamente, nos postulados da Lingüística Aplicada ao ensino de línguas, visando à problemática acima apontada, como também a delimitação e especificação do nosso objeto de estudo – os heterossemânticos –, a sua classificação, e no tocante ao problema da interferência/interlíngua quando da acepção dessas palavras, com vistas a fornecer, posteriormente, contribuição com relação ao tratamento dado no nível léxico-semântico e suas implicações quanto a semelhanças e diferenças, facilidade e/ou dificuldade, tendo em vista também a importância da análise contrastiva e a análise de interlíngua do aprendiz para o ensino–aprendizagem de línguas estrangeiras, e, mais especificamente, línguas próximas.

A bibliografia disponível revela-nos ser um tanto escassa, ou quase inexistente, as obras que tratam especificamente do assunto. As gramáticas, livros didáticos e dicionários apresentam, via de regra, descrições sumárias, preocupando-se em fornecer apenas listas, ou glossários de falsos cognatos ou heterossemânticos, muitas vezes com um significado primário apenas, deixando à margem, nesse caso, questões relacionadas à freqüência, ao uso, e ao estudo dentro de aspectos semânticos propriamente ditos. Nosso objetivo, contudo, não é esgotar o assunto, mas demonstrar a possibilidade de dar ao tema um tratamento explicativo,

analisando, comparativamente, as causas que promovem o deslocamento de sentido nas palavras heterossemânticas no léxico do português e do espanhol.

Diante disso, determinadas semelhanças no léxico das mesmas levam-nos a buscar na história e evolução de ambas as explicações para algumas divergências de significado nelas, questionando as causas que contribuíram para as diferenças de sentido em palavras heterossemânticas nas duas línguas. Ou melhor, quais são as possíveis causas para a divergência de sentidos entre duas palavras substancialmente idênticas em duas línguas geneticamente relacionadas? A divergência de sentidos nesses lexemas refere-se a um problema no nível semântico, exclusivamente, ou outros níveis lingüísticos também se imbricam? Existe algum tipo de relação de significado nesses lexemas heterossemânticos entre as duas línguas que explique esse fenômeno? Se há, como isso ocorre nas duas, ou em cada língua em particular?

Para tanto, recorremos também à Lingüística Geral e à Semântica Lingüística, dentro da linha semântica pré-Estruturalista preconizada por Saussure, e em discussões posteriores encontradas em Ullmann, Guiraud, Lyons, para o estudo do signo lingüístico, a sua natureza (significante/significado), na hipótese de que há, na maioria dos casos, uma alteração entre a imagem acústica e o conceito, provocando um deslocamento ou "desvio" de sentido no signo lingüístico, questionando também sobre princípios basilares e estruturais da língua, como arbitrariedade e mutabilidade, o valor lingüístico, assim como as relações semânticas de polissemia e homonímia e as causas das mudanças de sentido. Tais pressupostos teóricos, discutidos no Capítulo III, dar-nos-ão apoio para a análise dos dados que compõem o *corpus* do nosso trabalho, nos Capítulos IV e V, nos quais fazemos uma análise verificando, inicialmente, através da etimologia e dos significados primários e secundários das mesmas, as

suas semelhanças e diferenças semânticas, assim como as relações das palavras em seu campo associativo, tendo em vista as relações semânticas de polissemia e homonímia que envolvem esse processo, como também outras mudanças semânticas, com vistas à identificação das causas dessas diferenças de sentido.

Escolhemos, como casos exemplares para a nossa amostra, palavras lexicais, constituindo pares semelhantes (fonética ou graficamente) nas duas línguas, selecionadas, principalmente, de amostras de uso formal e informal da língua, escrito ou falado, presentes em livros e textos didáticos, literários, científicos, dicionários, jornais (impresso e televisivo), revistas e slogan, como também no uso espontâneo e produção textual (redação, carta, exercícios) de informantes/aprendizes das línguas. A partir daí, fizemos um estudo separado de cada palavra, seguindo a ordem: origem (etimologia); significação básica (sentido primário); sentidos secundários, exemplificando cada um desses sentidos, sempre que possível, com construções de sentenças observadas ou selecionadas das fontes acima citadas. Em seguida, analisamos comparando-os entre as duas línguas, observando os valor(es) semântico(s) e as relações destes no léxico ou em seu campo associativo, como os sentidos denotativo, conotativo, extensão metafórica, e as relações de homonímia, polissemia, e outros.

Assumimos, assim, uma postura, basicamente, diacrônica, já que nos voltamos para aspectos históricos para que pudéssemos verificar e explicar os fenômenos ocorridos, explicitando os processos e tipologia das causas das mudanças ou deslocamento de sentido, observando se a alteração semântica, ou seja, o processo mediante o qual um signo se modifica (do ponto de vista semântico), ocorreu desde o sentido primário neste par nas duas línguas, ou se ocorreu posteriormente, apenas nos sentidos secundários destas palavras em cada língua em particular. Embora reconheçamos, numa perspectiva sincrônica, o valor ou a

identidade funcional das palavras num determinado contexto do sistema, voltando-nos, por vezes, para os valores associativos e expressivos (denotativo e conotativo) das palavras no uso da língua num estado particular, analisando as relações entre essas palavras e seu uso entre as duas línguas.

Para tanto, observamos a possibilidade de explicar esse fenômeno, ou seja, a divergência semântica entre duas palavras substancialmente idênticas em línguas geneticamente relacionadas, através das relações semânticas de polissemia e homonímia, a partir da análise do campo associativo, partindo do conceito de significado como relação entre o nome (lexema, palavra) e o significado (conceito), isto é, do ponto de vista semasiológico (ou teoria do significado). Além dessas duas relações semânticas, observamos outras mudanças semânticas que podem ocorrer no campo associativo em cada lexema concomitantemente, as quais podem ser lingüísticas, históricas, sociais e psicológicas, contribuindo, assim, para a divergência na forma do conteúdo desses lexemas nas duas línguas, como vemos nos exemplos: 1. araña/aranha (= etimologias, = sentidos primários, ≠ sentidos secundários (por extensão metafórica, sentidos figurados, etc.); 2. abate/abate (≠ origem etimológica, ≠ sentidos primários e secundários). Assim, acreditamos numa abordagem que permitisse um estudo, uma descrição ou uma explicação plausível da heterossemanticidade de palavras do português e do espanhol, a fim de elucidar a classificação das possíveis causas do desvio de sentido entre essas palavras.

I – DA GÊNESE AO DISTANCIAMENTO: LATIM, PORTUGUÊS E ESPANHOL

1 Uma retrospectiva do espanhol e do português[1]

Antes mesmo de refletirmos sobre alguns questionamentos relacionados à aquisição/aprendizagem ou ensino–aprendizagem de línguas, dentro da perspectiva da Lingüística Aplicada, que discutiremos no capítulo subseqüente, acreditamos ser necessário resumir neste ponto um pouco da história dessas duas línguas confrontadas em nossa pesquisa, tendo em vista que da observação preliminar de determinados fatos históricos ocorridos na evolução das línguas é que, algumas vezes, começamos a fazer alguns questionamentos indutivos, os quais passam a motivar-nos sobre questionamentos teóricos mais aprofundados e que expliquem determinados fatos da língua.

Observamos que a língua portuguesa (P)[2] mantém traços comuns, tanto no léxico, quanto na morfologia e sintaxe, com a língua espanhola (E). Essas semelhanças residem, principalmente, no fato de ambas pertencerem à mesma família lingüística – a família românica, cuja origem é o latim vulgar. Se comparadas com outras línguas da mesma família, como o italiano e o francês, são, aquelas duas, as mais próximas geneticamente. Portanto, embora todas guardem semelhanças estruturais, há uma gradação maior ou menor quanto ao distanciamento genético entre essas línguas. Podemos afirmar, então, que entre o P e o E essa gradação é menor do que entre as outras.

---

[1] As informações aqui reunidas foram obtidas de Walter (1997), Ilari (2000) e Marrone (1990).

[2] Adotamos, preferencialmente nos capítulos IV e V, a abreviatura P para referir-nos à língua portuguesa/português, da mesma maneira que usamos E para referir-nos à língua espanhola/espanhol. Além destas, usamos também L como abreviatura de latim, no final do capítulo I (seção 1.3.2), e, eventualmente, em outras seções.

1.1 Origens distantes do espanhol

O espanhol é hoje, dentre as línguas oriundas do latim, a mais difundida no mundo, embora a grande maioria de seus falantes viva fora da Europa, localizando-se sobretudo na América Latina. O espanhol era originalmente apenas um dos dialetos vindos do latim, de uma pequena região do norte da Península Ibérica onde se fixavam e passavam povos de línguas diversas. Pouco se sabe das populações que ali viviam antes da chegada dos celtas, por volta do século VII a.C., embora essa parte ocidental da Europa tenha guardado muitos traços de um povoamento muito antigo. Segundo Walter (1997: 142), foram três grandes populações – os aquitânios, os iberos e os tartéssios – que precederam os celtas. Dessas três, só a primeira conseguiu sobreviver, graças a seus descendentes, os bascos. Sustenta-se a hipótese de que os aquitânios do tempo dos romanos eram os ancestrais dos bascos atuais. Concorrem para isso os dados históricos, os topônimos e a evolução dos dialetos nessa região.

Júlio Cezar, por exemplo, informou que os aquitânios ocupavam toda a região compreendida entre o rio Garonne, os Pirineus e o oceano, ou seja, toda a atual Gasconha e o País Basco francês. Além disso, os nomes de lugar de tipo aquitânio estenderam-se muito além das fronteiras atuais do País Basco, o que faz crer que antigamente a influência dos aquitânios ia mais longe. Sobre os iberos e sua língua, sabe-se pouco. Instalavam-se um pouco por toda a Europa ocidental desde o neolítico, por volta do VI milênio a.C. Sua língua não pertencia à família indo-européia, e encontra-se atestada em inscrições que utilizam um alfabeto particular ou o alfabeto grego. Foram encontradas inscrições iberas (mais de mil palavras) numa região ao longo do Mediterrâneo, que vai de Béziers a Saragoça e Múrcia, porém tais inscrições não foram decifradas. Quanto à civilização tartéssia, nome de uma

população que vivia no delta do Guadalquivir, essa havia florescido até ser eliminada pelos cartagineses por volta de 500 a.C, e, segundo hipótese recente, a mesma poderia ser aparentada à civilização etrusca, pois há topônimos e nomes de rios praticamente idênticos no litoral sul da Espanha e na Toscana, região da Itália central onde viveu a civilização etrusca a partir do séc. VIII a.C. Exemplos desses nomes são *Tubur, Tarrasco, Arnus.* (WALTER, 1997).

Na parte litorânea, os fenícios instalaram-se em Cádiz e Málaga; os cartagineses, em Cartagena (*Carthago Nova*), em Mahón (Minorca) e em Ibiza. Os gregos criaram pequenas colônias em Ampúrias e em Alicante. Provavelmente, a península também foi ocupada pelos lígures, pois os sufixos ligúrios -*asco* e -*osco* são freqüentes nos topônimos da Espanha, como em *Benascos, Besnasque, Velasco, Tarascón.* (WALTER, 1997).

Os celtas, vindos da Alemanha, haviam continuado seu movimento até a Hispania, talvez antes mesmo de se instalarem na Gália. Ao se fixarem no vale do Ebro, ficaram em contato com os iberos, ficando conhecidos pelo nome de *celtiberos*. Falavam uma língua céltica de tipo arcaico, bem diferente do gaulês, e deixaram algumas marcas de sua língua também em vários topônimos, como as palavras *briga* e *duno*, que designavam 'lugar fortificado' em gaulês, presentes em *Conimbriga* em Portugal (hoje Coimbra) e *Berdún, Navardún, Verdú* e *Salardú* na Espanha. *La Coruña, Braga, Évora e Segóvia* também são nomes de origem céltica (Idem).

1.1.1 O latim na e da Espanha

Lenta e difícil, a conquista romana começou em 218 a.C. A conquista da Hispânia continuou por dois séculos, tendo início na Segunda Guerra Púnica com o desembarque de

Cipião em Ampúrias. A romanização foi rápida na província da Bética – atual Andaluzia. Sua capital, Córdoba, foi declarada colônia patrícia desde o ano 169 a.C. e seus habitantes abandonaram sua língua para aprender o latim, progressivamente. As populações do norte, no entanto, resistiram vigorosamente. Os habitantes do País Basco continuaram a falar sua língua, resistindo à pressão da ocupação romana. "Situada na extremidade do Império, nos limites do mundo conhecido, a Espanha tinha pouco contato com as outras colônias romanas, o que explica o fato de não ter conhecido inovações posteriores vindas de Roma e de seu latim ter conservado formas antigas." (WALTER, 1997: 146). Por exemplo, a palavra *magnus* desaparecia em outros lugares dando lugar a *grandis*, a expressão *tam magnus* ('grande assim') (com um gesto) manteve-se na Península Ibérica em *tamaño* (em espanhol) e *tamanho* (em português). Pode-se considerar a Hispânia como terra dos arcaísmos por conservar formas latinas antigas. Poderíamos dar inúmeros exemplos em espanhol e português atual de formas conservadas do latim clássico e abandonadas em outras línguas românicas do Ocidente, como francês e italiano. Segundo Walter (1997), para esses mesmos sentidos, o francês e o italiano abandonaram os termos clássicos pelas expressões mais coloquiais ou mais figuradas, às vezes com metáforas humorísticas. Ver quadro abaixo, baseado em Walter (1997: 146-7).

Latim clássico	**Latim tardio**	**Espanhol**	**Português**	**Francês**	**Italiano**
COMEDERE	MANDUCARE ('empanturrar-se')	comer	comer	manger	mangiare
MENSA	TABULA ('tábua')	mesa	mesa	table	tavola
FORMOSUS	BELLUS ('bonito')	hermoso	formoso	beau	bello
CAPUT	TESTA ('caco de cerâmica')	cabeza	cabeça	tête	testa
HUMERUS	SPATULA ('espátula')	hombro	ombro	épaule	spalda
ARENA	SABULUM ('areia')	arena	areia	sable	sabbia
FERVERE	BULLIRE ('borbulhar')	hervir	ferver	bouillir	bollire

Quadro 1: Arcaísmos conservados em P e E, abandonados em outras línguas.

Enquanto que antigas denominações eram conservadas em algumas regiões, em outras ocorriam mudanças. Assim, a Península Ibérica foi também a terra das inovações. Por exemplo, o latim clássico ***extinguere*** manteve-se no francês *éteindre*, mas para esse mesmo sentido o espanhol e o português inovaram usando *apagar*, de ***appacare*** ('apaziguar, pacificar'). A denominação da 'cor amarela' saiu de ***galbinus*** para o francês *jaune* e o italiano *giallo*, enquanto que o espanhol *amarillo* e o português *amarelo* foram formados a partir de um diminutivo de ***amarus*** ('amargo'), que lembra ao mesmo tempo o amargor da bílis e sua cor amarela. Dentre os tantos exemplos, esses poucos permitem compreender por que o latim hispânico parecia para Cícero tão desconcertante quanto o latim dos cartagineses, ao ouvir no Senado os discursos dos oradores originários da Espanha. Segundo Walter (1997), a latinização na Hispânia foi mais ou menos tardia pois, havia um grande contraste entre as regiões do sul e as demais regiões. Até o século VI d.C., parece que ainda havia nas regiões do oeste e do norte populações que não sabiam o latim, enquanto que prósperos centros romanos foram criados em Córdoba desde a sua fundação, em meados do século II a.C., e adquiriram notável reputação.

Quando ocorreram as invasões germânicas – vândalos na Andaluzia, suevos no oeste e visigodos no resto do país –, no fim do século III d.C. e principalmente por volta do século V, a maioria da população local já estava latinizada. Os vândalos passaram um curto tempo na Bética e depois foram à África, exerceram pouca influência, deixando provavelmente uma marca de sua passagem no nome da Andaluzia, *Andalucía*. O reino dos visigodos, ao contrário, deixou marcas importantes nas instituições e no direito, e inspirou grandemente a poesia épica. Na língua, essas marcas são mais difíceis de demonstrar, pois a maioria dos elementos germânicos do espanhol pode ter penetrado nele na forma que já havia assumido

tanto no latim vulgar quanto no vocabulário vindo da França um pouco mais tarde. Os visigodos dominaram 300 anos e ocuparam toda a Espanha atual, indo além dos Pirineus até Narbonne, com exceção do País Basco e da Galícia, dominada pelos suevos.

Em 589, com a conversão dos visigodos ao cristianismo, começou um período de paz e de fusão que durou mais de um século entre os povos ocupados e os invasores. Durante esse período, o Reino de Toledo apoiou as artes e as letras, em particular o estudo da gramática e da retórica. Ficaram traços germânicos nos nomes espanhóis, tais como Rodrigo, Fernando, a atribuição dos nomes próprios deixaram de ser feita à maneira romana, enfim, o léxico da vida cotidiana foi muito influenciado pelos invasores germânicos.

1.1.2 O período árabe

Enquanto as contribuições germânicas ficaram restritas a certas áreas particulares, as marcas profundas e duráveis deixadas pelo árabe no léxico espanhol conferiram a essa língua seu aspecto mais original. Os árabes, desembarcando perto de Gibraltar em 711, conquistaram quase toda a Península, com exceção de uma pequena região ao norte do país, onde havia um núcleo de resistência de onde partiria a Reconquista. Após séculos de bilingüismo românico-árabe, ou de trilingüismo românico-árabe da Espanha-árabe clássico, o espanhol não pôde evitar a influência desses povos, e manteve inúmeros traços da língua desses invasores. Vivendo em ambiente árabe, os cristãos nativos falavam uma língua românica misturada, qualificada como *romanicum circa latinum* (‘língua românica vizinha do latim’). Foram esses os cristãos a que se começou a denominar moçárabes, ou seja, eram cristãos de língua românica, mas que viviam na parte dominada pelos árabes. Enquanto o árabe era a língua da

administração e da cultura, o moçárabe, de formas arcaizantes, "refugiou-se nos usos exclusivamente familiares", diluindo-se mais tarde, no decorrer da Reconquista, pela emigração para regiões recristianizadas e pelo abandono voluntário e adoção do castelhano. (WALTER, 1997: 149). Segundo este autor, não existe nenhum documento escrito em moçárabe. As únicas informações existentes são em árabe e provêm de fontes mulçumanas, entre as quais há glossários latino-árabes. Apenas a região situada ao norte do douro, Miranda do Douro, hoje em território português, conseguiu talvez guardar traços antigos do moçárabe; em Salamanca, bem ao lado, eles foram completamente anulados pelas influências posteriores.

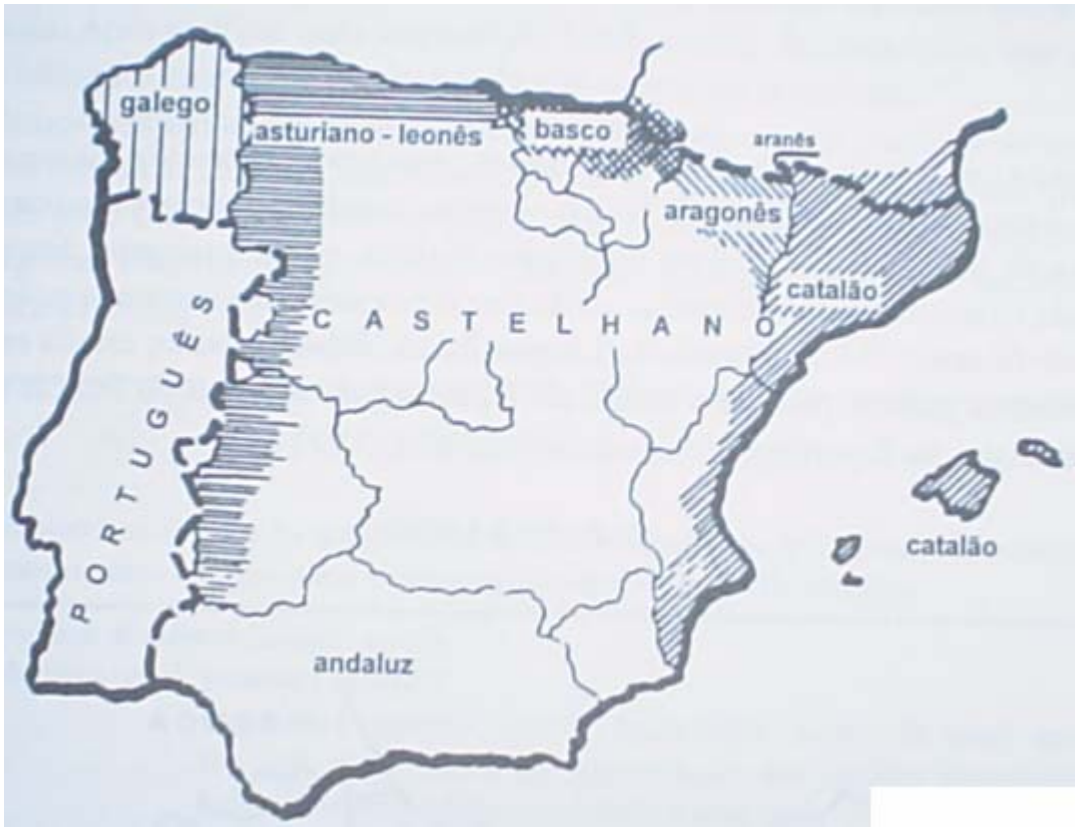
Com duração entre três e oito séculos, de acordo com as regiões, as conseqüências da ocupação árabe foram consideráveis sob todos os pontos de vista, principalmente intelectual. Córdoba se transformou logo cedo em centro de cultura islâmica, com ricas bibliotecas e centros de estudo, onde sábios árabes transmitiam sua ciência matemática vinda da Índia, como também a filosofia grega. No século XII, o arcebispo Raimundo fundou em Toledo sua célebre escola de tradutores e, no século XIII, o rei Afonso – o Sábio – trouxe para sua corte letrados cristãos e sábios judeus que conheciam bem a língua e a ciência árabes. Estes últimos ajudaram a traduzir do árabe para o castelhano toda a ciência greco-latina que os emires de Córdoba haviam traduzido antes para o árabe. O léxico do espanhol reflete essa influência árabe de modo particularmente impressionante, primeiramente com relação à quantidade. De acordo com uma estimativa aproximada, o número de arabismos lexicais chegaria a mais de 4 mil formas, 1,5 mil topônimos. Atendo-nos às formas simples, o que exclui todos os derivados, restam ainda 850 palavras, ou seja, mais do que o dobro dos arabismos em francês, que não somam mais de 420. Em segundo lugar, observa-se uma imensa quantidade de

palavras que começam com a letra '*a'*. Para isto, bastaria observar a presença do artigo *al*, compreendido como fazendo parte da palavra emprestada, como **Alcázar**, (em Sevilha), de *al-qasar* ('o palácio'), **Alhambra**, (em Granada), de *al-hamra* ('a vermelha'), **Algeciras** (Algeciras), de *al-djazira (al-hadra)* ['a ilha' (verde)] etc. Segundo um levantamento realizado a partir do dicionário etimológico de Corominas, um arabismo a cada quatro começa com 'a'. (WALTER, 1997: 152).

1.1.3 A Reconquista

Praticamente todo invadido pelos árabes no início do século VIII, o conjunto do território sofreu anteriormente a mesma evolução lingüística das outras partes do que havia sido o Império Romano, ou seja, uma diversificação dialetal devida ao desmembramento em diversos pequenos Estados, cada um com sua língua. O castelhano, até a metade do século X, nada mais era do que um dos obscuros *patois* falados no norte da Península, numa espécie de fronteira militar nos montes Cantábricos, a leste de León. Tal origem revela-se no próprio nome de Castela, *Castilla*, do latim **Castellum** ('fortaleza'). Ainda modesto, a influência desse reino foi reforçada progressivamente por alianças e conquistas sucessivas. Como conseqüência da Reconquista, as terras abandonadas pelos mulçumanos foram colonizadas por pessoas vindas do norte, as populações moçárabes liberadas que adotaram sua língua. A partir da vitória dos cristãos em *Las Navas de Tolosa*, em 1212, a Reconquista mudou de ritmo: foram necessários quatro séculos para retomar metade do país. A maior parte do sul seria retomada em menos de meio século, com exceção do Reino de Granada, que resistiu até 1492. A conquista da cidade pelos cristãos pôs fim a quase oito séculos da presença árabe na

Espanha. Segundo Walter (1997), o mapa lingüístico da Península atual pode ser explicado como resultado da Reconquista da seguinte forma: um vasto território castelhanizado no centro, a leste o catalão e a oeste o galego que, descendo para o sul, originou o português. O leonês, dialeto de transição entre o galego e o castelhano, e o aragonês, entre o castelhano e o catalão, são resquícios de falares vindos do latim, em regiões que nunca foram ocupadas pelos árabes, enquanto o dialeto andaluz, no sul, é produto de uma diferenciação do castelhano importado. O basco, cujo território continua na França, é ao mesmo tempo a língua mais antiga, a que mais deixou 'desorientados' e a que mais suscitou interrogações. Ver Mapa 1, a seguir:



Mapa 1: As Línguas na Espanha de Hoje (WALTER, 1997: 157).

1.1.4 O castelhano

Até a metade do século X, o castelhano era falado apenas numa pequena região do norte da Península. Sua progressão, inicialmente para o sul, tornou-se depois em forma de leque até os limites do português a oeste e do catalão a leste. Foi também o mais inovador dentre todos os dialetos românicos da Península. Como exemplo disso, observa-se que todos os dialetos mantinham o [f] inicial do latim, enquanto Castela, talvez por influência dos bascos, pronunciava-no como o [h] aspirado, que foi-se enfraquecendo depois ao ponto de desaparecer. Assim, [farina] ('farinha') transformou-se em [arina] ('farinha'). O [h], que era primeiramente aspirado como em inglês ou alemão, hoje é apenas gráfico e não é pronunciado de modo algum no espanhol oficial. Apesar da mudança fonética ter-se propagado, os textos literários mantiveram por muito tempo o [f] inicial, como mostra o *Poema do Cid* (*Cantar Del mio Cid*) escrito no século XII na região de Medinacele na Velha Castela. Na segunda metade do século XVI, Santa Teresa de Ávila escrevia *açer* ('fazer'), *echo* ('feito'), *yja* ('filha'), sem o [f] do latim, mas também sem o [h]. Tais palavras hoje são grafadas: *hacer, hecho, hija*. Isso mostra que naquela época a eliminação dessa consoante inicial já estava consumada, pelo menos na Velha Castela. Hoje ainda há traços da antiga aspiração do [h] numa pequena região entre Santander e Oviedo, assim como numa parte do sudoeste da Espanha, a partir da fronteira com Portugal.

O dialeto de Castela só apareceu escrito tardiamente, ao contrário do navarrês e do aragonês, nos quais as primeiras atestações escritas datam do século X. O primeiro texto em castelhano é um texto de cartório do século XI, e o primeiro texto literário é o Poema do Cid, escrito provavelmente em 1140, só conhecido por uma transcrição manuscrita do século XIII,

e apenas numa cópia do século XIV. No século XIII, foi o rei Afonso X de Castela, o Sábio, quem fez triunfar o castelhano como língua literária. Graças a ele, o castelhano adotou uma norma baseada essencialmente nos usos de Burgos, com algumas concessões para os de Toledo e de León: foi o que chamou de *castellano drecho*, e que se tornaria a língua da poesia épica. Porém foi outra língua, o galego, formado na província da Galícia, que dominou toda a literatura lírica da Península até o século XV. O próprio Afonso, o Sábio, enquanto favorecia o castelhano para a prosa e dava-lhe suas letras de nobreza, preferia escrever em galego suas obras em versos.

O fim do século XV, e o ano de 1492 em particular, marcaram uma etapa na história da língua espanhola que merece destaque e comemoração. Em 1492, ocorreram concomitantemente i) a publicação da *primeira gramática do castelhano*, de Antonio de Nebrija, que era andaluz. Entende-se com isso a consagração reconhecida do castelhano como língua da Espanha; ii) a queda de Granada e a expulsão dos judeus por Isabel, a Católica, quando o povo judeu-espanhol começou a vaguear sem destino; iii) o *descobrimento da América* por Cristóvão Colombo, data em que a língua espanhola partiu para a conquista do Novo Mundo. Além disso, é preciso lembrar que, no século XV, esse dialeto castelhano, que se tornou o espanhol, era muito diferente do que é hoje, principalmente com relação à pronúncia ou fonética, que Antonio de Nebrija (1442-1522) descreveu com tanta precisão em sua gramática.

No século XVI ocorreu a redução de seis fonemas para três. Walter (1997: 166) apresenta o seguinte quadro referente a essas mudanças.

Grafias no séc. XV	Pronúncia no séc. XV	Pronúncia a partir do séc. XVII
siglo...	[ś] com a ponta da língua	[ś] com a ponta da língua
queso...	[ż] com a ponta da língua	
cielo, laço, luz...	[ts]	[T] interdental
zapato...	[dz]	
xarabe	[ʃ] = *ch* francês	[x] do fundo da garganta ('jota')
hijo, general	[ž] ou [dž]	

Quadro 2: Redução de Fonemas (WALTER, 1997: 166).

No início do século XVII passou a haver apenas um [s], ou seja, o [s] de *queso* passou a ser pronunciado como o [s] de *siglo*, e dois novos fonemas, o [T] e o [x], substituíram os outros quatro que havia no séc. XV: [ts], [dz], [ʃ], [ž] ou [dž], como mostra o quadro acima.

Como, além das mudanças apontadas, o [f] do latim, em alguns ambientes, foi substituído por [h] (hoje [O]), assim como não se distinguia mais o [b] do [v], propomos o quadro a seguir resumindo essas mudanças.

Pronúncia no séc. XV	Pronúncia a partir do séc. XVII	Grafia a partir do séc. XVII
[ś], [z]	[s]	siglo, queso
[ts], [dz]	[T]	cielo, zapato
[ʃ], [ž]	[x]	xarabe (séc. XV, hoje jarabe), general
[f] (em alguns ambientes)	[O]	harina, hacer, hijo
[b], [v]	[b]	buey, vida, vaca

Quadro 3: Quadro 2 Modificado

Segundo Walter (1997: 166), tamanha mudança, que abalou[3] totalmente a estrutura do sistema fonológico da língua no período de apenas um século, foi tão revolucionária que não pode ser explicada como uma evolução fonética comum, pois mudanças fonéticas com essa dimensão só ocorrem em algumas gerações. Para tanto, deve-se levar em consideração a ascensão de novas camadas sociais, cuja maneira de falar, considerada anteriormente como grosseira, adquiriu um novo prestígio e teria se imposto como a única pronúncia recomendada

a partir das três primeiras décadas do século XVII. Foi um século de mutação social e lingüística e também da expansão do espanhol. As peças de Lope de Vega eram representadas na França e na Itália, aprendia-se o castelhano nos meios refinados e muitos hispanismos eram introduzidos nas línguas da Europa. O espanhol começava assim sua conquista lingüística na Europa, ao mesmo tempo em que buscava sua unificação. Após um período à procura da norma, com hesitações que continuaram por todo o século XVI, a corte mudou de Valladolid para Madrid, uma pequena cidade, mas onde o número de habitantes crescia rapidamente, em 1560. Os recém-chegados eram pessoas vindas do norte, o que generalizou na pronúncia a omissão do [h] aspirado, a confusão entre [b] e [v], e a adoção de novos fonemas, como o [θ] interdental e o [x]. A pronuncia desta última foi, porém, durante muito tempo, oscilante. Em 1605, por exemplo, Cervantes escrevia *Don Quixote* com '***x***'. Em 1815, na oitava edição de sua *Ortografia*, a Real Academia Española, criada em 1713, regulamentou definitivamente a norma ortográfica que se manteve até hoje, reservando a letra '***x***' à seqüência [ks] ('*táxi*') e substituindo-a pela letra '***j***' em todas as outras palavras antes escritas com '***x***', como em '*caja*' (caixa), '*lejos*' (longe), '*Quijote*', '*Méjico*' etc.

1.1.5 O espanhol na e da América

A serviço de Castela, em 12 de outubro de 1492, Cristóvão Colombo chega primeiro às Bahamas (hoje ilhas Lucayas), atracando depois em Cuba e Haiti (que foi chamada nessa época *Hispaniola* ou *La Española*). A língua que se impôs em toda a Espanha em alguns séculos começa agora a se implantar na América. Segundo Walter (1997: 169), o grande

---

[3] Acreditamos que tais mudanças possam ter reestruturado o sistema fonético-fonológico do espanhol, e não ter abalado totalmente como afirma o autor citado, visto que com esta expressão poder-se-ia imaginar um sistema

número de traços fonéticos encontrados tanto no andaluz quanto no espanhol da América, como a ausência de distinção entre [s] sibilante e [θ] interdental em [koser] 'coser' ('costurar') e [κοTερ] 'cocer' ('cozinhar'), ou a articulação enfraquecida do [s] em final de sílaba, como em [ehpãña] 'España' ou [niñoh] 'niños' ('crianças'), confirma a hipótese da origem andaluza do espanhol da América. Porém, se na Andaluzia essa confusão termina em *ceceo* generalizado ou em *seseo* generalizado de acordo com as regiões[4], é essencialmente esta última pronúncia, em particular a da cidade de Sevilha, que é encontrada na América Latina. Segundo outra hipótese, os primeiros colonos vieram de todas as regiões da Espanha, mas a controvérsia continua aberta entre os especialistas. (WALTER, 1997).

Importante ainda foi a contribuição que as centenas de línguas indígenas da América deram a essa língua importada da Espanha, que com elas esteve em contato e às quais deve uma parte de seu vocabulário. As palavras indígenas não se impuseram de imediato, pois os primeiros conquistadores continuaram usando, no início, as palavras que já conheciam diante das novas realidades, como frutas tropicais e animais selvagens. Com isso, podemos supor que a grande diversidade léxica, ou melhor, divergências léxicas, no espanhol da América deve-se a esse fato. Observemos os seguintes exemplos: para 'leão' os espanhóis chamavam *león* e os quíchuas *puma*; para 'tigre' os espanhóis chamavam *tigre* e os guaranis chamavam *aguarete*, que, na verdade, era um 'jaguar ou onça'. Línguas das famílias Aruak e Karib, da região do Caribe, da Flórida, do litoral da Venezuela e da Colômbia, a maior parte hoje extintas, foram as primeiras línguas que entraram em contato com o espanhol, para a qual emprestaram várias palavras, como, por exemplo, *canoa* 'canoa' (já em 1495, em Nebrija),

---

fonológico desestruturado, ou caótico, o que de fato não ocorreu até hoje.

sabana (‘savana’), *huracán* (‘furacão’), *tabaco* (‘tabaco’), *maíz* (‘milho’), *colibrí* (‘colibri’), *caníbal* (‘canibal’), *butaca* (‘poltrona’), *tiburón* (‘tubarão’).

O Nahuatl, antigamente falado pelos astecas do sul dos Estados Unidos até a Nicarágua, e, atualmente, por mais de um milhão de pessoas no México, também emprestou parte de seu vocabulário para o espanhol e desta para outras línguas da Europa, como, por exemplo: *aguacate* (‘abacate’), *tomate, chocolate, cacao, cacahuete* (‘amendoim’). Muitas outras palavras como: *condor* (‘condor’), *pampa* (‘pampa’), *alpaca* (‘alpaca’), *vicuña* (‘vicunha’), *papa* (‘batata’), *guano* (‘guano’), *choclo* (‘espiga de milho nova, cozida’) são de origem Quíchua – a língua do Império dos Incas e ainda hoje a mais falada na América Latina. Há, aproximadamente, quatro milhões de falantes dessa língua na Bolívia, onde é língua oficial desde 1968, no Peru e no Equador. (WALTER, 1997).

Com relação às línguas da Europa, os empréstimos vieram de várias delas. As línguas germânicas deram fracas contribuições, porém deixaram marcas no vocabulário corrente, a palavra *bigote* (‘bigode’), por exemplo, é uma deformação *Bî gott!* que os bigodudos mercenários suíços proferiam no tempo dos Reis Católicos durante a Guerra de Granada; a palavra *escaparate* (‘vitrine’), do flamengo *schaparade* (‘armário’), que substituiu na Espanha a palavra *vidriera* (‘armário, cristaleira’) mas continua sendo usada com esse sentido na América. Na Espanha, *vidriera* ficou com o sentido de ‘vitral’. O inglês só começou a penetrar no espanhol no século XVIII, primeiro na literatura, e muitas vezes através do francês, como em *vagón*, *tranvía*, *túnel*, *líder*, *mitin* (‘reunião’; inglês meeting), *turista* etc. Esse empréstimo cresceu posteriormente até nossos dias, e a partir da metade do século XX, o

---

[4] Isto quer dizer que em algumas regiões da Espanha (Centro e Norte) a pronúncia do [s] se realiza de modo generalizado como [θ], em zapato, cenicero, enquanto que em outras regiões (Andaluz e Canarias) e na América o uso generalizado será o [s], tanto para o ‘**s**’, como para o ‘***c***’(c+ e, c+ i), e para o ‘***z***’.

inglês vindo da América foi introduzido em massa no espanhol, assim como em todas as línguas da Europa, ou melhor, na maioria das línguas do mundo, pela influência financeira e comercial que os Estados Unidos passaram a adquirir internacionalmente, a partir do século XX. (Idem).

Das línguas românicas, os empréstimos foram importantes a partir da metade do século XVI, como as palavras do italiano: *escopeta* ('escopeta'), *diseño* ('desenho'), *balcón* ('varanda, sacada'), *novela* ('romance'), *manejar* ('manejar'), *bisoño* (jovem soldado sem experiência'. A palavra italiana *bisogno* tinha o sentido de 'necessidade', mas no século XVI era aplicada aos soldados espanhóis, mal vestidos, recém-chegados à Itália). Do francês, há também um grande número de palavras, que afluiu em dobro no século XVIII, das quais a grafia e a pronúncia por vezes seguiram caminhos estranhos, exemplos: *servieta* (hoje *servilleta*), de *serviette* ('pasta'); *sumiller*, de *sommelier* ('garçom para vinhos'); *batallón*, de *bataillon* ('batalhão'); *bayoneta*, de *bayonnette* ('baioneta'); **xeje** (mais tarde *jefe*), de *chef* ('chefe'); *detalle*, *modista*, *rango* ('posição, fila'), *coqueta*, *pantalón* ('calça') etc. O português, na moda no século XVII, também deixou suas marcas, como, por exemplo, em *mermelada* ('marmelada'), *echar de menos* ('lamentar, aborrecer-se com').

Além de todas essas contribuições, os jovens também revolucionam o vocabulário, renovando com origens mais mescladas. No final da década de 70, começou a se difundir uma maneira de se expressar chamada de *cheli*, *pasota* ou *lenguaje del rollo*, ou ainda *lenguaje de la movida* ou *enrollado*. O *cheli* surgiu no meio delinqüente de Madri e inspira-se na gíria da droga e no *calô* (variedade lingüística que usam os ciganos), castelhanizando palavras vindas do inglês, mas também ressuscitando acepções esquecidas do antigo castelhano. Os jovens *pasotas* usam um vocabulário mais puro, porém muitas vezes com palavras desviadas de sua

primeira acepção e sempre com a intenção de se opor à cultura tradicional dos pais e de se afirmar como pertencente a um grupo da mesma idade. Esse vocabulário nasceu entre Barcelona e Sevilha, mas também passou por Madri para ver-se consagrado como fenômeno social. "O resultado é uma linguagem um tanto críptica, que só os iniciados reconhecem." (WALTER, 1997: 173). A linguagem do *rollo* (palavra talvez formada de *rock and roll*) surgiu em Sevilha em 1969 por um grupo de roqueiros e foi depois difundida pelo rádio e pela televisão em programas como *Mundo Pop*.

Enfim, além de todos esses empréstimos de outras línguas e até de criações de variedades lingüísticas por determinados grupos sociais como os citados, o estado de instabilidade do significado das palavras é o que caracteriza essa nova maneira de falar, segundo Walter (1997), isto é, as palavras mudam de sentido, e desse modo sua aplicação e uso também variam ou vão mudando de língua para língua, e o que antes era herdado ou pertencente a ambas, torna-se peculiar a apenas uma.

Atualmente, o espanhol é falado no mundo além da Espanha peninsular, das ilhas Baleares, das Canárias e de duas cidades do Marrocos, Melila e Ceuta, ou seja, por aproximadamente 40 milhões de pessoas, somados a mais 260 milhões, das quais três quartos estão no continente americano. O espanhol é língua oficial, além da Espanha, de 21 países: Argentina, Belize, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, Guatemala, Guiné Equatorial, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, República Dominicana, El Salvador, Uruguai, Venezuela. E, dentre as outras línguas originárias da Espanha, o judeu-espanhol ainda é falado por minorias em alguns países da Europa, em Israel e em Nova York. É ainda uma das duas línguas dos Estados bilíngües dos Estados Unidos, como Flórida, Califórnia e Texas.

1.2 O português e suas origens

Os limites da Lusitânia no tempo dos romanos não se confundiam com os de Portugal na época atual. Ela não possuía território ao norte do Douro (*Durius*) e se estendia mais largamente a leste. Englobava as cidades de Salamanca (*Salamantica*) e Mérida – a antiga capital, *Emerita Augusta* – hoje em território espanhol. O porto de *Olisippo* (hoje Lisboa) era apenas a segunda cidade da Lusitânia. A palavra *Portugal* não tinha aparecido antes da queda do Império Romano. Só a partir do século V d.C. foi atestada a antiga forma Portucale, que designava originalmente dois burgos na embocadura do Douro: *Portu*, hoje Porto, e *Cale*, hoje Vila Nova de Gaia. Sete séculos se passaram entre a Lusitânia romana e o nascimento do Reino de Portugal, período em que sucederam as invasões germânicas a partir do século V e a ocupação árabe a partir do século VIII, das quais a língua portuguesa guardou traços desiguais. O território que se tornaria mais tarde em Portugal, também ocupado pelos romanos como o restante da Península, recebeu essencialmente dois grupos de invasores germânicos: os suevos e os visigodos. Os suevos instalaram-se na Galícia a partir de 411 d.C., onde organizaram um Estado pacífico, com *Bracara* (atual Braga) como capital e *Portocale* (Porto) como primeira fortificação. Em 585 d.C., sucederam-se os visigodos, os quais dominaram até a chegada dos árabes em 711. Foram, portanto, três séculos de contato com as línguas germânicas, porém as marcas de vocabulário de origem germânica no português ficaram limitadas, mesmo sendo de uso corrente, como nos exemplos *luva, estaca, ganso, gana, fato* (‘terno’), *roubar*, esta última a partir de um verbo germânico que significava ‘saquear’.

Quanto aos árabes, estes levaram dois anos (711-713) para conquistar as antigas Lusitânia e Galaecia. Porém, com a Reconquista, iniciada logo cedo no norte, Coimbra foi retomada em 1064. A dominação árabe só foi realmente mais sensível no sul do país, onde as populações conquistadas ficaram mais tempo sob o seu domínio, como no resto da Península. Após a queda de Faro, em 1249, no Sul de Algarve, a predominância árabe teve fim, isto é, mais de dois séculos antes da queda de Granada. Segundo Walter (1997: 177), a contribuição árabe foi muito mais considerável do que a germânica. Disso, a língua portuguesa é testemunha ainda hoje com o considerável número de termos árabes introduzidos durante os quase cinco séculos de ocupação (711-1249), principalmente entre os séculos XII e XIII. Entre as inúmeras palavras árabes presentes no português, pode-se observar a imensa maioria que começa com *al-* ou *a-*, evidenciando a aglutinação do artigo árabe *al* à palavra, predileção que o português compartilha com o espanhol, como já mencionamos anteriormente. Ou seja, como em espanhol, a maioria das palavras portuguesas de origem árabe integraram o artigo al, e estes empréstimos são na sua maioria substantivos. Exemplos: *acepipes, açougue, anil, açúcar, açucena, azeite, aldeia, alface, alfarrábio, azulejo, arroz, alfinete, algodão, almofada, alfaiate, atalaia, azeitona, azenha, arrabalde*. E outros como: *baldio* (adj.), *javali, mesquinho* (adj.), *refém, oxalá* (interj., árabe *inch'Allah*).

1.2.1 O galego-português[5]: uma língua literária de prestígio

Foi, portanto, no noroeste da Península que o latim adquiriu uma fisionomia que o distinguia da língua dos seus vizinhos leoneses e castelhanos e da língua das populações

[5] Reconhecendo algumas divergências quanto à divisão histórica do português e à sua denominação, mantivemos esta, por hora, reportando-nos apenas ao complexo lingüístico formado pela antiga fala portuguesa do Norte, e pelo galego, cuja evolução lingüístico–histórica deu lugar ao português moderno.

moçárabes meridionais. Nascia assim uma língua literária – o *galego-português* – que até o século XIV, segundo Walter (1997: 178), era apenas uma língua. Essa língua literária alcançou tamanho refinamento em sua forma escrita que, no complexo da Península, tornou-se a língua predileta da poesia. Afirma Walter (Ibid.) que o próprio rei de Castela, Afonso X o Sábio (1252-1284), poeta nas horas vagas, se por um lado deu impulso decisivo ao castelhano na prosa, por outro era um dos mais estimados arautos do galego-português, língua em que preferia escrever seus versos. Dom Dinis, seu filho e também rei-poeta em Portugal de 1279 a 1325, tomou a decisão de mandar redigir todos os atos jurídicos, que até então eram escritos em latim, em português. Os seus dois filhos talvez tenham sido os últimos cantores do galego-português, uma língua literária próxima do latim, na qual apareceram fortes marcas das línguas da França.

Com as peregrinações a Santiago de Compostela desde o século XIII, várias ordens monásticas vindas da França instalaram-se na Península, como as Cluny, Cîteaux e Clairvaux. As abadias criadas transformaram-se em centros de cultura onde os monges copiavam, faziam iluminuras, traduziam e produziam obras originais. A partir de 1269, em Alcobaça, chegaram a organizar aulas públicas de gramática, lógica e teologia. Nesses textos, observava-se a influência do latim, como também a presença de muitas formas emprestadas do provençal e do francês. Nessa época, adotou-se muitos termos vindos do provençal, como *trovar, trovador, alegre, lebréu*, *freire*, e do francês, como *dama, chapel* (depois chapéu), *vianda*, assim como o sufixo *-age* (*linhage, message, selvage*, palavras hoje terminadas em *-agem*). Os termos eruditos ou semi-eruditos que o galego-português emprestava do latim diretamente eram numerosos, como *escola, pensar* (cuja variante popular era *pesar*), *ciência, físico* ('médico' no sentido antigo).

1.2.2 O nascimento de Portugal e do português

Durante a dominação árabe, os cristãos costumavam organizar *cruzadas* para libertarem a Península. Como estímulo, os papas concediam-lhes indulgências como as que foram concedidas aos que combatiam no Oriente pela conquista ou defesa dos *Santos Lugares.* Os reinos de Leão, Castela e Aragão se constituíram graças a essas cruzadas que conquistaram terrenos aos mouros. (COUTINHO, 1976). Após a retomada de Toledo em 1085, Afonso VI, rei de Castela e Leão, deu suas duas filhas em casamento a dois irmãos da nobreza borguinhona, como forma de gratidão pelos serviços prestados à coroa e à religião, neste particular: o feudo do norte (atual Galícia) foi cedido a Raimundo de Borgonha, e o do sul, situado além do Minho, rio que ainda marca a fronteira atual entre Espanha e Portugal, a Henrique de Borgonha, cujos domínios, a partir de 1095, se estenderam do Minho ao Tejo. Seu filho Afonso Henriques, após a batalha de Ourique em 1139, e após ter reconquistado uma grande parte do território dos árabes, fez-se proclamar rei de Portugal em 1143, ficando assim independente de seu primo Afonso VII, rei de Castela e Leão, reino assim constituído graças à Reconquista e com soberanos vindos da França.

Efetivamente, essas conquistas fizeram com que o galego-português se estendesse progressivamente sobre a parte meridional e absorvesse ou substituísse o romance ou dialetos que ali existiam, até penetrar no Algarve, no reinado de Afonso III, em 1250. Com a independência política de Portugal resultou também a diferenciação entre o galego e o português, que, apesar de pequena a princípio, foi-se acentuando com o tempo, até tornar-se também independente do galego. Segundo Walter (1997: 182), no século XIII, a língua

portuguesa ainda não estava separada do galego mas foi por essa época que surgiram os primeiros textos escritos em galego-português, embora o Reino independente de Portugal já existisse há um século. Já Coutinho (1976) diz que foi no século XII que apareceram textos inteiramente redigidos em português e não mais em galego-português, e que no século IX já se encontravam algumas formas vulgares vernáculas em documentos do latim bárbaro, o que leva a crer que o português, ou mais propriamente o galego-português, já existia nesse tempo.

A poesia, como já mencionamos, foi a primeira forma literária cultivada, e foram os cantores provençais que despertaram o gosto da trova nos portugueses. As composições dessa época estão reunidas nos *Cancioneiros*. No século XV, século dos grandes descobrimentos marítimos, fizeram-se muitas traduções de obras latinas, francesas e espanholas, mas este século é especialmente marcado justamente pela expansão de Portugal graças aos descobrimentos de seus exímios navegadores e, conseqüentemente a isso, inicia-se também a expansão da língua portuguesa, espalhando-se pelas ilhas do Atlântico, atingindo as costas da África e Ásia e chegando até o Brasil. Foi o século XVI, porém, o século de ouro da literatura portuguesa. Nesse período aparecem os maiores escritores que Portugal já conheceu, e os vários gêneros literários encontram seus cultores. Surge também a gramática para disciplinar a língua. Enfim, Portugal abre um esplendoroso caminho durante esses dois séculos para as letras e para os mares.

Leite de Vasconcelos (apud COUTINHO, 1976) divide a história da língua portuguesa em três grandes períodos: *pré-histórico*, *proto-histórico* e *histórico*. O *pré-histórico* inicia com as origens da língua e se prolonga até o século IX, quando surgem os primeiros documentos latino-portugueses. O material lingüístico desta época é reduzido e consta de escassas inscrições. O *proto-histórico* estende-se do século IX ao XII. Nesse período os textos

aparecem todos redigidos em latim bárbaro – dialeto não-padrão em que os tabeliões redigiam os documentos públicos. Nesses textos, encontravam-se palavras portuguesas, confirmando a existência do dialeto galaico-português nesse tempo. O período *histórico* começa no século XII, período em que os textos ou documentos já aparecem totalmente redigidos em português. Esse período se divide em duas fases: a *arcaica* (do século XII ao XVI) e a *moderna* (do século XVI em diante). No limiar da fase moderna, ocorre um fato literário de grande importância: a publicação dos *Lusíadas* (1572) de Luís de Camões, que se constitui como a verdadeira epopéia nacional portuguesa. Entre todos esses períodos, pode-se observar diferenças tanto no léxico (ou léxico-semântico), como na fonética, morfologia e sintaxe. Esse fato também se observa em relação ao português de Portugal e do Brasil, nesses mesmos níveis lingüísticos, embora não nos detenhamos nestes aspectos, ou nestas peculiaridades, em particular.

Outra conseqüência da colonização portuguesa, além das conquistas além-mar, foi também o surgimento de línguas ditas crioulas nas ilhas de Cabo Verde, de São Tomé e Príncipe e no golfo de Guiné. Essas línguas crioulas são línguas cuja estrutura gramatical de base é de origem africana ou asiática e o léxico de origem européia, no caso, o português. No fim do século XV, um acontecimento político também favoreceu a expansão da língua portuguesa na América. Nessa época, os portugueses já haviam estendido o seu poder na África e no Extremo Oriente, mas com a primeira viagem de Colombo ao Novo Mundo por conta da coroa de Castela, em 1492, os portugueses sentiram-se ameaçados e preocupados ao ponto de pedirem a arbitragem do papa Alexandre VI, o qual, tido como o dispensador dos bens terrestres por delegação divina, promulgou em 1493 uma bula dividindo o mundo entre Castela e Portugal: os territórios descobertos a leste de uma linha de demarcação que ia de

um pólo a outro e passava a cem léguas ao largo dos Açores pertenceriam a Portugal, enquanto que os territórios a oeste desta linha pertenceriam a Castela. (WALTER, 1997: 185).

Atualmente, o português é falado como língua oficial em Portugal (10,1 milhões de habitantes), no Brasil (com quase 180 milhões de habitantes), e em mais cinco países na África: as ilhas de Cabo Verde (463 mil habitantes); a Guiné Bissau (1,5 milhão de habitantes); as ilhas de São Tomé e Príncipe (161 mil habitantes); Angola (13,6 milhões de habitantes) e Moçambique (dos 18,9 milhões de habitantes, só 2 milhões falam português) e Ilha da Madeira. Há também encraves de português na fronteira hispano-portuguesa em: Alamadilla, Eljas, Valverde del Fresno, Herrera de Alcántara e Olivença, como também em alguns portos da Ásia: Macau, Timor, Goa, a península da Malaia.[6]

1.2.3 O português no e do Brasil

Em 1494, Castela e Portugal renegociaram as modalidades de aplicação da bula do papa e assinaram um acordo de retificação – o *Tratado de Tordesilhas* – pelo qual a linha de demarcação foi deslocada de 35 para 50 graus de longitude para o oeste, passando, então, bem no interior do território que em seguida Pedro Álvares Cabral oficialmente descobriria em 1500 – o Brasil. Segundo Walter (ibid.), a localização desse território já era conhecida de maneira mais ou menos precisa, pois talvez o rei João II de Portugal teria apenas mantido sigilo em virtude das negociações com os Reis Católicos sobre o Tratado de Tordesilhas, no qual renunciava à dominação de uma parte do Extremo Oriente contra a expansão de sua influência no Atlântico. (WALTER, 1997: 187).

---

[6] Informações obtidas em Walter (1997), Ilari (2000), e Almanaque Abril 2004.

Inicialmente, a língua portuguesa restringiu-se aos colonos, passando progressivamente a ser ensinada à população indígena, que, a princípio, falava línguas do tronco Tupi. Durante muito tempo, uma espécie de pidgin, mistura de Tupinambá com português, conhecida como Nhengatu ou Língua Geral, manteve-se como língua veicular do país, ou seja, como língua de comunicação entre comunidades de uma mesma região que têm línguas maternas diferentes. Pouco depois, o português tornou-se objeto de ensino intensivo, devido, principalmente, aos colégios criados pela Companhia de Jesus, o que, provavelmente, pode ter evitado o desenvolvimento de crioulos no Brasil, segundo Walter (Ibid.), mas que em contraposição, ao nosso ver, também contribui para inibir uma cultura já existente e instalar ou implantar uma cultura (majoritária) facilitando, com isso, seus objetivos e interesses maiores – a exploração das riquezas da terra, entre outros. A instalação no Brasil da família real com toda a Corte, de 1808 a 1822, data da nossa independência, devido à fuga causada pela invasão de Portugal por Napoleão, também contribuiu e reforçou a implantação do português no país.

Apesar de existirem duas normas escritas para o português, a portuguesa e a brasileira, os dois países aproximaram suas ortografias, há pouco tempo, chamando a atenção para a unidade dessa língua hoje. Porém, o mesmo não acontece com o uso ou a língua falada encontrada no Brasil, que é resultado da confluência do português dos primeiros tempos da ocupação, das numerosas línguas indígenas aqui encontradas, e das línguas africanas do considerável número de escravos trazidos entre 1515 e 1888. Contudo, convém destacar um valioso comentário de Ilari (2000: 52), que diz:

> Nas vicissitudes por que passam as línguas neolatinas nas antigas colônias da América e da África, [...], reproduzem-se as situações por que passou o latim nas colônias romanas; um traço que ressalta dessa observação é a grande uniformidade da língua nas colônias (por exemplo, do português no Brasil)

> em oposição à extrema fragmentação dialetal do país de origem (por exemplo, a dialetação do português europeu); vários lingüistas julgam que o latim também devia ser mais variado na Itália do que nas colônias da Romênia Antiga. (ILARI, 2000: 52)

Essa uniformidade da língua nas colônias (no caso do Brasil) parece, entretanto, enfraquecer-se ao reconhecermos a existência de variações lingüísticas no português brasileiro (PB), as quais, além de dar-lhe um caráter singular em determinadas regiões, o aproximam ou o distanciam do português europeu (PE). Alguns traços, plenamente perceptíveis, distinguem o português do Brasil do de Portugal, como, por exemplo, a pronuncia do */λ/* como *[ω]* em sol, mal; a palatalização do */τ/* e */δ/* antes de */ι/* e */ε/* como em *[τσ◊ια]*, *[δζ◊ια]*; a pronúncia perceptível das vogais átonas, como em 'disse', 'pêssego', 'pessoa', enquanto que em Lisboa ouve-se, respectivamente: diss', pes'gou e p'ssoa. No léxico, as diferenças são muitas, ou melhor, a diversidade lexical é enorme tanto com relação ao PB e PE, como no próprio português brasileiro, tendo em vista a influência e a contribuição significativa das línguas indígenas brasileiras, assim como de outras línguas e culturas que por aqui, ou por lá, estiveram, como atestam suas histórias. Ver os exemplos[7] no *Quadro 4:*

Em PE diz-se	Em PB fala-se	Palavras vindas do Oriente	Palavras vindas da África	Palavras vindas do Brasil/indígenas
autocarro	ônibus	bengala	banana	ananás
comboio	trem	biombo	cachaça	carioca
eléctrico	bonde	bazar	cachimbo	amendoim
fato	terno	chá	macaco	jacaré
caminho de ferro	estrada de ferro	leque	quindim	quicé
corta-papel	espátula	mandarim	quitanda	mandioca
hospedeira de bordo	aeromoça	caratê	senzala	canoa

Quadro 4: Divergências no léxico do PE e do PB.

Teríamos, enfim, uma interminável lista de palavras emprestadas de outras línguas e que hoje fazem parte do inventário lexical do português brasileiro ou europeu, confirmando, portanto, que a uniformidade ou homogeneidade (lexical) nessa língua é, de certo modo,

[7] Informações obtidas em Walter (1997) e Fonseca (1985).

apenas aparente, caracterizando-a positivamente como uma língua rica neste sentido, pela grande quantidade de latinismos e pela variedade de empréstimos de outras línguas. Portanto, se apenas no nível lexical observa-se essa diversidade ou divergência, imagine-se que outras mudanças também tenham ocorrido nos demais níveis lingüísticos, isto se a comparamos com o seu genitor – o latim vulgar – de quem guarda semelhanças intrínsecas, porém de quem também dispensou inúmeros traços durante todo o seu percurso evolutivo até o que conhecemos hoje.

1.3 O espanhol e o português: algumas divergências

Poderíamos, dessa forma, assinalar, ainda, as varias alterações ou mudanças ocorridas do latim para esta língua no léxico, na fonética, na morfologia, na sintaxe e na semântica, como também para a sua irmã-vizinha – o espanhol –, mas com certeza nossos comentários sobre ambas neste capítulo excederiam nossos objetivos aqui e no trabalho como um todo. Contudo, acreditamos que com apenas estas observações, basicamente dando uma volta ao passado de ambas, fica nitidamente confirmada a singularidade destas línguas, o português e o espanhol, as quais são românicas por "indicar as falas vulgares de origem latina", ou da "Romênia por designar modernamente a área ocupada por línguas de origem latina" (ILARI, 2000: 50-1), constituindo-se, posteriormente, como dois dialetos diferentes – o galego-português (mais tarde o português), e o castelhano –, pertencentes a reinados também diferentes, embora guardassem a relação genética com o latim vulgar. Mas, como veremos no nível léxico-semântico no transcurso de nosso trabalho, ambas evoluem de *per si* e nunca *pari passu*, fato que ocorre da mesma maneira nos demais níveis lingüísticos. Afinal, ainda é

possível considerá-las como sendo tão semelhantes? Consideremos para tanto as observações seguintes, dentre as quais destacamos algumas divergências fonéticas (quadro de fonemas consonânticos e vocálicos) entre o português e o espanhol. Espera-se observar nos quadros nítidas divergências, as quais não pretendemos explicitar em detalhes, mas discorremos a seguir apenas sobre alguns casos que envolvem divergências vocálicas e consonantais.

1.3.1 Divergências fonéticas

Nos *Quadros 5* e *6*, abaixo, apresentamos os fonemas das duas línguas, nos quais se observam semelhanças e divergências fonéticas entre os mesmos e, a seguir, comentamos apenas sobre algumas divergências vocálicas e consonânticas entre as línguas confrontadas.

PORTUGUÊS	Labial	Dental	Alveolar	Palatal	Velar
Oclusivas (surdas/sonoras)	p, b ‘peru’, ‘bomba’	t, d ‘tomate’, ‘dado’			k, g ‘casa’, ‘gato’
Nasais	m ‘mãe’	n ‘natural’		ñ ‘ninho’	
Laterais			l ‘local’	λ ‘milho’	
Vibrantes			r ‘zero’ rr ‘rico’		
Fricativas		f, v ‘foto’, ‘vida’	s, z ‘missa’ ‘zero’	š, ž ‘chato’, ‘jato’	
Semivogais				j ‘muito’	w ‘caiu’
ESPANHOL[8]	Labial	Dental	*Alveolar	Palatal	Velar
Oclusivas (surdas/sonoras)	p, b ‘pavo’, ‘bomba’, ‘voz’	t, d ‘tomate’, ‘dato’			k, g ‘casa’, ‘gato’
Nasais	m ‘madre’	**n ‘natural’		ñ ‘niño’	
Africadas*				*tš, y ‘chocolate’, ‘yeso’	
Laterais			*l ‘local’	λ ‘calle’	
Vibrantes			*r, rr ‘cero’, ‘torre’, ‘rabo’		
Fricativas	f ‘foto’	T‘zapato’	*s, ‘misa’		x ‘jamón’
Semivogais*				j ‘bien’	w ‘hueco’

Quadro 5: Consoantes

[8] Para esta classificação baseamo-nos principalmente em *Sarmiento & Sánchez (1989: 13), tendo observado também **Llorach (1999: 31). Quando não destacamos (com asterisco) é porque ambos são uniformes quanto às classificações, e quando destacamos (com asterisco) é porque preferimos adotar um ou outro. Fica subentendida a nossa omissão quanto aos alofones, ou quanto às variações dialetais em cada uma das línguas.

PORTUGUÊS	Anteriores	Centrais	Posteriores
Fechadas	i, ĩ		u, ũ
Semifechadas	e, ẽ		o, õ
Semi-abertas		ɛ	o
Abertas		a, ã	
ESPANHOL	Anteriores	Centrais	Posteriores
Fechadas	i		u
Semifechadas	e		o
Semi-abertas			
Abertas		a	

Quadro 6: Vogais

1.3.2 Divergências vocálicas e consonânticas

Quando nos referimos a estes tipos de divergências, restringimo-nos especificamente às mudanças fonéticas que motivaram alterações ou transformações vocálicas ou consonânticas nos vocábulos ou lexemas em seu processo de evolução do latim para o português e/ou para o espanhol. Tais mudanças não implicam, necessária ou diretamente, mudança de significado, mas são, de certa forma, relevantes para o nosso trabalho, pois, além de estarem diretamente relacionadas com a estrutura ou elementos materiais do vocábulo em cada língua, podem refletir outros processos, como a homofonia, homografia (homonímia), ou mesmo a polissemia na língua ou entre línguas, como se observa no português e no espanhol. Como afirma Coutinho (1976: 66):

> Basta que se cotejem as obras da fase antiga do idioma com as da moderna, para se verificar, desde logo, que algumas palavras não guardam posteriormente a mesma forma, outras se empregam hoje em acepção diferente da que tinham, muitas desaparecem sem deixar vestígio.

Embora não nos detenhamos na análise desses processos de mudanças fônicas[9], observamos que se de um lado elas podem promover ou contribuir para muitas semelhanças entre as duas línguas confrontadas já que a maioria dos vocábulos de ambas provêm do latim, de outro podem resultar em inúmeras e sutis diferenças, já que, por vezes, não resultam de processos de mudanças idênticos nas duas línguas, da mesma forma como ocorre no nível semântico, isto é, pode ocorrer mudança semântica por extensão de sentido numa língua e não na outra, como veremos nas análises posteriores.

Assim, de acordo o quadro acima e algumas informações de Fonseca (1985) e Marrone (1985), podemos sintetizar algumas diferenças e particularidades fundamentais do espanhol e do português, ressaltando que informações mais completas podem ser encontradas nos autores supracitados.

Observamos que o português é mais rico de timbres vocálicos que o espanhol. Possui este último apenas cinco vogais orais contra sete vogais orais e cinco nasais daquele. Outra diferença é que o espanhol mantém o hiato, como em *leer*. Em espanhol houve a ditongação do ĕ e ŏ latinos tônicos (*e* e *o* abertos do latim vulgar), que deram *ie* e *ue* (antes *uo*), exceto quando se lhes segue uma palatal, como se observa em pede- > pie (E) – pé (P), petra- > piedra (E) – pedra (P), nove- > nueve (E) – nove (P) e ponte- > puente (E) – ponte (P), ao contrário de lectu- > lecho (E) – leito (P) ou octo > ocho (E) – oito (P).

Segundo Fonseca (1985: 73), este tratamento constitui-se como a divergência primacial do vocalismo do português e do espanhol. Outra diferença essencial entre os

[9] Referimo-nos, principalmente, aos metaplasmos, ou seja, processos que acrescentam, suprimem, permutam ou transpõem fonemas nos vocábulos, como: vocalização, consonantização, (des)nasalização, assimilação, dissimilação, sonorização, palatalização, assibilação, ditongação (alargamento), monotongação (redução), apofonia, metafonia – por transformação; prótese, epêntese, paragoge – por aumento; aférese, síncope, apócope, crase, haplologia, deglutinação – por supressão; diástole e sístole – por transposição do acento (hiperbibasmo), metátese e hipértese – por transposição de fonemas.

vocalismos das duas línguas provém da nasalização que se produziu em português. Quanto aos ditongos, embora haja ditongos ascendentes em português como *iá*, fazemos em português ditongos descendentes com as vogais latinas, como *ai, au, ei, eu, oi, ou, ui*, além das nasais ão, ãe, õe, ũi, e o espanhol, ascendente, por exemplo, auguriu- > aguero (E) – agoiro (P) . O latim *ego* passa para *eu* em português e *yo* em espanhol.

Enquanto o espanhol é mais sonoro, o português é mais brando, mais velado, devido sobretudo à apofonia (ao acento tônico mais forte) fechando os *a*, *e* e *o* átonos, como em *falamos*, *serve* ou *parado*; as sílabas átonas ou de acento secundário atenuam-se ou mesmo desaparecem, principalmente se contêm o chamado *e* mudo. A ditongação descendente em português tende para a suavização, e a ditongação ascendente em espanhol é mais enfática. (FONSECA, 1985: 75).

Na evolução do latim, o -l- e o -n- intervocálicos mantêm-se em espanhol e, no final do séc. X, caem em português. Essa queda atesta-se já em 995 (*Fiiz* < *Felice* e *Fáfia* < *Fáfila*), num documento em latim bárbaro. Vê-se também em outros exemplos, como: *salire* > *sair* (P) – *salir* (E), *filu-* > *fio* (P) – *hilo* (E). Segundo Fonseca (ibid.), a aparente irregularidade entre o singular *sol* e o plural *sóis* a ela se deve. Exemplos com -n- intervocálico nota-se em *corona* > *coroa* (P) – *corona* (E), *luna* > *lua* (P) – *luna* (E).

A evolução de *pl-*, *cl-* e *fl-* iniciais em galego-português e leonês também se opõe à sofrida em castelhano. Enquanto que em espanhol passam a *ll-* [λ], nos outros o resultado foi *ch* [tš > š], como, por exemplo, em *pluvia-* (L) > *chuva* (P) – *lluvia* (E), *clave-* (L) > *chave* (P) – *llave* (E), *flamma-* (L) > *chama* (P) – *llama* (E), *planu-* (L) > *chão* (P) – *llano* (E). Os *-ll-* dão em regra *-l-* em português, mas em espanhol e nos outros romances da Península, em vez de se simplificarem, resultam, muitas vezes, na palatal *-lh-* (escrita *-ll-*), como nos exemplos

callu- > *calo* (P) – *callo* (E); *malu-* > *mau* (P) – *malo* (E). O *-li-* postônico promove *-lh-* em português e *-j-* em espanhol, por exemplo *filia-* > *filha* (P) – *hija*. O *f* inicial resulta em *h* ou cai em espanhol, sem dúvida por influência do basco, que não possui *f*, como exemplo temos *filiu-* > *hijo* (E) – *filho* (P); *folia* > *hoja* (E) – *folha* (P).

O que ocorre com o *n* intervocálico é também distintivo. Enquanto que em espanhol se mantém, em português nasaliza a vogal anterior, como, por exemplo *manzana*, *maçã*; *mañana*, *manhã*; *hermano*, *irmão*; *luna*, *lũa* > *lua* [10]. Os *-nn-* latinos passaram a *ñ* (= nh) em espanhol e nas outras línguas românicas peninsulares, mas simplificaram-se em português, por exemplo: *annu-* > *año*, *ano*.

As diferenças morfológicas e semânticas entre as duas línguas também são notáveis. Uma delas é o emprego do *pretérito perfeito simples*, que se mantém vivaz em português, enquanto que nas demais línguas românicas e no espanhol tem-se acentuado o uso do *pretérito perfeito composto*, embora seja este também usado no português, mas com o aspecto típico de duração. Segundo Fonseca (1985: 75), a principal inovação gramatical portuguesa, antiqüíssima por existir também no galego, é o *infinito pessoal* ou *infinito conjugado*, cuja origem é controversa.

Evidentemente, essas divergências não findariam por aqui, porém, como nosso objetivo neste momento seria focalizar apenas algumas delas, acreditamos que estas são suficientes para ilustrar ou exemplificar algumas singularidades ou peculiaridades em cada uma dessas línguas, contando ainda com muitas outras. Dessa forma, concluímos estas observações ainda com Marrone (1990: 55) quando diz que o léxico do português e do

[10] "O desaparecimento do *l* e do *n* entre vogais, concluído já nos mais antigos textos literários, é característico do galego-português (não existe em francês ou italiano), o que parece provar que provém dum substrato próprio do Noroeste da Península". (FONSECA, 1985: 74).

espanhol conservam inúmeros aspectos comuns, empregando "para coisas e processos correntes palavras semelhantes e reconhecíveis" à primeira vista.

No entanto, "há um grande repertório de vocábulos, nos quais a correspondência não é perfeita" (melhor seria dizer, ao nosso ver, as mudanças ou transformações muitas vezes não são as mesmas, ou seja, não ocorrem através dos mesmos processos, ou de forma idêntica em línguas diferentes ou entre as línguas), como, por exemplo:

1. quanto ao número de sílabas (divergências heterossilábicas): pariete (L) > parede (P) – pared (E);

2. quanto à localização da sílaba tônica (divergências heteroprosódicas): pantanu (L) > pântano (P) – pantano (E);

3. quanto ao gênero (divergências heterogenéricas): colore – masc. (L) > a cor (P) – el color (E); lacte – neutra (L) > o leite (P) – la leche (E);

4. quanto ao valor semântico (divergências heterossemânticas), o qual seria desnecessário exemplificar visto que é sobre esta divergência que nos dedicamos neste trabalho, embora as demais por vezes apareçam imbricadas nos lexemas que selecionamos para análise em nosso trabalho, já que não é possível fazer um corte tão preciso (do ponto de vista lexical), isto é, selecionar lexemas totalmente iguais ou idênticos, devido a todas essas divergências que ocorrem ora em uma, ora em outra, e que muitas vezes não coincidem nas duas línguas.

Assim, preferimos não dar relevância a todos esses processos divergentes que se envolvem, reconhecendo, contudo, a sua importância tanto no aspecto fonético, como na constituição da estrutura formal do lexema de cada língua em particular, e assim da língua como um todo.

II – MODELOS TEÓRICOS EM FACE DA AQUISIÇÃO-APRENDIZAGEM DE LE

2. Observações preliminares

A questão que colocamos neste capítulo refere-se, de modo geral, a uma breve discussão sobre a influência, entenda-se melhor como a função, da língua materna (LM) na aquisição-aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) ou segunda língua (L2), e como essa influência se reflete em línguas geneticamente relacionadas.

A princípio, porém, cabe-nos fazer algumas observações quanto ao emprego de determinados termos que se prendem a determinadas perspectivas teóricas ou linhas de pensamento. Na literatura, habitualmente, se estabelece uma diferença entre LE e L2, ou ainda língua alvo (target language). Para efeito didático, usaremos mais freqüentemente e indistintamente a terminologia língua estrangeira ou LE, assim como língua materna ou LM, ao invés de L2 ou língua alvo e língua nativa ou L1, salvo quando for necessário manter a terminologia usada pelo autor, ou quando for imprescindível essa distinção[11].

Devemos ressaltar ainda uma distinção entre aquisição e aprendizagem de uma LE, estabelecida por alguns teóricos, especialmente Krashen (1982). Segundo este, a primeira é um processo subconsciente, semelhante ao modo como as crianças desenvolvem a capacidade em sua LM, é um processo nem sempre consciente de que se está adquirindo linguagem, pois funciona de modo inevitável ao se usar essa língua para comunicação, que corresponderia mais a 'saber usar' a língua. A segunda – a aprendizagem – refere-se ao conhecimento

---

[11] De modo geral, podemos dizer que LE corresponde, baseando-nos em critérios políticos e lingüísticos, à língua de outro país do qual não se é nativo, enquanto que L2 é a língua que se adquire no seu próprio país concomitantemente, ou não, à língua materna; do ponto da teoria da aprendizagem de línguas, a diferença entre estas se dá de acordo com o lugar onde se aprende, isto é, LE se esse processo se realiza fora do país da língua em questão, e L2 se o processo se dá no mesmo país onde se fala a língua que se pretende aprender.

consciente de uma L2, ou seja, 'saber sobre' uma língua, isto é, saber regras, ter consciência delas e saber dizê-las. É o conhecimento formal de uma língua ou aprendizagem explícita. Neste trabalho, essa distinção tampouco será explicitamente ressaltada, salvo se for extremamente necessário focalizá-la ou especificar o contexto em que ocorreu esse processo.

Sabemos que os questionamentos sobre aquisição–aprendizagem da língua e de uma LE são extremamente amplos, pois envolvem desde questões mais gerais, do tipo: como se aprende/adquire uma língua?, a outras mais específicas, como: se aprende uma LE da mesma forma que se aprende uma LM? aprende-se mais facilmente uma LE mais próxima ou geneticamente relacionada do que uma geneticamente mais distante da LM? em que contribui a idade, o método, o contexto – natural ou institucional em que se aprende –, a cultura, a motivação? quais as dificuldades de um aprendiz de uma LE?

Diversas hipóteses teóricas têm sido discutidas e defendidas através de inúmeras pesquisas, todas com o intento de responder, ao menos parcialmente, a estas e às demais questões dentro dos postulados da Lingüística Aplicada (LA) ou mesmo dentro da Lingüística Geral. Obviamente, não é nosso objetivo ou propósito neste trabalho responder, ao menos parcialmente, a nenhuma destas perguntas, principalmente por não se tratar de um trabalho diretamente voltado aos problemas do aprendiz, da aquisição/aprendizagem, ou do ensino de línguas, embora nossa preocupação original tenha partido de uma situação real vivenciada por nós na aquisição–aprendizagem do espanhol, e posteriormente no ensino da mesma a aprendizes brasileiros. Portanto, seria ingenuidade de nossa parte ignorar algumas questões diretamente relacionadas à influência da LM na aquisição-aprendizagem de uma LE, e mais especificamente se estas são "aparentemente" tão semelhantes, como o português e o espanhol, e estão sendo confrontadas.

Assim, acreditamos ser necessário refletir, resumidamente neste capitulo, a partir de direcionamentos teóricos distintos[12], sobre a questão que colocamos no início do capítulo, assim como outras questões que direcionam mais especificamente para a nossa pesquisa, como semelhanças e diferenças no léxico das línguas; os falsos cognatos ou heterossemânticos; a relação entre facilidade e/ou dificuldade e semelhanças e/ou diferenças. Ressaltamos que, embora algumas posturas tenham sido questionadas enquanto fator determinante nas dificuldades de aquisição-aprendizagem em LE, algumas vezes preferimos mantê-las, mesmo admitindo, evidentemente, certas restrições ou limitações quanto à aplicabilidade e superação.

2.1 Algumas perspectivas teóricas sobre interlíngua, interferência e análise de erros

Ao começar a ensinar uma língua estrangeira, há as teorias que defendem a importância de "predizer e descrever os padrões que causarão dificuldades no aprendizado, assim como aqueles que não causarão". (RECTOR, 1986: 152). É inegável que tanto a LM como a cultura do aprendiz são determinantes no processo de ensino-aprendizagem da LE, mas deve-se levar em conta também as diferentes situações ou fatores que porventura possam ocorrer, considerando, sobretudo, cada aluno e seu mundo.

Dentre os vários fatores que se processam e que podem contribuir positiva ou negativamente durante a aprendizagem de uma LE, mencionamos alguns, como o *tempo* dedicado ao ensino-aprendizagem da LE, cujo horário é, muitas vezes, limitado, principalmente em contextos não naturais; a *falta de motivação* por parte dos alunos,

[12] Referimo-nos principalmente ao trinômio mais conhecido como Análise Contrastiva (AC), Análise de Erros (AE) e Análise da Interlíngua (IL).

demonstrado pela ausência de atração à novidade, e pela falta de motivos por que aprender uma LE, muitas vezes acentuados pelo próprio sistema educacional e pelo professor, devido a outros fatores mais complexos como a *metodologia de ensino*, a *concepção de língua-linguagem*, e o *material didático*, os quais sempre são foco de discussão e pesquisa em LA.

Somado àqueles fatores, há outro que também deve ser observado durante o processo de aprendizagem de uma LE – a *interferência* ou, de acordo com modelos teóricos mais recentes, a *interlíngua*. Em resumo, pode-se afirmar que essas noções observam sob diferentes fundamentos, conceitos e perspectivas o fato de que, desde o início e muitas vezes durante todo o processo de aprendizagem de uma LE, o aprendiz tende a transferir ou empregar alguns dos componentes de sua LM para ou na LE. Observa-se ainda que alguns desses componentes lingüísticos da LM se prestam mais que outros à transferência. Portanto, analisar esse sistema lingüístico transitório empregado pelo estudante de uma LE – a *interlíngua* – seguramente contribui para identificar esses componentes, os quais normalmente são vistos como fatores que dificultam a aprendizagem da LE, ou que devem ou podem ser superados durante esse processo, ou ainda que podem tornar-se fossilizados.

Embora todas essas questões influenciem de uma maneira ou de outra a aprendizagem de uma LE, discutiremos apenas esta última. Em outras palavras, ressaltaremos alguns postulados teóricos sobre a *interferência*, o *erro* e a *interlíngua*, e no final do capítulo expomos uma pequena amostra exemplificando alguns casos de interlíngua em produções oral e escrita de aprendizes de espanhol/LE, falantes de português/LM[13].

[13] Convém ressaltar aqui que para efeito didático e metodológico usaremos sempre que possível as abreviações: E/LE referindo-nos ao espanhol como língua estrangeira, e P/LM, ao tratarmos do português como língua materna, podendo também ocorrer o processo inverso, ou seja, E/LM e P/LE.

A *interferência* é manifestada através de *erros/desvios* na língua estrangeira estudada, por influência da língua materna do aprendiz. Ou seja, o aprendiz tende a substituir traços fonológicos, morfológicos, sintáticos, (acrescentamos a estes os traços semânticos e o léxico) da língua estrangeira pelos da língua materna. É este o conceito em que está fundada toda a Análise Contrastiva (AC), em sua versão forte.

Tal pressuposto permite à AC fazer algumas asserções sobre a aprendizagem de LE, tais como: 1. a facilidade ou dificuldade em aprender uma LE está relacionada com o grau de diferença existente entre suas estruturas. Dessa forma, o E/LE é mais fácil para o falante do P/LM, mas seguramente mais difícil para um falante de inglês, alemão ou chinês. 2. as diferenças estruturais que a AC mostra são os pontos críticos no processo de aprendizagem. Deve-se lembrar que a preocupação da AC é predizer os *erros/distorções* que o aprendiz possa cometer, apontando as diferenças e as semelhanças entre a LM (do aprendiz) e a LE (objeto de estudo). (VANDRESEN, 1988: 75-8).

Embora tenha motivado um progresso pedagógico significativo no ensino de línguas, e obtido grande desenvolvimento e prestígio até a década de 70, do século passado, sabe-se que várias críticas e falhas foram ou são feitas e apontadas à AC, como: 1. concentrou-se apenas em comparar ou descrever estruturalmente sistemas, visando predizer erros, com base na interferência lingüística, pois entende-se que nem todos os erros são decorrentes da interferência da LM, mas alguns são provenientes da própria estrutura intralingüística da LE; 2. as previsões de erros nem sempre eram confirmadas, ou eram rapidamente superadas. Embora os principais teóricos, como Lado (1957), tenham explicitado que o objetivo da AC era apontar uma lista de *problemas hipotéticos*, cuja validação dependia de checagem com a fala do aprendiz, esta recomendação nem sempre foi seguida, e, nesse sentido, as críticas

foram contundentes; 3. enfoque taxionômico da lingüística e da psicologia behaviorista envolvido nos conceitos de aprendizagem de línguas, transferência etc., estendidas no contexto da polêmica da lingüística estrutural com o modelo gerativo-transformacional; 4. ênfase ao erro do aprendiz, enquanto que o ato pedagógico deveria estar mais voltado para a comunicação. (VANDRESEN, 1988: 79).

Apesar dessas críticas e, para muitos, a sua superação, acreditamos que este modelo tem sua significação pois inicia uma linha de pesquisa em Lingüística Aplicada voltada para o processo de ensino–aprendizagem de línguas, estabelecendo princípios e procedimentos para a comparação e descrição entre línguas. É nesse sentido que observamos a sua importância para os dias atuais, principalmente para os profissionais envolvidos com o ensino–aprendizagem de línguas, e para os estudiosos cuja preocupação principal seja a descrição ou comparação de línguas.

Dessa forma, a AC, em sua versão forte, precisava de uma reformulação teórico-metodológica. Surge, então, a versão fraca da Análise Contrastiva, assim chamada por Wardhaugh (1970), e também conhecida como Análise de Erros (AE).

Tradicionalmente, a preocupação com o erro na aprendizagem possivelmente sempre existiu tanto por parte do aprendiz como por parte do professor. No entanto, esta versão muda a visão do *erro*. Agora não se intenta predizer todos os erros possíveis a partir da comparação de duas línguas, como ocorria na versão forte, mas identificar quais erros resultam dessa interferência. Ou seja, a AE parte das produções reais do aprendiz, como base para a análise, isto é, de um corpus de dados constante de fitas gravadas e/ou textos produzidos pelos próprios aprendizes. Deste corpus, listam-se os erros, tendo em vista: 1. uma classificação tipológica (*intra-lingüísticos, de interferência etc*).; 2. a freqüência com que ocorrem

(*tratamento estatístico*); 3. as causas prováveis dos erros; 4. o grau de distúrbio que os erros causam na veiculação da mensagem; 5. a fixação de estratégias pedagógicas para superá-los. (VANDRESEN, 1988: 80).

A grande diferença entre a AC (versão forte) e a AE (versão fraca) está nos pressupostos teóricos relacionados à estrutura lingüística e nas explicações quanto à aquisição da linguagem.

A AC reúne postulados taxonomistas para a descrição lingüística, a aprendizagem da língua é explicada pela imitação da fala do adulto, tentativa e erro, associações e condicionamentos operantes. Na aprendizagem da LM, a criança não dispõe de nenhum dispositivo ou estratégia inata para a organização dos dados lingüísticos, i.e., a aprendizagem dá-se a partir de uma 'tábula rasa', por repetição e formação de hábitos, e na aprendizagem da LE o esforço é ainda maior em imitar, memorizar e fazer novas construções por analogia, já que, de acordo com essa visão, a motivação do adulto em relação à LE é menor do que a da criança em relação à LM. E ainda precisa vencer a força do sistema de hábitos da LM interferindo na LE. (VANDRESEN, 1988: 81).

Por sua vez, a AE, ao surgir dentro do contexto da gramática transformacional, não taxonomista, preocupa-se em descobrir 'as regras' que regem a atividade lingüística. A aquisição da L1 é explicada por um mecanismo interno (LAD = *language acquisition devise*) capaz de fazer hipóteses sobre os dados ouvidos pela criança. Isto é, todo ser humano nasce com uma predisposição inata para a linguagem simbólica, como parte de sua carga genética, e não é 'tábula rasa', como acreditam os behavioristas. Esta capacidade inata permite uma organização dos dados lingüísticos, criando uma competência que cresce e se reflete na própria expressão oral da criança. Assim, a aprendizagem da LE pode apresentar semelhanças

com a aquisição da LM, porém se realiza em contextos diferentes, de modo que as hipóteses levantadas pelo aprendiz refletem ora a competência já adquirida da LM (havendo diferenças, comete erros decorrentes da interferência) ora aspectos próprios da estrutura interna da LE (havendo erros, estes serão intralingüísticos). (VANDRESEN, 1988: 82).

Com relação a estes dois modelos apresentados, acreditamos que, se por um lado discordamos do enfoque dado ao aluno ou à concepção de língua e de ensino–aprendizagem, por outro, ressaltamos a sua importância quanto à preocupação tolerante com o erro (por transferência ou intranligüísticos) e a necessidade de se estudar línguas próximas, principalmente, enfatizando as suas diferenças e semelhanças, ou melhor, alertando o aprendiz para as suas singularidades. Nesse aspecto, acreditamos que os dois modelos teóricos podem se complementar e auxiliar o professor durante esse processo, e, conseqüentemente, o aprendiz. Isto é, pode-se partir da própria interlíngua do aprendiz, e adotar medidas de superação de seu insucesso a partir de procedimentos de produção e reprodução de atividades, enfatizando, em certa medida, a análise contrastiva, ou os aspectos divergentes entre as línguas.

Almeida Filho, apesar de tratar no livro *Português para estrangeiros interface com o espanhol* (1995), do ensino do P/LE para falantes do E/LM, faz comentários relevantes que também podem ser aplicados ao aprendiz do E/LE, falante do P/LM. Para ele, quanto mais letrado for o aprendiz, maior facilidade este terá para o início da convivência com o outro idioma, principalmente na modalidade escrita, pois pode procurar medidas de compreensibilidade, valendo-se da "imagem gráfica como intermediadora no processo". (Id., p. 15).

Entende-se, com isso, que tal fato poderá não ocorrer com pessoas menos letradas ou que estejam iniciando o processo de aprendizagem em LE. Além disso, acreditamos que essa idéia não se aplica às palavras heterossemânticas, visto que a *imagem gráfica* poderá interferir negativamente na acepção dessas palavras, e fazer com que o aprendiz, mesmo letrado, tenha dificuldades quanto ao sentido em determinado contexto. Acreditamos, contudo, que ambos podem adquirir níveis elevados de proficiência na LE, pois isso depende muito e em particular do interesse individual em aprender aquela língua e daqueles fatores que contribuem ou não para uma melhor eficácia no ensino-aprendizagem de uma LE.

Confirmando nosso ponto de vista, Grannier (1998: 2)[14] diz que "uma maior ou menor facilidade na aquisição do português está relacionada a uma maior ou menor possibilidade de transferência de unidades significativas do *conhecimento lingüístico anterior do aprendiz* (CLAA)". Segundo a autora, sabe-se que o CLAA corresponde, na maioria das vezes, à língua materna do aprendiz e, mesmo quando este tem um CLAA ampliado, a sua LM é o fator mais atuante na transferência para uma nova língua, salvo poucas exceções.

Ainda segundo Almeida Filho (1995), pessoas que têm capacidade de risco e são pouco ansiosas tendem a avançar em proficiência na língua-alvo, sendo esta aproximada à língua materna, mais rapidamente do que poderiam avançar com línguas *tipologicamente* mais distantes, como por exemplo entre o português e o inglês. Dessa forma, o aprendiz de línguas *tipologicamente* mais próximas tende a avançar mais rapidamente e mais cedo na proficiência dessa língua-alvo, se a isto somamos a auto-ajuda, ou seja, a capacidade de valer-

[14] Esclarecemos que Grannier (1998), embora trate em seu estudo do ensino de português para estrangeiros, a questão em foco, ou seja, o fenômeno da transferência, é um fator de grande importância no ensino-aprendizagem de qualquer língua.

se da experiência anterior para avançar no desenvolvimento da interlíngua[15]. Vemos aqui que não é apenas a interferência de um sistema no outro que é enfatizada, mas outros fatores que se relacionam com o processo de aquisição de uma segunda língua – o *filtro afetivo* – (KRASHEN, 1987), por exemplo, o qual relaciona uma série de variáveis afetivas, como a motivação, a auto-confiança, e a ansiedade, as quais poderão contribuir ou não para a proficiência na LE, ou, como diz o próprio Krashen (1987), estão ligadas ao sucesso ou têm relação mais forte na aquisição de uma segunda língua.

No entanto, isso parece ser problemático com línguas *tipologicamente* próximas como o português e o espanhol, pois, da mesma forma que a capacidade de risco, ou melhor, o filtro afetivo, e a capacidade de usar a experiência pessoal anterior fazem avançar no desenvolvimento da interlíngua, o *'quase falar'*, ou seja, a facilidade que o aprendiz de E/LE falante de P/LM sente ao dizer uma palavra, entender muitas outras, compreender certas expressões e textos, o expõe a um fenômeno específico, o de não se considerar como aluno principiante verdadeiro, pois, na prática, esse aprendiz conta naturalmente com conhecimentos e habilidades comuns entre a língua alvo e a língua de partida, o que lhe permite iniciar a aprendizagem com um índice pós-elementar de compreensibilidade do insumo na nova língua. Almeida Filho (1995: 15) ainda expõe outro aspecto: o *da facilidade enganosa e do conhecimento movediço.* O mesmo afirma:

> Na verdade, esse "quase-falar", essa "criação possível", essa facilidade enfim que o falante de Espanhol experimenta ao produzir a palavra, mostra uma outra face – o da facilidade enganosa e do conhecimento movediço.
> Esse "quase falar" invariavelmente leva ao constrangimento de parecer querer dizer sem poder ser bem entendido. O sentimento de 'quase falar' leva alunos mais jovens e autoridades de ensino desavisadas a presumir que o falante de Espanhol nem precisaria aprender o Português – eles já o "sabem" naturalmente. (ALMEIDA FILHO, 1995: 15)

[15] Forma particular que se constrói, quase sempre, por um processo de interferência, ou seja, a LE possui ainda estruturas da LM.

Pode-se confirmar tal fato ao observarmos, em sala de aula nas escolas, nos centros culturais e até mesmo na Universidade, que existe o mito da *facilidade enganosa*, isto é, a idéia de que aprender espanhol é fácil porque parece com o português, ou até mesmo em ouvir, ainda que jocosamente, que o espanhol é o português mal falado, ou o português caipira, fator este que compromete muitíssimo a aprendizagem desta língua alvo por se achar que não é necessário um conhecimento aprofundado nela para poder se comunicar, pois se acredita que com apenas um nível elementar já se compreende e pode ser compreendido em espanhol, tornando-se assim um falante do *portunhol*. Este quadro torna-se mais grave quando os aprendizes já estão em estágios avançados ou superiores e persistem com significativos ou graves problemas ou inadequações em determinados componentes/níveis lingüísticos da LE, tanto na produção escrita como na oral ou discursiva.

Segundo Almeida Filho (Ibid., p. 15), a facilidade enganosa a que ele se refere encontra reflexo na teoria de aquisição de língua expressa pela hipótese da análise contrastiva. A versão forte dessa hipótese sustenta que toda diferença entre os sistemas lingüísticos traduz-se em dificuldade de aprendizagem. Essa diferença seria diretamente proporcional ao grau de interferência da língua materna sobre a língua alvo em construção. Como já comentamos anteriormente, essa perspectiva foi amplamente criticada e raramente é mantida por pesquisadores e especialistas contemporâneos. A versão fraca, ou análise de erros, por sua vez, mantém que é necessário observar a existência de erros ou dificuldades para depois empregar estudos contrastivos que expliquem tais desvios da norma.

Embora não tenhamos esgotado anteriormente as diferenças entre essas duas abordagens (AC e AE), nem pretendamos nos apoiar em uma ou outra, na prática, o que pretendemos aqui é ressaltar as contribuições de ambas para a melhoria do ensino-

aprendizagem de uma LE, tendo em vista principalmente a importância da primeira quanto à comparação de uma L1 e L2, assim como as questões relacionadas à dificuldade ou facilidade em determinados aspectos ou níveis lingüísticos, levando em consideração não apenas o grau de diferença ou aproximação entre dois sistemas lingüísticos, mas, sobretudo, suas singularidades. E considerar também a importância da segunda abordagem quanto à questão da observação do erro *in discenti*, sua classificação (inter ou intralingüística) e as prováveis causas dos mesmos, já que pretendemos conscientizar os aprendizes das diferenças entre as duas línguas, e que os tais erros evidenciam que o processo de aprendizagem está sendo produzido, ou seja, os mesmos são inevitáveis e positivos, e não no sentido behaviorista de prever que todos seus erros ou inadequações são decorrentes da interferência da LM e como algo que deve ser evitado, ou como negativo. Em suma, acreditamos que esses dois modelos podem ter maior significação atualmente se ambos contribuírem mais eficazmente no processo de ensino–aprendizagem de línguas na preparação do professor, assim como na preparação da sua aula, na elaboração de atividades, na elaboração de livros e outros materiais auxiliares, e não apenas para predizer erros, ou a partir destes explicar os desvios da norma.

Older e Ziahosseiny (1970, apud ALMEIDA FILHO, 1985: 16), propondo uma versão moderada da hipótese que estabelece que a interferência pode ser ainda maior quando o que vai ser aprendido é mais semelhante ao já aprendido, do que quando o que vai ser aprendido é totalmente novo e não tem relação com conhecimentos anteriores, diz referir-se a ela quando indica que se, por um lado, as semelhanças podem dar a sensação de que a aprendizagem pode ser facilitada em parte, por outro, podem tornar a aprendizagem complicada pela ausência de claros definidores de aspectos da nova língua (ou LE). É, justamente, o que pode ocorrer com o aprendiz de E/LE falante de P/LM quando se leva em consideração a

proximidade entre essas duas línguas, sem observar que muitas dessas semelhanças entre ambas são apenas aparentes, resultando, provavelmente, e em alguns casos, em mais dificuldades ou inadequações do que o totalmente novo ou diferente da LM, ou em fossilização dessa interlíngua do aprendiz.

> [...] Aqui temos de reconhecer que as semelhanças podem suscitar a sensação de que a tarefa de aprendizagem vai ser em parte facilitada. De outra parte, a mesma tarefa vai ser complicada justamente pela freqüente percepção de ausência de claros definidores de aspectos da nova língua. (ALMEIDA FILHO, 1985: 16).

O autor acima citado (Ibid., p. 19) conclui, portanto, que línguas muito próximas levam o aprendiz a viver numa zona de facilidade enganosa proporcionada pelas suas percepções. Nessa proximidade, há vantagens, caso sejam combinadas à capacidade de risco, segurança e extroversão. Sem esses traços afetivos, espera-se a ocorrência de tentativas de obtenção de fluência e de disponibilidade vocabular cujo aparente meio-sucesso [e ao nosso ver um possível insucesso][16] leva ao estacionamento dessa interlíngua denominada portunhol[17], ou seja, possivelmente ocorrerá o que a literatura denomina de fossilização.

Portanto, para que possamos ter um desempenho lingüístico satisfatório na aprendizagem do espanhol como LE, faz-se necessário que tenhamos cuidado, tanto o aprendiz como o professor, com as armadilhas causadas pelas aparentes semelhanças entre esta e o português. Caso contrário, nunca alcançaremos níveis mais elevados na proficiência desta LE, e estaremos sempre falando o que os estudiosos da área chamam de portunhol que é 'a expressão mais imediata do contato entre as línguas portuguesa e espanhola'. (COLIN RODEA, 1990, apud FERREIRA, 1995: 39). No processo de aquisição/aprendizagem, o

[16] Comentário nosso.
[17] Segundo Almeida Filho (1995), portunhol é a produção lingüística intermediária de um falante de espanhol ao tentar falar português, enquanto que espanhoguês seria o inverso dessa situação.

portunhol pode ser observado como um estágio de interlíngua muitas vezes com níveis de fossilização bastante acentuados, estágio este não apenas influenciado por transferência da LM, como também por elementos da própria interlíngua, acentuado ainda mais pela dualidade entre as aparentes semelhanças das línguas (português e espanhol) e a possível facilidade que estas semelhanças podem induzir, conforme afirma Ferreira (1995: 40):

> Devido à proximidade tipológica entre as línguas existe o mito da facilidade. No entanto, se por um lado a semelhança facilita o entendimento, por outro lado são constantes as evidências de transferência negativa e, eventualmente, de fossilização.

Ainda segundo Ferreira (Ibid, p. 40), o portunhol está tão arraigado na região fronteiriça do Brasil com os países de fala hispânica da América do Sul, que muitas vezes se fossiliza, "tornando-se quase uma outra língua". Acreditamos ser, de certa forma, uma utopia conceber uma "outra língua" dado o problema da interlíngua, mas salientamos que se este problema não for superado, seguramente, haverá uma aprendizagem estanque, ou uma interlíngua a tal ponto fossilizada que o aprendiz não terá avanços significativos na aprendizagem desta LE. É comum observar que uma vez que tanto as pessoas como os aprendizes parecem *se entender*, alguns acreditam também que não precisam progredir ou se aprofundar nos estudos dessa língua alvo, pois conseguem se comunicar, deixando enraizar os *desvios* lingüísticos causados por isso.

Vale salientar que, quando nos referimos ao portunhol, não focalizamos a situação em que convivem mais de uma comunidade com línguas diferentes – o contato –, mas a transposição momentânea, em qualquer ponto, de uma variação (léxica, fonológica, morfológica, sintática e semântica) devido à presença simultânea e à influência de outro código lingüístico – a interlíngua.

Resumindo, podemos dizer que interlíngua é uma *competência transitória* (CORDER, 1967) empregada pelo aprendiz de uma LE, que media entre o sistema da LM e o sistema da língua meta (LE). Também chamada de *língua própria do aprendiz, dialeto idiossincrásico* (CORDER, 1971), *sistema aproximado* (NEMSER, 1971) e *sistema intermediário* (PORQUIER, 1975), a *interlíngua* (SELINKER, 1972) constitui uma etapa obrigatória na aprendizagem. Ela pode ser definida como um *sistema lingüístico interiorizado*, que evolui e se torna cada vez mais complexo, e sobre o qual o aprendiz possui intuições. Sua complexidade se desenvolve em um processo criativo que passa por várias etapas marcadas pelas novas estruturas e pelo vocabulário que o aluno adquire. Não pode ser considerada como a mescla de dois sistemas, pois é diferente do sistema da LM, e também do sistema da LE. Possui também regras que são próprias de cada aprendiz (ou grupo de aprendizes), em um determinado estágio de sua aprendizagem e de um sistema específico. (FRAUENFELDER *et al*, 1980: 46, apud FERNÁNDEZ, 1997: 20).

A interlíngua possui ainda duas características aparentemente contraditórias: a sistematicidade e a variabilidade. É sistemática, pois pode-se observar nela um conjunto coerente de regras de caráter lingüístico e sociolingüístico, que pode ser descrito, em parte, como coincidentes com as da língua meta, e as pesquisas mostram que as produções dos aprendizes obedecem a mecanismos e hipóteses sistemáticas em cada estágio de aprendizagem. É variável, entretanto, tanto porque as hipóteses vão se reestruturando progressivamente para dar lugar à outra etapa, como pelas flutuações próprias de cada etapa. (FERNÁNDEZ, Ibid., p. 20). Dessa maneira, a Análise da Interlíngua (IL) se sobrepõe a AC e AE já que estas não chegam a definir toda a IL, mas apenas os aspectos idiossincrásicos – os erros, enquanto que a perspectiva da IL possui uma maior sistematização com relação ao

procedimento metodológico e um maior número de estudos empíricos poderão validar essa hipótese e aclarar o processo de aprendizagem de uma LE.

2.2 Níveis de interferência

Como dissemos no inicio deste capítulo, alguns estudos têm demonstrado que determinados níveis lingüísticos interferem mais que outros na aquisição-aprendizagem de uma LE. Ellis (1994, apud GRANNIER, 1998) afirma que a aquisição do léxico parece ser facilitada se a LM e a LE são aparentadas, no nível fonológico. O mesmo também observa que "embora a transferência do sistema de sons seja comumente reconhecida como mais atuante que a transferência da sintaxe (haja vista a existência de sotaques), algumas pesquisas têm revelado que a transferência fonológica é regida em parte por tendências desenvolvimentais universais, como acontece com a sintaxe". (ELLIS, 1994: 316, apud GRANNIER, 1998: 1).

Com relação à influência da LM na aquisição do P/LE, Grannier (1998) confirma a atuação de diferentes componentes da mesma forma que ocorre na aquisição de outras línguas. "Isto é, uma maior ou menor facilidade na aquisição do português está relacionada a uma maior ou menor possibilidade de transferência do léxico, ao passo que o mesmo não se verifica com a transferência de elementos da sintaxe e da fonologia." (Id., p. 2). Segundo a autora citada, para compreender melhor as possibilidades de transferência de unidades significativas para o português, é necessário examinar a distância genética entre o português e cada uma dessas línguas. A autora trabalhou com alunos de diferentes LM: espanhol, francês, italiano, inglês, alemão, japonês, chinês e árabe. Como se observa, todas têm diferentes graus

de relação genética com o português, que vai de uma relação bem próxima até a completa ausência de parentesco genético. Segundo ela:

> De fato, observam-se algumas diferenças notáveis na facilidade (ou dificuldade) com que esses diferentes falantes adquirem o português. Se considerarmos o grau de dificuldade em termos do tempo que cada grupo de falantes necessita para atingir um nível médio de proficiência, pode-se considerar que há correspondência entre dificuldade e distância entre línguas. Mas se considerarmos a natureza das dificuldades veremos que ao invés de um 'continuum' encontramos diferentes situações que se opõem ou se combinam de acordo com algumas variáveis. (Id., p. 3).

Com relação aos alunos de E/LM, estes tiveram grande dificuldade em acompanhar com interesse e proveito as aulas dirigidas a estrangeiros em geral, sendo necessário formar turmas especiais e elaborar materiais didáticos específicos para os mesmos, baseando-se esta elaboração em uma análise contrastiva de vários aspectos do português e do espanhol. Dessa maneira, Grannier (1998), descreve que, considerando as facilidades e dificuldades dos aprendizes e a necessidade de se utilizar diferentes recursos metodológicos para cada caso, inicialmente configuram-se dois grupos: os falantes de espanhol e os falantes das outras línguas, cada qual com uma metodologia básica diferente. Para o curso de falantes de espanhol deve-se proporcionar ao aprendiz uma conscientização das diferenças entre o português e o espanhol, baseando-se em uma AC que focalize essas diferenças. Deve-se incentivar o auto-monitoramento da fala, o qual tem dado bons resultados; a redação, tanto em sala de aula quanto como atividade extra classe, como transição para esse auto-monitoramento, também tem-se revelado altamente proveitosa e apreciada pelos aprendizes. Ainda segundo Grannier (1998: 5), as diversas atividades redacionais permitem ao aluno dar-se tempo, mesmo que seja por alguns segundos, para refletir e, por outro lado, permitem ao professor indicar, através de várias técnicas de correção e sem perturbar a expressão do aluno,

em que pontos ele deve ainda refletir e onde pode melhorar o seu desempenho. Dessa maneira, o aprendiz pode procurar por si mesmo formas alternativas mais apropriadas em português.

Com relação a esta questão, a nossa experiência também confirma a necessidade de estratégias de ensino, materiais didáticos e atividades específicos para o ensino-aprendizagem do E/LE, baseados em uma AC focalizando sempre suas diferenças, pois, como já comentamos, a semelhança entre o português e o espanhol provoca nos aprendizes constatações e sentimentos contraditórios, pois a aprendizagem tanto pode ser em parte facilitada por esta semelhança, como também pode tornar-se complicada pela ausência de claros definidores de aspectos dessa língua alvo. A visão dos aprendizes tanto do P/LE como do E/LE, portanto, precisa ser trabalhada sobre a essas questões: semelhanças/diferenças, facilidade/dificuldade, sobre os componentes ou níveis lingüísticos que apresentam maior ou menor dificuldade, ou possíveis transferências, a fim de que alcancemos níveis mais satisfatórios de produção nessa LE, as distorções sejam evitadas e cada língua seja respeitada em suas singularidades.

Podemos ainda confirmar a presença da interlíngua nos aprendizes de E/LE, cuja LM é o português, em todos os níveis lingüísticos (lexical, fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico e discursivo). Contudo, restringindo-nos apenas ao nível léxico-semântico, podemos concluir, pelo menos parcialmente nesta reflexão, que a maior ou menor facilidade ou dificuldade na aprendizagem neste nível pode estar associada, em grande escala ou proporcionalmente, a uma maior ou menor transferência do léxico da LM, de modo totalmente ingênuo ou natural, tendo em vista apenas os incontáveis cognatos entre essas duas línguas, ignorando, quase sempre, um complicador que são os inúmeros falsos cognatos ou

heterossemânticos que as sobrecarregam. Acreditamos, portanto, que o fato da proximidade genética entre ambas não diminui o grau de dificuldade na aquisição–aprendizagem do espanhol se comparado ao italiano, ao francês, ao inglês, pois devemos considerar os diversos elementos que se combinam e se opõem nessa aparente semelhança entre esses dois sistemas lingüísticos.

2.3 O léxico: semelhanças e diferenças. Facilidade ou dificuldade?

Sobre o mesmo questionamento, já afirmava Lado (1972) que a semelhança e a diferença da língua materna em forma, sentido e distribuição com uma língua estrangeira, tornar-se-ão em facilidade ou dificuldade na aquisição do léxico desta língua estrangeira.

A comparação do léxico da língua materna com o da língua estrangeira fará encontrar palavras agrupadas conforme o *Quadro 7*, abaixo:

SEMELHANTES	DIFERENTES	CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLOS (E)
1. forma e sentido[18] *(Cognatos)*	-	fácil	hotel, flor, hospital (‘hotel’, ‘flor’, ‘hospital’)
2. forma	sentido (*Heterossemânticos*)	difícil	abate, taller, cuchillo (‘abade’, ‘oficina’, ‘faca’)
3. sentido	forma *(Formas diferentes)*	normal	ordenador, chancla (‘computador’, ‘chinelo’)
4. -	forma e sentido (*Sentidos estranhos*)	difícil	mil millones (‘um bilhão’)
5. -	construção morfológica (*Novos tipos de forma*)[19]	difícil	anoche, por tanto (‘ontem à noite’, portanto’)
6. sentido primário	conotação (C*onotação diferente*)	difícil	araña, plomo (‘lustre; prostituta’, ‘chato’)
7. sentido, mas com restrições na distribuição geográfica. *(Restrições geográficas)*	-	difícil/especial[20]	ómnibus, guagua, coletivo, buseta (‘veículos automotivos de grande tamanho, que servem para transportar pessoas’)

Quadro 7: Níveis de dificuldade na aprendizagem do léxico

As dificuldades variam um pouco devido ao fato de que alguns desses grupos se sobrepõem, fazendo com que algumas palavras se encaixem em mais de um grupo. Lado (1972), baseado nesses agrupamentos, prevê um nível geral de dificuldade e classifica cada grupo desses em um dos três níveis de dificuldade: “fácil”, “normal” e “difícil”, conforme apresentamos acima.

[18] A terminologia usada pelo autor (Lado) para as noções de forma e sentido será mantida, basicamente, neste capítulo, já que estas serão discutidas posteriormente, pois envolvem as noções de forma e substância. Acreditamos, no entanto, que ao tratar sobre forma, o mesmo refere-se ao plano da expressão (som ou significante), e ao falar de sentido refere-se à forma do conteúdo (significado).

[19] As *expressões idiomáticas* – expressões peculiares a uma língua – são mais identificáveis quando comparamos duas línguas do que de dentro de uma só língua. Uma expressão que pode parecer para um falante nativo como pertencente exclusivamente a sua língua pode ser natural para os falantes de outra língua e, portanto, não ser para eles uma expressão idiomática. Por outro lado, uma expressão que pareça perfeitamente natural aos falantes nativos pode ser estranha para os falantes estrangeiros de um determinado ‘background’ lingüístico. (LADO, 1972: 120).

[20] Segundo Lado (idem, 122-3), a classificação segundo o nível de facilidade/dificuldade neste grupo (7) é difícil pois as restrições também devem ser aprendidas. Porém, pode-se considerar como um grupo de dificuldade especial, pois o aluno que aprendeu uma forma restrita tem de aprender outra para o mesmo sentido, caso tenha de se comunicar com falantes de áreas geográficas onde aquela forma aprendida não é corrente. Acrescentamos, ainda, que tais palavras referem-se às variantes lingüísticas (regionais, ocupacionais etc.).

As palavras com nível de dificuldade "fácil" são aquelas semelhantes em forma e em sentido nas duas línguas – os cognatos. Tais palavras constituem o grupo de menor dificuldade para o aprendiz da língua estrangeira, tendo em vista a sua semelhança com a língua materna. Com relação ao português e ao espanhol, neste grupo, existem milhares de palavras semelhantes em forma e em sentido, chegando a mais de 85% de cognatos, segundo Ulsh (1971, apud ALMEIDA FILHO, 1985: 15). Isso se deve basicamente ao fato de ambas terem a mesma fonte ou origem e ao compartilhamento de bases culturais, oriundas da mesma família lingüística – as neolatinas, cujo tronco é o latim vulgar.

Lado classifica no nível de dificuldade "normal" aquelas palavras que são semelhantes num determinado sentido, mas diferentes na forma. Nesse caso, dá-se mais atenção em aprender a nova forma, pois o sentido já foi *apreendido* na língua materna. (LADO, 1972: 118).

As palavras que apresentam nível de dificuldade rotulado de "difíceis" são de vários tipos. Existem aquelas com *Sentidos estranhos*, as quais são diferentes na forma e representam sentidos diferentes na realidade do falante de determinada língua. Existem outras com *Novos tipos de formas*, que são palavras diferentes em sua construção morfológica, como aquelas que são construídas por itens lexicais separados na LE e na LM são formadas por apenas um item lexical, ou o inverso. Exemplo: *anoche = ontem à noite.* Há ainda outras palavras com *Conotação diferente* nas duas línguas, ou seja, inofensivas em conotação na LM, mas ofensivas ou tabus na LE, ou vice-versa. Por exemplo, a palavra 'aranha', em espanhol, com conotação de 'prostituta'.

Temos, ainda, nesse grupo rotulado de "difíceis", os *falsos cognatos*, também chamados *heterossemânticos*, f*alsos amigos*, ou *pseudos-equivalentes*, que são, de modo

geral, aquelas palavras semelhantes na forma mas com sentidos diferentes. Sobre estes, por serem objeto de nosso estudo, apresentamos comentários e exemplificações mais minuciosos.

2.3.1. Os falsos cognatos

O fato de haver muitas palavras na língua portuguesa parecidas ou iguais na língua espanhola permite que os aprendizes daquela se sintam à vontade para falar espanhol e possam se comunicar com relativa facilidade. Porém, as aparências enganam e as palavras também, pois o considerável número de falsos cognatos existente nessas duas línguas pode ser um complicador para o aprendiz de E/LE cuja LM é o português, ou vice-versa, tanto para a comunicação/compreensão oral como para a produção/compreensão escrita.

Embora tenham a forma semelhante ou mesmo igual nas duas línguas, como observamos em muitos destes pares heterossemânticos, essas palavras podem ser parcialmente semelhantes no sentido, ou seja, podem ter algum sentido em comum, porém não compartilhar outros; podem também ser totalmente diferentes no sentido, mas representar sentidos que existem na língua materna, ou representar sentidos que não têm base na experiência de alguém que vai da LM para a LE. (LADO, 1972: 117).

As palavras que são semelhantes na forma (fonética ou gráfica), porém distintas no sentido, ou seja, os *falsos cognatos* ou *heterossemânticos*, formam um grupo especial e estão situadas num nível bem elevado na escala de dificuldade dessa classificação, rotulada de difícil. Tais palavras são “armadilhas infalíveis”, pois a semelhança delas, em forma, com palavras da língua materna aumenta sua freqüência no uso normal da língua pelos estudantes. (Id., p. 118).

Segundo Marrone (1990: 57), "é difícil discernir qual das duas línguas conservou melhor a acepção primitiva nos lexemas denominados heterossemânticos". Os desvios, a partir dessa acepção, podem provir de circunstâncias diversas. Por exemplo, "a palavra sem sair da significação própria pode apresentar um valor denotativo e conotativo ou a palavra sai do seu âmbito de significação para outro", como é o caso com *escoba/escova*[21]. Observa-se ainda que *o* "português e o espanhol nem sempre utilizam na linguagem corrente termos iguais", isto é, embora "estejam registrados em dicionários como sinônimos, não são usados". Um exemplo disso é o par *crianza/criança*.

Neste ínterim, convém examinar algumas definições sobre os termos *falso cognato e/ou heterossemântico*. Segundo Leiva (1994: 14), há várias definições para o termo *falso cognato* na literatura, embora o mesmo não tenha sido encontrado em dicionários como Oxford, Webster, Aurélio, Enciclopédia Britânica e o Dicionário de Lingüística de David Crystal, pois todos aportam apenas o termo *cognato*. Jack Richards et al., em *Longman Dictionary of Applied Linguistics* (1985: 103, apud LEIVA, 1994: 14) define o termo falso cognato como 'a word which has the same or very similar form in two languages, but which has a different meaning in each'[22]. Segundo a mesma, nenhum trabalho menciona o porquê dessa diferença e, dos trabalhos consultados, apenas este último e o de Downes (1984) levam em consideração a dificuldade que essas palavras podem causar a aprendizes de línguas.

Ainda segundo Leiva (1994: 15), "os falsos cognatos são formas lingüísticas que pertencem a duas línguas cognatas, que historicamente têm uma fonte comum mas que

---

[21] Todos os pares de palavras citados neste capítulo estão devidamente analisados e suas características explicitadas no capítulo IV e/ou V.

[22] 'uma palavra que tem a mesma forma ou formas semelhantes em duas línguas, mas que tem um significado diferente em cada uma delas.' (JACK RICHARDS, et al., apud LEIVA, 1994: 14, tradução nossa).

tomaram caminhos diferentes na sua evolução". Como afirmar que falsos cognatos têm uma fonte comum se, mais tarde, afirma-se que há uma categoria de falsos cognatos que têm origem e significado diferentes? Ou seja, nem todos têm uma fonte em comum, nem seguiram caminhos diferentes, pois muitos desses têm origens ou raízes diferentes e, conseqüentemente, significados diferentes. Leiva (Ibid., p. 15) diz também, baseando-se em Robins (1971: 313),

> que essa evolução refere-se às mudanças lingüísticas que se produziram nas duas línguas, ao longo do tempo, e que levaram à diferenciação das palavras quanto aos seus significados ou quanto às suas funções semânticas; quanto aos elementos situacionais aos quais se referem ou quanto à maneira como são referidos.

Segundo Leiva (1994: 15-6), essas mudanças ocorreram em uma ou nas duas línguas, sendo que uma ou as duas conservaram algum elemento originário. Dessa forma, "há palavras cujo contexto de aplicação foi reduzido em uma ou nas duas línguas", como, por exemplo, *ganancia*/*ganância*. Outras "passaram a ampliar o seu contexto de aplicação", como exemplo disso a autora cita *acento*/*acento*. E outras "mudaram sua referência principal", como, por exemplo, *abrigar*/*abrigar*. Aqui vemos que se trata apenas de mudanças semânticas ou deslocamentos de sentido ocorridos durante o processo de evolução semântica, fato que ocorre em ambas ou em qualquer língua natural, outros processos porém também podem justificar ou explicar as mudanças de sentido em tais palavras.

Leiva (1994: 16) ainda afirma que a definição acima, que ao nosso ver parece ser mais uma classificação dos falsos cognatos do que uma definição, não abrange um grupo qualificado como *Falsos Cognatos Acidentais*, que Rose Nash (s.d., p. 159, 163, apud LEIVA) chama de 'Accidental Cognates' na sua classificação de Cognatos do Englañol. Segundo Leiva, esse grupo de palavras não tem uma fonte comum, porém ela o considera falso cognato porque as palavras são iguais ou semelhantes em sua forma ortográfica e/ou

fonológica, e podem causar o mesmo tipo de mal-entendido que o outro grupo de falsos cognatos, que ela chama de *Falsos Cognatos Propriamente Ditos*. Dessa forma, Leiva chama de *Falsos Cognatos Propriamente Ditos* aqueles que têm uma fonte comum e de *Falsos Cognatos Acidentais* aqueles que não têm uma fonte comum, mas que são iguais ou semelhantes em sua forma ortográfica e/ou fonológica.

Em seu trabalho, Leiva (1994: 17-8) estabelece uma classificação para os falsos cognatos a partir dos processos de substituição ou conservação da palavra de origem em uma das duas línguas, exemplificando apenas com alguns de seus dados, como mencionaremos adiante. E identifica quatro categorias para mostrar como o português e o espanhol substituíram ou conservaram o significado de origem. São elas:

> 1. duas formações baseadas em duas palavras latinas diferentes, porém com radicais idênticos, como, por exemplo, vaso/vaso. 2. uma única palavra de origem: as duas línguas conservam o significado original, e ambas (ou uma delas) acrescentam um ou mais significados ou estreitam seu campo semântico[23], por exemplo, exquisito/esquisito. 3. uma única palavra de origem com um ou mais significados, que são conservados por uma das duas línguas. A outra conserva apenas um dos significados originais ou nenhum (e pode até criar, mais tarde, um outro termo para suprir a falta do(s) outro(s), como no par sugestión/sugestão. 4. duas palavras semelhantes (ou idênticas), porém de origem e significado diferentes, tais como rato/rato. (LEIVA, 1994: 17-8).

Assim, as categorias 1, 2 e 3 representam os falsos cognatos propriamente ditos e a categoria 4 representa os falsos cognatos acidentais.

Revisando um pouco ainda a literatura concernente aos falsos cognatos, observamos que Henriques (2000) faz uma sucinta distinção entre palavras heterossemânticas – vocábulos análogos etimologicamente, porém com algumas divergências semânticas ou ainda palavras cognatas com significados divergentes nas duas línguas, ou seja, falsos cognatos parciais –, e

[23] Como não trataremos neste capítulo Das noções de campo semântico, associativo e léxico, limitar-nos-emos a manter a noção citada pela autora.

falsos cognatos que, pelos exemplos, são aquelas palavras com significado e fonte diferentes. Essa distinção, no entanto, parece não corresponder à classificação de Leiva (1994) de falsos cognatos propriamente ditos e falsos cognatos acidentais, respectivamente. Klein (2001), no resumo de sua dissertação de mestrado, se propõe a usar a denominação *heterossemântico* por ser um termo mais abrangente, que engloba os vários tipos de falsos cognatos, afirmando que para isso se baseia na classificação dos *falsos amigos* realizada por alguns autores, e na análise que realiza em seu trabalho.

O trabalho de Leiva (1994) surgiu, para nós, como um grande referencial, pois, quando tivemos conhecimento do mesmo, apesar de já havermos iniciado nosso trabalho sobre falsos cognatos, até então não tínhamos conhecimento de trabalhos científicos e/ou acadêmicos sobre este assunto, principalmente em um confronto entre português e espanhol, a não ser alguns dicionários como o *Diccionario de Falsos Amigos*, de Balbina Lorenzo Feijóo Hoyos (1998). Reconhecemos, portanto, a sua importância e pioneirismo como fonte e instrumento de pesquisa e de trabalho na área, assim como os dicionários e demais trabalhos que têm surgido, como os já citados. Mas, afinal, como definir e classificar os falsos cognatos e/ou heterossemânticos? Em que critérios devemos nos apoiar? Leiva (1994) afirma fazer uma classificação a partir dos processos de substituição ou conservação da palavra de origem em uma das línguas, que, ao nosso ver, parece fundamentar-se na definição/etimologia da palavra *cognato*, e na observação da fonte ou origem da palavra nas duas línguas.

Convém analisarmos, portanto, alguns conceitos e/ou definições da palavra *cognato:* A) 1. Uma língua ou *forma lingüística* historicamente derivada da mesma fonte de outra língua/forma; português/espanhol/francês/italiano são 'línguas cognatas': pai/padre/père, etc. são 'palavras cognatas'. [...] (CRYSTAL, 2000: 50). B) Do lat. *cognatu*. Adj. e s.m. 1.

Cognado. 2. Gram. Diz-se de, ou vocábulo que tem raiz comum com outro(s): *As palavras belo, beleza e embelezar são cognatas.* (DICIONÁRIO AURÉLIO, 1986: 426). C) Do lat. *cognatus.* Adj. s.m. 'cognado' 'Gram.) diz-se de, ou vocábulo que tem raiz comum com outro(s)' XVI. Cognação s.f. 'no direito romano, parentesco consangüíneo pelo lado das mulheres' 'descendência, parentesco' 'relação ou analogia entre vocábulos cognatos' XVII. [...] (CUNHA, 1982: 193). Não foi encontrada também a denominação falso cognato, nem heterossemântico em nenhum desses dicionários, mas sabe-se que na literatura ele é definido, grosso modo, como palavras que têm semelhanças fônica e/ou gráfica entre línguas mas divergem quanto ao(s) sentido(s).

Diante disso, podemos afirmar que a definição inicial e a classificação de Leiva (1994) parecem ser contraditórias ou não convincentes, pois, se nos baseamos nas definições/conceitos mencionados acima de cognato, seria mais adequado afirmar que se duas palavras que têm a mesma forma lingüística, derivadas historicamente da mesma fonte, são cognatos, então, a nosso ver, os lexemas com formas idênticas em línguas diferentes, e que vieram da mesma fonte deveriam ser chamados ou classificados como *falsos cognatos acidentais* (e não *propriamente ditos*, LEIVA, ibid), ou como *falsos cognatos parciais* ou *heterossemânticos* (HENRIQUES, 2000: 266-8), pois, já que se afirma que vieram da mesma fonte ou origem etimológica, provavelmente hoje divergem ou são apenas parcialmente semelhantes quanto ao sentido devido a mudanças semânticas ou deslocamento de sentido ocorrido em ambas as línguas, ou seja, acidentalmente tornaram-se falsos cognatos. Mas se são divergentes quanto à fonte, origem ou parentesco e diferentes quanto ao sentido, ou seja, não têm nenhuma relação semântica entre os sentidos nas línguas, acreditamos mais conveniente dizer que estes são os *falsos cognatos propriamente ditos* (e não *acidentais,*

como afirma Leiva), pois são completamente diferentes quanto ao sentido e divergentes quanto à fonte ou origem, e, se se opõe totalmente àquela definição de cognato, ou seja, se não derivam historicamente da mesma fonte em ambas as línguas são, portanto, falsos cognatos.

Se são cognatos porque têm a mesma fonte, então são falsos cognatos porque não têm a mesma fonte? Onde se encaixam, então, os acidentais ou parciais? Tal definição, portanto, não resolve ou cobre de todo a classificação ou definição de falsos cognatos. Podemos dizer que se admitirmos um critério baseado na semelhança/diferença semântica e semelhança fônico-gráfica entre ambos os lexemas talvez cheguemos a uma definição e classificação mais plausível e lingüisticamente mais adequada, embora recorramos à fonte ou origem da palavra, isto é, ao critério histórico-etimológico, como também às relações e mudanças semânticas no léxico de ambas as línguas.

Dessa forma, podemos dizer que os falsos cognatos ou heterossemânticos são palavras homófonas e/ou homógrafas em línguas diferentes, mas seus sentidos ou traços semânticos divergem parcialmente e/ou totalmente entre ambas. São parcialmente semelhantes e posteriormente totalmente diferentes quando na origem ou fonte são iguais ou idênticos e depois tornam-se totalmente diferentes quanto ao sentido, isto é, inicialmente são pares polissêmicos, depois tornam-se homônimos. São parcialmente semelhantes, também, quando têm a mesma fonte ou origem, permanecem com vários sentidos em comum embora outros ou estes tenham apenas traços semânticos diferentes. Estes, para nós, são falsos cognatos por terem traços que os diferenciam, mas podem continuar, a nosso ver, como polissêmicos na maioria dos casos. Os chamados totalmente diferentes são aqueles que desde a sua origem ou fonte são diferentes, e continuam sendo, são os homônimos. Nestes, há aqueles que são

totalmente divergentes porque têm origem etimológica diferente ou raízes diferentes (são semelhantes apenas quanto à substância da expressão, pois convergiram foneticamente para substâncias idênticas ou iguais nas duas línguas); há ainda aqueles, deste mesmo grupo, que desde a origem ou fonte são divergentes quanto ao sentido, ou apresentam sentidos divergentes desde a origem, ou nos sentidos de base entre as línguas. Estes podem ter origem ou raízes diferentes, ou, caso tenham a mesma origem ou raiz etimológica, algum tipo de mudança linguística pode ter ocorrido na língua que emprestou ou em uma delas apenas, ocasionando estas divergências. Este grupo constitui-se como um dos mais complexos, pelo fato de terem divergências semânticas desde a origem ou sentido de base, embora pareçam ter ainda algum traço em comum, em determinados casos, e outros não apresentam, muitas vezes, informações precisas ou seguras quanto à origem etimológica ou fonte, devido à imprecisão ou controvérsias nestas. Resumindo, teríamos os grupos A e B, e seus subgrupos como mostra o *Quadro 8:*

SENTIDOS	LEXEMAS	EXEMPLOS
A) Homonímia Totalmente diferentes	A.1) Origem etimológica diferentes ou raízes latinas diferentes (convergência fônica).	1. aceite/aceite 2. abate/abate
	A.2) Divergência semântica desde a origem ou fonte.(sentidos divergentes desde a origem ou desde o sentido de base, imprecisão ou controvérsias quanto à origem etimológica na(s) língua(s)).	1. apertura/apertura 2. berro/berro
B) Polissemia Parcialmente diferentes	B.1) Originalmente polissêmicos (mesma etimologia, sentido de base e secundários) posteriormente homônimos por distanciamento entre os sentidos. (mudanças semânticas)	1. araña/aranha 2. beca/beca
	B.2) Originalmente polissêmicos (mesma etimologia, sentido de base e secundários) posteriormente com traços semânticos distintos. (mudanças semânticas).	1. abordar/abordar 2. aborrecer/aborrecer

Quadro 8:Classificação dos heterossemânticos

Para sustentar nosso ponto de vista, destacamos o que Lado (1972: 125-6) diz com relação a esta mesma questão, ao dar sugestões específicas na comparação dos vocabulários:

> [...] Se os sentidos forem razoavelmente semelhantes – raramente ou nunca coincidem exatamente – consideraremos essas palavras como cognatas. Se os sentidos forem claramente diferentes, classificaremos as palavras como falsos cognatos e as consideraremos muito difíceis.

Explicitamos agora porque escolhemos heterossemântico e não falso cognato. Segundo o Dicionário Aurélio (1986: 755, 890), algumas acepções para o lexema *falso* são *contrário à realidade, enganoso, aparente*. Enquanto que *heter(o)* é um elemento de composição que significa *outro, diferente*, [do gr. *héteros*, *a*, *on*]. Para nós, o nome heterossemântico é também mais genérico e adequado, pois, como elemento de composição –

hetero – especifica o problema: o *outro* ou o *diferente* (no caso, significado da palavra/lexema), completado com o termo *semântico*, identificando o aspecto/nível lingüístico em questão, ou seja, esta diferença é semântica. E, como o nosso trabalho se volta para a questão semântico-lingüística, fica, dessa forma, mais específico e claro. Acreditamos que a definição de heterossemântico adotada não interfere na classificação acima, pois esta foi realizada de acordo com a observação feita nos dados levantados e considerando os problemas que estes revelam. Por isso nossa classificação difere da de Leiva e Henriques. Admitimos, desde então, que nosso trabalho é mais semântico-lingüístico do que aplicado aos problemas do aprendiz ou da aprendizagem, como os já citados. Por isso, no próximo capítulo, nos direcionaremos para questionamentos teóricos dentro da semântica lingüística para o tratamento do nosso problema.

Diante disso, acreditamos ser este um dos grupos de palavras (dentre aqueles citados por Lado, 1972) que pode apresentar maiores problemas no nível lexical para o falante do P/LM ao aprender E/LE, no que diz respeito à compreensão e produção oral e escrita, pois, respaldando-nos em Titone (1983), acreditamos que há uma diferença essencial entre aprendizagem da primeira e aprendizagem da segunda língua dada pela diferente relação que vigora entre significante e significado. Efetivamente, ao contrário da criança que, ao adquirir a LM, estabelece relações diretas entre a primeira língua e a realidade, quem enfrenta uma segunda língua *sucessivamente* (deixando de lado o caso do bilingüismo simultâneo) estabelece relações entre a segunda língua e a interpretação conceitual dada *no começo* pela referência à sua primeira língua (na qual pensa), e, só depois de atingir graus de familiaridade mais próximos com a segunda língua, é que consegue estabelecer referências diretas, inconscientes e automáticas entre segunda língua e realidade. (TITONE, 1983: 122-3). Nesse

mesmo ínterim o mesmo autor destaca que parece aceitável uma observação de Dodson (1962: 33-7, apud, TITONE, ibid.):

> O aprendiz de uma segunda língua vale-se inicialmente de conceitos pensados na sua língua nativa, quando está aprendendo o significado das frases que ele ouve na língua estrangeira. Somente após uma prática e uma aplicação reiteradas das frases em língua estrangeira é que ele começa a depender cada vez menos dos conceitos pensados em sua língua materna, até, eventualmente, passar a 'pensar'na sua segunda língua.

2.4 Observando alguns dados

A nossa experiência como professora de espanhol permite-nos apresentar, a seguir, alguns exemplos de 'erros', os quais preferimos chamar de inadequações, observados em aprendizes de E/LE, falantes de P/LM. Os mesmos foram observados tanto em contexto formal quanto informal, e nas modalidades oral e escrita no processo de ensino–aprendizagem de língua estrangeira, durante aulas de espanhol em escolas da rede Municipal de Educação e na Universidade Federal de Alagoas.

As inadequações podem ser classificadas como ortográficas, fonético-fonológicas, lexicais, morfológicas, sintáticas e semânticas, como também textuais e discursivas, podendo haver subgrupos e intergrupos[24] entre estes apontados. Porém, dentre as inadequações encontradas, agrupamos apenas as *inadequações lexicais*, e dentro deste grupo classificamos três subgrupos quanto à inadequação na forma e no sentido, considerando como pontos críticos alguns tipos de erros que persistem mesmo em estágios avançados da aprendizagem de LE.

[24] Dizemos intergrupo pois alguns desses grupos e subgrupos podem estar inter-relacionados, por exemplo, no caso de serem encontradas inadequações léxico-semânticas, sintático-semânticas, concomitantemente.

2.4.1 Inadequações lexicais

2.4.1.1 Uso da forma[25] em português

Consideramos como uso da forma em português aquele que indica uma falta de contato com o item lexical em espanhol suficiente para que o aprendiz faça uso da mesma, decorrente do desconhecimento total da forma em espanhol, ou da aparente semelhança. Exemplos:

1. ... las mujeres pueden ***executar***. (em E: *Ejecutar, hacer*)
2. ... no son ***cumpridas*** en nuestro país. (em E: *cumplidas*)

2.4.1.2 Uso de uma forma mista

Este subgrupo se caracteriza pela presença inadequada de formas da LE, o que demonstra uma percepção e desenvolvimento no processo de aprendizagem da mesma. É a partir deste ponto que devem ser reforçadas a conscientização e a aplicação de metodologia e atividades específicas através da análise contrastiva sobre as semelhanças e as diferenças entre as duas línguas. Exemplos:

3. Hoy me he ***acuerdado*** del viaje que hicimos a Itália. (em E: *acordado*)
4. ... me acusa de ser exagerada en ***tudo*** aquello que ***haço.*** (em E: *todo/hago*)[26]
5. ... muchas gracias por ***el envite***. (em E: *la invitación*)

---

[25] A palavra forma usada nesta seção refere-se à substância da expressão, ou mais especificamente, ao elemento fônico ou gráfico do lexema.
[26] Salientamos que alguns desses exemplos podem fazer parte ou exemplificar mais de um subgrupo.

6. ... viajé al ***extrangero***. (em E: *extranjero*)

2.4.1.3 Inadequação léxico-semântica

Este subgrupo ou intergrupo, embora pareça, à primeira vista, que não apresenta nenhuma inadequação lexical, caracteriza-se como um dos mais complexos, pois envolve inadequações quanto à forma e ao sentido. Neste grupo, aparecem as sutilezas e o emaranhado de sentidos (primário, secundários, conotativo) que cada língua e cada cultura apresenta em seu léxico de forma muito peculiar. Referimo-nos, portanto, aos heterossemânticos, que, como já dissemos, na escala de dificuldade estão situados em um nível bem elevado, e que merecem uma atenção redobrada e um estudo voltado ainda mais para a leitura e produção de textos. É neste grupo que, em muitos casos, embora o aprendiz já se encontre em níveis avançados de aprendizagem de LE, permanece com determinados bloqueios e inadequações, tanto na compreensão como na produção oral e escrita. Exemplos:

7. ... os envio um regalo, es um ***esquisito*** mantel bordado. (em E: *hermoso, lindo*)

8. ... el ***preconceito*** está sólo en la cabeza de las personas. (em E: *prejuicio*)

9. El ladrón ***tiró*** de mi ***bolsa*** todo el dinero. (em E: *sacó/bolso*)

10. ... aunque no creas, ***ocorrió*** un hecho que me dejó muy ***aburrida***. (em E: *ocurrió/enojada*)

11. Mi amigo está muy ***embarazado*** hoy en el trabajo. (Neste caso, seria melhor usar *desordenado/perturbado*)

12. La secretaria está muy ***exquisita***. (A palavra adequada seria *rara/extraña*, pois exquisita tem sentido de deliciosa, de muito bom gosto, em E)

13. Le ***contestó*** que había ***borrado*** lo que estaba escrito. (*Contestar* em E é apenas 'responder' e não 'impugnar; opor' como em P; *borrar* é 'apagar' em E, e não 'deitar borrões; sujar, enodoar', como em P). (LEAL, 1997 : 7).

14. "***Tiro*** al aire um ***largo cuchillo***." (T*irar* significa 'atirar, jogar' em E, *largo* tem sentido de 'comprido' e não de 'largo' como em P, e, *cuchillo* não vem de 'cochilar, dormitar', mas significa simplesmente 'faca'. Este constitui-se como excelente exemplo, pois reúne três falsos cognatos, de Jorge Luis Borges, *apud* LEAL, 1997: 7, 8).

Nos dois últimos exemplos (13 e 14), observamos a incompreensão ou compreensão inadequada quanto ao sentido das palavras em destaque, assim como de toda a frase, por parte dos aprendizes, os quais, normalmente, tendem a transferir o sentido em sua LM para a LE.

Assim, neste capítulo, procuramos enfatizar a necessidade de se ensinar/estudar uma língua estrangeira próxima, tendo em vista as dificuldades que o aprendiz apresenta decorrentes tanto das interferências da LM na LE, principalmente pela transferência da forma (fonética ou gráfica), dos sentidos e dos elementos de cultura, como também dos aspectos intralingüísticos, ou seja, da própria estrutura interna da LE. E, desta forma, mostrar, muito sucintamente, através dos poucos exemplos acima, a validade de se analisar e aplicar princípios da análise contrastiva, a partir da produção e compreensão oral e escrita de alunos, com aulas e materiais que dêem ênfase ao contraste entre as línguas, com a finalidade superar as dificuldades, e promover a conscientização dos mesmos quanto às semelhanças e às diferenças entre o português e o espanhol, ou seja, quanto à distinção entre os pontos divergentes entre as duas línguas e à regularidade entre ambas, e, conseqüentemente, a superação desses obstáculos enfrentados durante o processo de ensino–aprendizagem, mesmo

sendo “tão próximas” as línguas, e a obtenção de uma competência lingüística e comunicativa satisfatória nessa língua estrangeira.

Reiteramos, portanto, a necessidade de se desenvolver uma metodologia específica, e materiais adequados ao ensino–aprendizagem do espanhol como LE, tendo em vista a inadequação de muitos destes à realidade dos falantes de português como LM, ou vice-versa, face a essa proximidade das mesmas e às sutilezas que as envolvem. Assim, nosso maior desafio como profissional nesse processo é perceber, observar e analisar a interculturalidade, as diferenças lingüísticas, étnicas e culturais, para que possamos interagir nessa aprendizagem com respeito, discernimento e conhecimento das particularidades de cada língua, de cada povo e de cada cultura.

III – POR UM TRATAMENTO DO SIGNIFICADO NO LÉXICO

3. Alguns porquês iniciais

No final do capítulo precedente, argumentamos a favor de um direcionamento teórico diferente a partir de agora, ou melhor, pretendemos voltar a nossa atenção para questões propriamente lingüísticas (descrição ou funcionamento da língua/linguagem) que embasem, posteriormente, as nossas análises. Reconhecemos que para questionar ou investigar sobre língua ou linguagem faz-se necessário, até certo ponto, delimitarmos determinadas questões que as envolvem, e assumirmos determinadas concepções sobre as mesmas condizentes com as nossas posturas científicas. Embora saibamos que essas posturas, em muitos momentos, fazem ativar os ânimos dos teóricos, provocando, algumas vezes, polêmicas infindáveis.

Perguntamos, então, que concepção de língua, linguagem e sujeito poderíamos assumir? Que postura teórico-lingüística pretendemos seguir? Dessa forma, as concepções de língua, linguagem e sujeito assumidas, o enfoque que damos a nossa pesquisa, a metodologia de trabalho e a bibliografia adotadas envolvem, de certa forma, um caminho possível para dar conta da descrição ou análise ou, num plano mais abrangente, do tratamento do fenômeno, e não a sujeição a uma determinada concepção ou teoria lingüística, ou ainda aquela que na prática pedagógica possamos assumir.

Portanto, pode-se conceber a linguagem como instrumento de comunicação que vê a língua como código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam através de regras, transmitindo ao receptor uma mensagem. Nessa concepção, inserimos a visão de Saussure, que concebe a linguagem como algo heterogênea, multiforme e heteróclita, mas, ao mesmo

tempo, física, fisiológica e psíquica e, além disso, pertencente ao domínio individual e social, cuja prática *repousa* numa faculdade dada pela natureza. A língua, segundo Saussure, é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, e que não existe a não ser através de um relacionamento entre os indivíduos da comunidade. Assim, pode-se afirmar que a língua é um acervo lingüístico, uma instituição social e uma realidade sistemática e funcional. A sua natureza é concreta, pois pode ser observada ou estudada, ou seja, é objeto de conhecimento, é também homogênea, pois se constitui num sistema de signos nos quais o que existe, essencialmente, é a união do sentido e da imagem acústica, e estas duas partes são igualmente psíquicas. Baseando-nos nisto, veremos, a seguir, um resumo dos estudos em semântica, e, posteriormente, como é vista ou analisada algumas propriedades da língua ou, mais especificamente, do signo lingüístico dentro desta concepção, basicamente, traçando um caminho teórico no qual nos apoiamos para nosso estudo.

3.1 Os estudos semânticos e o problema do significado

3.1.1 As semânticas[27]

A semântica, sendo um ramo da Lingüística relativamente recente do ponto de vista puramente científico, é, sem dúvida, uma das áreas mais complexas dos estudos lingüísticos e, talvez por isso, não tenha atraído tantos estudiosos ou curiosos do estudo da linguagem como ocorre em outras áreas, embora seja, inegavelmente, uma das mais antigas preocupações e

[27] Os comentários abordados nesta seção foram baseados principalmente em Olano (1996), Marques (2001) e Guiraud (1975).

curiosidades do homem – perguntar e saber, desde a mais tenra idade, sobre o significado, o sentido das palavras, das frases, dos enunciados, etc., em determinada língua.

De modo geral, a semântica aborda três ordens principais de problemas semânticos: um problema psicológico, um lógico e um lingüístico, isso porque a palavra, como ramo especial do estudo da linguagem originariamente, passa a ser estudada por psicólogos, lógicos e lingüistas ou semanticistas, ou porque estes últimos se beneficiam de outras ciências interdisciplinares como da psicologia e da filosofia para o estudo do significado. Dessa forma, a semântica participa diretamente de três ciências distintas: a psicologia, a lógica e a lingüística, que estudam cada uma dentro da sua área o seu tipo de problema semântico.

3.1.1.1 Semântica filosófica

A semântica é um dos caminhos que possibilitam à filosofia compreender como o ser humano elabora representações simbólicas do mundo, como organiza e estrutura essas representações, baseando-se em princípios capazes de estabelecerem a aceitabilidade e a coerência dessas representações simbólicas, objetivas e subjetivas, de dados da realidade. Baseada na semântica, a lógica pode explorar os mecanismos de avaliação e determinação de relações e valores simbólicos, especialmente as condições de verdade proposicional e de predicação, de sentenças e entre sentenças, de enunciados e entre enunciados. (MARQUES, 2001: 16).

As questões da semântica filosófica foram principalmente desenvolvidas por matemáticos e físicos como, por exemplo, Rudolf Carnap, Hilbert, Cassirer. Porém, desde os filósofos do tempo de Sócrates, Platão e Aristóteles, houve interesse pelo significado, já que

este envolve, necessariamente, questões filosóficas vitais, como a natureza da verdade, o *status* de conceitos universais, a análise da realidade. Ou seja, quais são as relações do signo com a realidade? Quais são as regras que garantem uma verdadeira significação?, além de outras questões dessa natureza.

Platão, em seu diálogo *Fedro* (s.d.), já fazia menção à mudança de sentido nas palavras. Segundo ele, os antigos, inventores dos nomes das coisas, deram à arte de prever o futuro o nome de *'maniké'*, *'mania'*, considerando-a como uma dádiva dos deuses, um bem. Os contemporâneos, não entendidos das belas palavras, introduziram um *"t"* nessa palavra sem nenhum propósito, transformando-a em *'mantiké'*, a arte divinatória. Da mesma forma ocorreu com a palavra *'oionoistikê'* = previsão, que em Grego moderno, mudando o antigo "o" no enfático "ô", resultou em *'oiônoistikê'* = adivinhação. Ou seja, Platão já questionava sobre a mudança de sentido provocada por mudanças fonéticas ou fonológicas. Segundo comentaristas, porém, esta derivação etimológica feita por Platão é mais poética do que verdadeira.

Segundo Aristóteles (apud GUERREIRO, 1985), os erros de interpretação causados pelo uso da linguagem são procedentes de confusões entre o significante (semainon), o significado (semainomenon) e os referentes ou coisas significadas (ta semainomena). Na visão aristotélica, existe uma infinitude de coisas, porém um número finito de palavras numa língua. Dessa forma, um conceito pode ser comunicado através de diferentes palavras, assim como uma palavra pode ter diferentes significados. Isso pode provocar confusão, "na medida em que o significante permanece inalterado enquanto o significado varia juntamente com o referente designado por ele". (GUERREIRO, 1985: 12).

A questão que os gregos se propunham, e que até hoje permanece, é que para eles a relação semântica que liga as palavras às coisas é a de "denominar", decorrendo daí a controvérsia filosófica entre nominalistas e realistas, na qual estes diriam que as coisas às quais damos o mesmo nome teriam algumas propriedades 'essenciais', comuns, por nós identificadas, enquanto aqueles diriam que elas não têm nada em comum a não ser o nome que lhes damos por convenção. A questão, assim, era: os nomes das coisas são de origem "natural" ou "convencional"?

O termo 'vaca', por exemplo, poderia ser definido através de uma classificação biológica de gênero e espécie, mas essa questão começa a ser mais problemática com outros termos, como 'mesa', devido a sua variação quanto à forma e tamanho, quanto ao material de que são feitas e quanto à sua finalidade. Esse problema também surge ao depararmo-nos com palavras ditas abstratas como 'verdade, beleza, bondade'. (LYONS, 1979: 426-7).

3.1.1.2 Semântica geral ou psicossociológica

A semântica geral ou psicossociológica do signo estuda os princípios gerais que dirigem a comunicação humana. Ou seja, como e por que nos comunicamos? O que ocorre em nosso espírito e no de nosso interlocutor quando nos comunicamos? Qual é o substrato e o mecanismo fisiológico e psíquico dessa ação? A semântica geral pretende explicar desde os métodos aos hábitos e problemas vivenciais diários, o que para Korzybski (1941) trata-se principalmente de uma técnica psicoterápica que abrange desde uma dor estomacal até um conflito social, desde que expressos e racionalizados através de palavras.

De acordo com a semântica geral de Korzybski, toda reação psicológica constitui uma resposta a um signo, é uma 'reação semântica', e a palavra deve ser tomada em seu sentido mais amplo. A noção de semântica nesta visão toma, portanto, uma grande extensão, e a semântica geral de Korzybski visa principalmente destacar os princípios de uma pedagogia e de uma terapêutica dos defeitos da comunicação humana. (GUIRAUD, 1975: 109-10).

3.1.1.3 Semântica lingüística

Por fim, temos a semântica lingüística. Como tal, estuda a natureza e a função das palavras no processo da comunicação lingüística, limitando-se ao sistema lingüístico em si mesmo. Ou seja, como sendo a semântica por excelência, estuda as palavras no seio da língua ou de cada sistema de signos, de acordo com as suas regras específicas referentes a sua natureza e a sua função, analisando o que é uma palavra, quais são as relações entre a forma e o sentido de uma palavra, e as relações entre as palavras.

Em virtude da crescente especialização em cada área do conhecimento científico, está cada vez mais difícil uma ligação entre as três semânticas. Porém, uma cooperação sistemática, envolvendo dados filosóficos, psico-sociológicos, lingüísticos ou de outra natureza, certamente levará a uma melhor compreensão dos fenômenos semânticos ora estudados.

A cooperação que precisamos das três semânticas, ora mencionadas, para o nosso trabalho, não exclui nenhuma delas, mas exige um direcionamento mais estrito e profícuo dentro da perspectiva da semântica lingüística e, mais especificamente, da semântica lexical, dentro da linha semântica que nasce com o pensamento de Saussure. Justificaremos a nossa

escolha estabelecendo etapas da semântica, e observando algumas distinções entre ‘significação’ e ‘sentido’, ‘ter sentido’ e ‘ter significado’, termos que não devem ser confundidos, exigindo, assim, uma delimitação para o nosso estudo.

Segundo Guiraud (1975), a significação é um “processo psicológico”, enquanto que o sentido é a imagem mental que resulta do processo, ou seja, tem valor estático. Dessa forma, como a significação se identifica com a psicologia, a este campo dedica-se, então, a semântica geral ou psico-sociológica do signo, enquanto que a semântica lingüística dedica-se, essencialmente, ao estudo do sentido das palavras, tendo o seu ponto de partida no estudo das mutações de sentido.

De acordo com Lyons (1979), é possível estabelecer uma, senão muitas, distinções entre ‘ter sentido’ e ‘ter um significado’, pois sentido aplica-se mais à frase e sintagma enquanto que significado aplica-se à palavra. Com isso, chama-se a atenção para os significados de ‘significado’ e a maneira de ver de filósofos e lingüistas sobre esta questão.

Os filósofos apropriam-se das noções de palavras e frases, e têm o significado como condição de verdade, ou seja, estudam as relações do signo com a realidade, enquanto que os lingüistas reconhecem que as palavras e as frases não são as únicas unidades gramaticais a serem estudadas, mas que se deve observar a questão geral, ou seja, como as várias espécies de unidades gramaticais (fonologia, morfologia, sintaxe, etc.) se relacionam com as da análise semântica. Ou, ainda, como em um deslocamento de sentido as outras unidades gramaticais interferem no item lexical, mesmo em línguas diferentes.

Tendo seu ponto de partida no estudo das mutações de sentido, a semântica lingüística estende o seu domínio para novos direcionamentos, como a teoria do signo lingüístico, função psicossocial da linguagem, estruturas lexicológicas e outras, obnubilando, no entanto, uma

terminologia ameaçada desde a sua origem e, porque não dizer, obscurecendo, por vezes, o seu objeto de análise – o significado. Veremos, a seguir, algumas etapas da semântica lingüística e seus direcionamentos teóricos.

A partir de uma concepção de semântica como estudo do significado, constata-se que a preocupação pelo significado existe desde a antigüidade clássica e desenvolveu-se até nossos dias, embora através de enfoques diferentes e de maneira não-linear. O ano de 1897, data em que o francês Michel Bréal publicou sua obra titulada *Essai de sémantique*, serve como linha divisória entre dois grandes períodos da evolução histórica da semântica. A partir desta data, também o nome *semântica* passa a ser utilizado como moderna designação dos estudos sobre o significado, portanto, da disciplina lingüística. Temos, assim, dois grandes períodos:

A) *Pré-semântica*, no qual os estudos sobre o significado atraem especialmente filósofos e lógicos. Dentro deste período temos mais quatro etapas temporais: 1) A Antigüidade; 2) A Idade Média; 3) O Renascimento e 4) Os Séculos XVII a XIX.

Na Antigüidade e na Idade Média, os questionamentos voltam-se principalmente para a natureza convencionalista e naturalista da linguagem, e, portanto, já havia o intento de conhecer a origem das palavras e a relação entre o significante e o significado. As mudanças de significados também foram tratadas pelos gregos, mas, principalmente, como meios retóricos e estilísticos. No Renascimento, revitalizou-se o aprofundamento nas línguas clássicas: grego e latim. A publicação de gramáticas e dicionários das línguas vulgares (línguas européias) resulta no surgimento de uma preocupação pelo parentesco das línguas, assim como a constatação da sua diversidade. Ao comprovar a evolução das diferentes línguas, conseqüentemente, as mudanças de significado foram tratadas nesse período. Entre os séculos XVII e XVIII, surgem as gramáticas gerais, como a Gramática de Port-Royal, escrita

por Claude Lancelot, com a colaboração de Antoine Arnauld, em 1660, as quais partem do fato de que todas as línguas têm uma base comum, porque todas têm por objeto permitir aos homens 'significar', fazer conhecer uns aos outros seus pensamentos. A influência da Gramática de Port-Royal nas pesquisas de lingüistas posteriores, como F. de Saussure e, especialmente, N. Chomsky, é notável, dando lugar às diferentes conseqüências da gramática gerativa.

B) *Semântica propriamente dita*: neste período os estudos sobre o significado se encontram mais nas mãos de lingüistas. Aqui também distinguem-se quatro etapas que se sucedem no tempo mas que respondem a outras tantas correntes teóricas: 1) etapa evolucionista, 2) etapa pré-estruturalista (mista); 3) etapa estruturalista e 4) etapa dos modelos lingüísticos. Destas, comentaremos sucintamente apenas as duas primeiras[28].

No início da etapa evolucionista, destacamos a insistência de Reisig (1825) nos estudos de semasiologia ou estudo do significado que, junto com a etimologia e a sintaxe, formariam os três domínios principais em que se dividiu a gramática. É nesse período que realmente tem-se a impressão de que está nascendo uma ciência completamente nova, com seu precursor Bréal. Nesta etapa, não havia homogeneidade no plano teórico, pois, dependendo do conceito que os lingüistas tivessem de linguagem, vinculariam a semântica às ciências naturais (língua como organismo vivo) ou às ciências históricas, como o fez Bréal. Destacamos também a importância de A. Meillet (1921) ao mostrar sua concepção sociológica da semântica, reclamando sua vinculação às ciências sociais. Importante ainda, e já no séc. XX, foi a obra de Wilhelm Wund, que, como principal representante da tendência

[28] Sugere-se que, sobre as demais etapas da semântica, assim como sobre os demais tipos de enfoque, tendências ou perspectivas, leia-se Olano (1996), Marques (2001), Oliveira (2001) e Trujillo (1996).

psicológica, distingue as mudanças de significado que são intencionais e, portanto, individuais, daquelas mudanças que, por serem inconscientes, são mudanças gerais.

As idéias de Wund são retomadas por P. Guiraud (1955) ao estabelecer a diferença entre mudanças produzidas por nominação e por evolução. No entanto, o ponto culminante desta etapa surge em 1931, com Gustav Stern, o qual apresenta uma nova classificação das mudanças semânticas, a partir da perspectiva semiológica, levando em consideração as relações entre as palavras, rompendo a tradição do estudo da evolução do significado em palavras isoladas. Posteriormente Stephen Ullmann (1962), adaptando esse enfoque, reclassifica as mudanças semânticas a partir de um esquema semiológico mais de acordo com as teorias de Saussure.

Convém destacar a figura deste último lingüista, Ferdinand de Saussure, cujas teorias promoveram uma revolução interna dentro da lingüística como um todo e tiveram grande repercussão na semântica. Até os anos 30 do século XX, quando a influência de Saussure tornou-se manifesta, os estudos semânticos estavam centrados exclusivamente na classificação das mudanças de significado e na busca de leis que as governassem. Só em 1931, com o primeiro estudo de J. Trier sobre os campos semânticos, abriu-se o caminho para uma semântica estrutural, graças à forte influência das teorias de Saussure.

Na etapa pré-estrutural, compreendida entre 1931 e 1957, os estruturalistas consideram a possibilidade de uma semântica estrutural, produzindo-se uma volta espetacular através de estudos em semântica descritiva e estrutural, como por exemplo L. Hjelmslev com seu trabalho *Para uma semântica estrutural*. Deve-se ressaltar que esta virada até a semântica estrutural se produz sem que se interrompam os estudos sobre a semântica histórica. Daí provém a denominação deste período como *etapa mista*, já que coexistem duas perspectivas

de estudo semântico: o evolucionista e o sincrônico. Com o intento de integrar ambas as perspectivas, alguns autores apresentaram em suas obras esta integração, como Ullmann e Guiraud. Este último, em sua obra *A semântica*, dedica alguns capítulos às mudanças de sentido, suas formas e causas, porém, expõe também enfoques estruturais conhecidos. Por sua vez, a teoria de Ullmann pode considerar-se como 'ponte' entre ambas as margens – a semântica tradicional e a semântica estrutural –, sendo reconhecida sua semântica por alguns autores como tradicional e estrutural (Baldinger e Weinrich) e como um modelo estruturalista 'clássico' da sua teoria ou a gramática de uma língua particular (Brekle). (apud OLANO, 1996).

Diante da perspectiva no tempo – diacrônica e sincrônica – essas duas orientações metodológicas na descrição lingüística diferenciam os dois blocos na semântica: a) a *semântica diacrônica* ou *histórica* e b) *semântica sincrônica* ou *descritiva*. A primeira centra suas questões no aspecto histórico do significado, e, conseqüentemente, investiga sobre as mudanças do significado, seus tipos e causas. Acreditamos estar de certa forma dentro desta perspectiva, tendo em vista o fato de observamos alguns aspectos históricos nas palavras heterossemânticas do português e do espanhol desde a sua origem ou etimologia, como também os aspectos relacionados às mudanças de sentido das mesmas. Na perspectiva sincrônica ou descritiva, a metodologia centra-se na descrição, tendo em vista um determinado 'estado' da língua sem levar em consideração as modificações que possam ter ocorrido. Consideramos que nos voltamos também para a perspectiva sincrônica, embora levemos em consideração as mudanças ocorridas, pois, a partir da observação de alguns fatos históricos, como a etimologia, as mudanças ou deslocamento de sentido que ocorreram nessas palavras, observamos sobretudo a possível relação de polissemia e homonímia como fatores

que podem explicar a existência de palavras heterossemânticas em línguas próximas, analisando o seu campo associativo, face às mudanças semânticas que se apresentam. Seria pois a polissemia e a homonímia uma das aplicações na perspectiva da semântica sincrônica. (OLANO, 1996: 294).

Dentro da semântica sincrônica, podemos observar cinco subdivisões, as quais atendem ao modelo teórico sobre os quais se fundamentam. 1) Semântica tradicional; 2) Semântica associativa; 3) Semântica estrutural; 4) Semântica interpretativa e semântica gerativa; 5) Semântica pragmática. Os três primeiros tipos de semântica correspondem a uma concepção do significado em si mesmo e centram-se na palavra isolada, embora variem em seu modelo de descrição pois, progressivamente, estendem-se às relações que envolvem cada palavra com suas vizinhas conceituais. No entanto, o estudo fica centrado na palavra ou no lexema, investigando-se a relação entre a palavra e a idéia que representa (conceito).

A semântica tradicional abarca os estudos iniciados no fim do século XIX até meados do século XX. Voltada para o estudo do significado com uma orientação histórica, também estudou o significado em si em palavras isoladas e com procedimento não estrutural. Utiliza duas disciplinas lexicológicas que correspondem ao conceito de significado como relação entre o nome ou palavra e o significado ou conceito. Essas disciplinas são a *semasiologia* (teoria do significado) e a *onomasiologia* (teoria da designação).

A semasiologia considera a relação entre o plano da expressão e o plano do conteúdo, partindo da expressão. Estuda, portanto, as relações entre o significante *abate*, por exemplo, e os significados que este tem em uma língua. *Abate* = conteúdo 1; conteúdo 2; conteúdo 3; ... A onomasiologia, por sua vez, estuda a relação entre os planos da expressão e do conteúdo, partindo do conteúdo. Estuda, assim, as relações entre um significado e os significantes com

os quais está representado em um língua, como, por exemplo, como o significado '*ensino*' pode expressar-se com diferentes significantes (palavras ou lexemas). Ullmann, vislumbrando a possibilidade de partir do estudo do significado ('campos semânticos'), admite a complementaridade destes dois métodos. Porém, em nossa pesquisa, seguimos o modelo de descrição dentro da relação semasiológica, ou seja, partimos do plano da expressão entre lexemas substancialmente idênticos entre duas línguas para os significados que estes possuem em cada língua.

Chegamos, por fim, à semântica associativa. Seu nome provém da defesa, por parte de seus investigadores, do estudo das associações que existem nas palavras. Os princípios teóricos desta escola semântica remontam às teorias associacionistas (psicológicas) dos neogramáticos. Pode-se afirmar que Saussure bebeu também destes princípios, pois concebeu o signo como a associação entre um significante e um significado. Do mesmo modo, as relações associativas e sintagmáticas de Saussure podem comparar-se com as associações de Hermann Paul (1846-1921), que afirma*: as palavras estão unidas entre si por*: 1. *associações de semelhança* e 2. *associações de contigüidade* e se formam *famílias ou sistemas*.

Esta escola semântica estuda as associações que se produzem em cada palavra e defende que em cada palavra pode-se encontrar quatro tipos de associações: *o sentido de base, o sentido contextual, o valor expressivo e o valor sociocontextual*, sendo estas últimas associações extra-nocionais. Voltamos a enfatizar que em nossa análise esses tipos de associações ou noções de sentido de base e expressivo são sempre mencionados, destacando-se assim a importância desta corrente teórica. Esta é também considerada como pré-estrutural, pois abandona o estudo do significado na palavra isolada e tenta sua investigação levando em conta o significado das palavras que a elas se associam.

Além dos estudos sincrônicos, propuseram-se também estudos diacrônicos dentro desta perspectiva. Nestes, se analisam as mudanças de significado explicando-as através das associações em cada palavra, defendendo-se que cada uma destas associações pode desenvolver-se até deformar o sentido de base e substituí-lo totalmente. Aqui, destacamos novamente a figura de Ullmann que tenta explicar as mudanças semânticas através das associações entre as diferentes palavras, estendendo, portanto, a área da investigação ao que se denominou o 'campo associativo', de que trataremos mais adiante. Destacamos as seguintes palavras de Ullmann: "a atenção passou de palavras solitárias às unidades mais amplas, os chamados 'campos associativos' a que pertencem". (apud OLANO, 1996: 65). Por isso, nossa atenção volta-se totalmente para esta semântica, ou para esta corrente teórica, tendo em vista a adequação da mesma ao nosso objeto de estudo. Desnecessário, portanto, acreditamos ser continuarmos tratando de outras perspectivas já que não nos voltamos diretamente a elas.

Diante da multiplicidade de semânticas que expusemos até o momento, nosso estudo centra-se na semântica lexical, já que nossa unidade objeto de estudo é o lexema, não exclusivamente isolado, mas não totalmente combinado, pois não nos detemos exaustivamente no contexto ou em outros fatores que envolvem a combinação entre lexemas. Voltamo-nos, de um lado, para uma perspectiva diacrônica, pois tratamos das mudanças de significado, embora não se deixe de lado a semântica sincrônica ou descritiva, como salientamos anteriormente. Seguiremos, preferencialmente, a semântica pré-estrutural, dentro da perspectiva teórica da semântica associativa, embora não signifique isto que ignoramos, completamente, determinados aspectos da semântica tradicional e estrutural.

3.2 Teorias do signo lingüístico

3.2.1 A língua: forma, sentido e distribuição

Saussure (1922) considera a língua como um *sistema de signos* formados pela *união do sentido e da imagem acústica*. Podemos dizer, então, que a natureza do signo lingüístico é a combinação do conceito e da imagem acústica, entendendo-se por imagem acústica a impressão psíquica desse som e não o som material ou coisa puramente física, e, por sentido, entenda-se o conceito, a idéia ou a representação mental de um objeto ou da realidade social, representação esta condicionada pela formação sociocultural na qual estamos inseridos desde muito cedo. Saussure estabelece, portanto, que o signo é uma unidade psíquica constituída por duas faces ou elementos: significante e significado, os quais estão intimamente unidos, e um reclama o outro. Vale ressaltar que uma das críticas à bifacialidade do signo foi a de Saussure não ter considerado, na sua teoria, a coisa significada, ou o referente. No entanto, se considerarmos essa relação como sendo *triádica*: *símbolo* (significante), *pensamento ou referência* (significado) e *referente ou coisa* (OGDEN E RICHARDS, 1972, apud CARVALHO, 1997), deve-se levar em conta que, como Saussure disse, a relação entre significante e significado é arbitrária, portanto não existe um vínculo direto entre o referente e o símbolo nessa relação, até porque podemos ter uma substância fônica com vários/distintos significados (polissemia/homonímia), e/ou um significado com várias substâncias fônicas (sinonímia). Isto não significa, no entanto, que não levamos em conta o referente, seja este considerado ou não extralingüístico. Poderíamos dizer, baseados em Lyons (1979: 429) que "as palavras não 'significam' nem 'denominam' as coisas, mas se referem às coisas".

Saussure afirma que a língua é forma, e não substância. Segundo ele, a lingüística trabalha no terreno limítrofe onde os elementos das duas ordens se combinam (som e pensamento); esta combinação produz uma forma, não uma substância. (SAUSSURE, 1922: 131, 141). A forma se constitui pela teia de relações entre os elementos lingüísticos. Porém, tornando nossas as palavras de Saussure, quando diz que "não podendo captar diretamente as entidades concretas ou unidades da língua, trabalharemos sobre as palavras," (Idem, 132), trataremos, portanto, mais especificamente de palavras, léxico, vocabulário, e assumimos aqui que esses termos devem ser precisados.

Ao tratar da comparação de sistemas de vocabulário, Lado (1972) cita três aspectos das palavras: forma, sentido e distribuição. Para ele, estes são aspectos vitais no ensino de uma língua.

A forma das palavras abrange a maneira de manifestação, e a maneira de propriedade, identificadas pelos indivíduos da cultura. Em todas as línguas naturais, a forma consiste de segmentos fônicos, intensidade e altura, e varia de acordo com a situação, rapidez da fala, posição na frase, posição quanto à intensidade.

Reconhecemos, contudo, que a noção de forma não se restringe a isso, pois Lado refere-se aqui à forma da expressão, e não à forma do conteúdo. Como sabemos, na lingüística moderna, a primeira noção de forma surge com Saussure, o qual afirma que qualquer elemento da língua, um fonema, um morfema, por exemplo, deve ser definido pelas suas relações com outros elementos do mesmo sistema e pela sua função no interior desse sistema – forma (estrutura, essência), e não à base de suas propriedades físicas, como o modo de formação, estrutura acústica – noção de substância. Ou seja, a língua não é um sistema de conteúdos, pois não existe um "nível" semântico, mas um sistema de normas e de regras, isto

é, de valores (LOPES, 2000: 79). A noção de forma (estrutura), entretanto, não exclui o componente semântico, pois este é que dá sentido à noção de forma. Se pensarmos nos exemplos *'O menino chutou a bola'* e *'A bola chutou o menino'* veremos que "ambas têm uma realização sintaticamente coerente de um dos padrões frasais básicos da língua portuguesa, isto é, sujeito + verbo + objeto direto." No entanto, só a primeira teria coerência semântica, pois apenas a primeira tem "correspondência conceitual lingüística no espírito do falante", só ela contém uma verdade semântica confiável, uma coerência significativa, como afirma Elia (apud, CARVALHO, 1997: 68). Desse modo, concebemos forma como *coerência sintática* + *coerência semântica*. Numa frase, porém, como 'Vô comprá dois pão' e 'Vô comprá dois bão', apesar da alteração na substância em ambas, e suas estruturas continuarem sendo de uma frase da língua portuguesa, só a primeira também teria coerência significativa.

A observação desses dois pares de sentenças leva-nos a uma observação. No segundo exemplo do primeiro par, além da incoerência semântica, poderíamos supor que esta incoerência estaria também nas relações entre termos lingüísticos, ou seja, entre as combinações no sintagma. Já no segundo par, a incoerência na segunda frase estaria apenas na palavra 'bão', ou seja, em um paradigma. Assim, as relações da primeira seriam sintagmáticas, no discurso, ou ainda, *in praesentia*, enquanto que na segunda, estariam *in absentia*, fora do discurso, ou seja, numa série mnemônica virtual, através de relações associativas. Será principalmente nesta última relação que nos basearemos, embora não excluamos a outra em alguns momentos. Preferimos, no entanto, retomar essa questão ao falarmos em relações associativas.

Para Hjelmslev, a forma é "um conjunto de subdivisões do contínuo fônico ou semântico que permite localizar de maneira distintiva as configurações que correspondem às

diversas unidades dotadas de valor lingüístico". (CARDONA, 1991: 119). Hjelmslev estende as noções de forma e substância tanto ao plano da expressão como ao plano do conteúdo. O conceito de forma equivale, portanto, à estrutura, à essência relacionada abstrata que cada língua impõe à mesma substância. Como exemplo de forma, no plano do conteúdo, teríamos os diferentes adjetivos para o contínuo físico do arco-íris (o significado) e, no plano da expressão, seriam os tipos de combinações fonológicas possíveis em uma língua dada (o significante).

A substância, ao contrário, é tudo o que não é forma. Conseqüentemente, no plano da expressão, a substância será a massa fônica ou continuum acústico amorfo que estará estruturada como forma pela língua (o som). No plano do conteúdo, a substância é o contínuo físico do arco-íris (mesmo espectro físico) de longitudes de ondas luminosas, igual para todos os homens, mas que se decompõe em número de adjetivos diferentes dependendo das línguas (o designatum). Esta substância, que também é um continuum amorfo, segundo Saussure, é constituída por uma nebulosa ou massa de pensamentos e emoções que os homens têm em comum, independentemente da língua que falam. Baseando-nos em Lopes (2000: 95), resumiríamos estas explicações no *Quadro 9*, a seguir:

SIGNO	Plano do Conteúdo	Substância do Conteúdo (SC) = Designatum
		Forma do Conteúdo (FC) = Significado
	Plano da Expressão	Forma da Expressão (FE) = Significante
		Substância da Expressão (SE) = Som

Quadro 9: Os Planos do Conteúdo e da Expressão

> A língua cria formas a partir de duas substâncias amorfas, o designatum e o som, que ela reúne, combina e formaliza como signos (DOMERC, 1969: 102-3). A língua prende numa rede de relações internas essas duas

> substâncias e como que as internaliza para que elas possam participar de um sistema abstrato; é nesse sentido que as duas partes do signo – o significante e o significado – são psíquicas, na terminologia de Saussure. (apud LOPES, 2000: 95).

Toda esta explicação sobre as noções de forma e substância serve-nos para analisarmos as diferenças entre as línguas. Segundo Hjelmslev, 'cada língua estabelece seus próprios limites dentro da *massa de pensamentos* amorfa'. Efetivamente, se a substância é a mesma, cada língua dar-lhe-á uma forma diferente, já que cada língua segmenta e denomina diferentemente a experiência que os homens têm do mundo. (OLANO, 1996: 92).

Da mesma maneira que a forma (ao nosso ver, Lado se refere à forma da expressão), o sentido (que neste caso seria a forma do conteúdo) é também modificado e determinado pela cultura, pois expressa o mundo no qual está inserido o indivíduo que fala a língua em questão. (RECTOR, 1986: 153).

O sentido, segundo Lado (1972: 109), não é o mesmo em todas as línguas, engano que até pessoas instruídas cometem, por acreditarem que as línguas diferem apenas nas formas usadas para tais sentidos, quando, "na verdade, os sentidos em que classificamos nossa experiência são determinados ou modificados culturalmente e variam consideravelmente de cultura para cultura". (LADO, ibid.).

Sobre a questão do sentido, Lyons (1979: 58) diz que assim como um pedaço de argila pode ser moldado em objetos de formas e tamanhos diferentes, a substância – meio pelo qual se fazem as distinções e as equivalências semânticas – pode ser organizada em formas diferentes, em diferentes línguas. Assim, apesar de as substâncias do conteúdo e da expressão serem praticamente as mesmas para todas as línguas naturais, a forma do conteúdo e da expressão diferem de língua para língua.

Há, portanto, duas questões diferentes com relação ao sentido. A primeira refere-se aos sentidos que podem ser encontrados em uma língua ou cultura, mas que podem não existir em outra. Por exemplo, o sentido 'cavalo' passou a existir nas línguas indígenas americanas depois que a conquista e a colonização espanhola trouxeram cavalos para a América, da mesma forma que os europeus não conheciam os sentidos 'milho' e 'batata', antes desses produtos serem transportados da América para a Europa. Esta questão diz respeito a empréstimos, que são termos cedidos de uma língua para outra.

A segunda questão, já discutida anteriormente, tem relação com a estruturação da forma e da substância, levando-se em conta as questões de ordem cultural, como relativismo lingüístico – ou hipótese Sapir-Whorf. Os esquimós, por exemplo, distinguem vários tipos de neve, usando palavras diferentes para expressar essas distinções. Dessa forma, os falantes de uma determinada língua que não tiveram contato expressivo com a língua dos esquimós podem presumir que os sentidos são os mesmos e que serão classificados do mesmo modo que na sua LM, não distinguindo, portanto, os vários tipos de neve e as palavras que diferenciam essa tipologia. Isto é, a substância é a mesma, 'a neve', porém a forma do conteúdo e da expressão do signo 'neve' diferem de língua para língua. Outro exemplo, expresso por Olano (1996: 93), são as 200 expressões que existem no dialeto dos gaúchos argentinos para analisar a diversidade da pelagem dos cavalos, enquanto que em Espanhol encontraríamos apenas uma dúzia de termos simples, como *alazán*.

A distribuição compreende o modo como são distribuídas as unidades em determinada língua, quanto ao tempo, ao espaço, aos vários níveis sociais, e aos estilos de fala e escrita. Exemplo disso são algumas palavras usadas na poesia: a forma como, muitas vezes, estão distribuídas não são usadas no dia a dia, numa conversa comum.

Portanto, embora não nos detenhamos neste aspecto para a nossa análise, reconhecemos que as unidades lingüísticas não existem isoladas. Elas aparecem em contextos e estão submetidas às suas pressões, ou seja, as partes dependem do todo de que participam, ou do qual fazem parte. Isto é, as palavras em uma determinada frase não estão distribuídas ao acaso, mas em posições determinadas. Por isso, afirma-se que os elementos possuem uma distribuição característica, e essa distribuição pode ser diferente em diferentes línguas. No SN (sintagma nominal) em português, por exemplo, o artigo vem anteposto ao substantivo: 'o lobo' (Art + N). Em romeno, o artigo se pospõe ao nome ao qual se refere: *lupul*, 'o lobo' (N + Art)[29]. (LOPES, 2000: 86, 95).

Segundo Lado (1972), os falantes de uma língua trazem consigo os hábitos das restrições em distribuição, assim como línguas diferentes têm restrições diferentes. Dessa forma, as restrições em distribuição não são exatamente as mesmas em português e espanhol. Existem, entre ambas, restrições quanto à ordem de alguns constituintes, por exemplo em: 'Quiero ver**te**' ou '**Te** quiero ver' = 'Quero ver-**te**' ou 'Quero **te** ver'; 'Estoy explicándo**le**' ou '**Le** estoy explicando' = 'Estou explicando-**lhe**' ou 'Estou **lhe** explicando'. Nestes exemplos, nota-se que a posição do clítico com infinitivos e gerúndios difere entre as duas línguas.

Assim, no contexto de ensino-aprendizagem de uma LE, faz-se necessário, portanto, observar, comparar e analisar a mesma em forma, sentido e distribuição com a LM, visto que "toda língua articula a realidade a sua maneira, criando sua própria visão da realidade e estabelecendo seus próprios conceitos únicos". (TRIER, apud OLANO, 1996: 93). Ou, ainda, "as diferentes línguas decompõem e sistematizam de diferente maneira o mesmo material." (TODOROV, apud OLANO, 1996: 93). Coseriu (apud OLANO, 1996: 93) também afirma

[29] O artigo em Romeno, para o nominativo, é *l* ou *ul*, de acordo com a terminação da raiz nominal.

que (i) as línguas não estruturam as mesmas 'realidades', (ii) as delimitações das mesmas 'realidades' são nelas diferentes, (iii) os princípios mesmos de estruturação e delimitação são freqüentemente diferentes.

3.2.2 A cultura: forma, sentido e distribuição

A cultura, num sentido amplo, é entendida como os costumes de um povo, ou seja, "são sistemas estruturados de comportamento padronizado". (LADO, 1972: 149). Kluckhohn e Kelly (apud LADO, 150) definem cultura como 'todos os esquemas de viver historicamente criados, explícitos e implícitos, racionais, irracionais e não racionais, que existem em qualquer tempo determinado como guias potenciais para o comportamento dos homens'.

Dessa forma, as atitudes de comportamento pelas quais uma cultura se manifesta nunca são iguais, e as unidades de comportamento que formam os esquemas de cada cultura possuem também forma, sentido e distribuição peculiares. Assim, do mesmo modo que transfere os sentidos da língua materna para a língua estrangeira, o aprendiz também transfere elementos da sua cultura para a cultura estrangeira.

Segundo Lado (1972), os costumes de um povo são elogiados por esse mesmo povo, porém olhados com desaprovação ou suspeita pelos outros, e, em ambos os casos, existe pouca compreensão do que esses costumes são e do que significam. É comum um estrangeiro não compreender ou se surpreender com determinados costumes de outras culturas ou povos, pois não entende de imediato o que ouve/vê, ou entende de forma diferente o que estes significam. Os membros de uma cultura identificam funcionalmente as formas dos padrões de sua cultura, embora esses indivíduos sejam, por vezes, incapazes de definir rigorosamente as

próprias formas que conseguem identificar. Por exemplo, os indivíduos que dizem "I'm eating breakfast" (Eu estou tomando o café da manhã) podem não ser capazes de definir *breakfast* 'café da manhã' para nós, ou fazê-lo sem exatidão.

Assim como as formas, os sentidos também são modificados culturalmente. As formas padronizadas têm um emaranhado de sentidos, alguns representam propriedade de uma unidade, de um processo ou qualidade; outros são aprendidos como primários, secundários ou terciários, etc.

Breakfast, 'almoço', 'jantar', por exemplo, tem normalmente um sentido primário. Porém, uma forma determinada de *breakfast* pode transmitir, em sentido secundário, uma identificação religiosa, uma identificação de classe social ou de país de origem, etc. Ou seja, *qualquer uma das distinções e agrupamentos de uma cultura pode fazer parte do sentido de uma unidade formal determinada*. (LADO, 1972: 152).

A distribuição, por sua vez, possui maneiras padronizadas em todas as unidades formais significativas. Dessa forma, os padrões de distribuição abrangem ciclos temporais, localização espacial e posição em relação a outras unidades. O *breakfast,* por exemplo, tem distribuição temporal num ciclo diário, semanal e anual e mostra também distribuição espacial ou de lugar, etc. Forma, sentido e distribuição não existem de forma independente uns dos outros numa cultura, pois as formas são relevantes quando têm sentido, o sentido pressupõe a forma para ser relevante para o falante, assim como as formas significativas sempre ocorrem em distribuição padronizada.

Assim, podemos afirmar, baseados em Grannier (1998: 1), que no processo de ensino-aprendizagem de línguas, é preciso considerar o papel dos aspectos culturais e interculturais que podem afetar em maior ou menor nível tanto a futura comunicação do aprendiz na

comunidade na qual se usa aquela língua-alvo como aqueles que afetam o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, o processo de aquisição da língua.

3.2.3 Transferência de sentido para a cultura estrangeira

Segundo Lado, pode-se supor que,

> quando o indivíduo da cultura A, tentando aprender a cultura B, observa uma forma na cultura B num ponto de distribuição determinado, apreende o mesmo complexo de sentidos que em sua própria cultura. E, quando, por sua vez, se empenha ativamente numa unidade de comportamento na cultura B, escolhe a forma que escolheria em sua própria cultura para conseguir esse complexo de sentidos. (LADO, 1972: 153).

Um dos pontos problemáticos na transferência de sentidos da cultura materna para a cultura estrangeira é a comparação de elementos que possuem a mesma forma, mas cujos sentidos são diferentes entre determinadas culturas. Isso ocorre quando qualquer elemento da forma de um padrão complexo possui classificação ou sentidos distintos entre culturas, e o espectador estrangeiro dá ao padrão inteiro o sentido dessa classificação diferente de um elemento.

A tourada espanhola, por exemplo, sempre foi "uma fonte de informação intercultural distorcida". (LADO, 1972: 154). Essa manifestação cultural espanhola envolve um complexo de sentidos diferentes para um espanhol e para um estrangeiro. Na Espanha ela representa um esporte, um elemento cultural no qual há o triunfo da arte, da força, da habilidade e da inteligência de um homem sobre a força bruta de um touro, é uma demonstração de bravura, é também uma diversão. Para um estrangeiro ela pode representar, simplesmente, a chacina de

um animal indefeso, uma crueldade contra os animais. Essa divergência acontece devido à concepção que cada indivíduo tem sobre *homem* e *touro* em sua cultura.

Outro problema que o mesmo autor levanta é o de quando um estrangeiro identifica uma forma na cultura estrangeira como a mesma forma na sua cultura, o que, na realidade, tem sentidos diferentes. Para exemplificar, o autor citado descreve que um som sibilante, um silvo, expressa desaprovação em inglês, enquanto que em países onde se fala espanhol, o silvo é uma forma normal de pedir silêncio num grupo.

As noções preconcebidas são, também, obstáculos muito sérios para a compreensão de outra cultura, pois as noções adquiridas através de interpretações distorcidas "tornam-se parte da cultura nativa como sua visão 'correta' da realidade da estrangeira, e, enquanto crescem, os jovens membros recebem essas visões como verdades pelos relatos verbais e todos os outros veículos de enculturação". (LADO, 1972: 161). Isso quer dizer que não se deve generalizar com base em amostras inadequadas ou limitadas de indivíduos daquela cultura, pois determinada forma ou sentido podem representar pequenos grupos ou grupos isolados daquela população. Para esse autor, portanto, observar sistematicamente uma cultura em funcionamento contribui muito para eliminar os erros introduzidos nos dados coletados em entrevistas.

Ressaltamos aqui, as palavras de Ferreira (1995: 47) quando diz que o nosso desafio como profissionais,

> é voltar o nosso olhar para a interculturalidade, buscando perceber as diferenças étnicas e culturais, para que nessa integração em processo possamos interagir num clima de respeito, entendimento e aprendizagem em direção à alteridade e à revitalização da própria cultura brasileira.

Retomando um pouco a questão da relatividade lingüística, Lyons diz que,

> [...], pareceria que, apesar das afirmações em contrário por proponentes do determinismo extremo, ainda não foi encontrado nenhum bom motivo para descartar a opinião mais tradicional de que falantes de línguas diferentes têm essencialmente a mesma visão do mundo, ou modelo conceitual, no que diz respeito a conceitos mais profundos e filosoficamente mais interessantes tais como tempo, espaço, número, matéria etc.
> Não se segue, no entanto, que falantes de línguas diferentes tenham a mesma visão do mundo com respeito a outros conceitos menos básicos. Pois muitos dos conceitos com que lidamos são vinculados à cultura, no sentido de que dependem, para a sua compreensão, do conhecimento transmitido socialmente, tanto conhecimento prático quanto propositivo, e variam consideravelmente de cultura para cultura. [...] Os proponentes da tese da relatividade lingüística diriam que muitas das diferenças de estrutura gramatical e lexical encontradas nas línguas são de tal natureza que algumas coisas que podem ser ditas em uma língua não podem ser ditas em outra. Isto é verdade? (LYONS, 1987: 279).

À pergunta final de Lyons, certamente que não, seria a nossa resposta, pois acreditamos que, concordando com Lyons, deve haver alguns componentes semelhantes, ou praticamente idênticos, ou básicos para todas as culturas, fundadas no pensamento do falante (substância do conteúdo e da expressão, como vida, morte, tempo, espaço, número, crença etc) e outros particulares ou menos básicos (forma do conteúdo e da expressão, como moralidade, honestidade, pecado, honra, religião, parentesco, urbanização etc.) para as culturas em particular.

3.2.4 O valor lingüístico

Se pensarmos que alguns falantes não compartilham as mesmas experiências, ou pelo menos algumas, por questões culturais, sociais ou religiosas ou qualquer outra, não poderíamos esperar que houvesse algum tipo de problema de comunicação ou compreensão, já que uma das faces do signo (significante/significado) poderia estar comprometida, pelo menos até certo ponto? E se isso ocorre com um falante de LM, não poderíamos esperar que

ocorresse também com um aprendiz de uma LE, já que estaria mais propenso a não conhecer ou não compartilhar as experiências culturais, sociais etc. daquela língua ou cultura? É evidente que isto poderia ocorrer. No entanto, o pensamento saussuriano vai mais além, pois Saussure postula também que "o signo só tem valor colocado dentro de um determinado sistema lingüístico, do qual é parte integrante." Portanto, é ilusório "considerar um termo simplesmente como a união de certo som com certo conceito. Definir o signo dessa forma seria isolá-lo do sistema do qual faz parte." (SAUSSURE, 1922: 132).

Assim, outra noção notadamente importante de Saussure é a de "valor", isto é, o valor lingüístico, visto em seu aspecto conceitual. Segundo Saussure, o valor lingüístico considerado em seu aspecto conceitual constitui um elemento da significação e está sob a sua dependência, pois, se uma palavra faz parte de um sistema, está revestida não só de uma significação, mas sobretudo de um valor. Contudo, torna-se difícil saber como estes, significação e valor, se distinguem.

Para resolver este problema, Saussure pressupõe que todos os valores são regidos por um princípio paradoxal, necessários para a sua existência. Dessa forma, todo valor é regido por uma coisa "dessemelhante", capaz de ser "trocada" por outra cujo valor falta determinar. É regido também por coisas "semelhantes" que podem se "comparar" com aquela cujo valor está em causa.

Uma palavra, então, pode ser trocada por algo "dessemelhante": uma idéia; como também pode ser comparada com algo da mesma natureza: uma outra palavra. Seu valor, portanto, não estará fixado enquanto pudermos comprovar que pode ser 'trocada' por este ou aquele conceito. O conteúdo de uma palavra "só é verdadeiramente determinado pelo

concurso do que existe fora dela", ou seja, o valor de qualquer termo está determinado por aquilo que o rodeia. (SAUSSURE, 1922: 132-6).

Desta noção de Saussure, podemos destacar que "um sistema lingüístico combina diferenças de sons com diferenças de idéias, e assim instaura um sistema de valores". (LOPES, 2000: 85). A língua, para Saussure, não é apenas a substância fônica ou gráfica, como também não existe apenas no campo das idéias ou dos conceitos, mas é a associação dos dois lados: a forma e a substância. Portanto, considerando o signo em sua totalidade, ele afirma que o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação. (SAUSSURE, 1922: 139).

Destacamos ainda Lopes (2000: 41), que afirma o seguinte:

> Para que uma língua cumpra os seus fins, é necessário que os membros de uma comunidade, que compartilham as mesmas experiências coletivas, se coloquem previamente de acordo quanto ao sentido que vão atribuir às partes da corrente sonora que emitem e ouvem. Em outras palavras, é preciso que concordem em atribuir a determinados conjuntos fônicos, produzidos em certas situações, o poder de traduzir um determinado elemento da sua experiência histórica. Esse 'contrato social' funda o convencionalismo do signo.

3.2.5 Arbitrariedade e motivação

Além da distinção saussuriana entre forma e substância, o signo lingüístico possui, entre outros, dois princípios característicos:

1. *Arbitrariedade do signo*. Uma vez postulado que o signo lingüístico une um conceito e uma imagem acústica, Saussure afirma que o signo lingüístico é arbitrário, pois o laço que une o significante ao significado é arbitrário. Ele define arbitrário não no sentido de

que o significado dependa da livre escolha do que fala, mas no sentido de que o significante é imotivado. O signo lingüístico é arbitrário em relação ao significado, com quem não tem nenhum laço natural na realidade. A prova disso é a diferença entre as línguas e a existência de línguas diferentes. Assim, não existe vínculo natural ou intrínseco entre o significante e o significado.

Segundo Lyons (1977a: 66):

> Se os significados que podem ser transmitidos por um sistema se limitassem aos dotados de um qualquer tipo de similaridade geométrica entre um sinal e o seu significado, o sistema seria incapaz de transmitir grande parte da informação que é possível transmitir com as línguas tal como as conhecemos. Por conseguinte, a arbitrariedade contribui para a versatilidade e flexibilidade da linguagem.

Saussure, portanto, funda um dos princípios básicos de toda a sua teoria com o que ele chamou de arbitrariedade do signo lingüístico, isto é, o caráter convencional da relação entre significante e significado, sendo seguido neste ponto pela maioria dos lingüistas, embora nem todos aceitem a noção saussureana do signo lingüístico. Por exemplo, poderíamos assumir que as palavras ‘árvore’ em português, ‘árbol’ em espanhol, ‘arbre’ em francês e ‘tree’ em inglês têm a mesma significação, pois podem ser usadas para referir à mesma classe de objetos. Embora as quatro palavras sejam diferentes quanto à forma, não há razão alguma em afirmar que uma delas possa ser mais adequada do que as demais para significar as árvores. Logo, nenhuma das formas acima, escrita ou falada, é naturalmente representativa das árvores ou das suas propriedades distintivas.

Alguns críticos de Saussure postulam que o signo não é arbitrário em sua totalidade. Lyons, por exemplo, reconhece que embora nem todos os lingüistas aceitem a noção

saussureana do signo lingüístico – um dos princípios básicos de toda a sua teoria –, todos concordam que a união entre uma palavra e aquilo que ela representa é normalmente, ou com poucas exceções, arbitrária. Esse autor conclui que, diante de toda essa controvérsia, tornou-se evidente que 'arbitrário' e 'convencional' não são equivalentes. E chega a admitir que pode haver signos motivados de maneira natural ou convencionalmente, isto é, culturalmente determinada. (LYONS, 1977a: 88-9, 97).

Guiraud (1975: 33) também afirma que o signo lingüístico é a 'associação' de uma "forma acústica" (significante) ou nome, e um conceito (significado), ou sentido, ou seja, é a união de duas imagens mentais. A associação significante (forma acústica)/ significado (conceito) é convencional, pois resulta de um acordo entre os usuários da língua. Porém, a palavra, em sua origem, é sempre motivada, seja pela relação natural entre a forma acústica e a coisa significada, como as onomatopéias, as exclamações, seja pela relação intralingüística entre as palavras no interior da língua, como as de ordem morfológica (derivação, composição), ou as de ordem semântica (mudanças de sentido).

Para Guiraud, então, o signo lingüístico é convencional, pois o sentido das palavras origina-se, sempre e em qualquer circunstância, de um acordo entre os falantes. Há, portanto, uma substituição do arbitrário pelo convencional. Caso contrário, ele é motivado.

Coseriu (1977, apud OLANO, 1996: 50) postula também que os dois planos (da expressão e do conteúdo) são "solidários", apresentam-se juntos. Porém afirma que o signo é *'arbitrário' naturalmente*, mas é *'necessário'* (motivado) *historicamente*.

O signo, na visão de Ducrot & Todorov (1982: 128), é uma entidade que "pode tornar-se sensível" e, para um grupo de usuários, "marca uma ausência nela própria". A parte que

pode tornar-se ausente chama-se, na teoria saussureana, significante, e a parte ausente chama-se significado. O significado não existe sem a sua relação com o significante; são conceitos que não podem ser pensados um sem o outro. Um significante sem significado é apenas um objeto, ou seja, "não significa", como também um significado sem significante é o "indizível, o impensável, o próprio inexistente".

Diante de toda essa controvérsia, o próprio Saussure nos surpreende quando, ao estabelecer a arbitrariedade como caráter primordial do signo lingüístico, reconhece a existência da motivação, ainda que relativa. Ele afirma:

> O princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente. Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo: o signo pode ser relativamente motivado. [...] Além disso, mesmo nos casos mais favoráveis, a motivação não é nunca absoluta. Não somente os elementos de um signo motivado são arbitrários (cf. dez e nove em dezenove) como também o valor do termo total jamais iguala a soma dos valores das partes; per X eira não é igual a per + eira. (SAUSSURE, 1922: 152)[30].

Como diz Olano (1996: 54), incoerência ou não, de fato Saussure reconhece taxativamente, sem nenhum reparo, a existência da motivação relativa consumada, concretamente, na formação de palavras por derivação e por composição. Alguns lingüistas não restringem a motivação relativa à derivação ou composição, como o faz Saussure, estendem-na também àquela que passou a se chamar *motivação semântica*, como consideram Ullmann, Guiraud, Lyons etc. Quando, posteriormente, tratarmos de tipos de motivação, essas noções serão revistas.

---

[30] Com isso ele quis dizer que o radical não é autônomo e o sufixo, tomado isoladamente, é inexistente.

2. *Mutabilidade do signo*. O signo lingüístico se altera porque se continua. A alteração pode se tratar de transformações fonéticas sofridas pelo significante, ou de transformações de sentido que afetam o conceito significado. Porém, sejam quais forem os fatores dessa alteração, ocorrerá sempre um deslocamento da relação entre o significante e o significado. Tanto a imagem acústica como o conceito mudam, ou evoluem, sob a influência de qualquer agente que provoque um deslocamento em sua relação.

Segundo Saussure (1922), a língua é incapaz de se defender dos fatores que deslocam a relação entre o significante e o significado a cada minuto, sendo essa uma das conseqüências da arbitrariedade do signo lingüístico. Ou seja, se o signo não fosse arbitrário, para cada significante corresponderia sempre e somente um significado. Temos, então, que a arbitrariedade do signo facilita a mutabilidade da língua.

Sabemos que, dentre os lingüistas modernos, foi Saussure quem deu mais relevância à arbitrariedade do signo, ou ao caráter convencional das palavras, sendo esta uma das características básicas da língua, segundo ele. Porém, como o próprio Saussure admite, pelo menos em certo grau, a existência da motivação, tomamos as palavras de Ullmann (1964: 169) para dizer que [...] agora é ocioso perguntar se a língua é convencional ou 'motivada' pois todas as línguas contêm certas palavras arbitrárias e opacas, ou seja, sem conexão entre o som e o sentido, e outras que, pelo menos em certo grau, são motivadas e transparentes. Temos, com isso, segundo o mesmo autor, três aspectos principais da motivação que podemos ver mais claramente: 1. como funciona numa língua particular: se houvesse uma única conexão necessária entre o nome e o sentido, esperaríamos que os mesmos sons significassem a mesma coisa, ou vice-versa. No entanto, sabemos que uma palavra pode ter vários homônimos; 2. como pode variar no decurso do tempo: se o elo entre o som e o sentido fosse

necessário, esperaríamos que esses elementos permanecessem inalterados. Entretanto, sabemos que ambos mudam e independentemente um do outro no decurso do tempo; 3. como varia o seu âmbito de língua para língua: as línguas têm palavras inteiramente diferentes para a mesma coisa ou referente, ou, inversamente, os mesmos sons, ou quase os mesmos, podem representar coisas diferentes em outras línguas. Nestes últimos, coincidiriam os heterossemânticos. Dessa forma, embora muitas palavras sejam inteiramente convencionais, existem outras motivadas de muitas maneiras. Nesse sentido, vejamos os tipos de motivação abordados por Ullmann, embora nos detenhamos mais na motivação semântica, aspecto principal de nossa análise.

3.3 Tipos de motivação

Segundo Ullmann (idem), a motivação pode residir quer nos próprios sons, quer na estrutura morfológica da palavra, quer no fundo semântico. Como cada uma dessas possibilidades origina problemas diferentes, as consideraremos separadas.

Segundo Ullmann (1964: 192), os três tipos de motivação dão conta de uma proporção muito considerável do vocabulário, pois incluem todos os termos onomatopaicos, os derivados, os compostos e as expressões figuradas da linguagem. Somente aquelas palavras que não são motivadas por nenhum desses processos podem ser classificadas como convencionais.

3.3.1 Motivação fonética

Como sabemos, o próprio Saussure admite a possibilidade de opor a existência das onomatopéias e das exclamações como objeções à arbitrariedade do signo lingüístico. Com isso, ele indiretamente postula a existência de uma motivação posteriormente chamada *fonética*, embora afirme que esses dois fenômenos acústicos (onomatopéias e exclamações) são de importância secundária. Saussure distinguiu dois tipos de onomatopéias: *autênticas* – aquelas do tipo glu-glu, tic-tac etc, e aquelas em que a qualidade que se atribui aos sons é um resultado fortuito da evolução fonética. A esses dois tipos Ullmann (Idem) denominou *onomatopéia primária e onomatopéia secundária*.

Para Ullmann (1964), a onomatopéia primária é a imitação do som pelo som. O som, aqui, é verdadeiramente um *eco do sentido*: o próprio referente é uma experiência acústica, mais ou menos rigorosamente imitada pela estrutura fonética da palavra. Na onomatopéia secundária, o som evoca um movimento (zigzaguear) ou alguma qualidade física ou moral, geralmente desfavorável (viscoso, lúgubre) e não uma experiência acústica.

Guiraud (apud OLANO, 1996: 57) também admite uma *motivação natural*, referindo-se à motivação fonética, resultante de um nexo entre a forma da palavra e a coisa significada. Esse autor afirma que esta motivação é necessariamente acústica no caso da linguagem articulada, já que não pode haver motivação natural, senão na medida em que a substância significante seja idêntica ou análoga à substância significada. A este tipo de motivação ele chama *motivação exoglótica*.

Ainda sobre as onomatopéias, Ullmann (Ibid., p. 187) afirma que as palavras estrangeiras têm uma particular aptidão para originarem fantasias onomatopaicas que podem

surpreender o nativo, que talvez as ache bastante estranhas. Ou, de acordo com a nossa observação, despertam determinada impressão que nada tem a ver com aquela que na realidade é.

3.3.2 Motivação morfológica.

Segundo Olano (1996: 59), junto à motivação fonética, destaca-se outro tipo de motivação que não implica uma associação no interior da palavra entre a forma acústica e a coisa significada, mas no interior da língua. É a motivação conhecida como *endoglótica* (Guiraud), *relativa* (Saussure), *indireta ou secundária* (Baldinger). Esta engloba a motivação morfológica (derivação e composição) e a motivação semântica (metáfora, metonímia).

De acordo com Ullmann (Ibid., p. 190), outra grande categoria de palavras é motivada por sua estrutura *morfológica*. Para exemplificar poderíamos citar as palavras *imposible* (composta pelo prefixo *in* + *posible*), *pecador* (formada a partir de *pecar* + sufixo agente) e outras como *portarretratos* (porta-retratos), *lavaplatos* (lava-louça), *sacacorchos* (saca-rolhas), as quais são transparentes porque podem ser analisadas através dos morfemas componentes, possuidores eles próprios de um certo significado. Segundo Olano (Ibid., p. 60), fica claro então que esta motivação ocorre entre palavras da língua, isto é, dentro da língua (endoglótica) e não dentro do signo (natural ou fonética). Ullmann, assim como Saussure e outros, reconhece que este tipo de motivação ocorre na formação de palavras por derivação e composição.

3.3.3 Motivação semântica.

Este tipo de motivação baseia-se em alguns fatores semânticos, isto é, em algum tipo de expressão figurada, os quais podem ser metafóricos, baseados em qualquer semelhança entre dois elementos, como no nosso exemplo do Espanhol *araña* como 'prostituta', ou metonímicos, baseados em alguma conexão externa, como em *picareta* (indivíduo) em Português.

Ullmann (1964: 192-3) estabelece algumas semelhanças ou traços comuns entre a motivação morfológica e a motivação semântica, embora haja diferenças importantes entre ambas. Em muitos casos, uma palavra pode ser motivada tanto morfológica como semanticamente, como em petirrojo <pechirrojo> ('pássaro de cor esverdeada, com o pescoço, garganta e peito de vermelho ou laranja', literalmente, 'peito vermelho'), que está motivada tanto pela sua estrutura morfológica como pela metonímia que o fundamenta. Este tipo de motivação é *mista*. A motivação morfológica e a motivação semântica também podem ser *relativas*, pois podemos analisar as palavras nos seus elementos, mas estes podem ser arbitrários e não podemos explicá-los. Por exemplo, o *bonnet* de um carro chama-se assim pela sua semelhança com esse tipo de chapéu, mas *bonnet*, designando simplesmente a peça de vestuário para cobrir a cabeça, é convencional. Para Ullmann, sempre se chega a um ponto em que as análises morfológicas têm que se deter, pois mais além estarão a onomatopéia ou o puro convencionalismo. Neste sentido, a onomatopéia é a única forma de motivação que pode descrever-se como absoluta. Ambas as motivações são também indireta ou secundária, isto é, entre signos de uma mesma língua (endoglótica ou intralingüística).

Dessa forma, podemos afirmar que esses traços as diferenciam da motivação fonética que é entre o significante e a coisa nomeada, e, portanto, *absoluta*, *natural* e *primária*, enquanto que a motivação morfológica e semântica são *relativas*, *endoglóticas* e *secundárias*. (OLANO, 1996: 63).

Segundo Olano (1996: 62), outros autores mencionam ainda outro tipo de motivação, a *motivação etimológica*. Esta motivação existe em toda criação de novas palavras ou nominação e engloba os demais tipos de motivação vistos anteriormente. Como afirma Guiraud (apud OLANO, 1996: 62, tradução nossa), 'todas as palavras estão etimologicamente motivadas, seja por empréstimos "(e que estão motivados em suas línguas originais)", onomatopéias, derivadas e compostas, ou mudanças de sentido'. Guiraud pontua porém que

> 'esta motivação não é nem determinante nem determinada'. "Não é determinada, porque a criação permanece sempre livre dentro de certos limites; todo tipo de motivação é sempre possível [...]. Por outro lado, a motivação não é determinante, não é necessária para o sentido, que se atualiza por uma associação convencional." (OLANO, ibid.).

3.4 Relações associativas e sintagmáticas

Retornamos aqui, portanto, ao que havíamos incitado no tópico sobre forma e substância. Como postulou o mestre genebrino, "num estado de língua, tudo se baseia em relações. As relações e as diferenças entre os termos lingüísticos se desenvolvem em duas esferas distintas", as quais são, em particular, "geradoras de certa ordem de valores". Quais são essas relações? Como funcionam? (SAUSSURE, 1922: 142).

Saussure estabelece dois eixos. De um lado, o *eixo sintagmático*, *in praesentia*, no qual os termos, no discurso, estabelecem relações entre si baseadas no caráter linear do signo,

que exclui a possibilidade de (se) pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. A essa relação entre esses elementos que se sucedem um após outro, linearmente, Saussure chamou de *sintagma*. Na cadeia sintagmática, portanto, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos. Por isso, nas frases anteriormente citadas 'O menino chutou a bola' e 'A bola chutou o menino', apesar da relação sintagmática ser coerente para uma frase da língua portuguesa, o valor da segunda não é coerente semanticamente para o falante, pois, como disse Carvalho (1997: 113), "não encontra correspondência conceitual ('feedback' semântico) no espírito do falante." Ao contrário das relações paradigmáticas, as relações sintagmáticas sofrem limitação imposta pelo significado ou conteúdo semântico da mensagem. Dessa forma, o valor lingüístico é sempre um valor semântico, um valor significativo que resulta sempre e necessariamente de uma relação. (CARVALHO, ibid.).

Embora não nos detenhamos profundamente nas análises dos dados neste aspecto, acreditamos que é neste eixo que muitas vezes, para um aprendiz de uma LE, apesar de ele achar familiar a semelhança entre os termos ou conhecer todos ou a maioria daqueles usados em determinada sentença, esta pode não apresentar *correspondência conceitual* ou coerência semântica, pois isto pode estar relacionado ao desconhecimento de certos sentidos para a mesma substância em línguas diferentes, os heterossemânticos. Neste caso, envolve-se, além da palavra em questão, a coerência semântica naquele sintagma, pois se o mesmo apresenta coerência entre as unidades do sintagma fônico, mórfico e sintático, provavelmente, a não coerência estaria no nível semântico para aquele aprendiz ou falante de uma LE. Este fato muitas vezes ocorre até com um falante nativo, quando o mesmo não encontra

correspondência conceitual ou semântica em determinadas sentenças pelo desconhecimento de certos sentidos de um lexema em sua própria língua.

Se admitimos que a (in)coerência conceitual ou a (não) correspondência conceitual no espírito do falante pode estar relacionada ao sentido de um lexema, ou melhor, a certas relações associativas no lexema, podemos dizer que entramos em outro terreno, o das relações paradigmáticas. Assim, fora do plano sintagmático ou fora do discurso, as palavras que compartilham algo em comum e se associam na memória do falante estabelecem uma relação associativa ou *in absentia*, formando grupos nos quais imperam relações muito diversas. Saussure (1922: 143) afirma que essas coordenações são bem diferentes da primeira (sintagmática), pois não têm por base a extensão e sua sede está no cérebro, isto é, "fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo". Por isso, afirma-se que essa relação une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual.

"Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentam algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam." (SAUSSURE, 1922: 145). Lembrando os exemplos de 'Vou comprá pão' e 'Vou comprá bão', no último caso, possivelmente, qualquer falante estranharia ou não encontraria correspondência conceitual na sua memória pois esta forma 'bão' não existe na sua memória virtual ou semântica, principalmente relacionada com o sintagma verbal 'comprar'; do mesmo modo, pode provocar riso em uma criança quando dizemos algo como 'botar as barbas de molho', pois seu campo conceitual ainda tem certos limites para expressões figuradas, pois provavelmente ainda não tinha se deparado com certas amostras da sua língua.

Saussure (1922: 146) ainda afirma que, "enquanto um sintagma suscita em seguida a idéia de uma ordem de sucessão e de um número determinado de elementos, os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada, por isso comandam diversas relações". Assim, exemplifica que em uma palavra como *enseignement* 'ensino' pode haver quatro linhas de associação: 1. está ligada com o verbo 'ensinar' por uma semelhança formal e semântica baseada na raiz comum; 2. liga-se com 'aprendizagem' e 'educação', 'instrução' por semelhança semântica ou analogia dos significados, formando, assim, um campo associativo [sendo este o ponto de nosso interesse, trataremos a seu respeito posteriormente]; 3. liga-se também com *changement* 'mudança' e *armement* 'armamento' porque ambos têm um elemento comum, o sufixo *-ment* que forma substantivos abstratos a partir de verbos; 4. está ligada ainda com o adjetivo *clément* 'clemente' e com o advérbio *justement* 'justamente' por uma semelhança acidental das terminações ou *das imagens acústicas*.

Referindo-se ainda ao eixo paradigmático, assim chamado por Hjemslev (apud CARVALHO, 1997: 110), Saussure diz que um termo é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados, cuja soma é indefinida. (SAUSSURE, 1922: 146). Assim, Borba (apud CARVALHO, 1997: 111) complementa dizendo: "um paradigma é o conjunto de unidades suscetíveis de aparecer num mesmo contexto. Estas unidades opõem-se, pois uma exclui a outra: se uma está presente, as outras estão ausentes". Ressaltamos também que as relações associativas se estabelecem tanto no plano do significante (entre as unidades da segunda articulação), dando origem aos diversos sistemas fonológicos das línguas, como no plano do significado (ou seja, entre as unidades da primeira articulação), que são de natureza gramatical e lexical. As relações associativas de

natureza gramatical são inventários fechados: 1. declinações, conjugações, afixos, desinências; 2. palavras gramaticais, tais como: artigos, pronomes, advérbios, numerais e conjugações. As de natureza lexical estabelecem-se a partir das '*significações lexemáticas*', constituindo os chamados *campos semânticos* – base da semântica estrutural – os quais formam um inventário aberto, embora limitado. (ELIA, apud CARVALHO, 1997: 118).

A partir dessas observações chegamos ao nosso ponto principal: os estudos em semântica lexical e as relações de significado no léxico, os quais trataremos a seguir, pois eles são o foco principal do nosso estudo.

3.5 As relações de significado no léxico

Como o nosso trabalho analisa comparativamente apenas o significado da palavra e não da sentença e do enunciado, é de fundamental importância, também, instituirmos uma distinção entre o significado 'lexical' e o significado 'gramatical' visto ser, o primeiro tipo, o corte que fizemos para a seleção e análise dos dados. Estamos lidando, então, com as associações de natureza lexical, isto é, as *significações lexemáticas*, observando os campos associativos, os quais se estabelecem a partir de determinadas relações de significado no léxico ou, mais especificamente no nosso estudo, em lexemas de duas línguas – o português e o espanhol.

De acordo com Finegan (1994), o léxico pode ser visto como um compêndio de todas as palavras de uma língua; as palavras são também chamadas de *itens lexicais* ou *lexemas*. Precisamos, contudo, conforme lembramos anteriormente, esclarecer alguns conceitos envolvidos, como léxico, vocabulário, lexema, palavra e vocábulo.

Crystal (2000: 157), diz que o léxico, em seu sentido mais geral, é sinônimo de vocabulário: "Este tem um papel especial na gramática gerativa, onde se refere ao componente que contém todas as informações sobre as propriedades estruturais dos itens lexicais de uma língua, ou seja, sua especificação semântica, sintática e fonológica." Poderíamos acrescentar que o léxico é o conjunto de lexemas de uma língua, isto é, "a totalidade daquelas palavras de uma língua que correspondem à organização imediata da realidade extralingüística". (COSERIU, apud OLANO, 1996: 84, tradução nossa). Nesse sentido, não pertencem ao léxico todas as palavras de uma língua, mas apenas aquelas que, nesta língua, estão pela própria realidade nomeadas mediante a linguagem. Em conseqüência, o mesmo distingue três classes de palavras: 1. morfemáticas ou instrumentais, como *e*, *ou*, *não sim* etc.; 2. categoremáticas ou pronomes, como *eu*, *este*, *aqui*. 3. lexemáticas que estruturam e representam a realidade extralingüística, como *mulher*, *árvore*, *comer* etc. Coseriu (Ibid.) afirma que das três classes só a terceira pertence com pleno direito ao léxico e, em conseqüência, ao objeto próprio da lexicologia. O mesmo conclui que "toda unidade dada em uma língua como palavra é um lexema", formadora de um campo léxico. O *lexema* é, portanto, a unidade distintiva mínima no sistema semântico de uma língua. Isto é, "uma unidade abstrata subjacente a grandes conjuntos de variantes gramaticais, como *caminho*, *caminha*, *caminhou*, etc., ou *alto*, *mais alto que*, *altíssimo*". (CRYSTAL, 2000: 157).

Vocabulário, entretanto, é usado na lingüística em seu sentido cotidiano, reservando-se para os estudos técnicos em lingüística outros termos, como léxico. Algumas vezes, distingue-se vocabulário 'ativo' referindo-se aos itens lexicais que as pessoas usam, e 'passivo' às palavras que as pessoas entendem, mas não usam. Assim, o vocábulo é o termo que designa a unidade do vocabulário, enquanto forma material, ou seja, trata-se de uma palavra sem levar

em conta seu conteúdo lexical. Outro termo bastante utilizado é *palavra*. Segundo Crystal (Ibid., p. 193), palavra é "uma unidade de expressão que os falantes nativos reconhecem intuitivamente, tanto na língua escrita quanto na falada". Coutinho (1976: 81) faz uma distinção relevante entre palavra e vocábulo. Segundo ele, a idéia é expressa normalmente pela palavra, correspondendo, portanto, a um conteúdo semântico, não se refere aos sons, ou seja, aos elementos materiais, mas ao sentido. No vocábulo não se atenta para a significação, mas para os elementos fonéticos e morfológicos. Fala-se, portanto, no sentido (ou significado) de uma palavra, e nos fonemas, sílabas, acento e elementos formadores de um vocábulo. Assim, palavra está para a expressão de uma idéia ou noção por meio de sinais gráficos ou fônicos, enquanto vocábulo está para a palavra encarada em seus elementos materiais ou em sua estrutura.

Em se tratando, portanto, de um trabalho em lingüística, e, mais especificamente, em semântica, preferimos usar mais freqüentemente os termos léxico e lexema, em detrimento dos demais, embora possamos utilizá-los em determinados momentos, principalmente quando essa distinção se fizer necessária. Utilizamos, portanto, lexema enquanto unidade do significado e unidade semântica do léxico, e, assim, unidade básica do léxico, e unidade membro de um campo associativo.

3.5.1 A palavra e seu campo associativo

Ao definirmos heterossemânticos como lexemas semelhantes fonética ou graficamente e sentidos diferentes ou divergentes entre línguas, retomamos os questionamentos iniciais para então tentarmos dar algumas respostas. Quais seriam as possíveis causas para essa

diferença de sentido entre dois lexemas substancialmente idênticos em duas línguas geneticamente relacionadas? O problema relacionado à divergência de sentidos nesses lexemas trata-se de um problema intrinsecamente semântico, ou outros níveis lingüísticos se imbricam? Existe algum tipo de relação de significado nesses lexemas heterossemânticos entre as línguas que pudesse explicar esse fenômeno? Se existe, como isso ocorre nas duas, e em cada língua em particular? Para começarmos a responder, vejamos primeiramente algumas noções sobre campo. E nossa preferência por campo associativo.

Sabemos que a terminologia para campo em semântica, além de vasta, não é tão uniforme, pois muitos desses tipos de campos adotados por diferentes teóricos possuem apenas diferenças terminológicas e não, necessariamente, teóricas. Campo léxico, por exemplo, pode ser entendido como as unidades léxicas ou lexemas de um mesmo campo (GECKELER, apud OLANO, 1996: 84). Trujillo afirma que 'os signos se estruturam em classes de acordo com suas possíveis posições nas fórmulas generalizadas de distribuição e em campos semânticos, atendendo a suas relações com cada núcleo [semântico] irredutível' (apud OLANO, ibid., p. 85, tradução nossa). Trujillo, assim como outros, emprega o termo campo semântico (distinguindo signos gramaticais: artigos, gêneros etc., signos léxicos e signos sintáticos) como equivalente a campo léxico. De acordo com Olano (1996: 85), as unidades que formam um campo léxico são chamadas de lexemas, enquanto que os campos semânticos, denominados também de *campos sintáticos* por Porzig, Apresjan etc., estão formados também por outras unidades semânticas. Estes estudos incidem mais sobre as relações sintagmáticas entre as palavras do que sobre as relações paradigmáticas.

Do ponto de vista das relações sintagmáticas e paradigmáticas, acreditamos que, se não todas, a maioria das concepções de *campo léxico* (ou *semântico*) e *campo associativo*,

baseiam-se, respectivamente, nos conceitos de valor e nas relações *'associativas'* paradigmáticas de Saussure, embora se afirme que os dois tipos de relações são indispensáveis para a determinação e delimitação do campo léxico. (OLANO, 1996: 105). Assim, para não irmos mais longe com as concepções de campo léxico ou semântico utilizado por diferentes teóricos, poderíamos dizer que estas concepções foram depurando-se e tornando-se mais lingüísticas, considerando-se, atualmente, o campo léxico como um conjunto fechado de unidades léxicas com uma substância comum, entre as quais existem relações mútuas analisáveis. Estas unidades podem decompor-se em elementos diferenciadores ou distintivos denominados semas. A teoria de campos foi avançando e, com Pottier, introduz-se outros termos paralelos aos da fonologia, porém relevantes para a lexemática, como *sema* (traço distintivo), *semema* (conjunto de traços semânticos pertinentes ou semas que entram na definição da substância de um lexema) e *arquissemema* (conjunto de traços comuns a vários semas). (OLANO, 1996: 85-91).

Contudo, apesar de muitos lingüistas não se deterem nessa diferente estruturação dos campos e empregarem, indistintamente, os termos campo semântico e campo léxico, e inclusive campo léxico-semântico, designando um mesmo conceito – o campo léxico propriamente dito –, acreditamos relevante destacar que tanto Geckeler, como Coseriu e Lyons fazem uma diferenciação extremamente pertinente quanto ao problema dessa terminologia. Resumindo, todos concordam que o termo campo semântico é muito amplo, já que o adjetivo 'semântico' não se limita ao domínio léxico da língua, pois a estrutura léxica não é mais que uma parte da estrutura semântica, isto é:

> 'todo problema relacionado com a significação é, em certo sentido, 'semântico', mas nem todo problema 'semântico' é lexemático: não o é, precisamente, se não concerne às relações estruturais, paradigmáticas e

> sintagmáticas, dos significados léxicos de um mesmo sistema lingüístico'. (COSERIU, apud OLANO, 1996: 94, tradução nossa).

Outro conceito que precisa ser diferenciado dos demais é o de campo conceitual. Weisgerber entende por esfera conceitual 'uma seção da visão lingüística do mundo relativamente independente, na qual cooperam, em sua delimitação, condicionamentos intra e extralingüísticos [...]' (apud OLANO, ibid., p. 98, tradução nossa). Precisamos a diferença entre campo conceitual e campo léxico citando, respectivamente, Leborans e Coseriu (apud OLANO, 1996: 99, tradução nossa):

> [...] poderíamos falar de campo conceitual quando a extensão significativa de um conceito genérico se encontra repartida entre vários conceitos [...]. Um conjunto de conceitos que mantêm entre si uma estreita relação por possuir em comum ou pertencer a uma mesma área conceitual que se acha repartida entre eles, se diz que forma ou constitui um campo conceitual. Se estes conceitos adquiriram uma expressão léxica, ou seja, se a cada conceito corresponde uma lexia no plano da linguagem, falamos de campo semântico, ou, de forma mais precisa, de campo léxico ou léxico-semântico, à margem de que (ainda que) a zona comum determinante do campo esteja isolada ou não da lexicalização correspondente.
> Todo campo léxico é um campo conceitual, mas nem todo campo conceitual tem que ser um campo léxico, pois um campo conceitual pode ser também um campo terminológico. Todo lexema corresponde a um conceito, mas nem todo conceito está refletido necessariamente só por um lexema. Um conceito pode expressar-se também por um grupo que abarque várias palavras; por exemplo, 'la guerre de Trente Ans' é a expressão de um determinado conceito. (LEBORANS e COSERIU, apud OLANO, 1996: 99, tradução nossa).

Outro tipo de concepção de campo semântico que difere radicalmente dos expostos até o momento é o que se refere ao conjunto de empregos de uma unidade, os quais possuem um semantismo específico. Este tipo de campo semântico praticado por alguns lingüistas, principalmente franceses, foi diferenciado do campo léxico por Coseriu (apud, OLANO, 1996: 95), ao afirmar: 'os campos léxicos não têm nada a ver com a extensão do emprego de uma palavra, ou dito mais exatamente, de um significante [...]. Não existe nenhum campo que

abarque apenas um lexema'. Por exemplo: *muñeca* (em espanhol) associa-se a: 1. parte do corpo humano; 2. brinquedo; 3. manequim, etc. Até certo ponto, concordamos com as palavras de Coseriu, quando admitimos que não há nenhum campo léxico que abarque apenas um lexema, mas como para um lexema há sempre vários sentidos, ou usos, estes também devem ser analisados a partir das relações que existem entre seus significados, pois afinal trata-se também de uma questão léxico-semântica, mais especificamente, entre um significante e seus significados. E, neste sentido, destacamos a sua importância quanto ao uso e funcionamento da língua, pois a língua não é apenas estrutura. Enquanto que em uma perspectiva se observa profundamente a estrutura hierárquica do léxico de uma língua, em outra se destaca o seu funcionamento, o seu uso em determinadas associações de significado que pode comportar um lexema, como também quais os fatores lingüísticos e sociais que implicam essas mudanças de significados, nas quais se observa também uma estrutura hierárquica, partindo de um significado de base para um significado conotativo.

Nunca seria demais lembrar novamente as palavras do mestre genebrino quando disse que "os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentam algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam." De acordo com esse postulado, cada palavra encontra-se cercada por uma rede de associações que a relacionam com outras unidades por semelhanças formais, semânticas etc. Dessa forma, "uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo o que seja suscetível de estar associado de uma maneira ou de outra". Portanto, "um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida". (SAUSSURE, 1922: 145-6). Assim, de acordo com Olano (1996: 100), as associações ou

relações entre os termos (digamos também, nos termos) podem ser formais unicamente, ou semânticas, ou ambas conjuntamente.

Bally, discípulo de Saussure, desenvolvendo ainda mais estas idéias, introduziu o conceito de *campo associativo*, definindo-o como "um halo que circunda o signo e cujas franjas exteriores se confundem com o ambiente..." Assim, a palavra *boi* faz pensar em: 1. 'vaca, touro, vitelo, chifres, ruminar, mugir' etc; 2. 'lavoura, charrua, jugo' etc; 3. pode evocar e evoca em francês (como também em português e espanhol) 'idéias de força, de resistência, de trabalho paciente, como também lentidão, de peso, de passividade'. (ULLMANN, 1964: 500). O mesmo se limita às relações no aspecto semântico e não mais formais, como fazia Saussure. Olano (1996: 101) cita algumas características essenciais do campo associativo e que o diferenciam do campo léxico: 1. as associações são infinitas. O número de associações centradas em uma palavra será extremamente variável. Não há limite nas associações; 2. as associações são individuais e geralmente subjetivas. Cada pessoa pode associar diferentes palavras em diferentes momentos. Cada cultura permite criar associações diferentes; 3. as associações não são sempre lingüísticas. Pelo contrário, como afirma Coseriu, 'na realidade são associações entre as coisas e associações relacionadas às idéias e opiniões sobre as coisas'.

Algumas críticas surgiram para este tipo de campo, como as que afirmam que as associações não são previsíveis nem sistematizáveis, nem servem como método para o estudo estrutural do léxico. No entanto, reforçando nosso ponto de vista sobre esta questão, podemos dizer que nem tudo na língua é previsível, portanto não reconhecemos a primeira crítica. Se admitimos que a língua é motivada, assim como o seu léxico, podemos admitir determinadas mudanças semânticas ou deslocamento de sentido plenamente sistematizáveis ao observarmos

os seus usos nos sintagmas. Por último, se a teoria de campos léxicos ainda não deu conta da estrutura lexical de uma língua por completa, isso até agora acreditamos que ninguém tenha feito, mas apenas em determinados campos, ou campos específicos como o das cores, da moradia, dos adjetivos da idade (Geckeler), do parentesco em espanhol (Quilis), porque então a teoria de campo associativo teria que dar conta da estruturação do léxico? Este deveria ter fornecido mais estudos no seu campo de análise – a forma do conteúdo ou significado e suas implicações, causas, comparação entre línguas etc., o que realmente consideramos muito escasso, mas isto não quer dizer que não forneça um tratamento rigoroso para os estudos semânticos e/ou léxico-semânticos.

Vejamos ainda algumas diferenças entre campo léxico, campo conceitual e campo associativo, aduzidas por Coseriu (apud OLANO, 1996: 105-6).

1. Os campos léxicos não coincidem com os campos conceituais (estes podem ser também campos terminológicos); 2. Os campos léxicos não são campos associativos: são, melhor dizendo, o contrário destes (os campos léxicos são 'centrípetos' – que se dirige para o centro –, em relação às palavras; os campos associativos são 'centrífugos' – que se afasta ou procura desviar-se do centro). O campo léxico se constitui independentemente de toda relação associativa.

Ullmann (1962: 503) assinala a importância e aplicação dos campos associativos em outras áreas de investigação semântica, como a etimologia, a lexicografia, e o estudo da mudança semântica. Diante de toda essa exposição, estabelecemos uma figura para ilustrar todo esse aparato terminológico, baseando-nos e completando a figura em Olano (1996: 100), sobre a relação entre campo léxico (CL) e campo conceitual (CC). Acrescentamos a estes o campo associativo (CA). *Gráfico 1*:

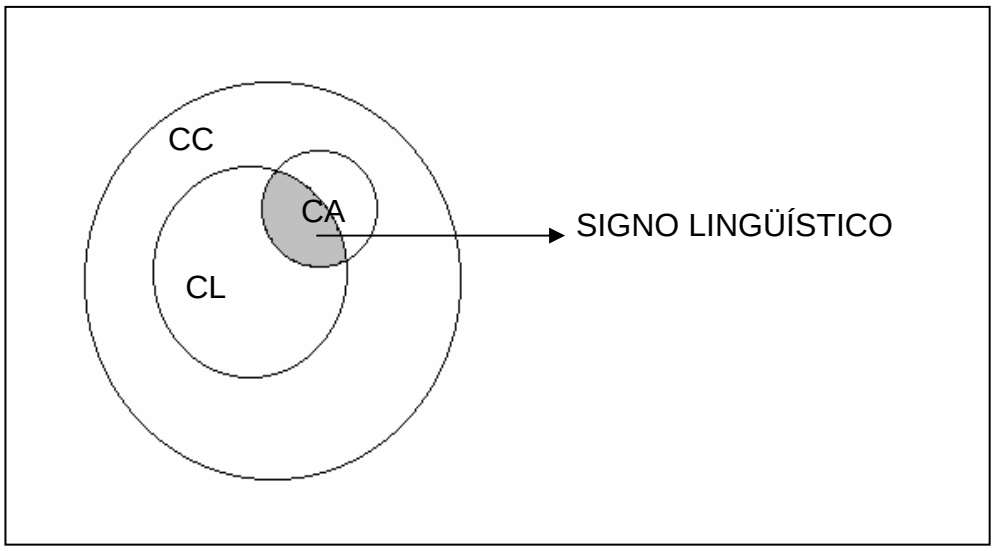


Gráfico 1: As relações entre CC, CL e CA.

Campo conceitual ou esfera conceitual (CC): é o arquissemema ou conjunto de semas comuns a vários sememas. Está no pensamento, como espécies de mosaicos de noções isoladas, que recobrem um terreno bem delimitado que a experiência humana isola e constitui em uma unidade conceitual. (TRIER, apud OLANO, 1996: 97). É também uma secção da visão lingüística do mundo relativamente independente, na qual cooperam, em sua delimitação, condicionamentos intra e extralingüísticos. (WEISGERBER, apud OLANO, 1996: 98). Está no plano do conteúdo: é a substância do conteúdo (SC) = designato, pensamento, nebulosa.

Campo léxico (CL): é a fragmentação ou uma parte do campo conceitual, corresponde à expressão léxica, isto é, se a cada conceito corresponde uma lexia no plano da linguagem, falamos de campo léxico (LEBORANS, apud OLANO, 1996: 99). É constituído por um sema

(ou traço distintivo básico). Está no plano da expressão, e corresponderia tanto à forma da expressão (FE) = significante, como à substância da expressão (SE) = som.

Campo associativo (CA): é o semema, ou seja, o conjunto de traços semânticos pertinentes ou semas que entram na definição da substância de um lexema. Está no plano do conteúdo, correspondendo à forma do conteúdo (FC) ou significado. Como podemos observar, este abarca parte do campo conceitual e parte do campo lexical, pois pode invadir outros campos lexicais e outra parte do campo conceitual, pois como sabemos um significado pode ser expresso por mais de um lexema, assim como um lexema pode ter significados diferentes. A parte menor de todas, a qual imbrica os três campos, corresponderia ao signo lingüístico, visto em sua totalidade: o significante + o significado.

Mas, que explicação teríamos para a relação entre esses três campos, já que pelo *Gráfico 1* ambos se inter-relacionam? Pode-se afirmar que todo campo léxico é parte de um campo conceitual, por isso Coseriu (apud OLANO, ibid.) já dizia que todo campo léxico é um campo conceitual, mas nem todo campo conceitual tem que ser um campo léxico. O campo conceitual pode abarcar então diversos campos léxicos em particular. O campo associativo, por sua vez, abarca apenas parte do campo conceitual e parte de um campo léxico. Porém já que como este último pode envolver várias expressões léxicas com um mesmo sema ou traço distintivo básico (por isso é centrípeto), uma destas lexias pode ter evoluído semanticamente (o seu campo associativo) através do deslocamento de sentido ou mudanças semânticas, invadindo por isso outra parte do campo conceitual, (por isso ele é centrífugo), e, como conseqüência, essa outra parte pode inserir-se em outro campo léxico. Poderíamos exemplificar essa relação com o conhecido exemplo do lexema *boi*: esta palavra faz pensar

em: *vaca*, *touro*, *bezerro* (CL 1), como também em *trabalho*, *arado*, *jugo*; *carne*, *matadouro*, *açougue* (CL 2, 3 ..., os quais já se percebe que invadem outra parte do CC e distanciam-se daquele CL 1), e, por fim, podemos associar, em determinadas línguas, à idéia de *força*, *trabalho paciente*, *sofrimento*, *lentidão*, *peso*, *passividade* etc. Nestes últimos podemos observar outros CLs, o CA de *boi* foi largamente ampliado através de deslocamento de sentido (metáfora, sentido figurado, metonímia), invadindo, portanto, outra parte do CC.

Retomando, sucintamente, a noção de significado lexical e gramatical, Finegan (1994) afirma que enquanto o significado 'lexical' abrange as palavras de conteúdo como verbo, nome, adjetivo, advérbio, o significado 'gramatical' reúne as palavras funcionais como as conjunções, as preposições, os determinantes, como comentamos anteriormente. É necessário ainda estabelecer outros significados de "significado". Segundo Finegan (1994), enquanto a semântica tem focalizado, tradicionalmente, o significado referencial, que é o objeto, a noção ou estado de coisas descritos por uma palavra ou sentença, freqüentemente chamado *denotação*, a língua também transmite o significado social – informação sobre as características sociais do contexto de produção, representado por ações, estados, processos mentais e identidade da pessoa que as pronunciou –, e o significado afetivo – informação sobre as características emocionais do contexto de produção, transmitido pelos sentimentos, atitudes e opiniões do falante. Estes dois últimos são cobertos pelo termo *conotação.*

Assim, partindo da observação etimológica de palavras heterossemânticas do português e do espanhol, e dos seus significados referencial e conotativo, também chamados, respectivamente, primário ou de base e secundários, podemos identificar algumas divergências e semelhanças etimológicas e semânticas e, a partir dessas divergências e semelhanças estabelecer uma classificação, que permitirá direcionar a resposta inicial sobre as

possíveis causas para essa diferença de sentido entre duas palavras substancialmente idênticas em duas línguas geneticamente relacionadas. Temos, então, aqueles quatro grupos apontados no capítulo anterior: A1: origem etimológica diferente ou raízes latinas diferentes; A2: divergência semântica desde a origem ou fonte; B1: originalmente polissêmicos posteriormente homônimos por distanciamento entre os sentido; B2: originalmente polissêmicos, posteriormente com traços semânticos distintos.

Ao classificarmos um grupo como tendo origem ou raízes diferentes, podemos prever desde já que o problema relacionado à divergência de sentidos nesses lexemas heterossemânticos não é exclusivamente ou intrinsecamente de natureza semântica, mas também de natureza fonética, ou seja, pode ter havido uma convergência fonética de formas anteriormente diferentes e que em determinado estágio da língua tornaram-se substancialmente idênticas ou iguais. Isso, no entanto, não satisfaria totalmente em se tratando de um questionamento semântico mais aprofundado sobre o nosso objeto de análise.

Por isso, além da necessidade de especificar a variedade de significados de 'significado' descritos acima, em semântica lexical – ramo da semântica que lida com o significado da palavra – deve-se observar as relações de significados no léxico (ou, mais especificamente, em nosso caso, as relações associativas no lexema).

Ainda de acordo com Finegan (1994), os tipos de relações devem ser universais, embora os conjuntos de palavras a que eles se aplicam variem de língua para língua. Percebe-se claramente que as observações de Finegan estão direcionadas ao estudo das relações em um campo lexical e não em um campo associativo propriamente dito, que é o nosso corte metodológico e direcionamento teórico. Veremos, porém, que determinadas relações podem também ocorrer em um campo associativo. Dessa maneira, poderíamos dizer que em um

campo associativo poderá haver pelo menos um hipônimo, pois o seu significado referencial ou mesmo os conotativos poderão estar relacionados a um hiperônimo, como, por exemplo, se dissermos: 'A vaca produz leite para o homem', o significado referencial de 'vaca', assim como o de cabra, está associado aos mamíferos (que produzem leite para o homem) – o seu hiperônimo. Ambos são, portanto, hipônimos de 'mamífero que produz leite para o homem'. Se dissermos ainda: 'Aquela vaca parece que não se enxerga, fica o tempo todo querendo aparecer, principalmente para os homens', neste caso, como se trata de um sentido figurado, podemos dizer que este sentido está associado conotativamente por relação metafórica, com 'prostituta, mulher fácil, mulher de vida devassa'. Podemos prever, portanto, que a divergência de sentidos nesses lexemas pode estar relacionada a essas relações associativas que cada língua poderá ter, e que poderão não ser as mesmas em ambas, já que cada língua recorta a sua realidade de acordo com a sua realidade cultural, social, afetiva, etc.

Segundo Finegan (1994), campos léxicos são conjuntos de palavras cujos referentes pertencem a um mesmo conjunto na base de uma ou mais características fundamentais. Em um campo léxico, as palavras são freqüentemente organizadas em termos das seguintes relações:

1. Hiponímia (específicos e gerais; uma espécie/classe de). Relaciona itens lexicais específicos e gerais, de modo que o primeiro esteja incluído no segundo. Ou seja, um hipônimo é um termo em que o referente está totalmente incluído no referente de outro termo. Ex.: mamífero é hiperônimo de gato, vaca, homem, etc. (hipônimos).

2. Relações parte/todo (subdivisão). Em cada par ou conjunto de palavras, o referente do primeiro termo está incluído no referente do segundo. Ex.: mão e braço; segundo e minuto, minuto e hora.

3. Sinonímia (significado semelhante). Duas palavras são sinônimas quando o referente é o mesmo, ou quando elas 'significam a mesma coisa'. Ex.: pessoa e indivíduo. O que pode mudar um par sinônimo é geralmente o significado social ou afetivo.

4. Antonímia graduável e não-graduável (significado oposto). Ex.: oposição entre cães Grandes Dinamarqueses x Pastores alemães x Chihuahua (graduáveis). Casado/solteiro (não-graduáveis).

5. Opositividade (significado recíproco). Caracterizada pela relação recíproca entre pares de palavras. Ex.: marido/mulher; pai/filho; médico/paciente, etc.

6. Polissemia (vários significados). Uma palavra é polissêmica quando ela tem mais de um significado. Ex.: a palavra *simples* pode ter outros significados como: fácil, claro, leve, etc.

7. Homonímia (mesma forma fonética). Duas ou mais palavras são homonímicas quando possuem significados diferentes mas são pronunciadas da mesma forma. Ex.: são (= sadio, santo, verbo ser).

8. Extensão metafórica (significado derivado). Metáfora é uma extensão no uso de uma palavra para além do seu significado primário para descrever referentes que possuem semelhanças com o referente primário daquela palavra. Ex.: araña (= aranha, lustre de teto, etc.).

Sabemos que essas relações não são as únicas, pois podemos ter também a metonímia, o tabu, o contágio, os empréstimos etc. Vale salientar ainda que as relações entre palavras numa língua podem estabelecer-se entre dois nomes (neste caso seria uma relação, mais especificamente, no campo lexical), entre dois sentidos (mais especificamente no campo associativo) ou entre nomes e sentidos, ao mesmo tempo. Isso significa que essas relações

podem, em determinados casos, se imbricarem, pois a língua é um continuum, ora acontecem mudanças em um nível, ora em outro nível, outras vezes podem ocorrer em dois níveis concomitantemente. Por exemplo, podemos ver que em palavras heterossemânticas pode ter havido mudanças fonéticas que as tornaram mais semelhantes ainda. No entanto, pode não ter havido mudanças semânticas significativas e elas podem ser consideradas cognatas entre as duas línguas. Ou, inversamente, elas poderão ter semelhanças fonéticas desde a origem mas se distanciarem por mudanças ocorridas apenas no nível semântico ou nos sentidos.

Diante do que já expusemos até agora, podemos desde já afirmar que, de acordo com as nossas observações e análises, entre as palavras heterossemânticas do português e do espanhol delineiam-se basicamente duas relações principais para a criação de heterossemânticos entre as duas línguas, as quais podem explicar esse fenômeno, isto é, a divergência entre os sentidos dessas palavras substancialmente idênticas. Estas duas relações, as quais podem ser observadas a partir da análise no campo associativo (semasiológica) de cada lexema em cada língua em particular, desde a sua etimologia ao seu sentido conotativo, posteriormente confrontados ou comparados, são as relações de homonímia e polissemia, sobre as quais explicitaremos comentários a seguir sobre suas fontes, o que justifica a nossa afirmação com relação aos heterossemânticos.

3.6 Homonímia e Polissemia

Como afirmamos anteriormente, acreditamos na relação de polissemia e homonímia para um tratamento de palavras heterossemânticas do português e do espanhol. Daí, o título de nosso trabalho. Assim, pode ser esta uma explicação plausível e possível dos fatores ou

causas que promoveram ou promovem as divergências em palavras heterossemânticas entre línguas, no caso, entre línguas geneticamente relacionadas. Abordamos a questão da homonímia e da polissemia entre as línguas a partir de duas forças distintas: uma no nível fonético, outra no nível semântico, propriamente dito.

Em semântica lingüística, ainda existe muita polêmica sobre essas duas relações semânticas na linguagem. Ambas são fenômenos lingüísticos de origens diferentes e, embora distintas entre si, contribuem para a ambigüidade lexical. Convém salientar, contudo, que nossa preocupação neste trabalho não se restringe, especificamente, à relação destes com a ambigüidade lexical em uma ou nas línguas que focalizamos, mas se estende a verificar como tais fenômenos lingüísticos contribuem para uma análise das relações de sentidos em palavras heterossemânticas do português (P) e do espanhol (E).

Seria, seguramente, incabível citarmos aqui as várias definições dadas por lingüistas a respeito de polissemia e homonímia. Primeiramente porque os próprios termos apontam para critérios diversos para distingui-los e defini-los. Em segundo lugar, os diferentes critérios de análise, propostos ao longo dos estudos lingüísticos, são, algumas vezes, precários, díspares e até insatisfatórios para diferenciá-los, ou seja, nem sempre há uma separação clara entre ambos os termos, ou tais critérios não satisfazem os objetivos propostos, embora a preocupação da maioria seja, provavelmente, a mesma – a ambigüidade lexical. Como o próprio Lyons (1977b: 550) diz, a diferença entre a homonímia e a polissemia é mais fácil de se explicar em termos gerais do que de se definir com base em critérios objetivos e operacionalmente satisfatórios. Contudo, convém destacar algumas definições e um dos critérios que contribuirão para nossas análises.

Para Ullmann (apud MARQUES, 2001: 65), os significados diferentes são expressos por um mesmo nome, na homonímia; e os matizes diversos de um mesmo sentido básico de um nome caracterizam a polissemia. Dessa forma, diríamos que a polissemia é: *poli* = vários + *semia* = significados, isto é, envolve o significado e a sua multiplicidade. A homonímia: *homo* = semelhante, igual + *nímia* < *nomen* = nome, envolvendo os significantes e a sua identidade.

Segundo Lyons (1977a: 27), numa definição comum do termo, homônimos são palavras ou lexemas que têm a mesma forma, mas diferem no significado, e não apenas por terem significados diferentes, mas por serem completamente estranhos um ao outro é que são homônimos.

Ilari (2002: 103; 152) diz que a homonímia é um fator *potencial* de ambigüidade de nossos textos, e que tais palavras são aquelas que se pronunciam da mesma maneira, mas têm significados distintos e são percebidos como diferentes pelos falantes da língua. Para a polissemia, esse autor diz que as formas lingüísticas admitem extensões de sentido, e que a relação de polissemia caracteriza-se pelos diferentes sentidos de uma mesma palavra, percebidos como extensões de um sentido básico.

Resumimos, contudo, tais definições, de acordo com Marques (2001: 65), que um dos critérios para a definição de homonímia é a de um mesmo nome com sentidos diferentes, porque, na sua origem, os diversos sentidos se prendem a segmentos fônicos diferentes, que evoluíram para formas sonoras idênticas, mantendo-se distintos os sentidos originais. Teríamos, então, uma convergência fonética de elementos fônicos distintos resultando em semelhança fônica ou gráfica. A existência de um traço comum de significado entre sentidos diversos de uma mesma palavra, por outro lado, caracteriza a polissemia. Há, portanto, em

determinada palavra ou lexema um significado básico, e a partir deste significado se desenvolvem outros sentidos para a palavra ou lexema, através dos quais pode-se identificar os fatores de mudanças ou deslocamento de sentido. Acrescentamos ainda que entre os sentidos polissêmicos de uma mesma palavra podemos encontrar oposição homonímica com relação a outros sentidos, numa mesma língua.

Como Ullmann (1962: 330) diz, "embora a fronteira entre polissemia e a homonímia seja, por vezes, fluida, os dois tipos são tão distintos que terão de ser considerados separadamente." Perguntamos então, como surgem os dois fenômenos? que efeito teria essa relação que pudesse estar relacionado ou que pudesse explicar o problema das palavras heterossemânticas?

3.6.1 No nível fonético

3.6.1.1 Homonímia: fontes

Segundo Ullmann (1962: 364), embora a homonímia seja muito menos comum e menos complexa do que a polissemia, os seus efeitos podem ser igualmente graves e até mais dramáticos. A homonímia pode surgir através de três processos apenas, e o terceiro é de importância muito secundária.

3.6.1.1.1 Convergência fonética: critério histórico-etimológico

À necessidade de se diferenciar polissemia e homonímia, junta-se também a necessidade de se conhecer e escolher critérios para um tratamento adequado na descrição

lingüística, como também no tratamento lexicográfico das unidades lexicais das línguas. Embora as críticas à consideração do critério histórico-etimológico para a distinção entre polissemia e homonímia sejam recorrentes em lingüistas como Ullmann, Lyons, Todorov, estes e outros manifestam a sua possibilidade e necessidade sob critérios de análise lingüística diacrônico, da mesma forma que não há também unanimidade sob o ponto de vista sincrônico entre os lingüistas.

Lyons (1977b: 550-1) especifica que o critério histórico-etimológico costuma ser aplicado pelos lexicógrafos, embora também o apliquem determinados autores e lingüistas. Segundo ele, é geralmente considerada uma condição suficiente, embora não necessária de homonímia, que os lexemas em questão devam ser conhecidos como tendo-se desenvolvido a partir do que eram lexemas formalmente distintos em algum estágio anterior da língua.

Segundo Olano (1996: 186), encontram-se nesta mesma linha A. R. Fernández González et alii (1988) e A. Quilis (1981), os quais, baseando-se no critério histórico-etimológico, recorrem à diacronia para distinguir palavras polissêmicas e homônimas. Este último estabelece como causa principal da homonímia a *evolução fonética convergente* de palavras distintas procedentes de um período anterior. Ullmann (1964: 365-6) também admite que a *convergência fonética* é um dos processos mais comuns pelos quais pode surgir a homonímia, visto que, sob a influência das mudanças fonéticas vulgares, duas ou mais palavras que tiveram outrora formas diferentes coincidem na linguagem falada, e muitas vezes também na escrita.

Ainda segundo Ullmann (1962: 366), esta forma de homonímia é muito mais freqüente nas línguas que têm uma grande abundância de termos monossilábicos (como o

inglês e o francês), do que naquelas onde a substância fonética das palavras tem sido mais bem preservada (como o alemão e o italiano).

Em se tratando de línguas diferentes, podemos afirmar que ocorre o mesmo processo, isto é, lexemas originalmente diferentes, pois vieram de origens ou raízes etimológicas diferentes, caminham pelas trilhas de evolução eleitas por cada língua para o mesmo som ou grafia, favorecendo ou promovendo a convergência no plano da substância da expressão. Por isso, consideramos esse fator como um dos possíveis para a criação de heterossemânticos entre línguas diferentes, como podemos observar entre o português e o espanhol, conforme classificamos no grupo A1 (*Quadro 8: Classificação dos heterossemânticos*, p. 84) de palavras que tinham anteriormente formas diferentes e sofreram algum tipo de mudança fonética e atualmente possuem formas fonética ou gráfica semelhantes ou iguais entre as duas línguas por convergência fonética.

3.6.1.1.2 Divergência semântica

O desenvolvimento de sentidos divergentes pode também provocar a homonímia, pois quando dois ou mais significados da mesma palavra se separam de tal modo que não haja nenhuma conexão evidente entre eles, a polissemia dará lugar à homonímia e a unidade da palavra será destruída. Assim, a perda da motivação semântica pode ser um dos fatores que promoverão a divergência semântica em lexemas e conseqüentemente a homonímia por alguns motivos: a mudança sonora não é de grande importância aqui, embora se faça sentir em circunstâncias especiais, como em *pavillon* (francês) que significava inicialmente ‘tenda

de campanha' e vinha do latim *papilio, palilionem* 'borboleta'; foi, a princípio, uma metáfora gráfica sugerida pela semelhança entre uma tenda e as asas abertas do inseto. No entanto, não há nenhuma marca desta ligação no francês moderno, onde se chama papillon à borboleta, forma irregular que não mostra a costumada mudança francesa de /p/ para /v/ em posição intervocálica (BLOCH-WARTBUR, apud ULLMANN, ibid, 203).

A perda da motivação semântica pode também acontecer entre os significados literal e figurado, os quais podem divergir por estarem ligados a formas variantes: *Rabe* (alemão) 'corvo' – *Rappe* 'cavalo negro'; *person* [pessoa] – *parson* [clérigo], etc. Se o sentido literal de uma palavra cai em desuso, o significado figurado perderá a sua motivação, como em *tête* (francês) 'cabeça', cujo antepassado latino *testa* significava 'panela, cântaro, casca' e se aplicava metaforicamente à cabeça no latim vulgar. Quando o significado primitivo desapareceu, *tête* 'cabeça' tornou-se opaca e está agora rodeada de outros sinônimos mais expressivos e jocosos como *poire* 'pera' e *citrouille* 'abóbora'. Assim, como o significado literal desapareceu e apenas o figurado sobreviveu, a palavra deixou de ser motivada. Outra forma de ocorrer a perda de motivação é quando se torna demasiado larga a brecha entre o significado original e o figurado. Com essa perda, os dois sentidos serão percebidos como pertencentes a palavras separadas, como em pupil 'pupilo, discípulo' e 'menina do olho'.

A linguagem vulgar está repleta de homônimos 'secundários' do tipo: *ear* 'orelha', *ear* 'espiga', *ear* 'orelha; espiga'. Esta forma de homonímia ocorre pela reinterpretação de homônimos, ou seja, como se fosse uma única palavra com dois sentidos. Assim, quando duas palavras têm som idêntico e a diferença de significado não é muito grande, temos uma certa tendência a considerá-las como uma única palavra com dois sentidos. Historicamente, são casos de homonímia, pois os dois termos provém de origens diferentes, mas o locutor

moderno, desconhecedor de etimologias, estabelecerá uma relação entre eles sobre bases puramente psicológicas. Este último caso é também considerado como uma das fontes de polissemia, como veremos e comentaremos adiante.

Estes fatores são evidentes entre os heterossemânticos do português e do espanhol do grupo A2 (*Quadro 8*, p.84), pois percebe-se em alguns pares a divergência semântica desde a origem ou fonte, em outros percebe-se alguns traços semelhantes na origem, porém logo no sentido de base divergem completamente, em outros casos há imprecisão ou controvérsias quanto à origem etimológica. Dessa forma, a divergência semântica pode ser considerada como um dos fatores para a divergência em palavras heterossemânticas por alguns desses processos. Acreditamos que os mais comuns sejam, quando vêm da mesma origem, a queda do sentido literal, distância entre o sentido literal e figurado muito ampla, percepção dos sentidos como pertencentes a palavras separadas, e, em último caso, origens diferentes.

3.6.1.1.3 Influência estrangeira (empréstimo)

Segundo Ullmann (ibid., p. 373), quando uma palavra de empréstimo se estabelece com firmeza no seu novo ambiente adapta-se ao sistema fonético local e participará posteriormente das mudanças normais de sons, podendo coincidir, assim, com outras palavras da língua que a recebeu. Este tipo de influência estrangeira não é, pois, uma fonte separada de homonímia, mas apenas uma forma especial de desenvolvimentos fonéticos convergentes. A influência de uma língua estrangeira pode também levar à homonímia através do *empréstimo semântico*, ou seja, uma língua pode influenciar outra pela mudança de significado já existente; é introduzido um novo sentido. Consideramos este também um fator possível e

importante para o desenvolvimento de palavras heterossemânticas, pois, se não opera de um lado com um empréstimo lexical propriamente dito, ou seja, de um lexema que pode tornar-se igual a outro já existente na língua, pode ocorrer através do empréstimo de um sentido em uma palavra naquela língua, modificando o já existente naquele lexema.

Consideramos estes três fatores como fontes de criação de heterossemânticos mais no nível fonético, envolvendo a relação da homonímia entre as palavras de duas línguas, pois estas mudanças estão mais relacionadas ao plano da substância da expressão, do que diretamente relacionadas ao plano da forma do conteúdo (significado), como as mudanças semânticas ou deslocamento de sentido, embora também envolvam questões semânticas. Cabe-nos ainda destacar que os pares selecionados para análise são em sua maioria semelhantes principalmente na forma fonética e/ou gráfica. Por isso, não nos aprofundaremos em questões fonológicas entre as línguas, pois não seria esse nosso objetivo principal, embora saibamos que ambas possuem diferenças fonológicas entre si. Assim, trataremos mais especificamente, conforme uma terminologia mais adequada em semântica, de pares *homógrafos* quando estas palavras ou lexemas forem escritas da mesma maneira mas divergirem quanto ao significado, e de pares *homófonos* quando as palavras ou lexemas tiverem a mesma pronúncia (ou semelhante, embora sempre possa haver diferenças de som entre as línguas), mas divergirem quanto ao sentido. Porém quando a identidade cobre tanto a forma escrita quanto a falada fala-se em homônimo total, enquanto quando recobre apenas um único meio ou nível chama-se homônimo parcial.

3.6.2 No nível semântico

3.6.2.1 Polissemia: fontes

Delinearemos agora a outra força que pode promover a criação de heterossemânticos, a qual se encontra no nível semântico propriamente dito – a polissemia. Para tanto, consideraremos os postulados teóricos comentados anteriormente a respeito do deslocamento de sentido, arbitrariedade, mutabilidade (Saussure), assim como outros que os envolvem, como as mudanças de significado (Ullmann), os quais comentaremos concomitantemente aos fatores que promovem a polissemia, e por último trataremos sobre criação e evolução semântica (Guiraud).

Ullmann (1962: 331) descreve a polissemia como um traço fundamental da fala humana, que pode surgir de múltiplas maneiras. Aponta cinco fontes para o surgimento desse fenômeno relacionado aos significados diferentes que uma mesma palavra poderá ter. Enfatizamos que, normalmente, só um desses significados se ajustará a um contexto dado.

3.6.2.1.1 Mudanças de aplicação (ou emprego)

Segundo o mesmo autor, ao se analisar as várias formas de imprecisão no significado, as palavras têm um certo número de aspectos diferentes, de acordo com o contexto em que são usadas. Alguns são puramente efêmeros; outros podem transformar-se em matizes permanentes de significado e, à medida que aumenta a separação entre eles, podemos chegar a considerá-los como sentidos diferentes do mesmo termo. As mudanças de emprego são

particularmente observáveis no uso dos adjetivos, já que eles têm a possibilidade de variar o seu significado de acordo com o substantivo que qualificam. Por exemplo, 'apto' (para pessoas), pode ser também 'fácil de manejar' (para objetos concretos), 'apropriado' (para ações, fala), 'adequado' (para conduta). Assim, a maioria desses sentidos surgiram devido a mudanças de aplicação, embora o uso figurado, como outro fator, possa também ter desempenhado o seu papel.

Vejamos ainda os comentários de Guiraud (1975) sobre sentido e relação. As palavras não têm sentido, têm apenas empregos. O sentido, do modo como ocorre no discurso, depende das relações da palavra com o contexto, e essas relações são determinadas pela estrutura do sistema lingüístico. Portanto, os sentidos de cada palavra são definidos pelo conjunto dessas relações, e não por uma imagem da qual seria ele o portador.

O estado da língua é que determina os valores da palavra, valores estes que são as possibilidades de relação que definem um campo de emprego no discurso. Nessa perspectiva, a língua é um sistema de signos utilizado para a comunicação das idéias, evocando no espírito do receptor as imagens conceituais das coisas formadas em nosso próprio espírito. "A palavra não transmite a coisa, mas a imagem da coisa". (GUIRAUD, 1975: 32).

3.6.2.1.2 Especialização num meio social

Uma palavra pode adquirir um certo número de sentidos especializados, dos quais um só será aplicável em determinado meio. A palavra papel, por exemplo, pode referir-se não só ao material em geral, mas a outras coisas como documentos legais ou oficiais; um jornal; uma série de questões a examinar; uma comunicação lida ou enviada a uma sociedade erudita; no

plural, pode também designar documentos de identidade; certificados que acompanham a demissão de um funcionário etc. Poderíamos, portanto, observar muitos outros exemplos de palavras que têm um significado geral na linguagem vulgar e sentidos especializados em esferas mais restritas.

A forma extrema de especialização alcança-se quando um substantivo comum torna-se virtualmente em um nome próprio que designa um só objeto num ambiente particular, como, por exemplo, a *City* [centro da cidade], a *Tower* [torre de Londres], que se especializaram por serem distritos e zonas famosos de Londres.

3.6.2.1.3 Linguagem figurada

Como sabemos, a metáfora e outras figuras são fatores importantes na motivação e nas tonalidades emotivas. A linguagem figurada constitui-se também como outra faceta do mesmo artifício. Uma palavra pode adquirir um ou mais sentidos figurados sem perder o seu sentido original: o velho e o novo viverão lado a lado, desde que não haja possibilidade de confusão entre eles. Dessa forma, um certo número de metáforas pode 'irradiar' do sentido central. (DARMESTETER, apud ULLMANN, 1962: 336). A palavra *olho*, por exemplo, pode ser aplicado a uma enorme variedade de objetos que lembram o órgão, como 'o centro de uma flor'; 'a marca da cauda de um pavão'; 'a abertura através da qual jorra a água de uma fonte'; 'o centro de revolução'.

Existe a mesma espécie de polissemia baseada na metáfora quando falamos do *leito* (*bed*) de um rio, *folha* (*sheet*) de papel, *coração* da melancia, *boca* do estômago, *dentes* do garfo, *costas* da cadeira, *braços* do sofá, *gastar rios* de dinheiro, *vale* de lágrimas, etc. Esta

possibilidade de transposição metafórica é fundamental para a atividade da língua. A metáfora, no entanto, não é a única figura que pode originar a polissemia; a metonímia, que não se baseia nas alterações por semelhança de sentidos, mas nas alterações por contigüidade (vizinhança, proximidade) de sentidos, pode agir da mesma maneira. Por exemplo, a parte pelo todo ou o inverso: teto = casa; cerâmica = objetos feitos com esse material; fala-se do autor ou criador pelo produto: procurar no 'Aurélio'; ouvir 'Bach'. (ULLMANN, 1962: 337-9).

3.6.2.1.4 Homônimos reinterpretados

Outra forma especial de também surgir a polissemia é através da etimologia popular. Segundo Ullmann (Ibid., p. 217), a etimologia popular pode também promover motivação semântica a um termo opaco, pois quando duas palavras são idênticas no som e não muito diferentes quanto ao significado, tende-se a considerar como uma única palavra com um sentido literal e outro figurado, como, por exemplo, em inglês *ear* 'orelha', e sua homônima *ear* 'espiga dos cereais'. Ambas procedem de raízes inteiramente diferentes, a primeira relaciona-se com o alemão *Ohr* e o latim *auris*, a segunda com o alemão *Ähre* e o latim *acus*, *aceris*. A sua homônima em inglês levou à invenção de um elo semântico totalmente injustificado pela história: a maioria das pessoas consideraria provavelmente '*ear* dos cereais' como uma metáfora baseada na semelhança entre a espiga e a orelha[31] (BLOOMFIELD, Language, 436, apud, ULLMANN, ibid). Dessa forma, podemos afirmar que no inglês moderno *ear* 'espiga de cereais' pode ser considerado como sentido figurado da palavra para

[31] Deve-se entender que o autor, ao exemplificar com *espiga,* refere-se a espiga de trigo e não de milho.

a idéia de ‘orelha’. A etimologia popular pode mesmo ocorrer quando as duas palavras não são idênticas mas apenas semelhantes no som. Neste caso, a forma de uma das palavras será alterada para tornar-se homônima da outra.

Observamos ainda que esta fonte de polissemia, ou seja, a reinterpretação dos homônimos, tanto pode gerar a variedade de sentidos na polissemia, como a divergência semântica na homonímia, como vimos em seção anterior (3.6.1.1.2). Percebe-se que é nestes casos que nunca se sabe onde começam e onde terminam as fronteiras entre polissemia e homonímia. Ao nosso ver, do ponto de vista do falante/ouvinte (da expressão) eles podem ser considerados como sendo polissêmicos pelo fato de o falante considerá-lo como um sentido figurado daquele literal, ou ver certa relação entre os sentidos por desconhecer a origem etimológica, mas do ponto de vista histórico e semântico, propriamente dito, eles são realmente homônimos.

Ainda de acordo com Ullmann (Ibid., p. 340), este tipo de polissemia é muito raro e os exemplos são um tanto duvidosos na sua maioria, como Bloomfield afirma: ‘o grau de proximidade dos significados não está sujeito a uma medição precisa’ (Language, 436, apud ULLMANN, ibid). Só um inquérito estatístico poderia mostrar se a maioria dos locutores sente realmente algum tipo de conexão entre os sentidos. Bloomfield (apud ULLMANN, ibid.) ainda sugere que nesses pares de homônimos o segundo termo é considerado como um significado marginal ou transferido do primeiro, como dissemos acima em outras palavras.

3.6.2.1.5 Influência estrangeira ou empréstimo semântico

Designado vulgarmente como ‘empréstimo semântico’, a influência estrangeira será particularmente freqüente quando houver um contato íntimo entre duas línguas, das quais uma

sirva de modelo à outra. Como exemplo, Ullmann (1962: 342) diz que isto aconteceu na primitiva Igreja cristã onde o hebreu exerceu uma poderosa influência sobre o grego, e este sobre o latim. Atualmente (Ullmann, 1962) isto também ocorre na fala dos imigrantes nos Estados Unidos ou, em um campo mais limitado, na linguagem desportiva que está saturada de anglicismos em muitos países. Podemos também mencionar o vasto número de palavras usadas na informática, todas elas emprestadas do inglês, onde a forma é original mas a significação é emprestada, como *hardware*, *software*. Existem casos também em que a significação é emprestada mas a forma é adaptada ou traduzida, como *super-homem*, do inglês *superman*. Ainda segundo Ullmann (1964: 342-3), muitos conceitos importantes da fé cristã devem o seu nome a empréstimos semânticos do hebreu ou do grego. Na Bíblia, exemplifica o autor, a palavra hebraica ml'k 'mensageiro' era muitas vezes usada no sentido de 'anjo'. Como não havia em grego nenhuma palavra para designar 'anjo', os tradutores da Bíblia copiaram a polissemia (ml'k = 'mensageiro'; 'anjo') do termo hebraico usando o grego άγγελος 'mensageiro' no sentido de 'anjo'.

Dessa forma, uma língua pode influir em outra pela mudança de significado de uma palavra já existente. Assim, o sentido importado, algumas vezes, abolirá completamente o antigo. Porém, em muitos casos, o sentido antigo sobrevive ao lado do novo, dando assim origem a um estado de polissemia. Segundo Ullmann (1962: 345), esse tipo de polissemia nem sempre está confinado ao contato entre duas línguas particulares, já que muitos empréstimos semânticos têm uma grande circulação internacional, com as diferentes línguas copiando-se umas às outras ou imitando um modelo comum. Algumas formas de polissemia estão tão difundidas e parecem tão naturais que é difícil estabelecer a sua origem.

Resumindo, podemos dizer que as três primeiras fontes de polissemia: a mudança de aplicação, a especialização do significado, e o emprego figurado são as mais importantes. A reinterpretação de homônimos é muito rara, enquanto que o empréstimo semântico, apesar de muito comum em certas situações, não é um processo normal na linguagem quotidiana. (ULLMANN, 1962: 346).

Como observamos durante esses comentários, todos esses processos ou fontes servem para mostrar como surgem essas duas relações – homonímia e polissemia – em uma língua particular, embora outras línguas possam estar envolvidas de uma forma ou de outra nesse processo, pois afinal de contas as línguas não existem totalmente isoladas, há momentos em que elas entram em contato uma com a outra, promovendo e causando certas relações na linguagem e que podem ser analisadas comparativamente. Por isso, defendemos a idéia de que existe relação de polissemia e homonímia também entre línguas e não apenas na língua em particular, principalmente quando estas estiveram tão próximas uma da outra em estágio anterior, ou principalmente pelo fato de ambas serem geneticamente relacionadas. Desta maneira, buscamos comprovar a possibilidade de haver uma relação semântica de polissemia e homonímia em palavras heterossemânticas do português e do espanhol.

Acreditamos que, embora as fontes de polissemia e homonímia descritas acima possibilitem a análise dessas relações em palavras heterossemânticas, assim como uma possível explicação ao fato destas serem ora semelhantes ora totalmente divergentes quanto ao sentido, outras mudanças semânticas podem também ocorrer concomitantemente em seu campo associativo. Essas mudanças semânticas também contribuem para tais divergências na forma do conteúdo (significado) desses lexemas. Por isso, observamos também outros tipos de mudanças de significados ocorridos em cada língua em particular e/ou entre as duas, para

que se possa identificar essas semelhanças e diferenças entre os lexemas heterossemânticos do português e do espanhol. Acreditamos, portanto, que essas mudanças de significado poderão também ser fontes de homonímia ou de polissemia na língua ou entre as línguas em questão, pois a língua, ou melhor, os sentidos das palavras estão sempre em evolução e passíveis de determinadas mudanças. Vejamos como isso pode ocorrer através dos outros processos de mudanças de significado.

3.7 Criação e evolução semântica

As palavras são criações do homem, e têm sua vida própria, "nós as criamos e elas se criam". (GUIRAUD, 1975: 40-1). Assim, existe uma criação consciente e uma evolução espontânea da linguagem. O homem cria palavras para dar nome às coisas, seja porque estas ainda não os possuam, seja porque os nomes que estas têm já não realizam eficazmente a sua função.

"Toda criação verbal é sempre motivada" (Ibid., p. 42), pois baseia-se em associações extra-convencionais, associação natural entre o significante e o significado e associações internas. Criada a palavra, ou por transferência de sentido ou por qualquer outro modo, o seu sentido pode, espontaneamente, evoluir, o que acontece na maioria dos casos. Para isso, é suficiente que uma palavra se desenvolva e invada o sentido de outra e termine alterando-o, abafando-o, e por fim substituindo-o.

O sentido das palavras resulta de um duplo processo: a nominação e a evolução espontânea ou deslocamento dos valores de sentido. Ambos são complementares e interdependentes, mas distinguíveis. A nominação é um ato criador e consciente de origem

individual e ao mesmo tempo descontínuo; um indivíduo cria uma palavra e esta assume instantaneamente sua função através de uma convenção coletiva. Ao contrário do deslocamento, que é inconsciente e progressivo, há um acordo coletivo, mas este não é explícito, ou seja, o novo sentido se impõe pouco a pouco, até o dicionário aceitá-lo. Existe, portanto, uma criação individual, motivada, consciente e descontínua de um lado, e uma disseminação coletiva, inconsciente e progressiva de outro.

Além da teoria saussuriana sobre o "deslocamento de relação entre o significante e o significado", Ullmann (1962), por sua vez, afirma que as mudanças semânticas podem ser provocadas por causas infinitamente múltiplas, e muitas delas, inclusive aquelas que parecem simples, provém de causas excepcionais que só podem ser estabelecidas através da reconstrução do fundo histórico completo. Dessa forma, voltado para os valores expressivos e associativos das palavras, Ullmann tende a explorar as fontes de ambigüidade lexical e seus efeitos no uso da língua e, voltado para aspectos históricos, sintetiza os processos de evolução semântica, retomando o estudo de suas causas e tipologia, a partir de Meillet e das bases classificatórias de Roudet.

Salientamos que estas mudanças de sentido serão efetivamente observadas em palavras heterossemânticas do português e do espanhol cuja relação seja a polissemia, pois no caso da homonímia as divergências de sentidos já ocorrem desde a origem etimológica ou desde o sentido de base, portanto não faz sentido observar o deslocamento de sentido ou evolução nesses pares homônimos. Assim, baseando-nos principalmente em Ullmann (1962), vejamos essa classificação, voltando-nos principalmente para a questão da relação da palavra em seu campo associativo, retomando os processos que podem promover o deslocamento de

sentido em um lexema, e não especificamente para as questões históricas e evolutivas das mudanças de sentido na língua.

3.7.1 Causas lingüísticas

Refere-se a mudanças devidas às associações a que as palavras estão sujeitas na fala, ou seja, as mudanças devidas a causas fonéticas, morfológicas ou sintáticas, pelas quais a colocação habitual pode afetar permanentemente o significado dos termos envolvidos. Isso ocorre por contágio, etimologia popular (já comentado), conflitos homonímicos e elipse. Desses tipos de mudança de sentido o que mais se sobressai é o contágio, no qual o sentido de uma palavra pode ser transferido para outra, apenas porque ocorrem simultaneamente em muitos contextos. Em sintagmas, termos constantemente utilizados juntos passam seus significados de um para o outro (*siso* 'bom senso, juízo' por 'dente (do) siso'). Em associações paradigmáticas como, por exemplo, em *onda* 'porção de água do mar, rio ou lago que se eleva', 'mar agitado' propiciam o deslocamento do sentido 'agitação' para o termo *onda*.

3.7.2 Causas históricas

As causas históricas interferem no processo civilizatório e lingüístico, por meio do grande progresso material e científico, bem-estar material e pluralidade cultural. No entanto, embora haja mudanças no âmbito material, moral ou científico, muitas vezes a língua é mais conservadora que a civilização. Assim, mudanças nas ciências, nas técnicas, nas instituições,

nas idéias, nos objetos e nos costumes acarretam uma mudança de coisas ou referentes sem mudança do nome, atingindo indiretamente o sistema da língua. Por exemplo, o significado de *embarcar* não se restringe apenas a *embarcar* em barco, mas também em novos meios de transporte, como trem, avião, carro; o significado da palavra *parlament* [parlamento] mudou para além das possibilidades de reconhecimento desde os concílios dos primeiros reis plantagenetas, mas a continuidade da tradição não foi interrompida e o termo ainda sobrevive independente das reformas constitucionais que o futuro possa trazer; *temperamento/temperamental* atualmente têm sentido ligado ao plano psicológico, deslocado de suas origens físicas; *nave* ressurge como forma abreviada de aero/espaçonave.

3.7.3 Causas sociais

Causas sociais ocorrem quando uma palavra passa da linguagem vulgar para uma nomenclatura especializada e tende a adquirir um sentido mais restrito (especialidades técnicas ou profissionais, terminologia de um ofício, arte, ou outro grupo limitado) – especialização. Ou, de forma inversa, palavras de uso especializado ou da linguagem de um grupo ganham novos sentidos e ampliam o âmbito de emprego, passando para o uso comum – generalização. Há, portanto, duas tendências socialmente condicionadas que operam em direções opostas: a *especialização*, que acarreta a restrição do sentido, e a *generalização*, que corresponde à extensão do sentido, ou seja, um alargamento da esfera social da palavra, ou uma ampliação de sua área referencial. Guiraud (1975: 73, 76), sobre esses dois processos, acrescenta que, passando de um grupo a outro, o sentido da palavra se modifica; esses *empréstimos sociais* constituem, segundo Meillet (apud GUIRAUD, ibid.), *o princípio*

essencial da mudança de sentido. Como exemplos podemos citar: *disco*, *fita*, restritos aos utilizados em equipamentos de som ou eletrônicos; *astro*, com sentidos novos e diversos, no uso geral da língua.

3.7.4 Causas psicológicas

Muitas vezes, as mudanças de significado têm suas raízes ou origens no estado de espírito da pessoa que fala ou em algum aspecto mais permanente da sua índole mental. Essa mudanças são decorrentes, portanto, de fatores emotivos, tabus, usos metafóricos ou metonímicos. Os fatores emotivos são fontes permanentes de novos sentidos para termos ligados às mais diversas experiências humanas, como, por exemplo, *hospício*, *asilo*, associados a 'abrigo, hospedaria' tornam-se termos restritos aos sentidos referentes à segregação, essencialmente de indivíduos problemáticos e socialmente marginalizados, loucos idosos.

Os termos lingüísticos que geram tabus designam objetos e idéias proibidas, psicologicamente ameaçadoras, interditadas moral ou culturalmente. Há tabus de medo, de polidez, de decência. O pavor sobre os seres ou coisas sobrenaturais impôs diversas vezes interdições tabus em seus nomes. Por exemplo, os judeus não podiam referir-se diretamente a *Deus* e usavam a palavra 'Senhor' em seu lugar; para não atrair forças negativas, o *diabo* tem várias designações populares, como: *tinhoso*, *capeta*, *demo*, *coisa* ruim, *diacho*, *cão*, *canhoto,* etc. Por delicadeza, defeitos físicos, doenças, defeitos morais recebem nomes eufêmicos, que atenuam os sentidos originais ou evitam a referência direta a assuntos desagradáveis. Por exemplo, *ladrão* é 'gatuno', 'amigo do alheio'; pessoas mental ou fisicamente incapacitadas,

total ou parcialmente, são ‘deficientes’ ou ‘excepcionais’. Por decência, em usos socialmente generalizados, termos referentes a sexo, partes e funções do corpo humano recebem nome de origem diversa, para evitar palavras diretamente relacionadas a esses temas tabu, como: *cadeiras*, *quadris*, *traseiro*, *bumbum* substituem ‘bunda’, ‘nádegas’; *transar*, *brincar*, *vadiar*, *fazer amor* referem-se, muitas vezes, ao ‘ato sexual’; as mulheres na hora do *parto* ‘dão à luz’, ‘ganham neném’, enquanto que *parir* restringe-se a animais. Sobre metáforas e metonímias já comentamos em seção anterior.

3.7.5 Influência estrangeira ou empréstimo

Muitas mudanças de significado e inovação deve-se também à influência ou empréstimo de termos estrangeiros ou à influência de algum modelo estrangeiro. Assim, *sanduíche*, *piquenique*, *lanche* são palavras que acompanham a adoção de novos hábitos. Outros como r*ealizar* ‘dar-se conta’, *atual* ‘real’, *tentativo* ‘experimental’ correspondem a nomes já existentes, utilizados com os sentidos do inglês, lado a lado com os sentidos usuais no português. Palavras de outras línguas, muitas vezes, são empregadas com sentido oposto ao original, por falsa analogia ou má interpretação popular, como *handicap* refere-se a ‘vantagem’ e se confunde com *background*, interpretado como ‘vantagem’, ‘bagagem’ material ou cultural. *Batom*, *ruge*, *mantô* já se integraram aos hábitos lingüísticos do português no Brasil. (MARQUES, 2001: 66-7). Algumas vezes, tanto a forma quanto à significação da palavra são assimiladas com alguma adaptação ao sistema fonológico ou morfológico da língua que recebe, como *hambúrguer* (do inglês *hamburger*). De outras, porém, só a significação é emprestada, mas a forma é a original, como as palavras usadas na

informática, todas elas emprestadas do inglês, como *hardware*, *software,* etc. Há casos ainda em que a significação é emprestada, mas a forma é adaptada ou traduzida, como *super-homem*, do inglês *superman*. (CRYSTAL, 2000: 93).

3.7.6 Necessidade de um nome novo

O progresso material, científico e tecnológico exige novos recursos lingüísticos, tornando-se uma das principais fontes de inovação e ampliação vocabular e uma causa extremamente importante das mudanças semânticas. Sempre que seja necessário dar um nome novo para designar uma idéia ou objeto novos, podemos: 1. formar uma palavra nova a partir de elementos já existentes; 2. importar um termo de uma língua estrangeira ou de qualquer outra fonte; 3. alterar o significado de uma palavra antiga. O funcionamento dessas mudanças são mostradas claramente pela história das descobertas científicas e tecnológicas, como em *boeing*, *aidético*, *indexação*. Muitos nomes e sentidos provém de áreas altamente produtivas no plano lexical como a aeronáutica, a medicina, a economia, a indústria bélica e tecnológica, e a lingüística.

De acordo com Ullmann,

> A rapidez do progresso científico e tecnológico do nosso tempo vai efetuando pedidos cada vez mais vultuosos aos recursos lingüísticos e as possibilidades da metáfora e de outros tipos de mudança semântica estão a ser amplamente exploradas. [...] De entre todos os artifícios lingüísticos possíveis, a mudança de significado é o mais simples, o mais discreto e talvez o mais elegante para caminhar ao mesmo passo do progresso da civilização. (Ullmann, 1962: 437-8).

Chegamos, portanto, a algumas conclusões abertas, porque estamos conscientes de que não esgotamos as possibilidades de análise do léxico de uma língua e muito menos de duas

línguas comparativamente. Porém essa discussão faz-nos compreender, pelo menos parcialmente, que todo campo associativo pode mudar segundo as línguas ou estados sucessivos de uma mesma língua. Essas mudanças podem não ser muito semelhantes, mas não são totalmente diferentes, entre línguas geneticamente relacionadas, pois embora haja certas realidades universais para todas as línguas, estas representam essa realidade de acordo com seus recortes particulares, a sua cultura, o seu modo de ver, sentir e agir e pensar diante dos fatos e das coisas. Além disso, o modo como estas relações funcionam de língua para língua pode variar, pois reconhecemos, como afirmou Ullmann, que em toda língua há certas palavra arbitrárias e opacas, sem nenhuma conexão entre o som e o sentido, existem outras que, pelo menos em certo grau, são motivadas e transparentes, e, dessa forma, podemos afirmar que pode haver, conseqüentemente, graus de arbitrariedade ou motivação maior ou menor entre as línguas. Isto é, acreditamos que existem línguas mais motivadas que outras, pois, embora não consigamos provar isto através do número de dados analisados, os mesmos apontam que este fato pode ser comprovado entre o espanhol e o português, ou seja, pôde-se observar que muitas palavras do português são mais motivadas do que as mesmas em espanhol, ou melhor, existem mais palavras motivadas em português do que em espanhol, pois seu campo associativo, e o número de mudanças de sentidos ou deslocamento de sentido é mais considerável do que no espanhol.

IV – PARA UMA CLASSIFICAÇÃO DOS HETEROSSEMÂNTICOS EM FACE DA RELAÇÃO DE POLISSEMIA E HOMONÍMIA

4 Observações preliminares

Neste capítulo, discutimos as relações semânticas de polissemia e homonímia, assim como outras mudanças de sentidos entre pares de palavras heterossemânticas do P e do E, a fim de explicar a origem e as relações semânticas envolvidas em cada par e classificar os grupos em termos dessas relações e critérios adotados.

Para tanto, estabelecemos dois grupos principais e seus respectivos subgrupos, através da relação de polissemia e homonímia, as quais se processam por meio de mudanças fonéticas ou deslocamento de sentidos ocorridos entre as línguas e/ou em cada língua em particular.

Quanto à disposição das palavras ou pares, assim como dos sentidos e exemplos apresentados neste capítulo como também no posterior – uma proposta de dicionário de heterossemânticos como subsídio didático – estabelecemos os seguintes critérios:

1º Separação pela relação de homonímia (Grupo A) ou polissemia (Grupo B) e seus respectivos subgrupos: A.1 e A.2; B.1 e B.2, numerando-os com apenas um algarismo, o qual representa o par, como, por exemplo: A) Homonímia: 1. abate/abate;

2º Separação do par, estabelecendo um paralelo entre ambas as línguas quanto à:

a) 1ª Linha do Quadro: origem etimológica (étimo imediato/próximo ou remoto) do lexema e datação, numerado pelos algarismos “1” e “2”, os quais representam respectivamente as línguas: espanhol (1ª Coluna do Quadro) e português (2ª Coluna do Quadro).

b) 2ª Linha do Quadro: classificação gramatical e acepções[32] ou sentidos que cada lexema possui em cada língua de acordo com o que apresentam os dicionários pesquisados. Estes estão dispostos e indicados em ordem numérica, a partir do número "1" em cada coluna, seguidos sempre que possível de exemplos[33] em cada uma das línguas. Caso o lexema tenha mais de uma entrada, explicitamos as mesmas logo abaixo, separando-as por um traço e por um número sobrescrito em cada uma. Ressaltamos ainda que, por questões particulares, preferimos optar por um recorte específico dos sentidos, ou seja, destacam-se no nosso trabalho os sentidos denotativo ou primário/de base (*referencial*) e os conotativos ou secundários (*social* e *afetivo*). Dessa forma, não consideramos na análise as locuções e expressões idiomáticas, já que estas envolvem um conjunto de palavras que equivalem a um só vocábulo por terem significado conjunto próprio e função gramatical única, o que talvez pode divergir muito em línguas diferentes, ou que talvez impossibilitaria fazer um paralelo entre as duas línguas confrontadas, podendo inclusive fugir dos critérios e objetivos propostos para o trabalho, pois, provavelmente, os critérios de semelhança e/ou igualdade de forma poderiam não coincidir entre as expressões e locuções nas línguas em análise, e como tal podem ser vistas a partir de outro enfoque metodológico e teórico.

c) 3ª Linha do Quadro: registro do número de entradas e do número de sentidos do lexema em questão em cada língua.

---

[32] Preferimos adotar mais freqüentemente e sempre que possível o termo 'sentido' em vez de 'acepção', pois acreditamos que para a análise em semântica lingüística o primeiro seria mais adequado, já que 'acepção' está mais especificamente para o campo da lexicologia, enquanto que o 'sentido' pode ser tratado dentro da lexicologia e da lingüística como 'cada um dos significados de uma palavra ou locução, que geralmente vêm separados nos dicionários', e dentro da lógica e lingüística como 'aquilo que uma palavra ou frase podem significar num contexto determinado; significado'.

[33] Quanto aos exemplos, os que não vêm seguidos de fonte ou referência são exemplos nossos, ou de informantes das línguas, sendo percebidos no uso cotidiano (informal/formal) da língua e anotados por nós como casos que exemplificariam o uso ou aplicação de cada sentido.

3º Abaixo do quadro, desenvolvemos nossa análise, explicitando nossas considerações para classificá-los como heterossemânticos, apontando as possíveis causas para tais divergências e outras questões explicitamente relevantes que justifiquem essa relação que os envolve e que possam explicar tais fenômenos.

4.1 Heterossemânticos: homonímia e polissemia

A partir das seguintes seções, explicitamos nossa análise refletindo sobre a possibilidade de as relações semânticas de homonímia e polissemia oferecer uma explicação possível para os fatores ou causas que promovem as divergências nos heterossemânticos do português e do espanhol. Relembramos que estas relações podem envolver níveis lingüísticos distintos, e não apenas o aspecto fonético e/ou semântico. No entanto, são estas duas forças distintas – fonética e semântica – que pretendemos focalizar para o tratamento do nosso objeto de estudo. Provém deste foco a nossa classificação em quatro tipos básicos de palavras heterossemânticas.

4.1.1 Grupo A: homonímia

Nestas duas seções, conforme foi explicitado na introdução a este capítulo, estaremos analisando os pares de palavras considerados heterossemânticos pela semelhança fônica ou gráfica, mas que são totalmente diferentes quanto ao sentido. A divergência de sentido observada em ambos pode ser explicada, neste caso, através da convergência fônica ou através da divergência semântica desde a origem ou fonte, como veremos a seguir.

4.1.1.1 Grupo A.1: Homonímia por convergência fonética

Esses pares de heterossemânticos constituem-se como lexemas homófonos ou homógrafos pela semelhança fônico-gráfica, entre ambas as línguas. No entanto, seus sentidos divergem totalmente porque ambos vêm de origem etimológica ou raízes (latinas ou não) diferentes e convergiram foneticamente para substâncias (da expressão) idênticas ou iguais nas duas línguas, constituindo-se como homônimos entre línguas. São, portanto, divergentes quanto ao sentido, pois não compartilham os mesmos sentidos entre si, embora tenham, no estágio atual das duas línguas, som e/ou grafia igual ou semelhante.

1. abate/abate

1. Abate (E): variante de *abad*, de influência italiana ou francesa. De *abad*, 1107, este do lat. *abbas*, *abbatis*, e este do aramaico *abba* 'padre', passando pelo grego.

1. S.m. Clérigos com ordens menores. *Conversábamos mucho, mientras esperábamos el abate*.
2. Espanholização do nome dado aos clérigos na França e na Itália. *La palabra abate es un españolismo usado en pocas lenguas*.
3. Presbítero estrangeiro, francês ou italiano, ou eclesiástico espanhol que residiu muito tempo na França ou Itália. *Me parece que ese abate es extranjero, pues habla con acento francés*.
4. Clérigo do séc. XVIII frívolo e cortesão. *El abate de esta ciudad es muy frívolo*.

Espanhol: Entrada 1: 4 sentidos

2. Abate (P): do lat. tardio *abbat(u)ere*, do séc. VI, como também *abbatere*. Derivado regressivo de *abater* (vb) 'derrubar, prostrar, fazer cair por terra", séc. XIV.

1. S.m.. Ato ou efeito de abater. *Temos que vacinar o gado para poder ir para abate. O abate (do gado) demorou cerca de três horas.*
2. V. Qualquer processo de matança de animais (reses, aves etc.) destinados ao consumo. *O rapaz abate aves.*
3. Desconto ou redução de preço; abatimento. *Comprei a blusa com abate de 50%.*
4. Corte ou derrubada de árvores. *O abate de inúmeras espécies de árvores provocou um enorme desmatamento na Floresta Amazônica*.

Português: Entrada 1: 4 sentidos

Quanto à etimologia sugerida, o par abate/abate é heterossemântico, já que os sentidos de ambos os lexemas são completamente diferentes, apesar de apresentarem a mesma forma

fonética[34]. Ambos provêm de raízes latinas diferentes, por isso estão incluídos do grupo A.1 em nossa classificação. Observa-se também uma mudança fonética no lexema em cada uma das línguas, através da perda ou mudança de sons, a partir da origem de cada uma, o que justifica a sua atual semelhança fonética.

Temos ainda, em ambos, categorias gramaticais diferentes desde as suas origens. Em (E), apesar da polissemia, temos apenas substantivo, conforme mostram os exemplos. Em (P), ao contrário, temos uma forma verbal simples (3ª p. sing.), como no exemplo do sentido 2, e um substantivo criado por derivação regressiva, como mostram os exemplos de 1, 3 e 4. Podemos observar que as semelhanças fonéticas e gramaticais podem causar dificuldades na aprendizagem. O contexto sintático, no entanto, poderia amenizar ou resolver o problema da ambigüidade em casos como o do exemplo 2(P) ou outros semelhantes, ao complementar o sentido da sentença e do verbo com o objeto direto *aves*. Enquanto isso, em outros casos como no exemplo *o abate (do gado) demorou cerca de três horas*, se omitíssemos '*do gado*', esta frase poderia ser totalmente ambígua para um aprendiz de P/LE, falante nativo de espanhol. O mesmo ocorreria com o exemplo 1(E) em se tratando de aprendiz de E/LE, falante nativo de P, já que se o contexto sintático nesses casos não contribui para superar a ambigüidade das sentenças, então só o contexto de uso superaria essa dificuldade. Vale

---

[34] Ao falarmos em forma fonética, ou formas idênticas/semelhantes/iguais, referimo-nos à substância da expressão – o som –, visto em seu aspecto material, e não no aspecto fonológico ou distintivo, especificamente. Trataremos, sempre que possível, os pares de lexemas como *homófonos* ou *homógrafos*: termos usados na análise semântica com referência a palavras ou lexemas com homonímia parcial, ou seja, diferem na significação, mas idênticos na forma em um meio apenas (fônico/pronúncia ou gráfico/escrita). Como se trata de lexemas de línguas diferentes, é possível que sempre haja alguma diferença na pronúncia ou mesmo na grafia, tendo em vista as diferenças no sistema fonológico de cada língua, ou ainda no âmbito da escrita devido a alguma mudança ocorrida em uma e não na outra. Assim, procuraremos tratá-los como homófonos ou homógrafos de acordo haja maior proximidade ou semelhança entre um desses meios: fônico ou gráfico. Não trataremos, portanto, do sistema fonológico, nem morfológico das línguas, nem da emprestadora, nem mesmo da língua-mãe.

lembrar que o desconhecimento do conteúdo semântico (sentido) desses lexemas também contribui para essa dificuldade, pois entendemos que a noção de forma não exclui o componente semântico, antes, este é que dá sentido à noção de forma. Desse modo, no plano sincrônico, como a função gramatical dos lexemas é diferente entre as línguas, nos padrões das sentenças, esses lexemas podem se distribuir de maneira diferente. O seu valor lingüístico, portanto, é diferente também nas sentenças.

As diferenças, tanto de som quanto gramaticais, entretanto, não servem para explicar as diferenças de sentido existentes neste par, pois o mesmo já é divergente desde a sua raiz etimológica. As mudanças fonéticas, nos dois casos, levaram à convergência de sons no estágio atual das línguas, concorrendo para criar entre ambas um par de heterossemânticos.

Dado que houve alteração na substância da expressão, apesar da evolução semântica em cada língua em particular, há homonímia, e não polissemia. Os lexemas abate/abate representam, portanto, a convergência fônica de palavras de raízes etimológicas diferentes, o que ocasionou um par homônimo em línguas diferentes. A base para isto é o critério histórico-etimológico das duas palavras, ou seja, a condição suficiente, mas não necessária, para classificá-las como homônimas é o reconhecimento de que as mesmas tenham partido de dois lexemas distintos, em alguma etapa anterior da língua ou das línguas. (LYONS, apud OLANO, 1996: 185). Portanto, temos que a divergência de sentido nesses lexemas não é um problema intrinsecamente semântico, pois envolve principalmente as alterações fonéticas ocorridas nos lexemas de ambas as línguas, no plano diacrônico. Podemos afirmar, então, que a relação semântica que pode explicar a divergência de significado neste par é a relação de homonímia entre as línguas, pelo fato de os lexemas pertencerem a raízes (latinas) diferentes. Percebe-se ainda a evolução semântica de modo peculiar em cada língua, sendo ambos

polissêmicos, em particular, isso quer dizer em cada uma das línguas, devido ao deslocamento de sentido ocorrido tanto no espanhol como no português.

2. aceite/aceite

1. Aceite (E): do ár. *az –zait*, o suco da oliva.

1. S.m. Líquido graxo de cor verde amarelado que se extrai da azeitona. *Siempre hecho aceite de oliva en la ensalada*. (SEÑAS, 2001: 14).
2. Graxa líquida que se obtém de outros frutos, sementes e de alguns animais. (p. ext.). *El aceite de ricino tiene un sabor desagradable*. (ibid.).
3. Líquido formado na natureza, como o petróleo. *El motor necesita lubrificarse con aceite*. (ibid).
4. Substância graxa, líquida a temperatura regular, de maior ou menor viscosidade, não miscível com água e de menor densidade que ela. *El aceite de aquel frasco tiene un olor horrible*.
5. *Balsa de aceite*. Lugar ou aglomerado de gente muito tranqüilo. (fig. e fam.). *No parece, pero aquella balsa de aceite están esperando el médico*.

Espanhol: Entrada 1: 5 sentidos

2. Aceite[1] (P): deverbal de aceitar, 1813. Este do lat. *acceptare*, séc. XIV, 'consentir em receber, estar de acordo'.

1. S.m. Ato de aceitar determinados títulos de créditos; assumir a obrigação de pagá-los no vencimento, pondo neles o aceite. (Dev. de aceitar. Do comércio, termo jurídico). *Jactou-se de não ter sequer um título a pagar. Nada de endossos nem aceites*. (Otávio Issa, *Os Inquietos*, p. 8, in FERREIRA, 1986, 85).
2. Assinatura aposta nesses títulos, obrigando o aceitante a pagar. (p. mtn.). *Teve que pagar, pois o aceite não deixava dúvidas, era mesmo do coronel. Não havia, portanto, falsificação no título*.
3. O próprio título de crédito. (p. mtn.). *A criança rasgou o aceite, pois não sabia do que se tratava*.

_____

Aceite[2] [De aceito]. Adj.2g. M.q. Aceito. (P. us. no Brasil; Reg. Port.). *Decidi que devia sacrificar a minha coragem a estas abusões hierárquicas geralmente aceites, e saltei fora*. (Ramalho Ortigão, *Primeiras Prosas*, p. 167, in FERREIRA, 1986: 25).

Português: Entrada 1: 3 sentidos; Entrada 2: 1 sentido. Total: 2 entradas e 4 sentidos.

O par constitui-se como heterossemântico já que possui sentidos completamente diferentes. Ambas as palavras são homógrafas, possuem a mesma grafia, e até certo ponto homófonas, pois a pronúncia é muito semelhante, porém os significados são diferentes, isto devido ao fato de suas origens etimológicas serem diferentes.

Observamos que houve, a princípio, mudança fonética nos lexemas, quando, na evolução do latim para o P, e do árabe para o latim ou para o E[35], ocorreu tanto perda como acréscimo de sons nesses lexemas, justificando assim a atual semelhança fonética entre ambos. Salientamos ainda que para a adaptação à fonologia das línguas os lexemas passaram por processos diferentes: enquanto no espanhol trata-se de empréstimo, no caso do português, o processo é apenas de evolução histórica.

Semanticamente, há divergências desde os seus significados primários. Eles já provêm de origens diferentes e, conseqüentemente, divergem em seus sentidos secundários, já que os deslocamentos ou mudanças semânticas virão presumivelmente a partir do seu significado original, formando assim campos associativos peculiares a cada língua para esses lexemas.

Diacronicamente, houve mudança fonética, os lexemas aceite/aceite representam, portanto, a convergência fônica de palavras com origens etimológicas diferentes, ocasionando assim um para homônimo em línguas diferentes. Ou seja, ambos são dois lexemas distintos, em alguma etapa das línguas, ou melhor, desde a sua origem.

Como no par anterior, podemos dizer que este também pode ser divergente quanto à função gramatical em algumas sentenças, portanto, as palavras podem, sintagmaticamente, ter distribuição e valor diferente, como, por exemplo, se admitíssemos a sentença '*Esperamos que ele aceite a nossa proposta*', em que este *aceite* é um verbo, o que não seria possível no E com este lexema. Não possuem, portanto, o mesmo valor. Assim, quanto à função gramatical, em E teremos provavelmente sempre substantivo, em P temos derivado regressivo do verbo

---

[35] Através dos dicionários consultados, podemos afirmar que a forma 'aceite' do E trata-se de um empréstimo árabe. No entanto, não pudemos detectar se este veio para o espanhol via latim, ou se veio diretamente para o espanhol através do árabe. Portanto, não podemos precisar se a mudança /z/ > /s/ ocorreu no latim ou no espanhol.

aceitar, que passa a substantivo, na medida em que ocorrem mudanças semânticas, como nos exemplos 2(P) e 3(P). Embora não sejam estas as únicas explicações que justifiquem a divergência de significado entre os lexemas, estas contribuem, de certa forma, para analisar a ambigüidade lexical, fator que também promove dificuldades para o aprendiz de uma ou de outra língua.

Temos, portanto, que as divergências semânticas existentes nesse par não advêm de mudanças semânticas ocorridas nas duas línguas, apesar de os lexemas apresentarem deslocamentos de sentidos em cada língua em particular. A heterossemanticidade no mesmo deve-se, como comentamos acima, a mudanças fonéticas em cada lexema de cada uma das língua em particular, os quais convergiram foneticamente para formas foneticamente semelhantes no estágio atual das línguas. Dessa forma, a relação semântica que pode explicar a divergência nesse par é a homonímia, ambos os lexemas são homônimos entre as línguas, pois provém de origens etimológicas diferentes, tornando-se substancialmente semelhantes através da convergência fônica.

4.1.1.2 Grupo A.2: Homonímia por divergência semântica desde a origem ou sentido de base

Esses pares de heterossemânticos também divergem de sentido desde a origem ou sentido de base. Esse fato pode ter ocorrido por terem vindo de origens ou raízes diferentes ou porque algum sentido foi importado por uma das línguas e não pela outra (caso tenham vindo da mesma etimologia), ou ainda porque tiveram algum processo de mudança semântica em uma das línguas que importou e não na outra, ou alguma mudança na língua que exportou

pode não ter sido assimilada por uma das duas línguas, daí podendo surgir muitas divergências de sentido.

1. berro/berro[36]

1. Berro (E): do célt. *Berurn id*, (irl. méd. *biror*, galés *berwr*), aprox. 1340. 'Planta de lugares alagadiços, de sabor picante, que se come na salada' *(Nasturtium officinale)*.

1. S.m. Planta de lugares alagadiços, de sabor picante, que se come na salada. *(Nasturtium officinale)*. *No hemos encontrado berros en el mercado*.
2. Despachar alguém, fazer que vá embora. (Fr. fig.). *Envié a Mercedes a buscar berros*.
3. Crucífera parecida ao berro, mas não é comestível. (*Cakile marítima*), Cuba. *Mucho cuidado, ese berro es muy parecido al otro pero no se come*.

2. Berro[1] (P): De provável origem onomatopéica, 1712, 1812, 'soltar berros, gritar'.

1. S.m. Ato ou efeito de berrar. (Dev. de berrar). *Aquele rapaz só fala aos berros*.
2. Voz de certos animais; rugido. *A ovelhinha berra quando está com frio e fome*.
3. Brado humano, grito. *O berro das crianças se ouvia do outro quarteirão*.
4. Exclamação de alegria, surpresa, tristeza, raiva. *Aquele berro denunciou toda a sua emoção*.
5. Correção ou aviso ríspido; ralho, espinafração. *A mãe deu-lhe dois berros*.
6. Agressão com o punho; soco, murro. (Reg. Alentejo). *O garoto acertou um berro bem no olho do colega*.
7. Golpe de punhal. (Reg. Alentejo). *A vítima morreu porque o berro foi muito profundo, atingindo os intestinos*.
8. M.q. Revólver. (Reg. Br. Us. linguagem de delinqüentes). *A polícia puxou o berro e fez fogo*.

Berro[2]: De origem obscura, XX, 'planta comestível, da fam. das escrofulariáceas' (*Mimelus luteus*). Planta comestível e aromática, nativa do Brasil (RS) e Chile, de grandes flores amarelas salpicadas de vermelho e frutos capsulares. *Nunca havia visto berro, onde moro não existe essa planta*.

Berro[3]: De origem obscura, 1899, 'larva de

[36] Quando não há identificação segura ou precisa sobre a origem etimológica e observamos divergências de sentido a partir do sentido de base e nos demais, classificamos no grupo dos homônimos.

	certa mosca' (Cunha). Larva de mosca. *Deve ser muito imundo esse berro*.
Espanhol: Entrada 1: 3 sentidos	Português: Entrada 1: 8 sentidos; Entrada 2: 1 sentido; Entrada 3: 1 sentido. Total: 3 entradas e 10 sentidos.

O par acima é falso cognato, pois possui sentidos totalmente diferentes. Quanto à etimologia, observamos imprecisão em relação ao P. Assim, as divergências do sentido de base e dos demais sentidos no par levam-nos a afirmar que advêm de etimologias diferentes. Por isso o classificamos como homônimo.

Em E observamos apenas três sentidos, embora os sentidos 2 e 3 tenham sido mencionados em apenas um dicionário, o que reforça a idéia de um uso muito mais freqüente ou quase exclusivo do sentido 1, como mostra o exemplo 1, o qual é proveniente ainda do seu étimo, correspondendo ao que em P chamamos de *agrião*, cuja origem (no P) é *agre*, *azedo*, pertencente a mesma família do E *Nasturtium officinale*. Embora o sentido 3 do E seja de uma espécie diferente, refere-se também a uma planta, porém não comestível, específica da Cuba.

Em P encontramos vários sentidos diferentes daqueles do E. Um deles apenas corresponde também a uma planta que, embora afirme-se que ela é comestível, não pertence à mesma família daquela do E, que é muito comum comer-se em saladas. Observa-se também em P que há três entradas para este lexema, correspondentes a origens e significados completamente diferentes, o que nos faz afirmar que em P há homonímia em particular.

A heterossemanticidade nesse par justifica-se pelas divergências de sentido desde a origem etimológica de cada língua, considerando-se o sentido 1 em P e E como sentido de base, devido a sua freqüência de uso em cada uma das línguas. Decorrente disso, temos um par homônimo, pois embora os lexemas sejam semelhantes foneticamente, ou seja,

homófonos, possuem significados e origens diferentes. Diacronicamente, houve, como no caso anterior, uma mudança fonética nos lexemas berro/berro das duas línguas, os quais representam, portanto, a convergência fônica de palavras com origens etimológicas diferentes, ocasionando um par homônimo em línguas diferentes. Isto é, ambos partem de dois lexemas distintos desde a sua origem, e caminham pela evolução eleita por cada uma das línguas para o mesmo som ou grafia.

Com mais este exemplo de par homônimo entre línguas, pode-se dizer que as regras fonológicas que mudam as línguas levam a divergências, mas também a convergências, pelo menos no plano da substância da expressão, tanto numa língua em particular como entre línguas. Dessa forma, convém lembrar que chamamos a este grupo de *heterossemânticos propriamente ditos* pelo fato de serem semanticamente divergentes desde a origem etimológica, ou pertencerem a raízes (latinas, ou não) diferentes, ou, ainda, serem divergentes desde o sentido de base. Do ponto de vista teórico sobre a relação entre forma e substância, podemos dizer que tanto a forma do conteúdo (significado) como a forma da expressão (significante) são diferentes, ou melhor, não são as mesmas nestes lexemas entre as duas línguas, embora se associem à substância do conteúdo (designatum, pensamento) e da expressão (som, massa fônica) existente em ambas, as quais existem no pensamento dos falantes de cada língua. No entanto, esses lexemas que desde o princípio são diferentes evoluíram, como já falamos, para sons ou grafia semelhantes entre as línguas, mantendo, evidentemente, seus significados dentro do campo associativo a partir da origem de cada um, sabendo que os mesmos podem ter evoluído em cada língua em particular.

2. abono/abono

1. Abono (E): aprox. 1820. Deriv. de *abonar* 'subescrever', 1820. Este do fr. *abonner* id, deriv. do ant. *bonne* 'limite', variante de *borne* 'baliza, sinal para limitar propriedade ou caminho', de origem célt.; significou primitivamente 'comprometer a pagar por algo até certo limite'.

1. S.m. Fiança ou garantia. *Para asegurar la compra, entregaron un abono del 30% del valor total*.
2. Ação e efeito de abonar ou abonar-se em um serviço ou desfrutar alguma coisa. *Tiene un abono de un canal privado de televisión*.
3. Fertilizante. Substância que, colocada na terra, aumenta sua fertilidade. *Echa abono a los rosales del jardín*. (SEÑAS, 2001: 6).
4. Ação de adubar as terras. *Abonó sus tierras con varios tipos de fertilizantes y la producción se ha duplicado*.
5. Direito que adquire o que se abona. *El vendedor abonó el 20% de las ventas*.
6. Passe. Documento que dá direito a usar um serviço durante certo tempo ou um determinado número de vezes. *¿Puedes enseñarme su abono de transportes, por favor?* (SEÑAS, 2001: 6).
7. Documento em que consta o direito de quem se abona a alguma coisa. *Le entregó su abono de transporte*.
8. Pagamento. Cada um dos pagamentos parciais de um empréstimo ou uma compra a prazo. *El abono de la cuota de socio debe hacerse en la ventanilla*. (SEÑAS, 2001: 6).
9. Assinatura. Conjunto de entradas ou bilhetes para uso de um serviço, instalação ou séries de espetáculos. (Bônus). *Tengo un abono para el Festival de Cine; todos los conciertos del año están incluidos en el abono*. (SEÑAS: 2001: 6).

2. Abono (P): De *bom* (adj.), 'que tem as qualidades adequadas à sua natureza ou função', 'benévolo, bondoso, benigno'. Do lat. *bŏnus*, *bŏna*. Abono XVII, dev. de *abonar*. (1571).

1. S.m. Ato de abonar; abonação. *Sua casa serviu de abono para poder fazer um empréstimo*.
2. M.q. A*bonação* ('documento', 'garantia', 'recomendação', aprovação'). *Fizeram uma pesquisa sobre sua situação financeira e logo recebeu o abono para fazer a compra do carro*.
3. M.q. *bônus* ('pagamento'). (Economia). *Recebeu o abono com trinta dias de atraso*.
4. Fiança, caução, garantia, abonação. *Deixou um abono de 30% do valor total da cirurgia*.
5. Quantia paga como adiantamento de vencimentos, honorários etc.; abonação. (Trm. Jurídico). *Recebi um abono de 50% do salário*.
6. Subsídio em dinheiro, além do vencimento ou ordenado: a. de Natal, a. familiar. *A Prefeitura só irá pagar o abono de Natal em janeiro*.
7. Ajuda financeira; abonação. *Deu um abono à sua secretária*.
8. Valor que se acresce a peso ou medida exata. *Na promoção davam um abono de 10% no peso do biscoito*.
9. Argumento de reforço ou justificativa (de opinião, conceito etc.). *Seu discurso era carregado de abono*.
10. Ato de relevar falta(s), não descontando as ausências ao trabalho. *As faltas de José foram abonadas pois estava cuidando do filho doente*.
11. Fiança da solvência do fiador. (Jur.). *Aceitaram o abono do fiador*.

12. Estrume ou fertilizante usado em terras de plantio. (Reg. R. S.). *O agricultor colocou abono no plantio de maçãs*.

Espanhol: Entrada 1: 9 sentidos

Português: Entrada 1: 12 sentidos

O par acima apresenta origem diversificada ou divergente nas línguas em particular e entre as línguas, por isso a classificamos como pertencente ao grupo A2, embora isto não negue a possibilidade de ambas terem vindo da mesma origem através de caminhos diferentes, como é visto no E, que apresenta três possibilidades de caminho até chegar a esta língua: de *abonar*, este do fr. *abonner*, de origem céltica. Em P encontramos duas possibilidades para a origem etimológica, uma do adjetivo *bom*, através do lat. *bonus*, *bona*, e outra como deverbal de *abonar*. Por isso, acreditamos que sejam homônimas entre si, embora possam ter vindo da mesma origem etimológica pela semelhança entre alguns sentidos entre ambas.

Toda essa diversidade no percurso revela-se também nos seus sentidos atuais em cada língua em particular. Observamos que, embora haja divergências tanto na etimologia como em alguns sentidos, outros se assemelham nas duas línguas, como o sentido 1(E) = 4(P), 7(E) = 2(P). Percebe-se ainda que há sentidos semelhantes em cada língua em particular, como em 2(P) e 4(P), e em 1(E) e 2(E), o que pode ser uma fonte constante de ambigüidade na própria língua devido à estreita relação entre alguns sentidos, ou seja, possuem matizes de sentidos muito próximas. Porém, apesar disso, ambos podem ser distinguíveis ou diferenciados pela mudança de aplicação ou emprego, ou seja, de acordo com o contexto em que são usados. Esta semelhança de sentidos em cada língua em particular, bem como entre as duas, confirma também a relação de polissemia em cada uma e entre ambas as línguas.

Entretanto, em que são diferentes? Ou em que sentidos são heterossemânticos? Para iniciarmos, bastaria apontar o exemplo 6(E), no qual observa-se um sentido não existente neste lexema em P, conhecido nesta língua com o nome de ‘passe’ ou ‘vale transporte’. Da mesma forma ocorre com o exemplo 9(E), que em P existe com o nome de ‘bonus’, ‘entrada’, ‘bilhete’. Neste caso, em E houve deslocamento de sentido por causas sociais, mais especificamente devido à generalização, pela passagem para a linguagem comum de um sentido que anteriormente era restrito a questões econômicas, alargando assim o seu significado.

Outro fato revela-se nos exemplos 3(E) e 12(P), pois, apesar da semelhança entre os dois sentidos, ou apesar de terem o mesmo referente nas duas línguas, em P trata-se de um regionalismo, restringindo-se o seu uso a determinada região do Brasil. Em E não ocorre o mesmo, o campo associativo sendo ampliado, como vemos no sentido 4(E). Acreditamos que esses sentidos em E sofreram deslocamento através de um processo inverso ao do P, ou seja, deslocaram-se, por especialização, para um grupo social restrito, transportando-se para o campo da agricultura. Se voltarmos, contudo, ao étimo do E veremos que aqui, isto é, no sentido atual, há traços semânticos daquele. Já em P, é improvável que tenha havido deslocamento por especialização, sendo mais provável um deslocamento devido à influência estrangeira, já que além de ter uso restrito em apenas uma região do país, não tem nenhuma relação com os sentidos de base, e os outros secundários, nem mesmo com o étimo. Devemos lembrar ainda que usamos os termos ‘estrume e fertilizante’ para o mesmo sentido nas demais regiões do país.

Os exemplos acima mostram, portanto, a heterossemanticidade no par, ou as suas divergências semânticas. No entanto, aparecem outros fatos curiosos, como o exemplo 6(P)

que advém também através da especialização de sentido e revela um sentido não existente nesse lexema em E, havendo outra palavra para o mesmo sentido conhecida como '*aguinaldo'*. Tanto este como outros sentidos do P, como 3(P) e 5(P), passam para um grupo social restrito, fazendo parte de termos da economia e jurídicos.

A heterossemanticidade nesse par revela-se ainda no exemplo 10(P), já que nesse lexema do E não há tal sentido. Dessa forma, conclui-se que a heterossemanticidade nesse par advém de deslocamento de sentido, diferente em ambas as línguas, fazendo que cada uma em particular amplie o seu significado primário para muitos outros sentidos no mesmo lexema, tornando-as homônimas entre si, embora também polissêmicas entre si devido à semelhança entre alguns sentidos, como já comentamos anteriormente. Dessa forma, acreditamos que a evolução semântica em ambas as distanciou ao ponto de poderem ser consideradas homônimas, embora acreditemos que ambos os lexemas podem ter partido de um mesmo lexema na sua origem.

4.1.2 Grupo B: Polissemia

Neste grupo ou tipo de heterossemânticos estão classificados aqueles lexemas que são parcialmente semelhantes e posteriormente diferentes quando na origem ou fonte são iguais ou idênticos e depois tornam-se diferentes quanto ao sentido. Ou seja, inicialmente, são pares polissêmicos entre as línguas pois possuem o mesmo sentido de base e outros secundários idênticos ou muito semelhantes, depois tornam-se homônimos por algum tipo de deslocamento de sentido ou mudança semântica. São, também, considerados parcialmente

semelhantes, aqueles que têm a mesma fonte ou origem, permanecem com vários sentidos em comum embora outros sentidos ou estes tenham traços semânticos diferentes, tornando-os divergentes.

4.1.2.1 Grupo B.1: Originalmente polissêmicos, posteriormente homônimos por mudanças semânticas

Estes pares de lexemas são iguais ou muito semelhantes quanto à substância da expressão, visto pertencerem à mesma origem etimológica. Possuem, portanto, significados etimológicos iguais, assim como o sentido de base e outros sentidos secundários também são os mesmos ou muito aproximados. Outros sentidos secundários, no entanto, ao passar por evolução semântica ou deslocamento de sentido, vão distanciando-se ou tornando-se divergentes entre as línguas, passando a ser homônimos entre si e, por isso, heterossemânticos.

1. araña/aranha

1. Araña (E): 1513, do lat. *aranea* 'aranha', 'teia de aranha'. Aracnídeo é derivado culto do gr. *aráknē*, mesma origem e significado do latim.

1. S.f. Animal artrópode ou aracnídeo. *¡Qué asco, la casa está llena de arañas!*
2. Lustre; lâmpada formada por braços de bronze ou de cristal que se pendura do teto. *Algún coche pasaba fugaz, espejeando, y hacía tintinear los colgantes de la araña*. (Ignacio Aldecoa, in LEAL, 1997: 25).
3. Conjunto de cabos finos, cordame. (Mar.). *El marinero avisó que la araña del navío estaba rota*.
4. Rede de caçar pássaros. *A mi tío le gustaba cazar pajaritos con la araña*.
5. Carruagem ligeira e pequena. (Chile; fig.). *Andábamos mucho en esa araña vieja*.

2. Aranha (P): XIII, XIV, do lat. *aranea* 'animal artrópode aracnídeo, da ordem dos aracnídeos'; teia de aranha'; 'fio muito fino'.

1. S.f. Animal artrópode aracnídeo. *As crianças têm medo de aranhas peludas*.
2. Objetos cuja forma lembra a aranha. (P. ext.). *Comia dentro de uma aranha, era um prato horroroso!*
3. Trabalho marinheiro feito de linha ou cabo fino trançado. (Mar.). *O marinheiro só sabia fazer aranha, mas fazia para ninguém colocar defeito*.
4. Tipo de rede usada esp. na caça aos melros. (Arte venatória. Reg. Port.). *Os melros, coitados, são fatalmente enganados por aquelas aranhas*.
5. Carruagem de pequeno porte, de duas rodas, puxada por cavalo. (P. ext.). *Íamos os dois, na aranha sacolejante, ao*

6. Pessoa aproveitadora, parasita. (Fig. e fam.). *En mi equipo siempre hay un araña, por eso no me gusta hacer trabajos en grupo*.
7. Prostituta. (Fig.). *Se comporta como una araña*.
8. *Arrebatiña.* Recolher ligeiramente algo. (Murcia). *Sacaba los confites como araña, que a los demás niños no le daba tiempo sacar también*.
9. *Arañuela*. Planta *ranunculácea*. *Esa araña está muy fea, sus hojas están secas y amarillas, es mejor sacarla de ahí*.
10. Planta gramínea das Antilhas (*Panículum pilósum* e *Uniona paniculata*). *El patio estaba cubierto de araña, hay que arrancarlas.*

trote largo do Paputinga. (A. S. de Mendonça Junior, *O anel de brilhantes e outras estórias*, 54, in FERREIRA, 1986: 154)

6. Rede de apanhar trutas (Pesca). *A sua aranha está toda rasgada por isso não apanhou trutas*.
7. Planta epífita (*Renanthera coccínea*), da fam. das orquidáceas, nativa do Sudoeste da Ásia e cultivada pelas belíssimas flores de tom vermelho vivo; coral. (Angiospermas; Bras.). *Gostaria muito de ter uma aranha dessa no meu jardim*.
8. Erva (*Gloriosa superba*) da fam. das colquicáceas, nativa da África, cultivada como ornamental e extremamente venenosa; garras-de-tigre, gloriosa. (Angiospermas; Bras.). *Essa aranha é bonita mas não deveria estar neste jardim pois é venenosa, principalmente quando há crianças por perto*.
9. Cavalo velho que serve de alimento para feras no circo. (Reg. Br. Ceará). *Leve aquela aranha para o leão e o tigre*.
10. Equipamento móvel próprio para movimentar contêineres. (Mar. Mercante). *Gostava de ficar olhando o movimento da aranha carregando os contêineres*.
11. Estrutura metálica que protege as pás da hélice do ventilador, circulador etc. *A menina cortou o dedo na hélice porque o ventilador estava sem a aranha*.
12. Nos pendentes de luz, peça em que se aparafusa o quebra-luz. *Ele levou um choque elétrico quando estava aparafusando o quebra-luz na aranha*.
13. Peça de arame para suspensão de pratos nas paredes. *O prato da parede caiu porque a aranha descolou dele*.
14. Peça de ferro, no fim da cadeia de travão. *O cavalo estava sem a aranha no travão*.
15. Peça formada por um anel de ferro, onde se atam as correias ou os elásticos que prendem a bagagem no porta-malas dos

automóveis. *Não conseguia prender as malas porque não sabia que as aranhas serviam para isto*.

16. Peça de ferro que liga a aiveca ao pau do arado. (Reg. Douro). *O arado não está funcionando bem, o problema pode estar na aranha*.
17. Mina com diversas ramificações. (Militar). *O deserto afegão é coberto de aranhas destinadas a destruir trincheiras, indivíduos etc*.
18. Lagariça de madeira, com prensa de pau, us. para espremer frutos. (Reg. Port.). *Eles usam essa aranha para espremer certos frutos, como a uva, a azeitona, reduzindo-os a líquido.*
19. Espécie de fateixa usada para retirar objetos caídos em poço. (Tecnologia). *Os bombeiros lançaram a aranha que conseguiu fundear o bote que afundou ontem na lagoa*.
20. S.m. Pessoa lenta e desajeitada nos movimentos e no trabalho. Tolo, parvo, palerma. (Bras. fig.). *Os colegas de trabalho reclamavam dele o dia todo, pois é um aranha*.
21. Alfaiate (us. informal). *Meu pai não gostou do corte daquele aranha*.
22. M.q. *Andarilho* ('voador'). (Reg. Port.). Andador. *A menina nem precisou do aranha, pois começou a andar muito rapidamente*.
23. Adj. e S. 2g. Pessoa hesitante ou que facilmente se embaraça. (Reg. Bras.). *O acusado parecia um aranha, pois se mostrava indeciso, duvidoso e vacilante*.

Espanhol: Entrada 1: 10 sentidos

Português: Entrada 1: 23 sentidos

O par acima possui a mesma etimologia e o mesmo sentido de base ou referencial nas duas línguas, como se observa nos exemplos 1(E) = 1(P). Além deste, possui, ainda, outros sentidos secundários comuns ou idênticos nas duas línguas. Ver os exemplos 4(E) = 4(P) e 5(E) = 5(P); assim como também outros sentidos descritos acima, com os quais, provavelmente, não teríamos problema de compreensão, pois se não são totalmente semelhantes, possuem traços semânticos comuns, como em 2(E) ≈ 2(P); 3(E) ≈ 3(P); 6(E) ≈ 20(P); 9(E) e 10(E) ≈ 7(P) e 8 (P).

Observamos, porém, outros sentidos não existentes em uma ou em outra língua, os quais podem ter evoluído, principalmente, por extensão metafórica, ou seja, pelo fato de que os usuários da língua estendem o significado primário (referencial) para descrever referentes que possuem semelhanças com o referente primário daquele lexema, deslocando-o, em determinados casos, da área social da palavra, como mostram os exemplos 7(E) e 9(P), embora se observe deslocamento por extensão metafórica em outros sentidos semelhantes em ambas as línguas, como é o caso dos exemplos 5(E) = 5(P), já citados, assim como em outras acepções.

Temos ainda alguns sentidos que evoluíram por razões sociais através da especialização, ou seja, o seu uso comum passa para um certo grupo ou domínio mais fechado ou restrito. Esse é ocaso dos que passaram para a área da marinha, botânica, restringindo o âmbito do seu emprego em cada língua em particular.

Diacronicamente, observamos neste par uma constante evolução semântica. Há, assim, diversos deslocamentos de sentidos nas duas línguas, o que evidencia uma constante motivação semântica nos lexemas em cada língua. Dessa forma, eles podem ser caracterizados como polissêmicos, tendo em vista a sua multiplicidade de sentidos a partir de

uma mesma etimologia e de um mesmo sentido de base ou primário. É ai que nos damos conta que os sentidos, especialmente os secundários, são criados nas línguas a partir de algum tipo de mecanismo, de evolução semântica ou através de algum tipo de relação em seu campo associativo. Nos exemplos 2 das duas línguas, por exemplo, acreditamos que houve um mecanismo básico na evolução do sentido de base – a extensão metafórica –, pois a extensão no uso da palavra *aranha* para descrever referentes que possuem semelhanças com o referente primário da palavra é evidente em ambas as línguas, porém a partir daí parece haver também uma relação entre esses sentidos (metafóricos) o qual pode ser explicado através da relação de hiponímia a partir desses dois sentidos (2 do E e 2 do P) nas duas línguas, pois percebe-se um hiperônimo: objetos cuja forma lembra a aranha (em P) e, sucessivamente, vários hipônimos em ambas as línguas: lustre (em E), conjunto de cabos finos (P e E), rede de cassar pássaros (P e E), carruagem (P e E), e outros que podem ocorrer em uma e não na outra. Fica evidente, portanto, que o deslocamento de sentido é gerado através de algum mecanismo ou processo de evolução de sentido (metáfora, metonímia, especialização, etc.) e este pode gerar outros tipos de relação entre os sentidos na língua ou nas línguas, e assim explicar a evolução lingüística no campo do significado ou no campo lexical.

Sincronicamente, podemos afirmar com Lopes (2000: 90-3) que a seleção paradigmática propicia não apenas o aparecimento de fenômenos ligados à similaridade de sons (como a rima, o homoteleuton, o paregmenon, a aliteração, a assonância) no plano da expressão, mas também àqueles ligados à figuras de linguagem, que pertencem aos paradigmas do conteúdo, ou seja, palavras associadas por possuírem em sua base o mesmo traço semântico.

Assim, o lexema *araña* (E) aplicado a uma mulher (exemplo 7 do E), jamais pode significar, literalmente, que a mulher seja, de fato, uma aranha (animal artrópode). O que a frase significa não é uma identidade (mulher = aranha), mas uma semelhança (mulher ≈ aranha) qualquer de aspectos encontrada entre os termos. A palavra aranha aí não tem uso denotativo, mas conotativo, e essa conotação é metafórica, pois se construiu por similaridade. A metáfora é, portanto, uma figura que revela os paradigmas do conteúdo. E tem um papel significativo na evolução semântica.

Paradigmaticamente, *'nenhuma mensagem tem sentido em si mesma'*, pois seus elementos só têm sentido completo quando os correlacionamos, em nossa memória da língua, com os demais elementos lingüísticos com os quais eles formam sistema. Assim, os elementos da língua nunca aparecem isolados, eles participam de *classes*, ou seja, *de conjuntos de elementos que 'se associam por um traço lingüístico permanente, que é denominador comum' de todos esses elementos*. (LOPES, 2000: 90). Cada uma dessas classes forma um paradigma, o qual, segundo Mattoso Câmara (1964: 236, in LOPES, idem) *'é uma classe de elementos que podem ser colocados no mesmo ponto de uma cadeia, ou seja, são substituíveis ou comutáveis'* entre si.

Portanto, se a metáfora é uma figura engendrada no interior dos paradigmas, a metonímia é uma figura engendrada no eixo sintagmático.

Podemos concluir com esta análise que muitos dos sentidos secundários, embora possam evoluir concomitantemente e a partir dos mesmos processos nas duas línguas, outras vezes eles evoluem ao ponto de originar heterossemânticos. Assim, o que a princípio era apenas polissemia pode distanciar-se ao ponto de perder qualquer relação com o sentido

original, adquirir outro sentido totalmente diferente daquele original ou comum às duas línguas, e até transformar-se em um novo lexema.

2. beca/beca

1. Beca (E): origem incerta, provavelmente do hebraico *beqa* ou *bécah*, 'unidade de peso antiga, equivalente à metade de um siclo, que teria passado ao subsídio dado aos estudantes de antiguidades sagradas para sua manutenção e, daí, ao distintivo que usavam'.

1. S.f. Vestido/manto usado por certos clérigos com alguma dignidade (fim do séc. XV). *San Juan de La Cruz llevaba una beca ceniza*.
2. Insígnia em forma de faixa, usada por certos estudantes (metade séc. XVII. Hoje usada apenas em atos solenes). *El alumno se olvidó su beca, por eso no pudo entrar en el colegio*.
3. Embuço de capa. *El hombre usaba la beca en el rostro para asustar a los niños.*
4. Prebenda de colegial. (Fig.). *El padre le daba una beca todos los meses.*
5. Colegial que desfrutava de prebenda. (Fig.; p. us.). *El beca no hizo los relatorios exigidos por la Institución*.
6. Pensão ou estipêndio temporal concedida ao estudante como ajuda para seus estudos. (Fig.). *¿Podría usted decirme de que cuantía es su beca?* (Diploma Básico, 1998: 16).

2. Beca[1] (P): origem controvertida, entre italiano *bécco* 'bico', em virtude dos bicos ou formas em ponta do traje, e o judeu-espanhol beca 'pensão, remuneração de um estudante' < hebr. *bécah* 'medida correspondente a metade de um siclo' (moeda usada em Israel), daí, p. ext., 'veste usada pelo formando'.

1. S.f. Veste talar, preta, usada, à maneira de capa, por funcionários ou magistrados judiciais, membros do Ministério Público, advogados, catedráticos no exercício de suas funções ou quando vestidos de gala, assim como os alunos de alguns seminários, os participantes de algumas confrarias e os formandos de grau superior (ou médio) na formatura. (Séc. XIV). *Esta beca ficou muito comprida naquele estudante*.
2. Certa murça de pequeno comprimento como as usadas pelos doutores; capelo. (Diacronismo antigo). *Os doutores estavam todos com becas*.
3. Ofício, dignidade ou qualidade dos que usam beca; a função da magistratura; toga. (Sentido fig. da acp. 1). *Todos ficaram satisfeitos com a sentença dada pelo beca*.
4. Roupa elegante (Reg. Us. inf.). *Vestiu uma beca e foi ao casamento*. (HOUAISS).
5. Indivíduo que usa beca. (Deriv. p. metonímia da acp. 1). *Os becas não nos querem em sua companhia*.

Beca[2]: Orig. obsc. Entre os jesuítas, pequeno copo de vinho que se dava aos noviços convalescentes. (1728). *Este também precisa tomar uma beca pois estava muito doente*.

Beca[3]: Orig. obsc. M.q. Atiradeira. (Reg. Bahia). *O menino gostava de derrubar*

	passarinhos com a sua beca. _____ Beca[4]: Orig. obsc. Medida de fazenda equivalente a duas jardas. (Metrol., reg. Angola (*Bié*)). *O tamanho dos quadros devia ser de 10 becas*.
Espanhol: Entrada 1: 6 sentidos	Português: Entrada 1: 5 sentidos; Entrada 2: 1 sentido; Entrada 3: 1 sentido; Entrada 4: 1 sentido. Total: 4 entradas e 8 sentidos.

O par acima tem origem controvertida ou incerta nas duas línguas, embora suponha-se que tiveram origem no hebraico, tratando-se, portanto, de um empréstimo desta língua. Como no português considera-se duas etimologias, podemos supor dois processos distintos para estas controvérsias etimológicas e de sentidos nas duas línguas. No P, provavelmente, este lexema pode realmente ter vindo através do italiano, ou seja, ele vem do hebraico através do italiano, por meio de empréstimo semântico ou influência estrangeira. Isto é, uma palavra pode influir em outra pela mudança de significado já existente, ou seja, é introduzido um sentido novo. O sentido importado, algumas vezes, abolirá completamente o antigo. Em muitos casos, porém, o sentido antigo sobrevive ao lado do novo, dando assim origem a um estado de polissemia (ULLMANN, 1964: 341-2). Esse fato pode também ter ocorrido no espanhol, embora não tenha sido registrado ou considerado pelos etimologistas. Se este processo – o empréstimo semântico (do italiano) – realmente ocorreu nas duas línguas (P e E), o sentido novo 'vestido; veste' aboliu o sentido antigo 'subsídio, prebenda dada aos estudantes' em português, sobrevivendo o antigo ao lado do novo em espanhol.

Ainda segundo Ullmann (1964: 343), o empréstimo será particularmente freqüente quando houver um contato íntimo entre duas línguas, das quais uma sirva de modelo à outra, o que deve ter ocorrido entre o hebraico e as línguas espanhola, portuguesa e italiana, e entre

esta última e o português, isto é, o português pode ter recebido o empréstimo semântico do italiano. E, ao contrário do que dissemos no último período do parágrafo anterior, se considerarmos que o empréstimo do italiano do sentido 'veste talar', de '*bico'* tenha ocorrido apenas no português, talvez por isso mesmo não exista o sentido 'prebenda; pensão ou estipêndio temporal' nesta língua, ao passo que existe no espanhol, que conservou o sentido antigo herdado provavelmente do hebraico.

O outro processo que pode ter ocorrido para essa controvérsia desde a etimologia é o fato de considerar-se simplesmente que ambos os lexemas e sentidos tenham partido diretamente do hebraico, de onde partiu também o deslocamento de sentido por extensão metafórica, passando a ter valores conotativos ou figurados diferentes. Ou seja, o que era apenas valor monetário, originariamente, passou a ser o valor salarial (ou pensão) dada aos estudantes de antiguidades sagradas em hebraico, como também em E, sentido este que além de ainda existir é o de uso mais freqüente nesta língua, e justamente o que não passou para o português, e este desloca-se para o distintivo ou veste que os mesmos usavam, o qual tem traços semelhantes em ambas as línguas.

Isto fica muito evidente ao observarmos a semelhança de traços semânticos nas duas línguas no próprio sentido de base em ambos os lexemas: E = (+ vestido; + clérigo com alguma dignidade), P = (+ veste; + funcionário, magistrado judicial etc.), e outros traços semânticos semelhantes entre o sentido 1(P) e o 2(E). Vejamos: E = (+ insígnia em forma de faixa; + estudante; + ato solene) e P = (+ veste talar à maneira de capa; + aluno (formando); + formatura), embora tenham tantas outras divergências. Por isso, mesmo havendo toda essa controversia e incerteza, acreditamos que há neste par uma relação semântica de polissemia. E, ainda, se este fato é realmente justificável, pode-se afirmar que o espanhol foi mais

conservador do que o português, já que nesta não há o sentido ‘prebenda; pensão ou estipêndio temporal’, o qual existe na outra, sendo este o sentido que faz considerar esse par como heterossemântico, assim como as outras mudanças semânticas ocorridas no P. Neste caso, seria possível pensar ainda em uma mistura de sentidos dada a proximidade dos campos de uso, ou a relação associativa que o sentido originário transmite para os demais, o que os faz misturar-se em ambas e, posteriormente, deslocar-se de forma peculiar em cada língua em particular. Por isso, apesar de considerar o par polissêmico, o mesmo torna-se homônimo pelas divergências de sentidos ocorridas de forma peculiar em ambas, principalmente no P, que para nós é, de certa forma, homônimo em particular, pois possui sentidos completamente divergentes na própria língua, o que pode ser proveniente de várias causas, como a divergência semântica e a influência estrangeira.

O exemplo 6(E) confirma o uso mais freqüente ou quase exclusivo do sentido ‘pensão ou estipêndio temporal dada ao estudante’ nesta língua, atualmente, coincidindo com o que chamamos perda de motivação ou palavra opaca, que mesmo sendo originado por extensão metafórica, retorna ao sentido originário ‘subsídio dado aos estudantes’. Isto é, os significados literal e figurado de uma palavra podem também se diferenciar por estarem ligados a formas variantes, como confirma-se, atualmente, ao presenciar-se a palavra ‘toga’ em E com o sentido de ‘veste usada por magistrados, formandos, etc.’, sendo esta a forma em uso para tal sentido. Assim, o sentido figurado perderá a sua motivação se o sentido literal de uma palavra cai em desuso. Isto é, o sentido figurado ‘pensão...’ perde a sua motivação e passa a ser literal, enquanto que o sentido ‘vestido’, que era literal nesse lexema, cai em desuso e adota-se uma outra forma variante ‘toga’. Pode-se concluir, então, que a mistura de sentidos, assim como a evolução semântica, leva à criação de um novo lexema.

O mesmo exemplo, 6(E), também mostra a ausência deste sentido no P neste lexema, confirmando dessa forma a heterossemanticidade no par, pois em P, para o sentido de 'prebenda temporal para estudante', usa-se o lexema 'bolsa', da mesma forma que há sentidos existentes em P e não em E para o mesmo lexema, como, por exemplo, em 3(P) e 4(P) e nas outras entradas do P que divergem totalmente dos sentidos do E. É por estas divergências que os consideramos heterossemânticos e homônimos entre as línguas.

Poderíamos ilustrar esse par com as noções de campo discutidas no capítulo anterior. O campo conceitual seria a idéia de 'veste; insígnia; roupa; ajuda; pensão'. Dentro deste campo conceitual estaria o campo léxico para essas idéias, como 'beca, toga, faixa, prebenda, estipêndio'. E, abrangendo parte desse campo conceitual e lexical estaria o campo associativo de 'beca' e seus respectivos sentidos, como os descrevemos acima. Como o campo associativo pode invadir outra parte do campo conceitual, já que o signo é arbitrário, ou até outro campo conceitual, teremos provavelmente a criação de outro lexema ou palavra, como ocorreu com 'toga'. Assim, quanto mais invadimos esse campo conceitual, mais ampliamos o campo associativo, em conseqüência dos deslocamentos de sentidos ou evolução semântica, ou seja, através de algum tipo de motivação.

3. bolsa/bolsa

1. Bolsa[1] (E): 1240. Do lat. *bursa* 'saco', (medieval); 'pele de vaca', 'sacola' (tardio) e este do gr. *byrsa* 'pele, odre para vinho'.

1. S.f. Espécie de saco, sacola de tecido, papel ou outro material flexível, que serve para guardar ou levar algo ou mercadorias (nas lojas, p. ex.). *La bolsa se rompió porque estaba muy llena*.

2. Bolsa (P): do lat. *bursa* 'bolsa, receptáculo, mercado de bens e moedas', deriv. do gr. *byrsa* ou *búrsa* 'pele curtida/preparada, couro; odre para vinho', 'tambor', 'pele de animal vivo', que dá origem ao P ant. *borsa* 'bolsa, saco (que contém dinheiro).

1. S.f. Pequeno saco de couro, pano, seda, etc., para guardar dinheiro em moedas. *Os ladrões se deram mal pois na bolsa não havia uma só moeda*.
2. Dinheiro nele (no saco) contido. (p.

2. Saquinho de couro ou de outro material onde se coloca dinheiro. *Mi hija sacó todas las monedas de mi bolsa*.
3. Bolsa (de viagens) com tiras. *Cuando viajo, llevo la bolsa de mi hermano*.
4. Saquitel de seda ou tafetá preto que usavam os homens recolhendo os cabelos por trás. *No le gustaba usar esa bolsa en la cabeza, le parecía muy feo*.
5. *Folgo*. Bolsa fechada de pele usada para cobrir e abrigar pés e pernas quando se está sentado. *Cuando hacía mucho frío y estaba trabajando sentada me ponía la bolsa*.
6. Prega que se forma na roupa quando fica larga ou mal ajustada. *Esa falda no te queda bien: te hace bolsas en las caderas*. (SEÑAS, 2001: 170).
7. Ruga. Prega na pele, debaixo dos olhos. *Dice que está por hacer una cirugía plástica para sacar las bolsas que tiene abajo de los ojos*.
8. Esteira em forma de saco, presa/pendurada entre os varais da carroceria, para levar carga. Objeto semelhante colocado debaixo da parte traseira dos carros e caleças, para colocar efeitos. *El coche tenía una bolsa de donde salían algunos faroles de varios colores*.
9. Fortuna ou dinheiro de uma pessoa. (Fig.). *A Juan se le acabó la bolsa.* (DRAE, 1996: 307).
10. *Bolsillo*. Bolso de roupa. (Amér. Central e México). *La ropa de la niña tenía muchas bolsas.*
11. Cavidade cheia de pus, linfa, etc. (Cirurgia). *El médico le dijo que tenía que operar la bolsa porque ya estaba infecciosa*.
12. Reentrância profunda que se forma na frente de combate. (Milícia). *Los soldados se pusieron en bolsa como estrategia de combate*.
13. Parte de um viveiro onde um mineral

met.). *Aquele velho é muito ambicioso, só pensa na sua bolsa*.

3. Qualquer saco similar à bolsa. (p. ext. de snt. da acp. 1). *Deram-lhe uma bolsa para cartucho*.
4. Recipiente feito de couro, pano, plástico ou metal, com ou sem alça, no formato de saco, sacola ou maleta, etc., usado para guardar, portar ou transportar objetos diversos. B. de senhora; B. de curativos; B. de viagem; B. de feira. (p. ext. de sentido). *A bolsa da mamãe acabou, por isso vou dar-lhe outra de presente*.
5. Cada um dos sacos de alforje. (mais us. no pl.; p. ext. de snt.*). Se não couber em uma coloque na outra bolsa, pois no alforje cabe muita coisa*.
6. Saquitel de guardar tabaco. *O tabaco foi dividido em bolsas para a venda*.
7. Saquitel longo de seda, onde os homens guardavam as tranças postiças de cabelo. (Diac. ant.). *Aquelas bolsas escondiam longas tranças postiças daqueles homens esquisitos*.
8. Soma reunida pelos participantes de uma associação, etc., para subsidiar as despesas da organização ou para outro fim qualquer; vaquinha. *Os jogadores fizeram uma bolsa para custear as despesas da viagem*.
9. Prêmio em dinheiro recebido pelos lutadores profissionais por cada apresentação. *O boxeador ganhou uma bolsa de mais de mil dólares só por uma apresentação, que durou menos de cinco minutos*.
10. Dinheiro ou pecúlio para gastos correntes; bolso. *Sua bolsa não sustenta todos os filhos*. (HOUAISS).
11. Companheiro a quem, nas jornadas, se confiava o dinheiro do grupo para as despesas. (Diac. ant.). *Fizeram a Diogo bolsa*. (HOUAISS).
12. Designação de diversos envoltórios

está reunido em maior abundância e em forma arredondada. (Minério). *Había una bolsa de un mineral todavía desconocido en aquel lugar*.

_____

Bolsa²: 'Reunião de compra e venda de ações e bônus'; lugar onde se reunem'< do it. *borsa*, 1567 ou fr. *bourse*, de uma família Van der Burse [ou Beurse] em Brujas, em cuja casa, ornamentada com três bolsas, se reuniam os mercadores venezianos desde o séc. XVI.

1. Reunião oficial dos que operam com títulos, valores públicos. *Los hombres que estaban en la bolsa parecían preocupados*.
2. Lugar onde se reúnem os que compram e vendem ações, títulos de dívida do Estado e outros valores semelhantes. 'Lonja' ou 'Bolsa de ganos'. *En España hay cuatro bolsas: Madrid, Barcelona, Bilbao y Valencia*.
3. Conjunto de operações com títulos/valores públicos. *Ha ganado mucho dinero invirtiendo en bolsa*. (SEÑAS, 2001: 170).
4. Cotização dos valores negociados em bolsa. *La crisis en el gobierno ha provocado la bajada de la bolsa*.

ou membranas saciformes; cavidade em forma de fundo de saco. (Anat. geral). *Os nossos olhos ficam protegidos por bolsas formadas de osso e tecido*.

13. Saco escrotal. (Anat. geral; séc. XX). *Ele disse que tinha que operar-se da bolsa*.
14. Invaginação em forma de saco, presente nos ofiuróides, que permite as trocas gasosas com o meio aquático circundante. (Anat. Zoológica). *Os ofiuróides realizam bolsa para as trocas gasosas com o meio aquático*.
15. M.q. *Bolso* 'envelope'. (Bibliologia). *As bolsas dos livros da biblioteca estão sendo renovadas*.
16. M.q. *Bursa* (termo eclesiástico). *O padre cobriu o cálice da comunhão com a bolsa*.
17. Pequena dorna de fundo côncavo que capta o vinho saído do lagar, antes de ser tirado para as vasilhas. (Enologia. Reg.: Beira). *O rapaz pisava as uvas com a bolsa*.
18. Doença do melão, causada pela mosca-das-frutas (*Ceratitis capitata*). (Fitopatologia). *Aqueles melões estão com bolsa*.
19. Cavidade em rocha contendo minerais. (Geologia). *Naquela rocha havia uma bolsa cuja cavidade cabia enorme quantidade de minerais*.
20. Alargamento da extremidade de um tubo, uma manilha, etc., na qual se encaixa a extremidade lisa e oposta de outra peça similar; boca, bocim, campânula. (Indústria. Reg.: Br.; 1900). *Fizeram uma bolsa na extremidade do cano para encaixar outra peça e fazer a curva na encanação*.
21. Caçapa (no jogo de sinuca). (ludologia. Reg.: Port.). *Não consegui mandar nenhuma bola na bolsa da sinuca*.
22. Reentrância que se forma na linha de frente em um combate, ao ser ela interrompida pelas forças inimigas.

(Termo militar). *Os soldados formaram uma bolsa quando deram de frente com as tropas inimigas*.

23. Qualquer cavidade saciforme. (Morfologia botânica). *Havia uma bolsa em todos aqueles vegetais, acredito ser próprio daquela espécie*.
24. Saco formado pelo deslocamento de membranas, onde se acumula o pus de abscessos ou tumores. (Patologia). *Formou-se uma bolsa no dedo do pé, deixando-o muito inflamado*.
25. Divertículo da cavidade abdominal (Patologia). *Tinha uma bolsa no abdômen criada por hérnia*.
26. Rede saciforme de malha miúda, usada para apanhar caranguejos. (Pesca. Reg.: Beira Litoral. (*Aveiro*)). *Costumava apanhar caranguejos com uma bolsa*.
27. Rede saciforme com que se pegam lebres ou coelhos à saída de suas tocas. (Arte venatória). *Pegávamos muitos coelhos e lebres pois colocávamos as bolsas logo na saída das tocas dos bichinhos*.
28. Indivíduo responsável pelas finanças de uma empresa, agremiação, etc.; tesoureiro, caixa. *Foi escolhido como bolsa da empresa, pois entende de finanças e contabilidade*.
29. Soldado encarregado da bolsa de munições que servem às peças de artilharia. (Termo militar). *Quando procuramos o bolsa, estava morto e sem munição, então tivemos que nos defender com pau e pedra*.

Bolsa [2]: A acepção relacionada a finanças deve-se a cruzamento com bolsa que provém do it. 'lugar de comércio e de negócios'.

1. Local onde se reúnem comerciantes para negociar, praça de comércio. (Economia). *Fomos à bolsa para negociar a venda da estatal*.

2. Instituição pública ou privada, conforme o país, onde, através de corretores, são negociados fundos públicos, ações e obrigações de companhias, títulos de crédito, mercadorias, etc. (Economia). *No Brasil temos a bolsa de São Paulo, do Rio de Janeiro e outras*.
3. Sessão em que ocorre a transação de títulos de crédito. (Enonomia). *Acompanhou a bolsa das 13 horas*.

Espanhol: Entrada 1: 13 sentidos; Entrada 2: 4 sentidos. Total: 2 entradas e 17 sentidos.

Português: Entrada 1: 29 sentidos; Entrada 2: 3 sentidos. Total: 2 entradas e 32 sentidos.

Observamos que o par acima possui a mesma etimologia, tanto para a entrada 1 do E e do P (bolsa ¹), como para a entrada 2 do E e do P (bolsa ²), embora se observe alguns traços semânticos distintos desde a origem. Isto, porém, não impede afirmar que possuem a mesma origem. Convém salientar que ambas são homônimas em particular, pois considera-se duas fontes diferentes para o mesmo lexema coincidentes, tanto em P como em E, como apresentam os dicionários. Do nosso ponto de vista, ou melhor, do ponto de vista semântico, acreditamos que bolsa^2 tem relação com bolsa^1, desde que os próprios dicionários dão informações nas quais percebe-se uma nítida relação entre essas origens ou sentidos (originais) que provavelmente podem ter surgido a partir de algum processo de deslocamento ou evolução de sentido.

Como fonte da homonímia, nesse caso, poderíamos pensar em influência estrangeira, já que na etimologia do E, como também do P, informa-se que provém do italiano ou do francês. Porém, acreditamos que essas mesmas informações sobre suas origens apontam para

outra fonte – a divergência semântica, a qual pode ter ocorrido justamente de uma dessas duas línguas apontadas. Isto é, acreditamos que houve um distanciamento muito grande entre os sentidos de bolsa[1], de tal modo que deixou de haver uma conexão evidente entre eles, ou seja, entre o sentido de base e o sentido de bolsa[2]. Pode-se acreditar, então, que bolsa[2] é proveniente provavelmente de metonímia, pois em E afirma-se que este sentido pode ter vindo do francês *bourse*, de uma família Van der Burse, em cuja casa, onde se reuniam os mercadores venezianos, havia um ornamento com três bolsas. Isso confirma a hipótese de que ou através do nome dessa família Burse (o que para nós é apenas coincidência com a forma *bursa* do latim) ou através das três bolsas que ornamentava a casa, houve deslocamento por metonímia, ou seja, alterações por contigüidade (proximidade, vizinhança) de sentidos. Fala-se, então, do autor ou criador pelo produto, faz-se referência ao objeto pela pessoa que o possui ou utiliza, etc. Nesse caso, especificamente, acreditamos que toma-se a parte pelo todo, isto é bolsa 'sacola' (na qual se pensa logo em objeto que guarda dinheiro, e que ornamentava a casa) = bolsa 'casa ou lugar de reunião de mercadores'(onde eles se reuniam seguramente para fazer negócios, comércio ou algo relacionado a finanças, como atesta-se na origem do P), temos então que a bolsa como parte (sacola) passa ao todo (casa e conseqüentemente ao lugar de reunião de finanças). Daí o processo de metonímia e a relação de homonímia pela distância entre o sentido de bolsa[1] e bolsa[2].

Temos também uma relação de polissemia. As duas línguas possuem um vasto campo associativo, no qual há muita semelhança entre vários desses sentidos em ambas as línguas como entre 2(E) = 1(P); 11(E) = 24(P); 12(E) = 22(P); 13(E) = 19(P), há também outros sentidos com apenas traços comuns entre as duas línguas como entre 1(E) ≈ 1(P); 3(E) ≈ 3(P); 3(E) ≈ 4(P); 4(E) ≈ 7(P) de bolsa[1], nos quais percebemos uma relação de hiperonímia em

cada língua em particular e entre as línguas, quando observamos que a bolsa ‘saco para guardar algo’ é o hiperônimo e a ‘diversidade de tipos e usos de bolsa’ são seus hipônimos. Entre outros sentidos, porém, há divergências, isto é, existe determinado sentido em uma língua e não na outra nesse mesmo lexema e que por isso são considerados como heterossemânticos, como vemos no exemplo de 5(E) que não existe no P neste lexema, 5(P) não presente no E, e outros como: 6(E); 6(P); 7(E); 8(E); 8(P); 10(E) e vários outros do P que não estão presentes no mesmo lexema do E, até porque o campo associativo do P, neste lexema, é bem mais amplo do que o do E. Isso deve-se ao fato de os processos de deslocamento e evolução dos sentidos nesta língua terem ocorrido em maior proporção do que no E, confirmando a hipótese de que alguns lexemas, ou presumivelmente o léxico, da língua portuguesa pode(m) ser mais motivado(s) do que os mesmos lexemas, ou presumivelmente o léxico, do espanhol, pelo fato de o léxico desta última ser mais opaco ou mais conservador. Como não seria possível confirmar essa hipótese neste trabalho, até mesmo pelo fato de o léxico ser um inventário aberto e sobre o qual não teríamos acesso ao todo e sim a apenas parte dele, ficaremos apenas com a hipótese (pelo menos parcialmente confirmada em alguns lexemas) e não com a confirmação total, pois precisaríamos de uma análise mais ampla do léxico de ambas, mas acreditamos nisso, já que é essa uma das conclusões, além de outras, a que a análise desses dados nos leva.

Ao observarmos o exemplo 1(E), que é o sentido primário nesta língua, vemos que não é o mesmo referente de 4(P), pois este último se refere à bolsa de senhora, que é uma extensão do sentido 1(P), que para esse mesmo sentido em E usa-se outro lexema: ‘bolso’, o qual é derivado de bolsa. Da mesma forma que o sentido de 9(E) não é o mesmo de 4(P), pois aquele refere-se, em sentido figurado, à fortuna ou dinheiro de alguém. Podemos concluir, portanto,

que em muitos desses exemplos deve-se pensar não apenas na semelhança ou divergência de sentidos existente entre ambos, nos significados isolados, nem na mera soma dos significados na sentença, mas no uso, e, principalmente, como já comentamos em outro exemplo, nos papéis semânticos, isto é, nas relações entre seus sintagmas nominais e o verbo, os quais contribuem para revelar o estado, a ação, ou a situação descrita pela sentença, e conseqüentemente perceber as singularidades nas sentenças de cada língua em particular.

Resumidamente, poderíamos apontar alguns processos de mudanças de sentidos ocorridos nas línguas, como o exemplo 11(P) que, além de não existir em E neste lexema, ocorre também por metonímia. Como afirma Ilari (2000: 130), neste tipo de mudança o significado primitivo e o posterior à mudança relacionam-se por algum tipo de contigüidade. Ou seja, pode-se observar uma certa proximidade ou vizinhança entre o sentido 1(P) ('recipiente para dinheiro') e 11(P) ('alguém que guarda dinheiro'), ambos, portanto, relacionando-se com dinheiro; entre 1(P) e 2(P) há também alargamento de sentido por metonímia. Acreditamos que o exemplo 10(E) trata-se de uma forma variante nestas regiões apontadas (Amér. Central e México), pois para o sentido de 'bolso/bolsinho de roupa' usa-se de forma generalizada nesta língua e muito mais amplamente a forma 'bolsillo'. Observa-se, ainda, extensão metafórica nas acepções 3, 4, 5 e 6 do P, assim como em 2, 3, 4, 5, 6, 7 do E. Há também especialização em diversos sentidos, no qual o sentido primário passa para uma nomenclatura especializada, isto é, para um grupo social muito restrito, (Anatomia, Economia, Indústria, Botânica, Geologia, Bibliologia, etc.), constituindo-se como uma das principais fontes de polissemia. Houve nesses casos mudanças do referente sem mudança dos nomes, como, por exemplo, em 11, 12 e 13 do E, assim como em 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 22, 25 e tantos outros em P.

Dessa forma, podemos concluir que há o embrincamento das duas relações nesse par. Isto é, podemos considerá-lo homônimo por divergência semântica em cada língua em particular, fato que ocorreu em ambas, ocasionando as duas entradas em ambas as línguas, e homônimo entre as línguas, já que divergem em alguns sentidos, os quais se distanciam por processos de mudanças diferentes em uma ou em outra língua, tornando-os, por isso, heterossemânticos, visto que cada uma evolui *per si* e não *pari passu*. Queremos dizer, neste caso, por si mesmo, sem influência alheia, ou melhor, uma independente da outra, e não no mesmo passo ou simultaneamente, isto é, da mesma forma. São polissêmicos também em cada língua em particular devido à diversidade de sentidos relacionados entre si em cada língua, e polissêmicos entre as duas línguas, pois muitos sentidos são semelhantes e comuns entre ambas.

4. bolso/bolso

1. Bolso (E): derivado de bolsa[1].

1. Bolsa de pele ou outro material usado pelas mulheres quando saem de casa, e onde guardam o moedeiro, o lenço, coisas pequenas e pessoais. *A mi vecina le robaron el bolso y dentro llevaba sus carnés y bastante dinero*. (SEÑAS, 2001: 171).
2. Bolsinho de dinheiro. *En el bolso de mi abuela sólo había monedas*.
3. Bolsinho de roupa. *No le gusta usar ese pantalón porque tiene bolsos muy grandes*.
4. Caixa ou estojo, com tiras/asas usado pelas meninas para levar livros, etc. ao colégio. *La niña tenía un lindo bolso rosa donde llevaba sus libros y cuadernos para la escuela*.
5. Seio que se forma nas velas pela ação do

2. Bolso (P): derivado de bolsa, 1450. *Bolsso* ‘pequeno saco cosido à roupa, e que seve para guardar objetos pessoais ou como enfeite’.

1. Saquinho de pano costurado na parte interna ou externa da roupa, com uma fenda numa das extremidades, usado para guardar pequenos objetos ou como enfeite. (Vestuário). *Perdi aquele anel de ouro por causa deste bolso furado*.
2. Prega, arrepanhado de tecido mal ajustado; papo, tufo. (Vestuário). *Mandei a costureira consertar o vestido, pois ao prová-lo pareceu cheio de bolso*.
3. Compartimento de um saco, sacola, bolsa, etc., semelhante ao bolso de uma roupa. (p. anal.). *Esse bolso deu um charme especial a essa bolsa, acho que vou comprá-la*.
4. M.q. *Bolsa* (‘dinheiro ou pecúlio’). (p. anal.). *Só faltava isso, até o bolso acabou, agora é esperar tempo bom*

vento. *Hacía un fuerte viento por eso se veía un bolso en las velas del barco desde muy lejos*.

para resolver os problemas.

5. Bolsa 'cavidade em forma de saco'. (p. anal.; anatomia geral). *Ficou com um bolso no abdômen, em conseqüência do tumor e das cirurgias realizadas*.
6. Espécie de envelope que se apensa à contracapa de um livro, utilizado para guardar desenhos, mapas, etc., bolsa. (p. anal.; bibliologia). *Colocamos bolso na maioria dos livros da biblioteca para não deixar os desenhos e mapas soltos ou se perderem*.
7. Bojo ou seio profundo que se forma na vela cheia e esticada pelo vento. (Marinha). *O forte vento deixou as velas dos barcos formarem aqueles enormes bolsos que de longe pareciam nuvens coloridas*.
8. Porção de pano que, depois de colhida a vela (mas não ferrada), fica ainda a receber o vento. (Marinha). *O vento batia fortemente no bolso da vela fazendo um barulho imenso*.
9. Bojo de rede estendida na água. (pesca). *Aquele bolso na água é a rede que o pescador deixou por ali*.

Espanhol: Entrada 1: 5 sentidos

Português: Entrada 1: 9 sentidos

Quanto à etimologia, o par acima vem da mesma raiz latina, ambos derivados de bolsa[1], este anteriormente analisado. Porém observa-se que desde o sentido de base já há divergência nas duas línguas, o que nos faz considerá-lo por isso como heterossemânticos, pertencendo, porém, ao grupo B1 pelo fato de terem a mesma origem etimológica e um sentido secundário em comum, como se observa nos exemplos 5(E) = 7(P). A nossa análise pode parecer contraditória, mas, apesar de haver divergências no sentido de base, pode-se afirmar que ambos possuem traços semânticos semelhantes, como (+ objeto que serve para guardar coisas ou objetos pequenos e pessoais), embora um se refira a um objeto próprio do

uso das mulheres (‘a bolsa’) e o outro se refira a um detalhe ou corte na roupa, não especificamente das mulheres, (‘o bolso’), ambos com funções muito semelhantes, como apontamos acima.

Em E, o lexema bolso pode ser considerado um hiperônimo de: sacola, estojo, bolsinha, mochila, porta-níquel, e até mesmo do bolso costurado à roupa, embora tenha um uso muito restrito, pois existe um outro lexema para tal que é ‘*bolsillo*’, sendo este último o de uso mais freqüente no espanhol.

Segundo Leal (1997: 38), bolso significa ‘bolso’ e ‘bolsa’, ou seja, ‘pedaço de tecido costurado à roupa’ e ‘saco/sacola usado pelas mulheres’, respectivamente. Porém, além de ser ambíguo para nós, falantes de P, quanto a esse último sentido em E, ambos transmitem ambigüidade lexical no E também. Consideremos o exemplo: “Lleva rota la espalda y bermejas de sangre las manos, en su bolso bordado se aprietan las onzas de oro...” (Jorge de Godoy, in LEAL, 1997: 38). Nesse exemplo, qual seria o sentido de bolso em P? e em E? Torna-se, portanto, muito difícil saber qual dos dois sentidos seria o descrito pelo autor se consideramos os dois sentidos de bolso em E, dito anteriormente, pois tanto pode ser um ‘bolso’, ‘*bolsillo*’em E, costurado à roupa que tem um bordado de onças, como também pode ser uma ‘bolsa’, cujo material em que foi confeccionado possui um bordado com onças. Daí, a ambigüidade e a heterossemanticidade nesse par, desde o sentido de base.

Já em P, bolso pode ser considerado como uma palavra polissêmica, pois possui vários significados, os quais se deslocam por extensão metafórica 2(P), por analogia de bolsa[1] 3(P), 4(P), 5(P), 6(P), e por especialização, como mostram os sentidos 7(P), 8(P), 9(P), os quais, com exceção do último, diferem ou não existem no E neste mesmo lexema. Nota-se que

também em E ocorreu polissemia através de deslocamentos de sentido idênticos ao P, como em 5(E) por especialização, assim como extensão metafórica em 2(E), 3(E) e 4(P).

Assim, apenas no sentido 5(E) e 7(P) percebe-se semelhança total de sentido, proveniente da mesma causa, ou seja, deslocamento por especialização no âmbito social da palavra, passando a ser termo da marinha em ambas as línguas. Quanto ao sentido 3(E), parece ser de uso de alguma região especifica de fala hispânica, pois, como já comentamos, o lexema de uso mais freqüente para tal sentido é '*bolsillo*'. Este deriva de *bolso*, através de *bolsa* 'talega, saco' + *illo* 'pequeno' (diminutivo), e que significa especificamente 'saco costurado na roupa, no qual se leva artigos pequenos'.

Podemos ainda acreditar que pode ter havido mais precisamente em ambas as línguas a necessidade de um nome novo como causa dessa mudança ou evolução semântica, ou seja, de bolsa cria-se bolso e, posteriormente, bolsillo apenas em E, enquanto em ambas as línguas, promovendo o que temos chamado algumas vezes de mistura de sentidos na própria língua, e entre as línguas, fato nitidamente percebido em ambas neste lexema, pelo menos através de determinados traços semânticos que nos deixam confundir um termo com o outro em cada língua em particular, o que pode tornar-se ainda mais confuso e aumentar o nível de dificuldade entre línguas. Dessa maneira, sempre que seja necessário dar um nome novo para designar uma idéia ou objeto novos, podemos: i. formar uma palavra nova a partir de elementos já existentes, o que neste caso especificamente fez-se através da simples mudança de um morfema feminino *–a*, para um masculino *–o* em bols***a***/bols***o***, e no Espanhol bols*illo* o acréscimo do diminutivo *–illo*, como mostramos acima; ii. importar um termo de uma língua estrangeira ou de qualquer outra fonte, embora acreditemos que isto não deve ter ocorrido

neste lexema; iii. e, por último, alterar o significado de uma palavra antiga, fato que realmente ocorreu neste lexema.

Portanto, acreditamos que tanto o fator i como iii juntos contribuíram para esse tipo de deslocamento de sentido entre *bolsa*, *bolso* e *bolsillo*, tornando esse par um tanto singular com relação a esse tipo de processo, já que originou lexemas semelhantes mas com sentidos diferentes em ambas as línguas. E, mais interessante do que observar que ocorre o mesmo processo em ambas as línguas com o mesmo lexema, é que se percebe a inversão dos sentidos de base entre ambas, embora, como já falamos em determinados momentos, eles se misturam, reaparecem como secundários em uma e como primário na outra língua. Vejamos:

Bolsa[1]: E = 'sacola, saco'

P = 'bolsa, acessório de mulher' ⎫ Inversão do sentido de base nos lexemas

Bolso: E= 'bolsa como acessório de mulher' ⎭

P = 'saquinho de pano costurado na roupa'

Assim, cria-se bolso para referir-se a 'bolsa usada pelas mulheres' em E, e para referir-se ao 'pedaço de pano costurado à roupa' em P. Cria-se ainda bolsillo para referir-se ao 'pedaço de pano costurado na roupa em espanhol', como se tem o lexema 'sacola' em P com o mesmo sentido de 'bolsa' em E. Concluindo, podemos afirmar que o recorte da realidade é diferente em ambas as línguas, ora coincidindo com o mesmo lexema e invertendo-se os sentidos, ora coincidindo os sentidos mas invertendo-se os lexemas, e enfim, distanciando-se para outros sentidos. O par é, portanto, polissêmico entre as línguas por possuir sentidos semelhantes, é polissêmico também em cada língua em particular pela evolução semântica ocorrida a partir do mesmo lexema de origem. Porém, afirmamos que este torna-se homônimo

entre as línguas, e portanto heterossemânticos, porque, como observamos, além de alguns sentidos não estarem presentes no mesmo lexema em uma ou outra língua, há uma grande mistura de sentidos entre ambas, o que proverá seguramente ambigüidade lexical e dificuldade para o aprendiz de uma dessas línguas como LE.

5. borrar/borrar

1. Borrar (E): 1495, derivado de *borra* 'lã grosseira', que se usava para apagar o escrito com giz sobre o quadro.

1. V. Fazer desaparecer uma coisa escrita com tinta, lápis, etc., passando sobre ela qualquer coisa ou meio, por exemplo, uma borracha de apagar. *La niña borra tanto sus garabatos que rompe la hoja*.
2. Fazer que a tinta escorra e desfigure o escrito, colocando-a em contato com alguma coisa quando está fresca. (Ext. de snt.). *Antes de haber secado, el niño borró la tinta con el dedo y desconfiguró lo que su padre había escrito*.
3. Tachar, riscar. Fazer riscos horizontais ou transversais sobre o escrito, para que não se possa ler ou para dar a entender que não serve. (Ext. e snt.). *Borré todo el texto y decidí hacerlo de nuevo.*
4. Fazer desaparecer a marca deixada por uma coisa. (Ext. de snt.) *Este detergente borra las manchas más difíciles*. (SEÑAS, 2001: 173).
5. Cortar, tirar de uma lista uma pessoa ou coisa que constava anteriormente. (Ext. de snt.) *Borra a Antonio de la lista de invitados*. (SEÑAS, 2001: 173).
6. Desvanecer, tirar, fazer desaparecer uma coisa ou a imagem, a lembrança ou as marcas de algo não material. (Ext. mtf.). *El tiempo todo lo borra. Procuro borrar de mi pensamiento las cosas desagradables*. (DEMM).

2. Borrar (P): Séc. XIV. De *borra* 'orig. tecido grosseiro', 'substância sólida que, depois de haver estado em suspensão num líquido, se depositou' XIV. Do lat. *burra*, 'burel, tecido grosseiro de lã', 'coisa grosseira ou sem importância'.

1. Sujar(-se) com borra ou borrão, manchar (-se), (us. inf.). *Borrou o desenho com nanquim*. (HOUAISS).
2. Sujar(-se) com qualquer material maculante; enodar. (Ext de snt.; us. inf.). *Borrou a toalha com vinho*. (HOUAISS).
3. Riscar sobre o que se escreveu, de modo a não mais poder ser lido (tornar inteligível); apagar. (Ext. de snt. da acp. 1). *Borrou a assinatura num manifesto*. (HOUAISS).
4. Sujar(-se) moralmente; manchar a própria reputação. (Ext. mtf.). *Acabou por se borrar com aquela declaração*. (HOUAISS).
5. Sujar(-se) de matéria fecal. (Ext. mtf. Us. inf.). *Borrou-se sem querer*. (HOUAISS).
6. Apagar, obscurecer. (Ext. mtf.). *Borrou a memória de um tirano*. (HOUAISS).
7. Estragar com um borrão; fazer um borratão.(Ext. mtf.). *Borrou o quadro ao transportá-lo com a tinta fresca*. (HOUAISS).
8. Pintar mal ou grosseiramente. (Ext. mtf. Us. pej.). *Esse não pinta, borra*. (HOUAISS).
9. Ter medo; estar apavorado (Snt. fig.). *Está se borrando com a perspectiva de*

	ser despedido. (HOUAISS). 10. Rascunhar, fazer borrão de (algo), para mais tarde eventualmente aprimorá-lo; rabiscar. (Artes plásticas, Literatura). *Borrou um conto*. (HOUAISS). 11. Produzir textos sem importância. (Snt. fig. Us. pej.). *Não cria mais nada, anda apenas a borrar papel*. (HOUAISS). 12. Escrever, fazer grafitos (em paredes, muros); pichar. (Reg.: Port.). *Os candidatos serão multados se borrarem os muros*. (HOUAISS). 13. Defecar (Tabuísmo). *Ficou com tanto medo que se borrou*.
Espanhol: Entrada 1: 6 sentidos	Português: Entrada 1: 13 sentidos

Etimologicamente, o par acima advém da mesma origem e possui sentidos semelhantes nas duas línguas. Os lexemas constituem-se, porém, como heterossemânticos, pois possuem outros sentidos e usos totalmente diferentes de uma língua para outra. Observa-se também sentidos muito diferente do seu étimo, os quais são provenientes de deslocamento de sentido, ocorrendo, muitas vezes, de modo peculiar em cada língua e promovendo assim um maior distanciamento entre os sentidos de ambas as línguas, separando os sentidos a ponto de poder-se afirmar que, no processo evolutivo, alguns sentidos deslocam-se o suficiente para serem considerados um outro lexema. Dessa maneira, observa-se que o par pode ser considerado como homófono, pois os lexemas são foneticamente semelhantes nas duas línguas, mas com divergências de sentido, provenientes de deslocamentos de sentido sob a influência de fatores diversos, distanciando-os tanto do sentido original de cada uma como entre si.

Comparando-se o sentido de base das duas línguas, ou melhor, os exemplos 1(E) e 1(P), observamos que além de já divergirem desde o sentido de base, este sentido em E tem

uma maior proximidade com o sentido etimológico do que em P, até porque em P usa-se o lexema 'apagar' com aquele sentido 1 do E. Os demais sentidos do E revelam-se também mais semelhantes à origem etimológica do que o P, confirmando a nossa hipótese de que alguns lexemas em E são mais opacos, enquanto que em P estes seriam mais motivados, o que pode ser a causa do maior distanciamento dos sentidos entre as línguas. Observa-se isso, também, ou seja, um distanciamento considerável entre o sentido original e os secundários do P. Nota-se ainda que há semelhança entre ambas nos sentidos: 3(E) = 3(P) e 6(E) = 6(P) e percebe-se também que há traços semânticos semelhantes entre 2(E) ≈ 7(P). Vemos ainda que os sentidos 4(P), 5(P), 8(P), 9(P) e 10(P) não existem no E para este lexema, da mesma forma que não existe em P os sentidos 4(E)e 5(E), o que torna o par heterossemântico, já que há homonímia entre ambas as línguas pelo distanciamento de sentido, como comentamos acima.

Observamos ainda que a maioria dos deslocamentos de sentidos ocorridos nas duas línguas foi ocasionada por extensão de sentido, no qual há uma ligação evidente com outro sentido, no caso com o sentido 1 (ou sentido de base). Por isso, entende-se como extensão de sentido quando há apenas um deslocamento parcial do sentido primário. Podemos observar o fato tanto no P, nos exemplos 2 e 3, como no E, nos exemplos 2, 3, 4, 5. Há também deslocamento por extensão metafórica, como mostram os vários exemplos do P e o exemplo do E.

Particularmente ocorrida no P, convém ainda mencionar a mudança semântica no exemplo 13, pois, além de inexistente no mesmo lexema em E, é proveniente de um deslocamento de sentido não tão comum, pelo menos nos pares de heterossemânticos analisados até então. Segundo Ullmann (1964: 426), para o lingüista, o tabu é de importância vital, pois impõe uma proibição não só sobre certas pessoas, animais e coisas, mas também

sobre os seus nomes. Na maioria dos casos, a palavra tabu será abandonada e será introduzido um substituto inofensivo, um eufemismo (do gr. *eu* "bem" + *phēmē* "falar"), para preencher a lacuna. Assim, o recurso da linguagem, de modo a evitar usar-se o termo tabu (cultural), é o eufemismo (lingüístico). Isto acarretará muitas vezes um ajustamento no significado do substituto, e assim, o tabu ou o eufemismo constitui-se como uma causa importante de mudança semântica.

Os tabus da linguagem dividem-se em três grupos mais ou menos distintos, de acordo com a motivação psicológica que está por trás deles. São eles: tabu de medo, de delicadeza, e de decência. No momento, ressalvamo-nos de comentar os três, mas apenas aquele no qual se insere o caso de deslocamento apontado acima: o tabu de decência (e de decoro). Por esta forma de tabu, o sexo, certas partes e funções do corpo, e os juramentos são as três grandes esferas mais diretamente afetadas. (ULLMANN, 1964: 426-32). No sentido 13, especificamente, acreditamos que o falante se resguardaria em falar diretamente da 'função realizada pelo organismo para expelir os excrementos; evacuar' utilizando-se desse recurso da linguagem, o eufemismo, como uma forma de causar certa impressão ou comicidade diante de situações de natureza bem específicas, pois acreditamos que ao substituir o lexema 'defecar' por 'borrar' há por trás disso uma intencionalidade, já que não é comum dizê-la em situações formais de uso da língua, mas talvez em situações vexatórias ou mesmo cômicas. Este tipo de deslocamento confirma com mais evidencia e de forma bem peculiar a heterossemanticidade no par, tendo em vista a inexistência deste sentido no E neste lexema, assim como o seu distanciamento com os demais sentidos do E, ou até mesmo com os demais do P, justificando, assim, a homonímia entre ambos, tornando-se conseqüentemente um dos exemplos mais

problemáticos para um falante de E/LM aprendiz de P/LE, pela inexistência do mesmo neste lexema.

Dessa forma, podemos concluir que o par é polissêmico em cada uma das línguas, como também entre as línguas, já que ambas compartilham alguns sentidos ou traços semânticos. As fontes principais dessa polissemia são a extensão de sentido e a extensão metafórica, sendo esta última a grande motivadora dos diversos deslocamentos de sentido em cada língua em particular, distanciando, dessa forma, os sentidos em ambas e entre ambas, tornando-as por isso homônimas. O eufemismo, também, apesar de exclusivo do P, desloca o sentido ao extremo do campo associativo nessa língua, enfatizando ainda mais a homonímia no par.

6. borrador/borrador

1. Borrador (E): 1570. Deriv. de *borrar*, este de *borra*.

1. Adj. Que apaga. (U.t.c.s.). *Necesito un borrador para quitar el precio del libro*. (SEÑAS, 2001: 173).
2. Apagador. Utensílio que serve para apagar o escrito com giz no quadro ou lugar semelhante. *La profesora sacudió el borrador para quitarle el polvo de la tiza*. (SEÑAS, 2001: 173).
3. Borracha de apagar. *El niño llevó al colegio un cuaderno, un lápiz y un borrador.* (SEÑAS, 2001: 173).
4. S.m. Rascunho. Escrito de primeira intenção, em que se pode fazer correções ou adições posteriores para o definitivo. *Todavía no he redactado la versión final del informe, esto es sólo un borrador*. (SEÑAS, 2001: 173).
5. Livro em que os comerciantes e homens

2. Borrador (P): deriv. de *borra*, 1572. Radical do part. *borrado* + -or.

1. Adj. e S.m.. Que ou o que borra. *Eram uns borradores que só desperdiçaram tinta*. (HOUAISS).
2. Que ou o que absorve demais a tinta, produzindo borrões. *Não use esses borradores que perderá seu trabalho.* (HOUAISS).
3. Que ou o que serve para apontamentos ou rascunho (caderno, bloco, etc.). *Levava para a escola um borrador, e ao chegar em casa passava tudo a limpo*.
4. Que ou o que serve de rascunho do diário (livro, caderno, coleção de fichas, etc.); borrão (Contabilidade)[37]. *A empresa tinha tudo anotado em um borrador*.
5. Que ou o que serve para fazer esboços (caderno, bloco, etc., para desenho). (Artes plásticas). *O desenhista fazia o*

[37] Livro onde os comerciantes anotam, dia a dia, as suas operações, e que servem de base para a escrituração regular; costaneira; borrão. (FERREIRA, 1986: 277).

de negócios fazem anotações para depois arrumar suas contas. *Para llevar la economía de un negocio el contable tiene que anotar todo en el borrador*.

6. Bolsa usada pelas crianças para levar livros, papéis, etc. para a escola. (Reg. Galicia e Valladolid). *A los niños ya no les gusta tanto llevar borrador a la escuela. Quieren llevar todo en las manos*.

esboço do desenho no borrador e depois passava para a cartolina ou tecido.

6. Que ou o que faz obra primária, grosseira. (Ext. de snt. Artes plásticas. Us. pej.*). O pintor borrador hoje é um grande artista*.
7. Que ou o que é mau artista ou escritor. (Ext. de snt. Us. pej.). 'Borra-tintas'. *Em vez de artistas, eram uns borradores que só desperdiçaram tinta.*

Espanhol: Entrada 1: 6 sentidos

Português: Entrada 1: 7 sentidos

Quanto à etimologia, o par acima tem a mesma origem já comentada em outro par. Porém, é considerado heterossemântico pelo fato de possuir sentidos diferentes nas duas línguas, embora tenham outros semelhantes. Nos exemplos 6(P) e 7(P), observamos sentidos não presentes no E neste lexema, que em P origina-se por extensão metafórica. O exemplo 2(P) também apresenta um sentido inexistente em E para o mesmo lexema, no qual podemos observar uma extensão do sentido primário, pois, pelo fato de algo produzir borrões, é que se denomina 'borrador'. Estes dois exemplos do P, se comparados com os exemplos 2(E) e 3(E), levam-nos a pensar que, apesar de ambos os lexemas virem da mesma origem etimológica, há desde o sentido primário uma mudança semântica, pois os referentes não são os mesmos. Enquanto em E refere-se a um 'objeto que apaga, tira a tinta ou algo que estava escrito', em P transmite a idéia de algo que 'borra, mancha, encobre algo escrito'. Podemos afirmar então que houve uma mudança em uma e não na outra língua, isto é, pode ter ocorrido uma mudança semântica no E por causas históricas, ou seja, apesar de os objetos (neste caso), as instituições, as idéias, os conceitos científicos mudarem no decorrer do tempo, em muitos casos o nome conserva-se e contribui assim para assegurar um sentido de tradição e continuidade. No caso do P, acreditamos que para referir-se a algo que 'apaga' houve

mudança do nome, pois se usa mais comumente ‘borracha’ e ‘apagador’ como objetos utilizados para esse fim.

Temos ainda em E, no exemplo 6, um sentido não existente em P neste lexema, no qual acreditamos que houve deslocamento de sentido por algum fator social, ou seja, houve uma mudança no referente sem mudança do nome, o que se denomina generalização, lembrando que esse processo, no caso citado, restringe-se a algumas regiões específicas na Espanha e não em outros lugares onde se fala E. Estes exemplos revelam, portanto, a heterossemanticidade no par, tornando-os homônimos entre as línguas. Contudo, podemos ainda afirmar que são polissêmicos quando compartilham outros sentidos como 5(E) e 4(P), assim como também observamos que compartilham traços semânticos em outros, como em 4(E) ≈ 6(P).

Podemos concluir que este par é polissêmico em cada língua em particular assim como entre as línguas, pertencentes por isso ao grupo B1, lembrando que se o deslocamento de sentido ocorre de forma peculiar ou diferente em cada língua, poderá levar ao distanciamento total ou parcial entre os sentidos de ambas, tornando o par homônimo entre as línguas, pois seus sentidos distanciam-se ao ponto de não haver nenhuma relação entre eles, ou entre alguns deles. Isso também pode ser ou não mais um complicador com relação à aprendizagem de uma LE, pois quando essa divergência está basicamente entre os sentidos de uso mais freqüente em cada língua, como é o caso desse par, poderá provocar também maior índice de equívoco pela freqüência de uso. Porém, se observarmos que se a incidência de inadequação é alta poderá ocorrer também, do lado oposto e como fator positivo, uma auto-correção em menor espaço de tempo tendo em vista a freqüência de uso. Essa auto-correção poderá não ocorrer tão rapidamente quando um sentido tem uma freqüência de uso muito baixa ou

incomum. Esse sentido pode não ser percebido facilmente, a menos que a divergência de sentidos nas duas línguas seja tamanha ao ponto de ser rapidamente reconhecida ou percebida e se torne um facilitador.

7. cédula/cédula

1. Cédula (E): 1396. Do lat. tardio *schedula* 'pedaço de papel, documento', diminutivo de *scheda* 'folha de papiro, folha de papel, página', atrv. do gr. *skídē* 'fragmento de madeira'.

1. S.f. Pedaço de papel ou pergaminho escrito ou para escrever ou preencher nele alguma coisa. *Aún no saben quién escribió una poesía en esa cédula que parece muy antigua*.
2. Documento em que se reconhece uma dívida ou outra obrigação. *Encontramos en el baúl del difunto varias cédulas y papeles privados*. (SEÑAS, 2001: 247).

Espanhol: Entrada 1: 2 sentidos

2. Cédula (P): 1324. Do lat tardio *schedula*, 'folha de papel, página', diminutivo do lat. *scheda*, de mesma acepção. 'Documento escrito' 'papel representativo da moeda de curso legal'.

1. S.f. Documento escrito; apontamento, bilhete. *Encontraram uma cédula escrita, que parece ser do século XII*.
2. Escrito particular em que se reconhece promessa ou obrigação. (Termo jurídico). *Descobriram uma cédula que se tratava de um testamento de sua família*.
3. Confissão escrita, mas não legalizada, de dívida. (Termo jurídico). *Na cédula consta a sua assinatura portanto a dívida existe, mas como não é legalizada o velhaco disse que não pagaria*.
4. Título de dívida pública; apólice. (Termo jurídico). *Tinha uma cédula no Banco Bradesco referente a um empréstimo que havia feito*.
5. Papel ou nota que representa a moeda de curso legal; dinheiro. (1324). *"Distribuíra... cédulas de cinco e dez mil réis"* (Jorge Amado, *Dona Flor e seus dois maridos*, 424-425, in FERREIRA, 1986: 377).

Português: Entrada 1: 5 sentidos

Observamos que o par advém da mesma etimologia e possui significados semelhantes, embora em P já na origem apareça o sentido relacionado à moeda, o qual não existe em E neste lexema.

Nos exemplos 4(P) e 5(P) observa-se o uso desses sentidos em P não encontrados no mesmo lexema em E, confirmando, portanto, a heterossemanticidade nesse par, assim como a homonímia entre P e E. Observa-se também que são polissêmicos em cada língua em particular, como também entre as línguas, por isso o classificamos neste grupo B1. Para exemplificar a polissemia, basta observar a semelhança de traços semânticos entre os sentidos de base: 1(E) ≈ 1(P), 2(E) ≈ 3(P), assim como uma nítida semelhança entre 2(E) = 2(P). Parece haver uma mistura entre esses três sentidos do P com os dois do E, confirmando a polissemia entre ambas.

Acreditamos que o sentido 5(P), apesar de constar desde a origem etimológica, deve ter surgido pela necessidade de um nome novo. Esta causa de mudança semântica é extremamente importante, pois sempre que seja necessário o falante tende a dar um novo nome para designar uma idéia ou objetos novos.

Dessa forma, o falante pode formar uma palavra a partir de elementos já existentes, pode também importar um termo de uma LE, ou de qualquer outra fonte, que acreditamos não ser o caso deste sentido ou lexema, como ainda pode alterar o significado de uma palavra antiga. O funcionamento destas mudanças são mostradas claramente pela história das descobertas científicas e tecnológicas.

As descobertas científicas e outros desenvolvimentos obrigaram a procurar nomes novos, e a necessidade resolveu-se pelo acréscimo de significados inéditos a determinados termos latinos. (ULLMANN, 1964: 437). Assim, da criação de um novo tipo de moeda,

dinheiro, acrescenta-se um novo sentido ao lexema que inicialmente significava ‘papel’, ‘documento escrito’, dando também um nome novo ao dinheiro. Acreditamos, portanto, que a partir do momento em que se iniciou a fabricar dinheiro, moeda em papel, começou a usar-se esse nome para o mesmo, como sinônimo de nota, ou seja, pela matéria de que é feita deu-se provavelmente o nome ao produto. O dinheiro ou moeda de curso legal ganha um nome novo, até porque se sabe que este tipo de representação de valores pelo qual se trocavam ou se trocam mercadorias e serviços é anterior ao que se conhece por dinheiro e moeda. As palavras moeda e dinheiro e suas funções comerciais já existiam há muito mais tempo do que a cédula de papel que conhecemos hoje, tais lexemas datam do séc XIII, XIV, significando, respectivamente, ‘peça, geralmente de metal, cunhada por autoridade soberana e representativa do valor dos objetos que por ela se trocam’ e ‘moeda corrente, quantia’, este último *dēni* ‘cada dez’, porém seus usos e funções são bem mais antigos do que datam os dicionários.

Verificamos ainda que como *schedula* significa ‘folhinha de papel’, ou seja, diminutivo de ‘folha de papiro’, *scheda*, acreditamos que foi o tamanho do papel utilizado para determinados fins que resultou na adoção do vocábulo diminutivo para esses referentes, como podemos observar pelo tamanho das cédulas de identidade, de dinheiro, eleitoral, etc., sinônimo de carteira de identidade e nota, nos dois primeiros exemplos respectivamente. Salientamos ainda que, embora não tenhamos mencionado as locuções, as duas línguas apresentam um grande número destas, as quais se não se devem ao tamanho do papel, com certeza devem-se a algum outro tipo de relação com o significado da origem etimológica ou com o significado de base, por exemplo com documento e folha de papel ou papiro.

Os exemplos 3(P), 4(P) e 5(P), como também o exemplo 2(E), apresentam deslocamento de sentido por especialização, pois adquirem um sentido mais restrito em determinadas áreas ou grupos sociais, ou seja, passam da linguagem comum ou do seu sentido mais amplo para uma nomenclatura especializada, como se verifica para termos jurídicos nas duas línguas, embora em E se observe mais este tipo de deslocamento nas locuções. Nota-se que o sentido 'documento' já existia desde a etimologia, mas suas especificidades surgiram das necessidades particulares de cada língua. Assim, mesmo tendo a mesma causa de mudança de sentido, observa-se que as línguas adquirem valores diferentes e, conseqüentemente, contrários, pelos quais poder-se-ia esperar porque cada língua opera em direções socialmente condicionadas às necessidades, criações, normas e tradições e cultura estabelecidas pelo meio social do qual fazem parte os seus falantes.

Conclui-se, portanto, que, apesar de o lexema ser originalmente polissêmico em ambas as línguas e entre as línguas pela semelhança no significado de base, na origem etimológica e em outros sentidos e inclusive em determinadas locuções, o par revela-se heterossemântico pelas divergências que apresenta em outros sentidos no mesmo lexema. Diga-se de outra forma, pela presença de determinados sentidos em uma língua e não na outra, mais especificamente pelo fato de o P possuir alguns sentidos que não existem no E neste lexema. É especificamente neste sentido que acreditamos ser um par polissêmico, mas que posteriormente torna-se homônimo pela divergência de sentido entre ambas.

8. cepillo/cepilho

1. Cepillo (E): 1495. Deriv. do lat. *cippus*, 'estaca, poste, coluna; marco'. Dim. de *cepo* 'galho ou rama de árvore'; 'instrumento de carpintaria para alisar madeira', 1495; desta acepção passou para 'instrumento de cerdas usado para tirar o pó, esfregar, limpar ou

2. Cepilho (P): 1562. Do lat. *cippus*; *cepo* 'galho de árvore', XIII. Do esp. *cepillo*, 1492, 'caixa de madeira que se coloca nas igrejas para receber esmolas, instrumento de carpintaria para alisar madeira'. Mais tarde dim. de *cepo* do lat. *cippus*, 'espécie de

pentear'. 'Caixa de madeira para dar esmolas na igreja', comparados com o pé de um tronco de árvore'.

1. S.m. Nome dado a certos utensílios de diversos tamanhos e formas formados por uma prancha de madeira ou outro material, com molhos de cerdas, usado para limpar o pó da roupa, os dentes, varrer o chão ou outros usos. *Los zapatos se limpian con un cepillo. Barre el suelo con el cepillo. Nunca viajo sin mi cepillo de dientes. Se pasa el día delante del espejo con el cepillo en la mano*.
2. Instrumento de carpintaria usado para alisar madeira. *El carpintero pulía la mesa con el cepillo*. (SEÑAS, 2001: 253).
3. Instrumento semelhante ao anterior, porém todo de ferro que se usa para polir, lavrar o ferro. *El cerrajero pulía la cerradura de la puerta con el cepillo*.
4. Caixa de madeira ou outro material, com uma fenda e fechadura, usada para guardar coisas e, especialmente nas igrejas, para recolher esmolas. (mealheiro). *Todos los domingos dejaba su limosna en el cepillo de San Isidro*. (SEÑAS, 2001: 254).

Espanhol: Entrada 1: 4 sentidos.

escova para tirar a poeira'.

1. S.m. Pequena plaina, semelhante à garlopa, própria para alisamento da madeira. (Carpintaria). *O carpinteiro passa mais tempo polindo os móveis com o cepilho do que fabricando*.
2. Lima fina para polir metal, usado por armeiros. (Armamento). *O armeiro pegava seu cepilho e ficava um bom tempo polindo as armas*.
3. Aperfeiçoamento, melhoramento. (Ext. mtf.). *O cepilho dos séculos de vilão tornou-o nobre*. (HOUAISS).
4. Parte elevada à frente da sela; maçaneta. (Ext. mtf.). *Vinha o ferrador examinar os cascos, a sela especial de cepilho levantado era trazida*. (Fernando Sabino, *O homem nu*, 61, in FERREIRA, 1986: 382).

Português: Entrada 1: 4 sentidos.

Desde a etimologia observa-se um fato curioso neste par, pois podemos afirmar, de acordo com as informações obtidas, que a origem e os primeiros sentidos do P advém do latim, através do E. Podemos então dizer que a palavra em P nasce, ou é filha do E. Podem, as palavras nas duas línguas, ser consideradas então membros da mesma família, ou da mesma origem. Elas são consideradas polissêmicas tanto entre as línguas, como em cada língua em particular.

Porém, mais curioso do que isso é o fato de ambas possuírem atualmente vários sentidos diferentes entre si e diferentes daqueles da origem, apesar da semelhança no princípio. Podemos ver nitidamente que em P mantém-se dois sentidos, que provavelmente são os sentidos de base do E, pois se mantém nas duas línguas exatamente iguais, e que não estão como sentidos de base provavelmente pelo fato de o outro, o sentido 1(E), ser de uso mais freqüente. Ou seja, 2(E) = 1(P) e 3(E) = 2(P).

Observando os exemplos 3(P) e 4(P), temos aí dois sentidos em P que não existem em E. Isso confirma a idéia de que as línguas ou os sentidos de cada uma não evoluem *pari passu*, isto é, no mesmo passo, simultaneamente, mas *per se*, ou seja, por si mesmo, sem influência alheia, a não ser por fatores intra e extralingüísticos dentro daquele sistema lingüístico. Como revelam os exemplos acima citados do P, houve deslocamento de sentido por extensão metafórica, confirmando assim que não ocorreu o mesmo em E, promovendo conseqüentemente a heterossemanticidade no par. Nos sentidos 1(P) e 2(P), assim como em 2(E) e 3(E) deve ter havido deslocamento de sentido por metonímia desde a origem no latim ou após a passagem do latim para o espanhol, já que o mesmo encontra-se desde o sentido etimológico.

No espanhol, conserva-se até hoje todos os sentidos presentes desde a etimologia, embora se reconheça que o sentido 1(E) é o de uso mais freqüente e mais comum nesta língua e que provavelmente tenha surgido também por metonímia, já que há certa contigüidade entre o significado original ‘estaca’, ‘galho, rama de árvore’, ‘cepo’, ‘madeira’ com a forma ou o material de que eram feitos provavelmente esses objetos que hoje conhecemos como ‘escovas’ em P, salientando que muitos deles ainda são feitos de madeira, ou têm como matéria prima a madeira ou galhos de árvore, como as vassouras. Os dicionários DEMM e

SEÑAS apresentam o sentido 1(E) primário ou principal, talvez pelo fato de muitos objetos com esses traços terem adquirido esse nome. E, como se observa, é justamente esse sentido que não existe no P neste lexema, já que o P dá outros nomes para esses referentes, comprovando também a heterossemanticidade entre as línguas.

No exemplo 4(E), vemos outro sentido que deixou de existir em P ou não passou para esta língua, recebendo na mesma língua o nome de 'mealheiro', porém ainda conservado no E atual, como comprova o exemplo. Acreditamos que os sentidos originais do E, os quais ainda se mantêm os mesmos, provêm de um deslocamento de sentido por metonímia, pois, como se observa, esses instrumentos 'originais' seguramente foram feitos a partir do produto bruto 'madeira, cepo' e têm relação direta com o campo conceitual de 'árvore, madeira, estaca, rama, carpintaria, etc., passando também para utensílio religioso.

Temos, portanto, um caso *sui generis*, pois apesar de uma língua ter exportado para a outra seus sentidos originais, apenas dois desses sentidos se mantêm na língua que o recebeu, no caso o P. Portanto, os diferentes deslocamentos de sentidos e uso na língua ocasionaram a grande divergência semântica entre ambas. Convém destacar que mesmo tendo ocorrido outros deslocamentos de sentido em P, houve a princípio influência estrangeira, já que o lexema, assim como seus sentidos de base, advém do espanhol.

Concluímos, portanto, que há originalmente relação de polissemia nestes lexemas entre as duas línguas, como também em cada uma, porém podemos ainda afirmar que ocorre posteriormente relação de homonímia pela divergência de sentidos entre ambas.

4.1.2.2 GRUPO B.2: Originalmente polissêmicos, porém com traços semânticos distintos, tornando-se posteriormente homônimos por mudanças semânticas

Nestes pares de lexemas, observamos que os mesmos advêm da mesma origem etimológica, com significados etimológicos iguais, assim como o significado de base e outros sentidos secundários também são iguais ou aproximados. No entanto, outros sentidos secundários, ao passar por evolução semântica ou deslocamento de sentido, adquirem traços semânticos diferentes e vão distanciando-se ou tornando-se divergentes entre as línguas, passando a ser homônimos entre si e, por isso, heterossemânticos.

1. abordar/abordar

1. Abordar (E): do fr. *bord* 'margem', 1444 e este do frâncico[38] *bord id*. Aproximar-se a uma nave; empreender um assunto.	2. Abordar (P): do fr. *aborder*, 1306. Mar. 'pôr (o navio) a contrabordo de; atracar (um navio a outro); ir a bordo de' < do fr. *bord*, séc. XII, 'cada lado do navio, contorno de uma superfície', do frânc. *bord* 'bordo de embarcação'. Abalroar, acometer., XV.
1. V. Aproximar-se um barco a outro até tocá-lo intencionalmente ou por acidente. *El barco pesquero fue abordado por un petrolero*. (SEÑAS, 2001: 6).	1. V. Por (o navio) a contrabordo de ; encostar (o navio) com o bordo (ao cais, costa, outra embarcação, etc.); acostar, aferrar, aportar. (Mar.). *O barco abordou de manhã*. (HOUAISS).
2. Atracar um navio a um desembarcadouro, cais ou bateria. (Mar.). *El barco abordó al desembarcadero para descender a tierra*.	2. Atracar (um navio a outro) bordo a bordo, para tomar de assalto. (Mar.). *O galeão espanhol abordou o navio inglês*. (HOUAISS).
3. Atracar. Aproximar um barco ao cais. Chegar. Chegar ao porto, costa, ilha, etc. (Mar.). *Abordamos en el puerto de Málaga*. (SEÑAS, 2001: 6).	3. Ir a bordo de (embarcação). (Mar.). *Ela estava a bordo do Titanic*.
4. Dirigir-se a alguém para falar-lhe sobre um assunto ou pedir-lhe algo. (Fig.). *La abordé en la calle*. (SEÑAS, 2001: 6).	4. Atacar, acometer, assaltar (alguém). (P. ext. da acp. 2). *Os bandidos abordaram o homem para roubá-lo*. (HOUAISS).
	5. Chegar à beira ou à borda de. *Abordou a beira do penhasco*. (HOUAISS).
	6. Atingir, chegar (a lugar pretendido).

[38] Língua germânica ocidental dos francos, pertencente ao grupo de línguas do alto- alemão e responsável pelo grande estrato de elementos germânicos do vocabulário francês. (FERREIRA, 1986: 808).

5. Acometer. Entrar. Atacar. Começar a exposição de um assunto ou a execução ou resolução de algo, particularmente se isso oferece alguma dificuldade. (Fig.). *Abordó el tema valientemente*. (DEMM).

Espanhol: Entrada 1: 5 sentidos.

Abordou aos pastos tão procurados. (HOUAISS).

7. Estar borda com borda; fazer limite, encostar. (P. ext. da acp. 1). *Suas terras abordam com as do inimigo*. (HOUAISS).
8. Aproximar-se de alguém, dirigindo-lhe a palavra, interpelando-o. (P. ext. da acp. 1). *O repórter abordou o ministro na rua*.
9. Começar a tratar de; levantar, versar sobre (tema, assunto, questão, proposta, idéia, etc.). (P. anal.). *O ministro abordou a crise política no Golfo*.

Português: Entrada 1: 9 sentidos.

Os dois lexemas advêm da mesma etimologia. Ambos são polissêmicos nas duas línguas em particular, pois possuem sentidos ou matizes diversos de um mesmo sentido de base. (MARQUES, 2001: 65).

Observa-se vários sentidos em comum nas duas línguas. Porém o que caracteriza a heterossemanticidade nesse caso é o fato de observamos já na etimologia traços semânticos diferentes em ambas as línguas, como '*empreender um assunto*' (E) e '*abalroar, acometer*' (P), o que justifica, portanto, a acepção 4 em P, e uma freqüência de uso maior no P do que no E deste sentido. Temos, então, em P, que desde esse período (séc. XV), ou desde a sua entrada no léxico, houve uma extensão de sentido, e, posteriormente, outras. Da mesma forma que em E temos desde a origem '*empreender um assunto*', o que também justifica o sentido 4 nesta língua, sendo este mais freqüente do que o 5, este último parece mesclar-se ao próprio 4, como mostra o exemplo *'Abordó el tema valientemente'*, ou seja, o sentido 5 parece ter traços do sentido 4.

O deslocamento de sentido que ocorreu nesse par é decorrente de fatores múltiplos, principalmente fatores externos, como os de natureza social, no qual o uso especializado de um termo, no par em análise, da Marinha, ganha novos sentidos, ampliando o âmbito de emprego do mesmo, ou seja, por generalização, como mostram os exemplos 3 (E); 5 (P) e 6 (P). Nesse par, houve também deslocamento de sentido por extensão metafórica, como vemos nos exemplos 5 (E); 4 (P); 7 (P); 8 (P). Em relação ao sentido 9 do P, embora o dicionário Houaiss afirme que este sentido deriva-se, ou melhor, desloca-se por analogia, acreditamos que se trata também de extensão metafórica.

Conclui-se, portanto, que houve, diacronicamente, mudanças de sentido em ambas as línguas, tornando-as polissêmicas em particular, como também polissêmicas entre si por possuírem vários sentidos semelhantes e os mecanismos ou processos de mudanças semânticas serem os mesmos: generalização e extensão metafórica. No entanto, sincronicamente, em seleção paradigmática, a extensão metafórica como figura de linguagem pode não ter exatamente o mesmo traço semântico em algum sentido nas duas línguas, caracterizando-os como heterossemânticos, pois, como enfatizamos logo no início, estes dois lexemas possuem traços semânticos diferenciados para um mesmo sentido desde a origem etimológica, o que pode se refletir posteriormente nos demais sentidos em cada língua em particular, distanciando assim os seus sentidos, que a princípio eram semelhantes ou idênticos.

2. aborrecer/aborrecer

1. Aborrecer (E): do lat. tardio *abhorrescere* ‘encrencar-se; evitar’. Ter aversão ou horror.

1. Sentir ou ter aversão a algo ou alguém. (Menos violento que ‘odiar’ e mais adequado a coisas). Detestar. *Aborresco los lunes*. *Mi madre aborrece los*

2. Aborrecer (P): do lat. *abhorrescere*, ‘afastar-se’, forma tardia que substituía *abhorreo*, ‘afastar-se com horror, recuar, distanciar-se, divergir. Sentir horror, odiar.

1. Ter horror ou aversão a, ou causar aversão, desagrado, mal-estar; abominar ou provocar abominação. Detestar. *Pessoas muito grosseiras sempre*

espectáculos vulgares. (SEÑAS, 2001: 6).
2. Deixar de gostar de uma pessoa; abandonar, largar. (Popular). *Hay madres desalmadas que aborrecen a sus propios hijos*. (DFA, 1998: 9).
3. Abandonar um animal suas crias, ovos, ninho. *Si tocas los huevos, el águila puede aborrecerlos*. (SEÑAS, 2001: 6).
4. Entediar. Exasperar (irritar). (Fig. e inf.). *Esta película aborrecería [aburriría] a cualquiera*. (SEÑAS, 2001: 11).
5. Expor, perder ou jogar/desperdiçar algo. (p. us.). *No sé que le pasa, el muchacho ahora aborrece su deporte favorito*.

Espanhol: Entrada 1: 5 sentidos.

aborrecem. (HOUAISS).
2. Causar ou sofrer desgosto, contrariedade; desgostar-se. *Apesar de cuidar do neto com tanto sacrifício, o menino aborrecia muito a sua avó*.
3. Causar tédio ou fastio a ou entediar-se; enfadar(-se); enfastiar(-se), maçar(-se). Anojar-se. *Depois de um ano, o homem aborreceu-se da mulher*.
4. Tornar-se zangado; apoquentar(-se), enraivecer(-se), enfurecer(-se). *Aborreceu-se muito com a atitude do filho*.

Português: Entrada 1: 4 sentidos.

O par acima possui a mesma etimologia e, embora tenha alguns sentidos semelhantes desde a sua origem, outros, no entanto, são diferentes. O mesmo ocorre nos demais sentidos de uso da língua. Ou seja, há compartilhamento no sentido de base, como mostram os exemplos 1 (E) = 1 (P), e em outros sentidos como, por exemplo, 2 e 3 (E) ≈ 3 (P), porém há outros muito diferentes em E ou inexistentes em P no mesmo lexema. Por isso podemos considerá-los como sendo heterossemânticos.

Uma notável diferença observamos nos exemplos 2 e 3 (E), os quais mostram um deslocamento de sentido não existente em P na mesma palavra, o qual pode ter advindo por extensão metafórica, devido a forças psicológicas emotivas do falante, caracterizando, assim, um eufemismo. Para o sentido 3 (E), em P usamos a forma *rejeitar, enjeitar*, como no exemplo '*O passarinho, sentindo-se ameaçado, rejeitou/enjeitou a ninhada*'.

Outro deslocamento de sentido em E não presente no P nesse lexema ocorreu no sentido 5 que, embora pouco usado e do qual não encontramos nenhum exemplo em dicionários, podemos também afirmar que houve deslocamento por extensão metafórica.

Poderíamos dizer ainda que neste sentido, 5 (E), ocorreu perda da motivação semântica, o signo tornou-se arbitrário ou opaco para este sentido, pois o sentido evoluiu ao ponto de não ter nenhuma relação com os demais sentidos.

Nota-se ainda que, embora haja muita semelhança entre os demais sentidos, estes podem ocorrer com uma variação na freqüência de uso em ambas as línguas, e, algumas vezes com aplicabilidades distintas, como: (+ animado) ou (- animado), ou (paciente) e (inanimado). Isto é, enquanto que em P é mais comum o valor de 'causar aborrecimento a, contrariar, perturbar', como vemos no exemplo 4 (P), em E é mais freqüente o valor de detestar, ter aversão' e 'abandonar', como, por exemplo, em 1, 2, 3, 4 (E). O exemplo 4 (E) mostra-nos que, embora este lexema seja usado com tal sentido, existe uma forma variante em E '*aburrir*' que possui um uso mais freqüente do que aquela. Da mesma forma ocorre em P com o exemplo 1, no qual é mais freqüente usar-se entediar-se, enfadar-se, anojar-se, etc.

Com relação aos sentidos e exemplos observados neste par, convém mencionar que as funções sintáticas (função de sujeito, objeto, etc.) e os papéis semânticos desempenham um papel fundamental no modo como o significado da sentença é construído, ou seja, o papel que desempenha cada sintagma nominal na relação com o verbo, ou o modo como o referente do sintagma nominal contribui para o estado, ação, ou situação descrita pela sentença. Segundo Finegan (1994), os primeiros papéis semânticos que precisamos identificar são agente (iniciador responsável de uma ação) e paciente (entidade que sofre uma certa mudança de estado). Assim, acreditamos que, a partir da observação dos papéis semânticos nas sentenças dessas línguas, as diferenças entre os sentidos serão mais evidentes e distinguíveis, pois embora os papéis semânticos sejam traços universais da estrutura semântica de todas as línguas, o modo como eles interagem com relações gramaticais como sujeito e objeto direto

difere de língua para língua. Portanto, só a partir de funções sintáticas e papéis semânticos poderíamos distinguir sentidos tão semelhantes em ambas as línguas. (FINEGAN, 1994: 24-29).

3. bozal/boçal

1. Bozal (E): derivado de bozo[39]. Subst. 'Tampa da boca', 1570 (subst.). Adj. 'Que ainda tem pelo', 'inexperiente, bobo', 1495; 'negro recém chegado do seu país'.

1. S.m. Focinheira. Objeto que se coloca nos cachorros ou em outros animais ao redor do focinho para que não mordam ou para que não comam. *Debe sacar de paseo al perro con el bozal puesto*. (SEÑAS, 2001: 176).
2. Tablete com pontas de ferro que se põe nos bezerros para que as mães não os deixem mamar. *Pusieron bozales en todos los terneros porque querían mamar todo el tiempo*.
3. Tratando-se de cavalgaduras, animal selvagem, não domesticado. (Ext. mtf.). *Hay una manada de caballos bozales en el monte*. (SEÑAS, 2001: 257).
4. Adorno com campainha ou guizo que se coloca no buço dos cavalos. (chocalho). *Mi abuelo costumbraba poner bozal en su caballo y en algunas vacas*.
5. *Bozo*. Cabresto. (Hispano-americano). *Todas las mañanas pone el bozal en el caballo y sale a trabajar*.
6. Adj. Se aplica aos negros recém-chegados do seu país. *En ese barrio se concentraron los negros bozales*.
7. Inexperiente em alguma arte ou ofício, novato, bisonho. (Fig., e inf.). *Es un muchacho bozal, lo que hace siempre*

2. Boçal[1] (P): De origem controvertida. Ou do lat. vulg. **bucceu*, derivado de *bucca*, 'bochecha'. Adj. 'estúpido, rude, ignorante' XVI.

1. Adj. e s. 2g. Referente a ou escravo recém-chegado da África que ainda não falava o português. (Diac. ant.). *Mandaram muitos boçais da África para o Brasil na época da colonização*.
2. Que ou aquele que é falto de cultura; ignorante, rude, tosco. (Ext. de snt.). *Considerados como negros boçais, eram tratados como escravos e animais e obrigados a trabalhar duro*.
3. Que ou aquele que é desprovido de inteligência, sensibilidade, sentimentos humanos; besta, estúpido, tapado. (Ext. de snt.). *A acusação estava tão irada com as atitudes do réu que o chamou de moleque boçal*.
4. Adj. 2g. Muito grande; enorme, descomunal, imenso. (Reg. Brasil. Us. inf., hiperbólico). *Fez um esforço boçal para passar de ano*.(HOUAISS).

Boçal[2] (P): Mesmo que buçal[40]. Este advém do espanhol *bozal*. subst. (1674) 'cabresto' (ou 'arreio da cabeça e do pescoço do cavalo' 1899), proveniente de um ant. deriv. do lat. *bŭcca*, *ae* 'boca'.

1. Parte do arreamento do cavalo que se

[39] Este de origem incerta, talvez de *bucciu*, derivado romance antigo do lat. *bucca* 'boca', 'bochecha'; mas é possível que este derivado tenha sido extraído secundariamente do verbo *embozar*, que então viria de *imbucciare*, derivado direto de *bucca*. Bozo 'pêlo que aponta antes de nascer a barba', 1330; antes, 'parte do rosto próxima à boca', séc. XIII, e hoje, aragonês *bozo* 'bozal (da grade/relha, de um animal, etc.)'.

[40] Convém acrescentar a forma ***buçal***, tendo em vista que, apesar da mudança fonética de [o] para [u] em P, há notáveis semelhanças semânticas em ambos. Acreditamos que se trata apenas de uma forma variante, assim como *buçá*.

sale mal.

8. Simples, nécio, ou idiota (bobo). (Fig., inf.). *En toda aula hay siempre un alumno bozal*.

Espanhol: Entrada 1: 8 sentidos.

prende à sua cabeça e ao pescoço; boçal. (Compõe-se de focinheira, cabeçada, fiador e cedeira). (Reg. Sul do Bras.). *Meu cavalo só sai com boçal*.

2. Cabresto forte, com focinheira; buçá (cabresto simples). (Reg. SP). *O cavalo está comendo a plantação, coloquem pelo menos o boçal nele*.
3. Pequeno saco usado para dar milho às criações e também para pegar animais soltos no potreiro. (Reg. MG). *Cinco horas da manhã já estava no quintal com o boçal de milho para dar de comer às galinhas, perus e porcos*.

Português: Entrada 1: 4 sentidos; Entrada 2: 3 sentidos. Total: 2 entradas e 7 sentidos.

Nesse par, observamos que, embora a etimologia nas duas línguas seja considerada incerta ou controvertida, podemos dizer que há certa relação ou proximidade entre ambas desde o sentido etimológico, se considerarmos que 'bobo, inexperiente' em E encontra-se, de certa forma, no mesmo campo associativo de 'estúpido, rude, ignorante' em P, evidentemente em determinados ou específicos contextos.

Outro fato observado, quanto ao P, é que esta língua apresenta, basendo-nos no dicionário Houaiss, duas entradas distintas, ou seja, boçal[1] e boçal[2], que, se as considerarmos, constituem-se como uma palavra homônima devido não à introdução de uma nova forma ou lexema, mas especificamente como conseqüência de uma mudança semântica, de um novo sentido numa palavra já existente. Notamos também as formas *buçal* e *buçá*, as quais consideramos como formas variantes. Em E, apesar de os dicionários não haverem considerado como duas entradas, acreditamos que ocorreu o mesmo, ou seja, houve mudanças semânticas, as quais podem ser tratadas como palavras polissêmicas nas línguas e entre as

línguas, pois ainda percebe-se certa relação entre seus sentidos etimológicos, primário e secundários.

Observando ainda o étimo de ambas, pode-se considerar que existia primitivamente, como extensão de 'boca', 'bochecha', o sentido 'pêlo que aponta antes de nascer a barba', e deste passa por extensão metafórica para 'inexperiente, bobo' em E e 'estúpido, rude, ignorante' em P, e, posteriormente, referindo-se aos 'negros ou escravos recém chegados do seu país ou da África' tanto em P como em E, também por extensão metafórica. Podemos ainda afirmar que a partir daquele mesmo sentido primitivo 'boca', 'bochecha' misturando-se com 'rude, ignorante, selvagem,' é que surge uma relação de contigüidade com animal e assim passa para o 'objeto que estes usam na boca'. Há, portanto, deslocamento de sentido por metonímia, pois esta baseia-se em alguma conexão externa, na qual o significado primitivo e o posterior à mudança se relacionam por algum tipo de contigüidade (ILARI, 2000: 130). Assim, como os animais que usam cabresto são irracionais, pode-se dizer que há certa proximidade ou contigüidade com rude, ignorante, selvagem, bobo, passando por isso talvez ao objeto que estes usam na boca, para determinados fins.

Como este sentido 'cabrestro, focinheira' em P é proveniente do E, confirma-se, assim, ainda mais a nossa hipótese de que não se trata de homonímia, mas de polissemia por influência estrangeira ou empréstimo semântico, já que uma língua pode influenciar em outra pela mudança de significado de uma palavra já existente. No caso houve influência ou empréstimo semântico do E. Uma língua pode influir em outra pela mudança de significado de uma palavra já existente. O sentido importado, algumas vezes, abolirá completamente o antigo. Em muitos casos, porém, o sentido antigo sobrevive ao lado do novo, dando origem a um estado de polissemia. No caso do P, o novo sentido não aboliu o antigo. Pelo contrário,

acreditamos que o sentido antigo ou o que veio do latim vulgar 'estúpido, rude, ignorante' para as duas línguas é de uso mais freqüente no P do que no E, enquanto que 'objeto usado na boca dos animais', o sentido mais novo, é de uso menos freqüente em P e mais no E, pois em P usa-se mais popularmente a forma *cabresto* ou *focinheira* em vez de *boçal*/*buçal* ou *buçá*.

Diante disso, podemos afirmar que há polissemia tanto em P como em E através de diferentes fontes, ou seja, em E a polissemia manifesta-se de modo evidente por metonímia, extensão metafórica e extensão de sentido. Em P suas principais fontes são a extensão metafórica e extensão de sentido, assim como a influência estrangeira.

Embora semelhantes em muitos sentidos, podemos observar exemplos que possuem traços não existentes em uma ou em outra, ou que existe em uma e não na outra, evidenciando assim a heterossemanticidade no par. Os exemplos 4(P)de boçal[1] e 3(P) de boçal[2] mostram um sentido não existente em E neste lexema. A mudança semântica presente em 4(P) deve-se, seguramente, à hipérbole – a figura de linguagem que conduz uma imagem, metáfora ou expressão a um nível muito além do verossímil, é o exagero na afirmação. Contudo, mesmo considerando a presença da hipérbole, acreditamos que há a princípio deslocamento de sentido por extensão metafórica, o agente (na frase) fez um esforço estúpido, brutal, rude, para concretizar a ação descrita no predicado da mesma frase (passar de ano), fato que justifica não apenas o deslocamento de sentido em P, mas especialmente a heterossemanticidade nesse par. Em E percebe-se que o exemplo 4(E) provavelmente seria o que mais se distancia do P, ou que não existe nesta língua. Os demais sempre possuem traços comuns entre ambas.

Assim, a heterossemanticidade no par justifica-se pela presença de alguns sentidos não existentes em uma ou em outra língua, o que caracterizaria também a homonímia. Porém,

como os traços semânticos são comuns entre ambas, assim como o empréstimo semântico do E para o P, acreditamos ser mais evidente acreditar que há polissemia em ambas e entre ambas, com traços semânticos que enquanto aproximam muitos sentidos entre ambas, promovem distanciamento entre outros, chegando a constituir-se como homônimos entre si, unindo a isso a freqüência de uso, o uso informal e o regionalismo presentes em uma ou em outra língua de forma bem peculiar, e não exclusivamente o distanciamento de sentido. Por isso, incluímos o par no grupo B2.

4. bolsista/bolsista

1. Bolsista (E): de bolsa[2].

1. S.2g. Pessoa que faz especulações na bolsa de valores. *Aquel muchacho es bolsista de Nasdaq*.

Espanhol: Entrada 1: 1 sentido.

2. Bolsista (P): de bolsa[2], + -ista. Séc. XX.

1. Adj. 2g. Relativo à bolsa ou às atividades mercantes nela operadas. (Econ.). *As operações bolsistas de hoje revelam o caos na economia mundial*.
2. Adj. e Sub. 2 g. Que ou quem opera em bolsa. (Econ., 1899). *O bolsista da Nasdaq ficou atônito com a queda do dólar*.
3. Que ou quem goza de uma bolsa de estudos ou de viagem. (Reg. Bras.). *Sou bolsista, por isso me dedico exclusivamente à pesquisa*.

Português: Entrada 1: 3 sentidos.

Nesse par observamos que seu étimo é bolsa[2], lexema já comentado. Lembramos apenas que este último advém do lat. *bursa* e que ambos são polissêmicos nas duas línguas, considerando-se a multiplicidade de sentidos em P com relação ao E, devido aos diversos usos e diferentes causas de deslocamento de sentido entre si.

Temos aqui apenas uma extensão de bolsa[2] , ou seja, a relação dos sentidos que se referem ao comércio, negociação, cotização de títulos e valores públicos, com as atividades relacionadas à bolsa ou com aquele que trabalha nisto, ou seja, o bolsista. Pode-se afirmar que

houve uma mudança na estrutura do lexema, através do processo de formação de palavras, neste caso a derivação, ou mais especificamente a adjunção do afixo, quer dizer do sufixo -*ista* a partir de bolsa, formando esse substantivo ou adjetivo de dois gêneros.

No exemplo 1(E) observa-se o único sentido do lexema em E, o qual também existe em P. Porém, o fato curioso neste par e o que o caracteriza como heterossemântico é a polissemia em P, quando esse sentido, comum nas duas línguas, desloca-se em P por extensão metafórica para o sentido de que a pessoa que recebe dinheiro ou pecúlio para estudos ou viagem chama-se também 'bolsista', como mostra o exemplo 3(P), o qual advém seguramente do sentido 10 em P de bolsa[2], ou seja, 'dinheiro ou pecúlio para gastos correntes'.

Assim, a heterossemanticidade nesse par justifica-se pelo deslocamento de sentido em P, por extensão metafórica, confirmando a polissemia nesta língua. Vale salientar que em E existe a palavra 'becario' que corresponde ao mesmo sentido de 'bolsista' do exemplo 3(P), a qual advém de 'beca', uma palavra já analisada anteriormente, cujo sentido mais usado em E 'pensão, prebenda dada ao estudante' também não existe em P no lexema 'beca'.

Conclui-se, então, que pode haver motivação semântica em uma língua e não em outra, mesmo em palavras com a mesma origem etimológica. E, como conseqüência da não motivação, temos a opacidade de sentido em uma ou em outra língua, criando-se assim um novo lexema ou palavra para suplantar aqueles sentidos preexistentes numa dada língua. O signo lingüístico 'bolsista' é, portanto, o mesmo tanto em P quanto em E. O valor desse signo é que é diferente. Enquanto em espanhol, o valor do signo é apenas um sentido, em português ele se estende por três, todos derivados de bolsa[2]. A dificuldade para o aprendiz neste caso é de mão-dupla. Isto é, um aprendiz de E falante de P/LM que ouve bolsista pode não saber em que sentido está sendo empregado o termo, sem que esteja familiarizado com o contexto de

uso. E um aprendiz de P falante de E/LM poderá considerar que o sentido de bolsista é o único existente em sua língua.

Dessa forma, consideramos o par polissêmico em P em particular, como também entre as línguas, pela relação entre os sentidos 1(E) e 1(P) e 2(P). Como já dissemos, a presença do sentido 3(P) caracteriza o par como heterossemântico e homônimo entre as línguas pelo fato desse sentido não existir no E. Porém, como para nós trata-se de uma extensão metafórica em apenas um sentido e, além disso, o mesmo ainda possui certa relação ou traços semânticos com os demais sentidos nas duas línguas, para nós ele pode caracterizar-se como fazendo parte do grupo B2.

V – ENCAMINHANDO UMA PROPOSTA DE DICIONÁRIO DE HETEROSSEMÂNTICOS COMO SUBSÍDIO DIDÁTICO

5 Observações preliminares

Neste capítulo, como acrescentamento e continuação ao capítulo anterior, apresentamos de forma sistemática e resumida os dois grupos e, dentro destes, os demais subgrupos de heterossemânticos do P e do E, estabelecidos, pelas análises em nossa pesquisa, através da relação semântica de polissemia e homonímia, como foi discutido mais exaustivamente em capítulos anteriores.

Por isso, salientamos que aqui nos dedicaremos em reuni-los, e ao mesmo tempo distingui-los, com a finalidade primeira de tornar mais informativa e didática a relação que esses pares possuem, principalmente do ponto de vista semântico, e, em segundo lugar, fazer um levantamento numericamente mais relevante do que poderia ser feito ao analisá-los detalhadamente como no capítulo precedente, e, por último, fazer um levantamento numérico-estatístico sobre qual destes grupos é relativamente mais relevante.

Quanto à disposição das palavras ou pares, assim como dos sentidos e exemplos apresentados, estabelecemos os seguintes critérios:

1º Separação pela relação de homonímia (A) ou polissemia (B) e seus respectivos subgrupos: A.1 e A.2; B.1 e B.2, numerando-os com apenas um algarismo, o qual representa o par, conforme apresenta-se no *Quadro 10: Classificação dos heterossemânticos (Resumido)* abaixo;

2º Separação do par, estabelecendo um paralelo entre ambas as línguas quanto a:

a) origem etimológica, numerado por dois algarismos, os quais representam as línguas em questão, em seu sub-grupo (A.1, A.2, B.1, B.2), isto é, o algarismo "1" da coluna 1 (no quadro) sempre representará o espanhol, assim como o segundo algarismo "2" da coluna 2 sempre representará o português.

b) sentidos que cada lexema possui em cada língua, de acordo com o que apresentam os dicionários pesquisados. Os sentidos estão dispostos e indicados em ordem numérica na coluna de cada língua, seguidos sempre que possível de exemplos. E, no final do quadro, algumas vezes, acompanhados por alguma observação ou anotação relevante.

3º Comentário ou análise resumida, explicitando nossas motivações para considerá-los como tal, e outras questões explicitamente relevantes que envolvam essa relação.

SENTIDOS	LEXEMAS
Totalmente diferentes A) Homonímia	A.1) Origem etimológica diferentes ou raízes latinas diferentes (convergência fônica).
	A.2) Divergência semântica desde a origem ou fonte. (sentidos divergentes desde a origem ou desde o sentido de base, imprecisão ou controvérsias quanto à origem etimológica na(s) língua(s)).
Parcialmente diferentes B) Polissemia	B.1) Originalmente polissêmicos (mesma etimologia, sentido de base e secundários) posteriormente homônimos por distanciamento entre os sentidos. (mudanças semânticas)
	B.2) Originalmente polissêmicos (mesma etimologia, sentido de base e secundários) posteriormente com traços semânticos distintos. (mudanças semânticas).

Quadro 10: Classificação dos Heterossemânticos (Resumido)

5.1 Grupo A: Homonímia

5.1.1 Grupo A.1: Homonímia por convergência fonética

1. ano/ano

1. Ano (E): 1555. Do lat. *anus* ‘anel’, ‘ano’.

1. Orifício do final do conduto intestinal, por onde evacuam os excrementos. Pop.: culo, ojete. *Tiene que hacer una cirugía en el ano.*

2. Ano[1] (P): séc. XIII ou 1047(?). Do lat. *annum*, *annus*,*i*, ou *annu*.

1. Tempo que a terra gasta para completar uma revolução completa em torno do sol e que em geral é considerado igual a 365 dias solares e 6 horas. (Astronomia). *Nosso ano tem 365 dias e seis horas, que é o tempo que a terra leva para circular o sol*.
2. Intervalo de tempo que corresponde a uma revolução completa de qualquer planeta do sistema solar em torno do sol. (p. ext. de snt.; da acp. 1; Astronomia). *O sol fica a mais ou menos 146 milhões de quilômetros do nosso planeta, considerando-se esta distância, um ano parece ser um intervalo de tempo muito curto para isso*. *Não acha?*
3. Período de revolução de qualquer astro em torno do seu primário. (p. ext.; Astronomia). *O ano marciano é o dobro do terrestre; dura 687 dias*.
4. Período de 12 meses, contados de 1 de janeiro a 31 de dezembro. (Cronologia). *O ano tem 365 dias e 6 horas.*
5. Período igual de tempo, contado a partir de qualquer dia; ano útil. (p. ext. de sentido). *Devo fazer um estágio de um ano, provavelmente de 10 de março de 2003 a 10 de março do próximo ano*.
6. Período mais ou menos delimitado em que se efetuam certos empreendimentos. (p. extensão de sentido). *O Ano Geofísico Internacional realizou-se de julho de 1957 a janeiro de 1958.* (HOUAISS).
7. Época ou período cíclico anual em que se

	praticam determinadas atividades. (p. ext. de sentido). *O ano escolar deve ter 200 dias letivos*. (HOUAISS). 8. Medida de idade, de existência. Ano de idade. (p. ext. de sentido). *Minha filha está agora com 15 anos.* 9. O passar do tempo. (s.m.pl.). *Está bem conservada apesar dos anos.* 10. Aniversário. *Vamos comemorar o ano do regresso de minha tia*. Ano[2] : s.m. mesmo que ânus. Do lat. *anus*. Orifício na extremidade terminal do intestino, pelo qual se expelem os excrementos. (Estilística, pouco usada). *É necessário uma intervenção cirúrgica no ano, disse o médico ao paciente.*
Espanhol: Entrada 1: 1 sentido	Entrada 1: 10 sentidos; Entrada 2: 1 sentido. Total: 2 entradas e 11 sentidos.

Do ponto de vista diacrônico, os lexemas ano/ano representam uma convergência fônica de palavras de raízes etimológicas diferentes. Houve, portanto, mudança fônica ou gráfica em ambos os lexemas ocasionando um par homônimo em línguas diferentes.

Embora a heterossemanticidade nesse par seja justificada pela homonímia, causada pela convergência fonética dos lexemas em P e E, convém observar que o lexema em E possui apenas um significado, o significado primário ou denotativo, enquanto que em P há diversidade de sentidos a partir do significado de base, comprovando a existência da Polissemia[41] nesta língua. Podemos ainda afirmar que há relação de homonímia em P, pois

[41] A princípio, o deslocamento de sentido em P parece ser causado por generalização, já que o seu significado de base é um termo restrito a um ramo científico – a astronomia – e passou à linguagem vulgar, alargando conseqüentemente o seu significado primário. Porém, acreditamos ser mais seguro afirmar que o deslocamento aqui deve-se a fatores históricos, no âmbito das idéias. Como se sabe, muitas vezes a língua é mais conservadora do que a civilização e embora os objetos, as instituições, as idéias, os conceitos científicos mudem no decorrer do tempo, em muitos casos, o nome conserva-se e contribui assim para assegurar um sentido de tradição e continuidade. Assim, com exceção de alguns exemplos como o 5 e o sentido 9 em que há extensão de sentido, nos demais o fator principal do deslocamento está no campo das idéias, como uma das causas históricas, visto que o lexema *ano* baseia-se em concepções científicas de descobertas astronômicas relacionadas ao tempo, ou ao intervalo deste, passando para outros sentidos com acréscimo de outros traços semânticos como em 4 = (+ cronologia, + contagem de época), 8 = (+ humano, + medida de idade), 7 = (+ contagem de dias, + escolar), etc.

existem duas entradas vindas de origens diferentes (ano[1] e ano[2]) nesta língua, uma das quais (ano[2]) coincide com a do E, embora seja pouco usada em P, ou uma variante da forma mais usual: ânus, como afirmam os dicionários.

Assim, a heterossemanticidade justifica-se por homonímia entre as línguas. Em P há polissemia proveniente por extensão metafórica e por fatores históricos no âmbito das idéias. Convém lembrar que em P há também o mesmo sentido do E, porém de uso muito restrito na Estilística, e como este provém de outra raiz podemos também afirmar que há homonímia no P. Portanto há homonímia entre as línguas P e E, e, particularmente, no P.

2. alejado/aleijado

1. Alejado (E): 3º Quarto do séc. XIII. De *alejar*, 'separar, por longe': a- 'fazer que esteja' + longe 'a distância considerável + -ado (sufixo formado por particípio passivo (p.p) ou adjetivo).

1. Longe, longínquo ou distante. Retirado. (p.p. de alejar; adj.). *Vive en un barrio alejado./ Tu casa está muy alejada de la mía para ir a verte todos los días.* (DEMM).
2. Distanciado da amizade, inimizade. Diz-se também de quem abandonou certa atividade, certo círculo, etc. *Está alejado de la política*. (DEMM).

Espanhol: Entrada 1: 2 sentidos

2. Aleijado (P): Séc. XVI. Part. de *aleijar*, deriv. de aleijão, este do lat. *laesio –onis* 'deformidade ou defeito físico ou moral'.

1. Que ou o que tem alguma imperfeição ou mutilação física, defeito ou deformidade. *Tinha uma das pernas aleijada.*
2. Fisicamente magoado, ferido, contuso. (Reg. Port.; uso inf.). *Depois da briga ficou aleijado*.
3. Que apresenta falha moral ou espiritual; defeituoso, deformado, imperfeito. *Nunca vi tão infiel, é aleijado mesmo*.
4. Imperfeito, incorreto, defeituoso. *'Suas trovas, quase todas aleijadas, mostram ser mau poeta'*. (FERREIRA, 1996: 80).

Português: Entrada 1: 4 sentidos

O par é homônimo por convergência fonética, ambos os lexemas provêm de raízes latinas diferentes. São substancialmente semelhantes, embora haja ditongação em português: *ei*, e a pronúncia do <j> seja diferente entre ambas. Seus sentidos são completamente diferentes, por isso o consideramos como heterossemântico. Devido à diversidade de sentidos em cada língua, podemos também afirmar que são polissêmicos em particular, ou seja, em cada língua, não entre ambas. E esta polissemia deve-se principalmente a fatores como extensão de sentido, como no exemplo 2 do E, e sentido figurado, como no exemplo 4 do P.

3. asignatura/assinatura

1. Asignatura (E): do lat. *assignatus*, signado.

1. S.f. Disciplina. Matéria. Cada uma das ciências, tratados ou matérias que constituem um plano de estudos, ou que se ensinam em um instituto docente, por exemplo, no ensino médio. *Ha aprobado todas las asignaturas del curso.*

2. Assinatura (P): rad. do part. *assinado* sob a f. *assinat-* + *-ura*. F. hist. 1504 asinatura, 1522 asignatura, 1540 assinatura, 1650 signatura. Séc. XVIII.

1. S.f. Ato ou efeito de assinar. *Precisamos da assinatura para validar o documento*.
2. Nome ou marca firmada na parte inferior de um escrito, designando autoria ou aprovação de seu conteúdo. *A assinatura era de Graciliano Ramos*.
3. Contrato pelo qual uma pessoa adquire o direito de receber determinada mercadoria ou usufruir de algum serviço. *Tenho assinatura da Superinteressante.*
4. Preço desse contrato. *A assinatura da Veja está com um desconto de 20%.*
5. Pagamento a magistrados para assinar certos papéis. (Diac. antigo). *A assinatura foi feita, portanto, não se justifica essa demora*.
6. Marca, desenho ou modelo próprio de alguém. *Só usa gravata com assinatura de Dior.*
7. Entre ourives, gravadores, ebanistas etc., marca ou nome do autor. *Faço questão que coloque sua assinatura no meu painel*.
8. Número, letra ou título que se põe no pé da primeira página de cada caderno de um livro, para orientar o encadernador

	sobre a ordem do alceamento. (Bibliog., Encadernação, artes gráficas). *Erraram na assinatura das páginas do livro, por isso houve falhas na hora da encadernação*. 9. Forma gráfica ou aspecto característico dos diversos tipos de navio de guerra, que se obtém ou define em aparelho próprio, segundo a irradiação de energia (assinatura acústica ou eletromagnética) ou a captação de emanações de raios infravermelhos (assinatura infravermelha). *A assinatura daquele navio indicava que tinha sido da Segunda Guerra Mundial*.
Espanhol: Entrada 1: 1 sentido	Português: Entrada 1: 9 sentidos

Embora a grafia seja um pouco diferente pela presença de uma letra a mais em E, o <g>, o par constitui-se como heterossemântico pela semelhança quanto à substância da expressão e pela divergência semântica. Podemos dizer que houve, de certa forma, convergência fônica entre os lexemas, pois se observa que a origem etimológica é diferente, mesmo havendo outro lexema *"disciplina"* nas duas línguas com sentido semelhante ao deste lexema em espanhol. Contudo discute-se aqui que os sentidos de ambas em nada coincidem, e que, provavelmente, o par provém de raízes latinas diferentes ou, ainda, origens distintas, por isso são homônimas.

4. **cachear/cachear**

1. Cachear (E): do galego *cachear*. Palavra do jargão cujo significado primitivo parece ser 'apoderar-se de algo'. 1896 'revisar os suspeitos'.	2. Cachear (P): de *cacho* + *ear*. Cacho 'orig. pescoço' XIII; 'inflorescência formada de uma haste e que tem, ao lado, pedúnculos florais dispostos alternadamente', 'ajuntamento de pencas' XVI; 'anel de cabelo' 1881. Provavelmente do lat. vulg. **cacculus* (cláss. *caccabus* 'panela, caldeirão). Cachear, 1836 ou 1844.
1. V. Revisar alguém para saber se oculta objetos proibidos como armas, drogas etc.	1. V. Formar cachos(s) ou cobrir-se de cachos (diz-se geralm. de plantas);

La policía cacheó a los delincuentes antes de meterlos en el coche. (SEÑAS, 2000: 193).

Espanhol: Entrada 1: 1 sentido

acachear. *As parreiras cachearam*. (HOUAISS).

2. Espigar ou começar a espigar (o arroz ou outro vegetal). *O plantio de arroz começou a cachear.*
3. Enrolar-se (o cabelo, ao crescer), formando cachos, anéis. *Não gosto de cachear o cabelo da minha filha.*

Português: Entrada 1: 3 sentidos

Observa-se que ambos os lexemas possuem origens etimológicas diferentes. Houve, portanto, convergência fonética no lexema em cada língua, aproximando-os foneticamente no estado atual das mesmas. Semanticamente, os lexemas são completamente distintos. São, dessa forma, homônimos entre as línguas, conseqüentemente heterossemânticos. Pode-se afirmar que em E houve extensão de sentido a partir do original, em P houve uma motivação morfológica a princípio, e posteriormente houve também mudanças de sentido, por extensão de sentido.

5. cana/cana

1. Cana[1] (E): de *cano*, este do lat. *canus*, 'branco'(1250). Fem. substantivado do adj. *cano* 'branco', 1360. Cabelo que se tornou branco.

1. S.f. Cabelo que se tornou branco. (muito us. no pl.). *A tu hermano le han salido muchas canes en las sienes*.

_____

Cana[2]: do lat. *canna*, caña 'cana'.

1. S.f. Medida como de duas varas, usada em Catalunha e outras partes. Esta dimensão foi variável. Também se chamava *estado*. *Medía solamente una cana*.
2. Medida agrária usada em Tarragona, equivalente a 6.084 centiares. *Palma cana || de rey.* (Cuba). *Compró un terreno de 10 canas.*

2. Cana[1] (P): lat. *canna, ae* 'cana, junco fino, caniço', do gr. *kánna,es* 'juco, cana; paliçada de cana'; acp. *angios* prende-se diretamente ao lat. cien. Gen. Canna (1735); a aguardente tem esse nome por ser feita do caldo da cana.

1. S.f. Designação comum às plantas do gên. *canna*, da fam. das canáceas, com cerca de dez spp. de ervas perene, rizomatosas, de folhas grandes, espiraladas, flores bissexuais, tetrâmeras, grandes e vivamente coloridas, e frutos capsulares [Nativas de regiões tropicais e subtropicais da América e raras no Brasil em estado espontâneo, muito cultivadas, com alguns híbridos, especialmente como ornamentais ou pela fécula dos rizomas.] (Angiospermas). *No Brasil é incomum esse tipo de cana*.
2. Caule das plantas da fam. das canáceas.

Cana[3]:

1. Cárcere. (Vulg. Col., Chile, Peru e Uruguai). *Está en cana, hace tres meses*.

(Angiospermas). *Essas canas não são muito compridas*.

3. Colmo de várias plantas da fam. das gramíneas, como o da cana-de-açúcar e o dos bambus e tb. de algumas plantas de outras fam., como oratã. (Angiospermas). *Como são altas essas canas!*
4. M.q. *cana-de-açúcar* (*Saccaharum officinarum*). (Angiospermas). *O Estado de Alagoas é um grande produtor de cana*.
5. M.q. *cana-do-reino* (*Arundo donax*). (Angiospermas. Reg. Port.). *Não conheço esse tipo de cana*.
6. aguardente de cana; cachaça. (Deriv. por mtn. Reg. Bras.. Us. informal). *Está cheio de cana*.
7. Caniço (de pesca). (Deriv. por mtn. Reg. Port.). *Com uma boa cana de pesca, as trutas não me escapam*. (HOUAISS).

Cana[2]: orig. obsc.

1. Sm. Cadeia, xadrez, xilindró. (Reg. Bras. Us. inf.). *Se continuar roubando, vai entrar em cana*. (HOUAISS).
2. Polícia. *Fugiram porque a cana estava chegando*. (HOUAISS).
3. Agente policial; tira. *Cuidado, aquele sujeito é cana*. (HOUAISS).
4. Situação difícil, dura de suportar. *O coitado enfrenta uma cana dura no trabalho*. (HOUAISS).

Espanhol: Entrada 1: 1 sentido; Entrada 2: 2 sentidos; Entrada 3: 1 sentido. Total: 3 entradas e 4 sentidos.

Português: Entrada 1: 7 sentidos; Entrada 2: 4 sentidos. Total: 2 entradas e 11 sentidos.

Ambos os lexemas advém de raízes latinas diferentes e, conseqüentemente, têm sentidos diferentes, por isso são heterossemânticos e homônimos entre si. Apenas na última entrada nas duas línguas ocorrem semelhanças de sentido, embora a etimologia em ambas seja inexistente ou obscura. Houve, seguramente, nesse último caso, empréstimo. Segundo

Ferreira (1986), o sentido 4 (da segunda entrada lexical) pertence a outra entrada, e vem de encanar[1] (de *en-* + *cano* + *-ar*), que significa 1.'conduzir por cano ou canal; canalizar'. 2.'abrir raias longitudinais em (uma coluna)'. Ao nosso ver, parece ter havido metonímia a partir de *encanar[1]*, isto é, pode-se observar que há contigüidade entre esses sentidos, pois pode-se pensar na forma como referindo a algo que passa por um cano, canal ou conduto, e ver de forma semelhante alguém que está passando por uma situação difícil.

6. cena/cena

1. Cena[1] (E): do lat. *cena* 'comida das três da tarde' (COROMINAS, 1998). De acordo com GUIDO (1999), do lat. *cena* 'ceia; comida', do lat. antigo *cesna*, de *cerzna*, do indo-europeu *kert-sna-* 'porção' (sentido implícito: porção cortada de comida').

1. S.f. Última das três comidas formais que se faz ao entardecer ou pela noite. *Mi tía me invitó para la cena*.
2. Ação de jantar. *La cena duró tres horas*. (DRAE).
3. O que se faz para jantar. *Toma una cena ligera*. (DEMM).
4. Em Navarra e Aragão, tributo que se pagava ao rei para sua mesa, e equivalia ao que em Castilha se pagava com o nome de *yantar*. *Siempre contribuía con la cena del rey*.

Cena[2]: Por **ecena*, do lat. *scaena*, escena 'cena'.

1. F. ant. *escena* 'cena'. *La cena de la prisión fue horrible*.

2. Cena (P): do lat. *scena, ae* 'cena, arte dramática, arte ou profissão de cômico', do gr. *skene*, es 'barraca, cabana, tenda ou qualquer construção leve para servir de abrigo'.

1. S.f. Nas casas de espetáculo, área que contém os cenários e em que atores, intérpretes, dançarinos, mágicos etc. se exibem diante do público; palco. (Teatro). *A cena foi reformada para dar mais brilho aos espetáculos*.
2. Cada uma das unidades de ação de uma peça, que se destacam como tal pela entrada e saída, no palco, dos intérpretes, alterando-se ou não os cenários; cena francesa. *Cheguei atrasada, por isso vou ter que me conformar em assistir a partir da segunda cena*.
3. Situação ou passagem de uma peça ou de uma representação. *Gostei da cena do grito*.
4. M.q. cenário[1] (Conjunto de elementos visuais que compõem o espaço onde se representa um espetáculo teatral, cinematográfico e televisivo). (Derivação por metonímia. Cinema, teatro, televisão). *Gosto muito das cenas de novelas de época*.
5. A arte teatral ou do espetáculo. (Por metonímia. Teatro). *A cena teve*

melhores momentos do que o que presenciamos atualmente, ainda falta investimento e incentivo nessa arte.

6. Ação ou representação teatral. (Por mtn.). *A cena não foi melhor porque o ator dramatizou muito alguns momentos*.
7. Composição em que figuram personagens em ação. (Por analogia. Artes plásticas). *Havia muito dinamismo naquela cena, os personagens estavam sempre em movimento*.
8. Cada uma das situações ou momentos da evolução de um enredo, em filmes, romances, contos, relatos etc. (Por analogia). *A criadinha roubou a cena, dali em diante toda a história reverteu*.
9. Parte de filme ou de vídeo que focaliza determinada situação e um mesmo ambiente, ger. com as mesmas personagens, podendo incluir diversos planos ou tomadas. (Cinema, televisão). *Foi muito triste aquela cena, e o ambiente favoreceu mais ainda*.
10. Conjunto do que se oferece à vista; panorama, paisagem, cenário. (Por ext. de sentido). *Do castelo de São Jorge tem-se uma bela cena de Lisboa*. (HOUAISS).
11. Lugar em que o indivíduo representa seu papel na sociedade. (Por mtf.). *É muita infantilidade para uma pessoa que ocupa essa cena no governo*.
12. Ação ou fato que representa a atenção ou o interesse (1899). (Por ext. de sentido). *Era tocante a cena da cadela lambendo as crianças*. (HOUAISS).
13. Fato ou acontecimento que se representa como inconveniente, censurável ou escandaloso. (Snt. fig.). *Fazia uma cena por nada*. (HOUAISS).
14. Ação de fingir; fingimento, simulação, fita, *mise-em-scène*. (Sentido figurado). *Não sente dor alguma, está é fazendo cena*. (HOUAISS).

Espanhol: Entrada 1: 4 sentidos; Entrada 2: 1 sentido. Total: 2 entradas e 5 sentidos.

Português: Entrada 1: 14 sentidos.

Observa-se que em E há homonímia, pois duas formas latinas convergiram foneticamente para *cena*, embora em E existam dois lexemas distintos para *cena* (teatro), sendo *escena* a mais usada. Em P, houve mudanças fonéticas, porém resultando em dois lexemas diferentes, *cena*, e *ceia*, a primeira, confundindo-se com a do E. Há, portanto, homonímia no E, como também entre as duas línguas, promovendo a heterossemanticidade entre os lexemas.

7. **abrumar/abrumar**

1. Abrumar (E): 2º quarto Séc. XVI (brumar), aprox. 1570 (abr-). Deriv. de *bruma*, variante de *broma* 'caruncho dos navios, molusco marinho que perfura madeira ou os navios de madeira'; diz-se também *bromor*, *abromar* com sentido de 'molestar, sufocar'.

1. V. Abater, sufocar com algum (grave) peso físico ou moral. *El cargo de director me abruma.* (SEÑAS, 2001: 9).
2. Constituir uma causa penosa para alguém. *Sin tener conciencia abruma a su madre con algunas actitudes*.
3. Causar grande moléstia, aborrecimento. (fig.). *Le abrumó el hecho de que le hubieran pedido una explicación delante del concilio sin previo conocimiento*.
4. Confundir alguém em uma discussão. (fig.). *Lo abruma con groserías y gritos sin saber de quien se trata*.
5. Confundir alguém com excesso de atenções, louvores ou amabilidade. Bajular. (fig.). *Con tanta amabilidad abrumaron al viajero.* (SEÑAS, 2001: 9).
6. Humilhar, intimidar. Fazer que alguém se sinta insignificante ou impotente de qualquer maneira. (fig). *Hacía tantas*

2. Abrumar (P): Deriv. de *bruma* 'nevoeiro, neblina, cerração', séc. XVI, este do lat. *bruma* 'inverno'.

1. V. Cobrir(-se) ou encher(-se) de bruma. (vb. tr. dir. e pronom.). *O inverno abrumou a cidade. O lago abrumou-se por completo.*(HOUAISS).
2. Tornar(-se) escuro ou sombrio; escurecer. (deriv. sentido figurado). *A lâmpada fraca abrumou o salão. O dia enevoado abruma-se*. (HOUAISS).
3. Tornar(-se) apreensivo, preocupado, entristecido, melancólico. (deriv. snt. fig.). *A derrota do filho abrumou a família. Abrumou-se com a doença da esposa.* (HOUAISS).

críticas que abrumaba a todos los alumnos.

Obs.: Em E também existe bruma ‘névoa’, 1570. Do lat. *bruma* ‘inverno’ (com este sentido, 1444).

Espanhol: Entrada 1: 6 sentidos

Português: Entrada 1: 3 sentidos

Este par é semelhante foneticamente, mas os sentidos são totalmente diferentes, por isso o consideramos heterossemântico. Como em E *abrumar* é derivado de *bruma* e esta é variante de *broma*, então é entre essa variante do E e o lexema *bruma* do P que ocorreu a convergência fonética entre ambas. São, por isso, homônimas entre si. Poderíamos acreditar que o sentido 3(P) poderia ser idêntico ou coincidir com os sentidos do E, no entanto, estamos seguros de que em E existem realmente os lexemas *broma* e o derivado *abrumar* (com os sentidos de 1-6), enquanto que em P temos o lexema *abrumar*, tendo o sentido primário se estendido para um sentido figurado (3), lexema este derivado de *bruma* (‘nevoeiro, neblina, cerração’), o qual também existe em E com o mesmo sentido ‘névoa, nevoeiro’. Resumindo, podemos dizer que há homonímia e heterossemanticidade através de convergência fonética entre: *broma*/*abrumar* (E): ‘abater, ...’ e *abrumar* (P): ‘nevoeiro’, como também entre *bruma* (E): ‘caruncho ...’ e *bruma* (P): ‘nevoeiro’. Não ocorre o mesmo, porém, entre *bruma* (E): ‘névoa’ e *bruma* (P): ‘nevoeiro’. Assim, existe: (a-)*bruma*(-r) variante de *broma* (E) ≠ (a-)*bruma*(-r) do (P) e *bruma* (E) = *bruma* (P).

Observamos também que este par é polissêmico em cada língua em particular, cujo fator principal é a transposição metafórica, na qual uma palavra pode adquirir um ou mais sentidos figurados sem perder o seu significado original, o velho e o novo viverão lado a lado, desde que não haja possibilidade de confusão entre eles.

8. boa/boa

1. Boa (E): 1490. Do lat. boa ‘serpente aquática’, ‘cobra de grande tamanho’.

1. S.f. Jibóia. Serpente da América de grande tamanho, que se alimenta geralmente de outros animais. *Algunas boas son acuáticas y otras viven en los árboles*. (SEÑAS: 2001: 166).
2. Roupa que usavam as mulheres para abrigar o pescoço, feita de plumas, às vezes de marabu, ou de pele. *La cantante llevaba una boa de visón*. (SEÑAS, 2001: 166).

2. Boa[1] (P): lat. cien. gên. *Boa* (1372) ‘serpente’, do lat *boa/bova*.

1. S.f. Designação comum às serpentes do gênero Boa, da família dos boídeos, com uma única espécie, conhecida vulgarmente como jibóia. (Herpetologia).
2. M.q. *Cobra-papagaio* (*Corallus caninus*). (Reg. Bras.).
3. M.q. *Cobra-de-veado* (*Corallus enydris enydris*).

_____

Boa[2]: fem. de bom.

1. S.f. Mulher cujo corpo tem formas belas ou que é sexualmente atraente; boazuda. (Reg. Bras.). *Nunca vi mulher tão boa*.
2. Usado substantivamente como redução de locuções em que concorda elipticamente com um substantivo feminino, muitas vezes como litotes: coisa, novidade, história, situação, encrenca, idéia, ação etc. (Us. inf.). *Tenho uma boa para te contar. Ir de trem é uma boa* (HOUAISS).
3. Situação ou estado de quem sente prazer, contentamento, ou de quem desfruta de algum tipo de conforto, vantagem etc. (da acp.2). *Depois de tudo que passei, agora estou numa boa*.
4. Situação difícil, problemática, trabalhosa; encrenca, sufoco, esparrela. (Us. ironia; da acp. 2). *Saiu de boa.* (HOUAISS).
5. Fato, história, novidade, episódio que se narra e que é especialmente interessante, divertido etc. (da acp. 2). *Você sempre tem uma boa para contar*.
6. Afirmação ou observação de caráter crítico ou ofensivo (mais us. no pl.); verdade(s). (Us. ironia; da acp. 2). *Disse-lhes umas boas*. (HOUAISS).
7. Relação amistosa ou convivência cordial (mais us. no pl.;). *Apesar das discórdias, eles voltaram às boas*.

8. Aguardente de cana; cachaça. (Reg. RJ, us. inf.). *Vive tomando uma boa*.
9. Na víspora, a derradeira partida, jogada para dar aos que estão a perder a possibilidade de se reabilitarem. (ludologia, reg. SP a RS). *A boa é sua última chance*.
10. Interj. Exclamação de aplauso para uma frase dita por um orador. *Em pé todos gritaram: - boa!*
11. Exclamação de aplauso para uma jogada acertada, válida. *Essa foi uma boa jogada*.

_____

Boa[3]: de boa[1]: S.f. Menos usado que Boá. (Vestuário). Boá: espécie de estola estreita e comprida, de peles ou de plumas, usada ao pescoço como peça do vestuário feminino. *Ela não gosta muito de usar boa*.

Espanhol: Entrada 1: 2 sentidos.

Português: Entrada 1: 3 sentidos; Entrada 2: 11 sentidos; Entrada 3: 1 sentido. Total: 3 entradas e 15 sentidos.

A princípio, poderíamos sustentar que esse par poderia fazer parte de dois grupos distintos de heterossemânticos (A1 e B1), pois observamos três entradas distintas no P, das quais duas possuem origens diferentes. Dessa forma, o mesmo poderia fazer parte do grupo A1, ao acreditarmos que pode ter havido convergência fonética entre os lexemas boa (E), e boa[2] (P), o que de fato ocorreu. No entanto, observamos também que a entrada 1 do P corresponde à mesma do E, podendo ser considerados esses lexemas como cognatos entre línguas diferentes (B1). Quanto a boa[3], apesar de os dicionários terem considerado como uma terceira entrada, acreditamos que se trata mais de uma mudança semântica ocorrida no P, através de extensão metafórica, pela semelhança da cobra/serpente com a estola (estreita e comprida) como peça do vestuário feminino, coincidindo também com o sentido 2(E). Assim, podemos afirmar que, neste sentido, o par constitui-se como polissêmico pelo fato de ter a

mesma etimologia, o mesmo sentido de base, e sentidos secundários iguais advindos, seguramente, do mesmo processo de deslocamento de sentido: extensão metafórica. No entanto, é a relação deste lexema com a entrada 2 (outro lexema) que os tornam homônimos entre ambas as línguas, e no P em particular, não pelo fato de terem sentidos completamente diferentes advindo de deslocamento de sentido ocorrido em uma ou em outra língua, mas pelo fato de pertencerem a raízes etimológicas diferentes, convergindo foneticamente para a mesma substância fonética. Por isso, acreditamos que este par de heterossemânticos pode ser inserido no sub-grupo A1.

5.1.2 Grupo A.2: Homonímia por divergência semântica

1.apertura/apertura

1. Apertura (E): do lat. *apertura* 'abertura', o qual passou como cultismo ao castelhano, aprox. 1800. De *apertus* 'aberto' (particípio passivo), este de *aperire* 'abrir', 1140 aprox.

1. S.f. Ação de abrir. *Durante la apertura de las puertas manténganse alejados de ellas.* (SEÑAS, 2001: 94).
2. Inauguração/ Cerimônia. Ação ou ato de dar início às atividades em um estabelecimento qualquer (assembléias, corporações, teatros, etc). (Fig.) *En la apertura del Congreso estuvieron presente todos los alumnos y el presidente.*
3. Certa combinação de jogadas com que se inicia uma partida de xadrez. *Ya en la apertura se vio que sería una partida difícil y larga.* (SEÑAS, 2001: 94).
4. Tratando-se de testamentos fechados, ato solene de tirá-los de sua pasta/arquivo e dar-lhes publicidade e autenticidade.

2. Apertura (P): do lat. *apertura*, 1629. De aperto + -ura.

1. S.f. Característica do que é estreito ou acanhado. *Passamos por esse mesmo lugar, portanto, por essa mesma apertura.*
2. Urgência, pressa em relação a. *Tenho apertura em terminar o trabalho.*
3. Situação difícil; embaraço; apuro. *Esse homem está em apertura.*
4. Grande constrição; angústia, aflição, aperto. (p. ext. de snt.). *Toda minha apertura se justificava pelo fato de ter agido fora do que a sociedade ditava como correto, e sentir-me julgada por ela.*

Para que se diera la apertura del testamento, el magistrado pidió a los presentes que se pusiesen de pie.

5. Abandono ou amenização de uma atitude de rigidez, intransigência e radicalismo no âmbito político, ideológico ou social. (Fig.) *Tras la apertura de ese país, muchas naciones han establecido relaciones comerciales con él.* (SEÑAS, 2001: 94).

Espanhol: Entrada 1: 5 sentidos

Português: Entrada 1: 4 sentidos

O par possui semelhança fonética e/ou gráfica e sentidos completamente diferentes, por isso podemos considerá-lo como um par heterossemântico e homônimo entre as línguas. Isso não ocorre por convergência fonética entre ambas as línguas e a forma latina, como vimos até então, mas provavelmente por divergência semântica desde o latim, visto que ambas provém de formas idênticas em latim. Acreditamos, portanto, que tenha havido no latim algum tipo de mudança semântica, pois esta se constitui também como uma fonte de homonímia quando dois ou mais significados de uma palavra (‘apertura’ no latim) se separam de tal modo que não haja nenhuma conexão evidente entre ambos. Assim, o desenvolvimento de sentidos divergentes pode provocar, ou melhor, dar lugar à homonímia, e a unidade da palavra será destruída.

Podemos ainda acrescentar que houve posteriormente uma divergência fonética, isto é, uma forma variante existente nas duas línguas ‘abertura’. Isso é devido à perda de motivação semântica, pois, ao tornar-se demasiada ampla, a brecha entre o significado original e os secundários ou figurados, os dois sentidos serão percebidos como pertencentes a palavras separadas: *apertura* ≠ *abertura* tanto em P como em E. Houve, então, um maior distanciamento da primeira em P do que em E. Apertura em P tem uso muito mais restrito ou

não usual no P, enquanto que a outra forma é mais usada e tem mais identidade semântica com aquela da etimologia.

2. aparato/aparato

1. Aparato (E): do lat. *apparatus* 'equipe; ação de preparar', de *apparatus*, p.p. de *apparare* 'preparar'. Hoje, aparelho, ferramenta, máquina.

1. S.m. Em geral, conjunto de materiais, utensílios e tudo o que está disponível para se fazer alguma coisa. *Ponte al aparato, tienes una llamada.* (VIAJE AL ESPAÑOL, Guia dos falsos amigos 1, 1998: 11).
2. Utensílio, de menor tamanho do que os chamados máquinas, formado por diversas peças ajustadas umas às outras, com ou sem mecanismo: *microscópio*, *relógio*, *receptor de rádio*. Instrumento. *Arregle ese aparato para que no llegue retrasado.*
3. Utensílio que se usa para realizar exercícios de ginástica. *En esa academia muchos aparatos son antiguos*.
4. Qualquer dispositivo que se aplica a um membro com fins curativos ou ortopédicos. *Después de la cirugía llevó aparato en la pierna derecha durante dos años*.
5. Conjunto de órgãos que realizam combinadamente uma função: 'aparato *circulatorio*, *digestivo*, *urinario'*. (Anatomia). *El aparato digestivo del paciente dejó de funcionar, ocasionando más preocupación en los médicos*.
6. Conjunto de pessoas com capacidade de decisão dentro de uma organização, principalmente política. *El gobernador delegó al aparato legislativo la responsabilidad de estudiar una solución para el caos en la salud*.
7. Conjunto de coisas pomposas ou de ostentação que rodeiam ou acompanham algo ou alguém para dar-lhe brilhantismo

2. Aparato (P): do lat. *apparatus*. Séc. XV/XVI. 'Preparação; aparelhos, preparos; ostentação, luxo, pompa, adorno'.

1. S.m. Disposição ou preparativo para qualquer festividade ou cerimônia faustosa. *Nunca viu-se uma festa com tamanho aparato.*
2. Organização de atos públicos, solenidades, etc. *O aparato da posse do novo governador deixou muito a desejar*.
3. Demonstração excessiva de luxo; ostentação, pompa. *Só veio para mostrar seu aparato.*
4. Peça que enfeita; adereço, adorno. *Não gosto de aparatos*.
5. Conjunto de instrumentos, equipamentos ou elementos necessários à realização de determinados objetivos: a. militar, a. jornalístico. *A rede globo dispõe de um moderno aparato jornalístico.*
6. Qualquer aparelho ou dispositivo usado para um fim específico, artefato. *Esse aparato é do setor de ultra-sonografia*.
7. Conjunto de sintomas acentuados e geralmente graves. (Medicina). *Aquela doença apareceu com muitos aparatos.*
8. Nas oficinas de cardagem, aparelho onde fica o puado. *Nunca tinha visto um aparato de cardar*.

ou importância. *A esa mujer le gustan los aparatos.*

8. Conjunto de fatos ou aspectos vistosos ou impressionantes que acompanham um fenômeno ou acontecimento. *Ocurrió una tormenta con mucho aparato de truenos y relámpagos.*
9. Aspecto importante ou luxuoso de uma coisa, que não corresponde com o seu verdadeiro valor. *En esa tienda todo es aparato.* (DEMM).
10. Conjunto de sintomas com que aparece alguma doença grave. (Medicina). *Esa enfermedad surgió con muchos aparatos.*
11. '*Quinqué'*: lâmpada de petróleo, com um depósito de porcelana, e um tubo de vidro que protege a chama. *El aparato que estaba sobre la mesilla reflejaba un brillo divino en los ojos casi moribundos del enfermo*.

Espanhol: Entrada 1: 11 sentidos

Português: Entrada 1: 8 sentidos

Observa-se um par que veio da mesma origem etimológica, porém já a partir desta há divergências semânticas, o que se reflete na maioria dos demais sentidos de base e secundários. Por isso constitui-se como heterossemântico e homônimo entre as línguas. No entanto, existem sentidos semelhantes entre ambas, caracterizando-as também como polissêmicas entre si, como em 7(E) e 3(P), 10(E) e 7(P). Há deslocamento de sentido por especialização em ambas as línguas: em 5(E), 10(E) e 7 (P) e por extensão metafórica em vários sentidos nas duas línguas.

Podemos afirmar que os traços semânticos divergentes desde a origem podem ser em espanhol: (+ aparelho, + pequeno, + fim específico) e em português: (+ aparelho qualquer, + fim específico, + luxo ou adorno). Referindo-nos aos sentidos mais usuais deste lexema,

reconhecemos que há, portanto, outros traços divergentes nas demais acepções nas duas línguas, os quais também distanciam os seus sentidos.

3. apellido/apelido

1. Apellido (E): de apellidar. Do lat. *appellitare* 'nomear com freqüência', freqüentativo de *appellare*, 'chamar por nome'. 'Nome de família geralmente hereditário'.

1. S.m. Nome de família, que se transmite de pai para filho. Na Espanha, o nome completo de uma pessoa compõe-se de "nombre de pila", chamado também somente "nome", o sobrenome do pai e o sobrenome da mãe, nesta ordem. *Si no me dice el apellido, no podré localizarlo en la lista, porque tenemos en ella varias personas que se llaman Juan*. (SEÑAS, 2001: 94).
2. Nome particular que se dá a várias coisas. *Nos dimos cuenta de lo que se trataba cuando dijo el apellido*.
3. Apelido ou nome dado convencionalmente a uma pessoa. (mote/apelido). *Era más conocida por su apellido que por su nombre, tanto que éste solamente sus forofos lo saben*.
4. Convocação, chamamento de guerra. *Al recibir aquel apellido no tenían como escapar*.
5. Tropa reunida por este chamamento. (desusado). *Los soldados irán al desierto después del apellido*.
6. Sinal que se dava aos soldados para que se aprontassem para tomar as armas. (desusado). *No escucharon el apellido por eso murieron todos*.
7. Grito ou clamor. (desusado). *Se oía un gran apellido a lo lejos y esto comprobaba las sospechas de que allí el pueblo padecía tortura*.
8. Invocação. Chamada de auxílio. (antigo/antiquado). *Sus apellidos*

2. Apelido: regr. de apelidar. Do lat. *appellitare* (freqüentativo de *appellare*). 'Orig. convocação' XIII; 'sobrenome, alcunha' XVII.

1. Nome de família; sobrenome. (Reg. Port.). Segundo FERREIRA (1996), também Reg. Bras.
2. *Alcunha* ('denominação ou qualificativo'). (Reg. Bras. us. inf.). *Jerônimo, por apelido, o Careca*. (HOUAISS).
3. Designação especial de alguém ou de alguma coisa. *Mas deixemos o estreito e conhecido/ Cabo de Jasque dito já Carpela/ ... /Carmânia teve já por apelido.*(CAMÕES, *Os Lusíadas*, X, 105, in FERREIRA, 1986: 140).
4. Ato ou efeito de convocar; chamamento. (Diac. antigo). *O apelido foi realizado segundo a ordem de classificação*.

conmovieron a los bomberos.

9. Causa ou processo em que, pela conveniência de sua publicidade, podem intervir como testemunhas todos quantos quiserem. (direito; Aragão). *Los abogados echaron mano del apellido con el fin de favorecer al reo*.
10. Primeiro escrito que se apresenta ao juiz em Qualquer dos quatro procedimentos forais. (direito; Aragão). *Cuando le presentaron el apellido al juez, él se dio cuenta del error que la justicia podría cometer en aquel caso*.

Espanhol: Entrada 1: 10 sentidos

Português: Entrada 1: 4 sentidos

Embora tenham a mesma etimologia, percebe-se que desde esta há divergências quanto aos sentidos. Por isso acreditamos que tenha ocorrido divergências semânticas desde a origem, privilegiando a questão do sentido e não exclusivamente a etimologia. Provavelmente deve ter ocorrido uma mudança semântica logo na entrada no léxico de uma ou das duas línguas, mudando o sentido de base nestas, e conseqüentemente influenciando os demais sentidos advindos, e isto não podemos precisar por hora. Embora Ferreira (1986) diga que existe no PB como 'sobrenome', este sentido não é de uso comum, por isso não o consideramos com o mesmo sentido de base do E, já que nesta língua é seu sentido de base 'sobrenome', pois o uso também induz a mudanças.

4. antepasado/antepassado

1. Antepasado (E): de *ante-* 'antes' + *passado* 'anterior, precedente'. 'Pessoa da qual se descende'. (p.p de *antepassar*).

1. S.m. Antecessor. Ascendente. Com respeito a uma pessoa ou animal, outro do qual se descende. *Uno de sus antepasados fue general de Napoleón.* (DEMM).

2. Antepassado (P): do lat. **passare*, de *passus* este 'atravessar, transpor, exceder'; part. de *antepassar*: *ante-* e *pass-* , XV/XVI.

1. Adj. Que se antepassou; já passado ou decorrido; anterior, precedente. *Todos ali recordavam fatos antepassados*. (HOUAISS).
2. Adj. Que viveu há muito. *Referiu-se aos*

2. Ascendência. (no pl.). *Sus ilustres antepassados*. (DEMM).
3. Dito de tempo, anterior a outro tempo passado já. *No me recordaba de ese antepasado*.

Espanhol: Entrada 1: 3 sentidos

antepassados colonizadores do país. (HOUAISS).
3. Sm. Ascendente, esp. o que é anterior aos avós. *Revelou que em sua família havia um antepassado celta*. (HOUAISS).
4. Antecessor, precursor. *O apóstolo João Batista foi antepassado de Cristo*.
5. S.m.pl. A ascendência. *Seus antepassados eram judeus*.

Português: Entrada 1: 5 sentidos

Embora a etimologia de ambos os lexemas não revelem cabalmente terem vindo da mesma origem, pois há imprecisão na fonte ou origem, acreditamos que podem ter partido da mesma origem devido ao fato de ambos terem alguns sentidos em comum, fato que provavelmente só poderia ocorrer em línguas diferentes quando advém de um mesmo lexema na sua origem, como se observa entre os sentidos 1(E) = 4 (P); 2(E) = 3(P) e 5(P). No entanto, como percebemos divergência de sentido desde os sentidos primários, essa divergência semântica pode ter ocorrido desde a origem quando cada língua faz o recorte da sua realidade, ou ao expandir o seu campo associativo, através de mudanças semânticas diferentes, como podemos ver que o sentido 3(E) não existe em P, assim como o sentido 1(P) e 2(P) não existem em E neste mesmo lexema.

5. aportar/aportar

1. Aportar[1] (E): 1220-50, do lat. *portare*, ‘transportar’.

1. V. Contribuir com uma parte a certa coisa possuída, feita etc., em comum. Participar, contribuir. *Tus ideas no aportan nada; cada uno aportó la cantidad de dinero para comprar lo necesario*. (SEÑAS, 2001: 96).
2. Levar certos bens ao casamento. *La*

2. Aportar (P): ‘conduzir (o navio) ao porto, fundear’ ‘encaminhar’ ‘chegar, entrar’, séc. XIII. Do lat. *apportarare* ‘trazer, transportar’ ‘causar, produzir’.

1. V. Conduzir (o navio) ao porto. *O capitão aportou o navio nas Índias*.
2. Chegar a, entrar em (porto ou qualquer ponto da costa); fundear, ancorar. (Marinha; extensão de sentido). *Aportaram na costa brasileira*. (HOUAISS).

novia aportó todo lo que su novio poseía.

3. Aduzir. Expor certas provas, razões ou testemunhos em defesa de algo ou para prová-lo. *El padre aportó muchas pruebas en favor de su hijo*.

Aportar[2] (E): 1400, do fr. *apporter* (de *puerto*), 'chegar a um porto', 'chegar''.

1. Chegar a porto. (marinha) 'em'. *Aportaron en un archipiélago perdido del Pacífico*. (SEÑAS, 2001: 96).
2. Chegar uma pessoa a um lugar ou situação seguros depois de estar perdido ou em perigo. (Fig.). *Aportaron en la calle después de haber estado varios días secuestrados en aquella casa*.
3. Ir ou vir a algum lugar. 'por'. *Hace tiempo que no aporta por aquí*. (DEMM).

Espanhol: Entrada 1: 3 sentidos; Entrada 2: 3 sentidos. Total: 2 entradas e 6 sentidos.

3. Trazer ou levar (alguém ou algo) para (um porto). (Marinha; Uso formal). *Aportou os sobreviventes em Santos*. (HOUAISS).
4. Chegar a algum lugar, sem necessariamente ser por via marítima ou fluvial. (Ext. de snt.). *Por fim, aportou naquele vale*.
5. Conduzir, encaminhar (alguém ou algo). (Snt. fig.). *Sua ingenuidade aportou-a no vale de desilusões*. (HOUAISS).

Português: Entrada 1: 5 sentidos.

Temos desde a origem ou fonte controvérsias quanto à origem etimológica, como também quanto aos sentidos de base, ou seja, existem sentidos totalmente divergentes, por isso são heterossemânticos e homônimos. Observa-se, no entanto que em E há duas entradas para o mesmo lexema, há portanto homonímia já nesta língua, e é justamente na segunda entrada que os sentidos parecem ser mais semelhantes entre P e E, como também a etimologia. Mesmo assim, ainda há algumas divergências entre ambos os sentidos nas duas línguas. Convém destacar que os sentidos da primeira entrada em E são totalmente inexistentes em P, por isso sustentamos que o E, realmente, tem duas entradas para o lexema em questão, fato que não ocorreu em P. Nota-se, ainda, nessa primeira entrada, que os sentidos não são decorrentes ou evoluem para a segunda entrada, o que caracterizaria deslocamento de sentido ou mudanças semânticas. Aportar[2] (E) e aportar (P) são, por assim dizer, o mesmo lexema, pois são semelhantes foneticamente e têm o mesmo sentido de base.

O que parece ser contraditório é observar na etimologia que um vem do latim, outro do francês. Assim, deve haver alguma informação distorcida em uma das duas etimologias, ou pode-se pensar que ambos vêm do latim através do francês.

6. burlar/burlar

1. Burlar (E): 1251 'colocar em ridículo'; de origem desconhecida ou talvez de *burla* 'algo que procura colocar em ridículo; engano', do lat. vul. *burrula*, dimin. do lat. tardio *burra* 'bagatela', possivelmente de *burra* 'tecido áspero; roupa burda'. Palavra comum aos três romances peninsulares.	2. Burlar (P): XVI, tal como o esp. *burla*, de origem desconhecida, talvez deriv. de *burla* 'dolo, fraude, logro', de *bulrra* XIV.
1. V. Criticar, zombar. (u. m. c. prnl.). *De todo se burla*. 2. Criticar, zombar de pessoas ou coisas. (prnl). *Se burlaba de la ropa de la profesora*. 3. Enganar, fazer acreditar no que não é verdade. *Era muy malo, burlaba de su propia madre*. 4. Esquivar a quem vai impedir o passo/trâmite ou detê-lo. *Quiso burlar la acción de la justicia, pero descubrieron.* 5. Frustrar, desvanecer a esperança, o desejo etc., de alguém. *Burló los sueños de la princesa*. 6. Seduzir com engano a uma mulher. *La pobre mujer no sabía que se burlaba de ella*. 7. Esquivar a investida do touro. (Tauromaquia). *El torero burló al toro*.	1. V. Enganar, lograr, ludibriar através de artimanhas; ludibriar. *Burlou a vigilância do prédio*. 2. Praticar fraude ou estelionato contra; defraudar, lesar. *Burlou o estrangeiro em mais de 200 mil*. (ext. de 1). (HOUAISS). 3. Pregar peça(s), partidas em (alguém). *Ao fazer-se passar por jornalista só visava burlar de ti*. (HOUAISS). 4. Fazer zombaria de; escarnecer, motejar. *A fortuna burla dos jogadores*. (HOUAISS).
Espanhol: Entrada 1: 7 sentidos.	Português: Entrada 1: 4 sentidos.

O par acima parece advir da mesma etimologia, pois mesmo admitindo que alguns dicionários afirmam ser de origem desconhecida, percebe-se semelhanças em 1(E) = 4(P), apesar de o uso deste ser mais restrito em P do que em E, sendo o sentido de base e de maior uso nesta última. Observa-se que em outros sentidos também há semelhanças de traços, como em 3(E) e 2(P), apesar de haver outros traços que os diferenciam. Há, portanto, divergências

semânticas desde os seus sentidos originais e de base, assim como entre outros sentidos, como em 6(E), 7(E) e 3(P). Por isso, são considerados heterossemânticos, e o inserimos neste grupo pelo fato de apresentarem divergências desde o sentido de base. Assim, sustentamos que existe relação de homonímia neste par, pois seguramente houve distanciamento entre os sentidos desde a origem na(s) língua(s). Não acreditamos, portanto, que ambos possam ter vindo de etimologias diferentes.

7. cigarro/cigarro

1. Cigarro (E): 1610. Origem incerta, talvez deriv. de *cigarra* por comparação com o corpo cilíndrico e escuro deste animal (COROMINAS, 1998). Ou mais provavelmente do maia *sik'ar* ou *siyar* 'fumar', de *sik'* 'tabaco' (DE SILVA, 1999).	2. Cigarro: do esp. cigarro, 1610, de origem incerta, talvez derivado de cigarra, por comparação com o corpo cilíndrico e escuro desse animal. 'pequena porção de fumo picado, enrolado em papel fino, ou em palha de milho, para se fumar'.
1. S.m. Charuto. Objeto feito com uma folha de tabaco preparada de certa forma e enrolada, para fumar. *¿Me das un cigarro, por favor?* (SEÑAS, 2000: 275) 2. *Cigarrillo*. Cigarro pequeno. *He olvidado en la mesa del despacho la cajetilla de cigarrillos*. (SEÑAS, 2000: 275).	1. S.m. Fino rolo de tabaco picado, geralm. enrolado em papel fino (mortalha), e que se destina a ser fumado. *As indústrias de cigarro ganham matando as pessoas.* 2. Cigarro feito com outras plantas, medicinais ou não. *Ele está com cigarro de maconha*. (ext. de 1). 3. Guloseima em forma de cigarro. *A menina gosta de cigarrinho de chocolate*. (Ext. metafórica).
Espanhol: Entrada 1: 2 sentidos.	Português: Entrada 1: 3 sentidos

Embora se suponha ou se admita que advêm da mesma etimologia, acreditamos que já desta origem advêm também as divergências semânticas em ambas as línguas, principalmente no P, já que constitui-se como empréstimo do E, passando assim a ter distintos traços desde o sentido de base. Em E, distingue-se *cigarro* e *cigarrillo*, (+ grande; + pequeno), especificado na terminação (sufixo *–illo*), enquanto que em P escolhe-se outro lexema para especificar essa divergência de traços: *cigarro* e *charuto*. Em P há também outro sentido para cigarro não

existente em E, neste lexema, podendo tornar-se em problema de compreensão para o aprendiz, que é o sentido 3(P) no qual ocorreu deslocamento de sentido por metáfora.

8. cita/cita

1. Cita (E): 1679. Derivado de *citar*, este do lat. *citare* 'chamar, convocar', propriamente 'colocar em movimento, agitar, sacudir'; 'fazer acudir' (freqüentativo de *ciere* 'colocar em movimento').

1. S.f. Acordo entre duas ou mais pessoas para encontrar-se e conversarem em dia, hora e lugar determinado. *Tengo una cita con mi abogado*. (DEMM).
2. Nota de lei, doutrina, autoridade ou qualquer outro texto que se alega para prova do que se diz ou se refere. *El juez aceptó una cita presentada por el abogado*.
3. Menção. Coisa que se cita ou menciona. *Trae una cita de Séneca*. (DEMM).

Espanhol: Entrada 1: 3 sentidos.

2. Cita[1] (P): 1813, regres. de *citar*, este do lat. *citare* 'mencionar ou transcrever como autoridade ou exemplo', 'fazer referência a', séc. XIII.

1. S.f. Referência a um trecho ou a uma opinião autorizada. *Ela cita Saussure e Ullmann em quase todo o seu trabalho*.
2. O texto citado; citação. (Por mtn.). *O seu texto quase não tem citas, portanto tente colocar algumas para esclarecer mais o seu embasamento teórico*.

_____

Cita[2]: do lat. *scythae*, *arum*, 1537.

1. Adj. e s.2gên. Relativo a ou indivíduo dos citas, antigos habitantes da Cítia, região que na Antiguidade abrangia parte do Sudoeste da Ásia, desde o Norte do mar Negro até o mar de Aral, ao Sul da Sarmácia; cítico. *Os seus ancestrais eram citas, pena que não sabe muito sobre eles*.
2. Diz-se de ou língua indo-européia desaparecida, do ramo indo-irânico, sub-ramo irânico, falada por esse povo. (Lingüística). *Ninguém mais fala cita nesta região, e há muito tempo, desde minha bisavó*.

Português: Entrada 1: 2 sentidos; Entrada 2: 2 sentidos. Total: 2 entradas e 4 sentidos.

Observa-se que o par parece advir da mesma etimologia, no entanto, os significados originais divergem entre as línguas. Assim, pode-se sustentar duas hipóteses. A primeira, que ambos têm a mesma origem, mas houve mudança semântica no latim, sendo que cada língua fez um recorte semântico diferente. A outra hipótese seria que esse lexema pertence a raízes

latinas diferentes e, conseqüentemente, possuem significados diferentes no latim, e, posteriormente, em ambas as línguas. Nos dois casos, o par pode ser considerado como heterossemântico e homônimo entre as línguas devido às divergências semânticas desde o sentido de base e nos demais. Outra divergência entre as línguas é que em P há duas entradas para esse lexema, fato não ocorrido em E. Podemos concluir, contudo, que a hipótese primeira seria a mais provável, pois mesmo sendo tão divergentes os sentidos de cita (E) e cita[1] (P) parece haver semelhança entre o sentido 3(E) e os sentidos de cita[1] (P).

9. crianza/criança

1. Crianza (E): 1105. Deriv. de *criar* (1097) 'nutrir uma criança ou um animal', 'instruir, educar'. Este do lat. *creare* 'criar, produzir do nada', 'engendrar, procriar'.

1. S.f. Ação de criar. *Mi primo vive en el campo y sabe mucho de la crianza de conejos*. (SEÑAS, 2000: 361).
2. Época da lactação. *Su padre murió durante la crianza del bebé*. (SEÑAS, 2001: 361).
3. Produção. Processo de elaboração dos vinhos. *Las labores de cultivo y crianza están muy perfeccionadas en Jerez de la Frontera*. (SEÑAS, 2001: 361).
4. Criação. Urbanidade, atenção, cortesia; costuma usar-se com os adjetivos boa ou má. *Este niño tiene una mala crianza*. (SEÑAS, 2001: 361).
5. *Palabras de buena crianza*. Expressões de cortesia ou de cumprimento. *No es un hombre cortés, por eso no tiene palabras de buena crianza*.
6. Conjunto de animais nascidos em uma fazenda e destinados a ela. (Reg. Chile). *El campesino tiene una crianza de gallinas y cerdos*.
7. *Criamiento* (ant.). Criar, cuidar de. *A la campesina le gustaba mucho la crianza*

2. Criança (P): 'Ser humano de pouca idade, menino ou menina' Séc.XIII. Deriv. vern. *criar* + *-ança* 'indivíduo na infância, filho', embora haja quem o relacione com lat. *creantia* 'criação'.

1. S.f. Ser humano que se encontra na fase da infância, indivíduo que se encontra na fase que vai do nascimento à puberdade. *A criança é um ser adorável*.
2. Ser humano que não é adulto, pessoa jovem. (por ext. de snt.) *Ainda não fez 18 anos, é uma criança*. (HOUAISS).
3. Filho, rebento; cria. *Já tem duas crianças, agora está grávida de novo*. (HOUAISS).
4. Para os pais ou parentes mais idosos, o filho, seja em que idade for. (Reg. Brasil; us. inf.). *O casal de idosos contava apenas com o apoio de suas eternas crianças*. (HOUAISS).
5. Bola, pelota. (Futebol; Reg. Brás.; us. inf.). *Travou a criança e chutou*. (HOUAISS).
6. Cria de animal. (Por analogia; da acp.1; reg. Portugal; séc.XIV). *Naquela jaula do circo há uma criança de leão*.
7. M.q. Criação ('educação'). (Diac. antigo). *Dá um grande exemplo para todos nós, a criança de seus próprios*

de gallinas.

sobrinhos.

8. Criação de animais. (Reg. Port.; diac. antigo). *Minha avó tinha uma criação de ovelhas*.
9. Adj. 2g. e s.f. Que ou aquele que age infantilmente; que ou quem, sendo já maduro, se comporta com ingenuidade ou age de maneira imatura. (Reg. Brasil). *O namorado dela é muito criança*. (Houaiss).

Espanhol: Entrada 1: 7 sentidos.

Português: Entrada 1: 9 sentidos.

Embora tenham sofrido mudanças fonéticas que as diferenciam graficamente com relação as letras <z> e <ç>, provém, seguramente, da mesma etimologia. Porém, acreditamos que existe, neste par, relação de homonímia por divergência semântica desde a origem. Nota-se que, embora já se perceba divergência semântica desde a origem, parece haver desde a etimologia alguns traços que provavelmente eram semelhantes em período anterior, ou ambas as línguas tomaram traços semânticos diferentes desse lexema da língua que ambas tomaram emprestado.

10. rato/rato

1. Rato[1] (E): 1220. Provavelmente do lat. *raptus, us*, 'arrebatamento, rapto', de onde 'puxão, arrancada, arranque', e figuradamente 'instante'. Significou primeiro 'instante, duração momentânea', acepção ainda geral na América do Sul, e só mais tarde (1495, talvez antes) passou a significar por eufemismo 'espaço longo de tempo', hoje generalizado na Espanha.

1. Espaço de tempo, especialmente quando é curto. *Estuve esperando un rato. Voy a descansar un rato*.
2. Antepondo-lhe os adjetivos bom ou mau, gosto ou desgosto passageiro. *Me has dado un mal rato*.

Rato[2]: do lat. *ratus*, 'confirmado, calculado'.

2. Rato[1]: do lat. *ratus, a ,um* 'calculado, computado; fixado, determinado'.

1. Adj. De verdade comprovada; de validade garantida; confirmado, reconhecido. *Com este documento rato pode haver legalidade no processo e ganho de causa*.

Rato[2]: lat. vulg. *rattu*, prov. onomatopéia do ruído que o animal faz ao roer.

1. Adj. *Matrimonio rato*. Relacionado à casamento. O celebrado legítima e solenemente que não chegou ainda a consumar-se. *El matrimonio rato entre el Conde Claus y Celina puede deshacerse pues aún no fue consumado*.

Rato[3]: do ant. a. al. *ratto*.

1. S.m. *Ratón*. Em alguns lugares, rato caseiro, campestre. *Entró un rato en la cocina*.
2. Macho da rata, mamífero roedor. *El gato corría detrás del rato*.

Obs.: Em E, é mais usual o lexema *ratón* com o sentido de rato[3].

1. Desig. comum dos roedores da fam. dos murídeos, esp. daqueles do gên. Rattus, como o rato-preto e a ratazana, atualmente disseminados por todo o mundo, responsáveis pela destruição de grandes quantidades de alimento e pela transmissão de diversas doenças, como a peste bubônica. (Mastozoologia). *Não suporto ratos e baratas*.
2. Desig. comum de diversos outros roedores, de tamanho e aspecto semelhantes aos dos murídeos. (Mastozoologia). *Naquela casa velha havia um ninho de ratos*.
3. Pessoa que pratica furtos em locais públicos, tais como igrejas, feiras etc.; ladrão, ratazana. *O acusam de rato de hotel*.
4. Indivíduo que assiduamente freqüenta determinado lugar. *Não o vemos noutro lugar, por isso é chamado rato de igreja*.
5. Pessoa trapaceira, tratante. (Reg. Bras.). *Ninguém confia nele, é um rato*.
6. Agente de polícia; rato-branco. (Reg. Bras. Us. inf.). *Nunca vi um rato tão frouxo, não gosta de fazer ronda, nem correr atrás de cheira-cola, quanto mais de bandido perigoso!*
7. Pedra com arestas que, pela fricção, corta as amarras das embarcações fundeadas. (Diac. antigo). *Acredito que as amarras só poderiam ter se cortadas naquele rato*.
8. Pedaço de morrão ('pedaço de corda') que se põe junto às escorvas das minas. (Explosivos. Reg. Bras.). *A princípio não entendi pra que servia, mas depois vi que aquele rato servia para limpar ou lustrar as minas*.
9. M.q. *Mouse*. (Informática. Reg. Port.). *Quando comecei a aprender informática não suportava o rato, agora já consigo manuseá-lo bem*.
10. Adj. 2g. e 2n. Cuja cor é cinzenta, como a do rato ('roedor'). (Estatística, p. us.).

	O meu cachorro tinha a pelagem rato. 11. Que é estranho, excêntrico, cômico; ratão. *Que homem rato, chega a ser insuportável!*
Espanhol: Entrada 1: 2 sentidos; Entrada 2: 1 sentido; Entrada 3: 2 sentidos. Total: 3 Entradas e 5 sentidos.	Português: Entrada 1: 1 sentido; Entrada 2 11 sentidos. Total: 2 Entradas e 12 sentidos.

Em E há três entradas, uma das quais não existe em P, e coincide com o sentido de uso muito freqüente em E e não existente em P neste lexema. Embora a entrada 3 do E coincida com a 2 do P, esta semelhança dá-se basicamente apenas com relação ao sentido primário, pois o P amplia seus sentidos secundários, fato que não ocorre em E, alargando muito mais o seu campo associativo. Como na entrada com sentido de 'roedor' há divergência etimológica entre as línguas, isso pode explicar também as divergências semânticas, pois pode ter sido emprestado de línguas distintas. Portanto, podem ser consideradas como homônimas desde a origem, em cada língua em particular e entre ambas, e conseqüentemente heterossemânticas. Mais uma vez, enfatizamos o nosso ponto de vista afirmando que consideramos este par como heterossemântico *propriamente dito* e não como heterossemântico *acidental*, segundo a classificação de Leiva (1994). Acreditamos que estes exemplos ou pares confrontados tenham sido suficientes para esclarecer nosso ponto de vista quanto à nossa classificação, contrapondo-se ao ponto de vista de Leiva (1994), neste aspecto, como já colocamos em capítulo precedente.

11. basura/vassoura

1. basura (E): supostamente do lat. vulgar *versura*, derivado de *versus*, particípio de *vérrere*, 'varrer' [barrer].	2. vassoura: do lat. *versoria*, deriv. de *versus*, part. pas. de *verrere* 'arrastar pelo chão, varrer, juntar ou apanhar varrendo'.
1. S.f. Sujeira, lixo, imundície ou conjunto de desperdícios de qualquer tipo, e especialmente o que se recolhe varrendo. *En ese patio había mucha basura.* 2. Refugo ou esterco das cavalarias.	1. S.f. Utensílio para varrer, esfregar ou escovar superfícies, geralmente constituído por um cabo longo de madeira, com pequenos galhos, raques de palmeiras ou outras fibras vegetais,

Alrededor de la casa se sentía un fuerte olor. Era la basura de los caballos.

3. Refugo, resíduos de comida, papéis e trapos velhos, pedaços de coisas quebradas e outros refugos. *En aquella casa abandonada, las personas costumbram tirar basura.*
4. O que é repugnante ou depreciável. (fig.). *No aceptamos la propuesta pues era una basura.*

amarrados em uma extremidade ou com uma peça transversa onde se fixam tufos de fibras vegetais, sintéticas ou mesmo animais. *A vassoura lá de casa está com o cabo quebrado.*

2. Designação comum a várias plantas de diferentes gêneros e família, por alguma semelhança morfológica com esse utensílio. (Angiospermas). *No caminho de casa, vimos uma vassoura que parecia com as de varrer.*
3. Subarbusto (*Baccharis aphylla*) da família das compostas, nativo do Brasil (MG, RJ, SP), de flores amareladas, em espigas; carqueja, vassourinha. (Angiospermas). *Arrancaram as flores daquela vassoura.*
4. Arbusto (*Baccharis dracunculifolia*) da mesma família, de folhas lanceoladas e flores em racemos axilares, nativo do Brasil e usado por propriedades tônicas, eupépticas e febrífugas; vassourinha. (Angiosperma). *Não mate aquelas vassouras, pois elas são úteis ao homem.*
5. M.q. *carqueja-amargosa* (*Baccharis genistelloides*). (Angiospermas. Region.: RS). *Não sabia que havia esse tipo de vassoura aqui no Rio Grande do Sul.*
6. Arbusto (*Buddleia stachyoides*) da família das loganiáceas, nativo do Brasil (MG, RS), de folhas ovadas e inflorescências cimosas, usado contra a artrite e as hemorróidas; tupeiçava, vassourinha. (Angiospermas). *Essa vassoura é muito usada pela indústria farmacêutica.*
7. M.q. *calção-de-velho* (Buddleia brasiliensis). (Angiospermas).
8. Erva perene ou subarbusto de até 2 m (*Malvastrum spicatum*), da fam. das malváceas, que ocorre no Brasil (BA, MG, RS), de folhas ovadas ou oblongas, flores amarelas em panículas e carpídios vermelhos; loló (Cabo Verde). (Angiospermas).

9. M.q. *guaxima* (*Sida rhombifolia*). (Angiospermas. Reg.: Bahia).
10. M.q. *Poaia-do-campo* (*Diodia polymorpha*). (Angiospermas. Reg.: RS).
11. Pequena vassoura de metal utilizada para percutir suavemente pratos ou caixa-clara. (Música). *O músico não sabe onde deixou a vassoura, agora temos que ajudá-lo a procurar.*

_____

Bassoura: s.f. M.q. *vassoura* (utensílio).

Espanhol: Entrada 1: 4 sentidos.

Português: Entrada 1: 11 sentidos.

Observa-se que o par acima advém da mesma etimologia e com sentidos originais semelhantes, porém já desde o sentido de base em cada língua em particular nota-se traços semânticos distintos. No E o traço básico é (+ resíduo, + sujeira, + imundície, +refugo (+ vários tipos), enquanto que em P é (+utensílio, +varrer, + lixo, + sujeira). Ambos saíram do seu sentido original porém, de certa forma, permaneceram dentro de um mesmo campo conceitual que, pode-se dizer, envolve: + lixo, + utensílio usado para limpeza do lixo. Por isso, classificamos o par como heterossemântico, e homônimo posteriormente, pois os lexemas possuem traços que os distinguem em cada língua em particular. Observa-se ainda que houve deslocamento de sentido e mudança fonética em cada língua em particular, pois foram distanciando-se tanto os sentidos como a substância da expressão daquele lexema de origem. Em E passa-se a chamar de *basura* o lixo que se varre, isso é metonímia. E 4(E) é metafórico a partir da derivação metonímica. Em P há especialização para vários tipos de plantas. Assim, podemos sustentar que são semelhantes na origem, e vão distanciando-se do sentido e da substância da expressão latinos em cada língua particularmente.

5.2 Grupo B: Polissemia

5.2.1 Grupo B.1: Originalmente polissêmicos, posteriormente homônimos por distanciamento entre os sentidos secundários.

1. acreditar/acreditar

1. Acreditar (E): 1546. De *creer*, aprox. 1140, este do lat. c*redere* 'crer, dar fé (a alguém)'. Ou do lat. *créditus*, particípio de *credere*, 'crer': a- 'causar'+ crédito 'confiança'.

1. V. Testemunhar; demonstrar ou provar a verdade de certa coisa. Provar, Abonar. *Estas heridas acreditam su valor.* (DUEMM).
2. Garantir, assegurar ou demonstrar a autenticidade de uma coisa.
3. Demonstrar que alguém tem certo direito, título ou qualidade. *Este título no te acredita para ejercer la medicina*.
4. Credenciar. Autorizar uma pessoa para representar a outras ou operar em seu nome. Ou desempenhar uma missão. *Ella me acreditó para representarla en la reunión*.
5. Designar alguém para representante diplomático. (p. ext.). *El gobierno ha acreditado un representante en Méjico.* (DEMM).
6. Dar crédito ou reputação; afamar. (prnl). *Hay personas que no acreditan en lo que uno puede desempeñar*.
7. Dar ou conseguir fama; ganhar prestígio. *Salomón se acreditó por su gran juicio.* (SEÑAS, 2001: 21).
8. Dar segurança de que alguma pessoa ou coisa é o que representa ou parece ser. *La madre siempre acredita que su hijo es trabajador, pero en el trabajo no hace nada*.

2. Acreditar (P): séc. XVI. De *crer* 'acreditar, confiar', este do lat. *credere.*

1. V. Dar crédito a; crer. *Seu pai acredita em você, por isso lhe deu o cargo de diretor financeiro*.
2. Admitir, aceitar, estar ou ficar convencido da veracidade, existência ou ocorrência de (afirmação, entidade, atributo, fato, etc.); crer. *É difícil acreditar no que dizem*. (HOUAISS).
3. Supor ou intuir boas intenções, finalidades, com absoluta ou relativa convicção; confiar. *Acredite nele e empreste o dinheiro.*(HOUAISS).
4. Julgar ou pensar possível ou provável com esperança, fé ou confiança na realização de (possibilidade ou probabilidade). *Acredite na vitória.* (HOUAISS).
5. Ter como verdadeiro; crer. *A menina acreditava em assombrações.*
6. Pensar, sem convicção ou certeza; achar, julgar, supor. *Acredita que não voltará a vê-los.* (HOUAISS).
7. Tornar(-se) digno de estima e confiança; abonar. Adquirir crédito. *Acreditou-se definitivamente perante os colegas*.
8. Dar ou emprestar a (alguém) autoridade para agir em seu nome. (p. ext. de snt.). *Acreditou-a (como procuradora) para a compra do imóvel*. (HOUAISS).

9. *Abonar*, admitir como pagamento, tomar em conta. (Com.). *Acreditó su coche para la compra de la casa*.
10. *Abonar*, assentar uma partida no fazer. (Com.).

Espanhol: Entrada 1: 10 sentidos.

9. Conferir poder ou autoridade a (alguém) para representar país ou instituição perante (país estrangeiro ou outra instituição); credenciar. *Acreditou um diplomata (junto ao governo estrangeiro)*. (HOUAISS).
10. Dar fundamentação, confiança a; abonar, autorizar, confirmar. *Sua experiência acredita nossas afirmações*. (HOUAISS).
11. Dar ou estabelecer crédito a; afiançar. M.q. *creditar* 'constituir como credor', 'pôr quantia à disposição'. (Com. ou Contab.). *Acreditou seu pai para a compra do carro*.
12. Correr para uma bola dividida ou supostamente perdida. (Futebol). *Ronaldo acreditou na jogada.*
13. Julgar-se, crer-se. *Acredita-se um grande homem.* (FERREIRA, 1996: 38).

Português: Entrada 1: 13 sentidos.

Embora tenham a mesma origem etimológica nas duas línguas, e conservem semelhanças entre os significados de base, assim como em outros sentidos secundários, existem outros muito divergentes, promovendo, assim, a heterossemanticidade no par. Acreditamos, portanto, que o par a princípio pode ser considerado polissêmico devido à existência de traços comuns ou semelhantes entre os significados diversos nas duas línguas, como entre 4 e 5 do E e 8 e 9 do P. Há semelhanças também entre 6(E) e 7(P). No obstante, vê-se que o sentido 7(E), como extensão do 6, não se observa em P. No entanto, como Ullmann afirma (1964: 368), quando dois ou mais significados da mesma palavra separam-se de tal modo que não haja nenhuma conexão evidente entre eles, a polissemia dará lugar à homonímia e a unidade da palavra será destruída, fato ocorrido neste caso. Ver os exemplos de 12 e 13 do P, sentidos não existentes no espanhol nesse lexema.

Podemos dizer que existe uma distinção básica entre esses sentidos nas duas línguas; em espanhol o verbo acreditar admite duas possibilidades de sentido, ou melhor, possui dois traços semânticos básicos: ('crer, dar fé' + 'alguém' e 'causar' + 'crédito ou confiança' + 'algo ou alguém'), ao contrário do português que possui basicamente: ('crer, dar fé ou confiar' + 'alguém ou algo'). Embora em português haja mais extensões de sentido que em espanhol, nesta última esses traços parecem se imbricar desde o sentido de base, tornando-o distinto do português.

2. andanza/andança

1. Andanza (E): 1ª metade séc. XIII. De *andar*, esta de uma forma romance **amlare*, pronúncia descuidada do lat. *ambulare*, de onde também vem o fr. *aller* e o it. *andare*.

1. S.f.Viagem ou expedição em que se recorrem diversos lugares. '*Correría*'. *El campesino hacía andanzas*.
2. Aventura. Fato ou ação em que há alguma irregularidade o algum risco. *En este libro se relatan las andanzas de Marco Polo*. (SEÑAS, 2001: 79)./*No sé quién te manda meterte en tales andanzas*. (DEMM).
3. Sorte boa ou má. (Amér.). *No tuvo buena andanza con este marido.*
4. Modo de andar. *Ese muchacho tiene una andanza muy rara.*
5. 'Andancio': enfermidade epidêmica leve. *Menos mal, esta terrible andanza no llegó aquí.*
6. Pl. Contratempo, peripécias, transes. *Me contaron esas andanzas, pero no las acredité.*

2. Andança (P): Séc. XIII. De *andar*, 'dar passos, caminhar'. De origem controversa; a hipótese mais viável é a que liga o vocáb. port. ao lat. **ambitare* (do clássico *ambire* 'dar volta, rodear'.

1. Andada, caminhada, jornada, peregrinação ou excursão; viagem ou série de viagens. (Mais us. no pl./ P. ext. de sentido). *'Surpreendia-se a si mesmo contando a Tóia ... coisas de sua vida, de sua carreira, de suas andanças pelo mundo'*. (Viana Moog, *Tóia*, p. 74, in FERREIRA, 1996: 116).
2. Aventura (diz-se sobretudo em relação aos antigos cavaleiros andantes). (Snt. fig.). *Os cavaleiros medievais viviam de andanças*.
3. Maneira como ocorre a vida de alguém; boa ou má sorte. (Snt. fig.). *Seu semblante denunciava que sua andança não estava muito boa*.
4. Modo de andar. (Diac. ant.). *Que andança dessa moça!*
5. Ação ou efeito de andar. (Diac. ant.). *Não gosto, mas essa andança todo dia faz bem à saúde.*
6. Andamento. (Ato de andar). *A andança pela selva nos trouxe muitas descobertas e surpresas engraçadas*.
7. Trabalho difícil; faina. (Mais us. no pl./

	Sentido fig., uso inf..). *Os estudos fazem crescer mas são andanças.*
Espanhol: Entrada 1:6 sentidos.	Português: Entrada 1: 7 sentidos.

Embora perceba-se imprecisão ou controvérsias quanto à origem etimológica nas duas línguas, acreditamos que ambas tenham vindo da mesma raiz latina, o que pode ser comprovado pelas semelhanças em muitos sentidos, tanto de base como secundários. Há, portanto, polissemia entre as línguas e em cada uma em particular.

Constitui-se, no entanto, como par heterossemântico por haver sentidos totalmente divergentes ou não existentes em uma ou outra língua. Portanto, a princípio esses lexemas são polissêmicos entre as línguas por compartilhar sentidos iguais ou semelhantes entre as línguas, porém tornam-se homônimos quando não partilham outros, como ocorre em 5, 6 do E e 7 do P. Os deslocamentos de sentidos ocorridos devem-se principalmente por extensão metafórica em 7(P), especialização em 5(E).

3. americana/americana

1. Americana (E): de ou relativo à América, nome sugerido em 1507, para a região continental; feminino de *Americus*, forma latinizada do nome próprio do navegante florentino Amerigo Vespucci, que explorou a costa da América do Sul.	2. Americana (P): Séc.XVII. De *Améric* (a + -ano). Adj./s.f. 'relativo ou natural da América, particularmente dos EUA'.

1. Adj. Natural da América. *Soy americano.*
2. Pertencente a esta parte do mundo. *Asunción es una ciudad americana.*
3. Tradução da designação que se dão a si mesmos os naturais dos Estados Unidos. *Es brasileña pero tiene una hija americana*.
4. Em regiões de ativa emigrações, indiano, que volta rico da América. (Astúrias, Galicia). *No lo conocemos más, volvió un americano arrogante*.
5. Calendário americano (calendário de parede).*Colocaba americanos en todos los cómodos de la casa*.
6. Jaqueta de homem. Peça de vestir de tecido forte, com mangas compridas, botões na frente, chegando abaixo da cintura. *Ponte la americana que hace fresco*. (SEÑAS, 2001: 262).

Español: Entrada 1: 6 sentidos.

1. Adj. Relativo à América ou a qualquer país desse continente. *O Brasil é um país americano*.
2. Adj. Natural ou habitante da América. *Os antigos habitantes americanos eram povos guerreiros*.
3. Relativo aos E.U.A. ou o que é seu natural ou habitante; estadunidense, norte-americano, ianque. *Recebei a visita de um americano estes dias*.
4. Próprio da América e dos americanos. *Mesmo tendo morado vários anos na Europa, seus hábitos revelavam que era um legítimo americano*.
5. Diz-se de qualquer das línguas indígenas do continente americano. *Todos os americanos têm um pouco das línguas americanas.*
6. Diz-se de uma videira de origem americana (ou suas variedades e híbridos) utilizada como cavalo de enxertia, por resistir a filoxera. (Viticultura). *Conhecia muito bem a americana que usava para fazer seu produto*.
7. Certo tecido grosseiro de algodão. *Minha blusa é de americana.*
8. Relativo ou pertencente ao América Futebol Clube/RJ ou MG. (Reg. Bras.). *Esse uniforme pertence ao americano do Rio*.
9. Que ou aquele que é sócio, membro, torcedor ou jogador dessas agremiações. (Reg. Bras.). *Sou americano do Rio, e odeio os americanos de Minas.*

Português: Entrada 1: 9 sentidos.

O par possui a mesma origem etimológica, o mesmo sentido de base, assim como outros sentidos secundários semelhantes: 1 do E e 2 do P, 3 do E e 3 do P. Por isso podemos considerar os lexemas como polissêmicos entre si, e em cada língua em particular. Contudo, outros sentidos são completamente divergentes entre as línguas, caracterizando um par

heterossemântico, e homônimo entre ambas. Há deslocamento de sentidos por causas diferentes em cada uma. Em P percebe-se especialização em 6 quando este lexema tem um sentido específico na viticultura. Há também extensão de sentido nas duas línguas. Um fato curioso que ocorre entre as línguas observa-se nos exemplos de 6(E) e 7(P), nos quais há certa semelhança de traços semânticos. Em E percebe-se (+ peça de vestir, + tecido forte) em P (- peça de vestir, + tecido grosseiro), evidenciando semelhanças semânticas entre as línguas, provocadas provavelmente pela mesma causa de deslocamento de sentido, isto é, por nominação. Os exemplos citados mostram a necessidade de um nome novo, como causa do deslocamento semântico, visto que para o mesmo sentido tanto em P como em E há outro nome 'estopa'(P) e 'chaqueta'(E), como seus sinônimos. Portanto, há nominação quando importa-se um termo de uma fonte ou área da língua para outros elementos já existentes e com outros nomes, alterando o significado de uma palavra antiga.

4. asistir/assistir

1. Asistir (E): do lat. *assistere*, 'deter-se junto a algum lugar', deriv. de *sístere*, do gr. *hystemi*.

1. V. Ir a certo lugar e estar nele. *Asiste a la clase de inglés*. (DEMM).
2. Acompanhar a alguém em um ato público. *El abogado asistió a mi hermana durante todo el juicio*.
3. Servir ou atender a uma pessoa, especialmente de modo eventual ou desempenhando tarefas específicas. *Los criados asistieron a los invitados durante la recepción*. (SEÑAS, 2001: 119).
4. Socorrer, favorecer, ajudar. *Mi marido siempre me asiste.*
5. Cuidar de alguém enfermo, como médico, enfermeiro. *La médica asiste al niño*.

2. Assisstir: do lat. *ad-sistere* ou *assistere*, 'estar presente, ver, testemunhar', 'ajudar, socorrer' XVI, de *ad* + *sistere*, 'reduplicação de *stare*'.

1. V. Estar presente a determinado acontecimento, fato, ocorrência, observando-o e acompanhando o seu desenrolar; presenciar, testemunhar, ver. *Assisti ao acidente*. (HOUAISS).
2. Ver e ouvir (um espetáculo, encenação teatral, concerto, dança etc.). *Assisti ao concerto*. (HOUAISS).
3. Acompanhar (enfermo, moribundo etc.) para prestar-lhe socorro material ou moral. *Assisti ao doente*. (HOUAISS).
4. Servir de parteira. *Assisti à parturiente*. (HOUAISS).
5. Prestar auxílio ou assistência a; ajudar, socorrer. *Assistiu ao amigo em situação difícil*. (HOUAISS).

6. Realizar trabalhos ou serviços domésticos em uma casa como secretária, faxineira. *Su mujer se dedica a asistir*. (DEMM).
7. Arrastar. Em alguns jogos de baralho, seguir o pau que jogou o que sai primeiro. *Cuando salió María, asisti su palo.*
8. Com 'direito' ou palavra equivalente como sujeito, significa 'ter' esse direito a pessoa de que se trata. *Le asiste el derecho de recusar al juez.*(DEMM).
9. Concorrer em uma casa ou reunião, encontro, curso, ato público etc. (intr.). *La policía asistió la reunión sobre la huelga con el gobernador*.
10. Viver, habitar. (Col.). *Ella asiste en la Avenida Presidente Vargas*.
11. Estar ou achar-se presente. *Ella asistió la reunión*.

Espanhol: Entrada 1: 11 sentidos.

6. Ser da competência ou atribuição de (alguém); caber, competir, pertencer. *Diante do ocorrido, assiste-lhe o direito de reclamar*. (HOUAISS).
7. Acompanhar, especialmente em ato púbico, na qualidade de ajudante ou assessor. *Assistiu ao governador na inauguração do museu*. (HOUAISS).
8. Residir, morar. *Ela assiste em Londres*. (HOUAISS).
9. Estar, permanecer. *A alegria assiste ainda em seu coração*. (HOUAISS).
10. Passar a bola a (outro jogador da própria equipe), deixando-o bem colocado para fazer a cesta ou o gol. (basquetebol, futebol.) *Roberto Carlos não assiste a Ronaldo em todos os jogos*.

Português: Entrada 1: 10 sentidos.

Possuem a mesma etimologia e sentidos de base semelhantes, embora já haja divergências na etimologia, mas percebe-se que ambos têm diversos traços semânticos em comum em vários sentidos. Por isso, podem ser considerados, a princípio, polissêmicos entre as línguas, e em cada língua em particular. No entanto, adiante nota-se claras divergências de sentido entre as línguas, como no exemplo 6 do E, e o sentido 7 também do E, e no P os exemplos 9 e 10. Podemos então dizer que neste par houve deslocamento de sentido por mudanças semânticas ocorridas em cada língua em particular, e de modo peculiar em cada uma, tornando-o heterossemântico e homônimo entre as línguas.

5. aposentar/aposentar

1. Aposentar: Séc. XV; deriv. do lat. *pausare* 'pousar', 'cessar', 'pararse', que, junto com o lat. *pausa*, 'parada, detenção', se tomou do gr. *páuo* 'eu detenho, faço parar' ou de um derivado do mesmo.

2. Aposentar: deriv. de *pousar* 'pôr, depor, assentar' XIII, este do lat. *pausare*; antigo apousentar, séc. XIII.

1. V. Albergar ou hospedar a alguém em um lugar. *Aposentó a sus huéspedes en una habitación junto a la suya.* (SEÑAS, 2000: 97).
2. Alojar as tropas.
3. V. prnl. Alojar-se. Morar durante um tempo em uma casa ou estabelecimento que pertence a outra pessoa. *Se aposentaron en la suite principal del hotel*. (SEÑAS, 2000: 97).

Espanhol: Entrada 1: 3 sentidos.

1. Tr. dir. e prnl. Hospedar(-se) em aposento; albergar(-se), alojar(-se). *Aposentou um amigo. Aposentou-se na casa de um parente*. (HOUAISS).
2. Bitr. e prnl. Abrigar(-se), agasalhar(-se). (Sentido figurado). *Aposenta em seu peito um grande amor. Aposenta-se-lhe no coração uma dor imensa.* (HOUAISS).
3. Conceder ou obter aposentadoria; jubilar(-se). *Meu pai se aposentou.*
4. Por de parte, de lado; inutilizar. (Sentido figurado). *Aposentou os sapatos, que estavam velhos*. (HOUAISS).
5. Reformar, jubilar. *O governo aposentou os casarões antigos da nossa cidade*.
6. Morar, residir, habitar. (p. us./Estatística). *Aposenta(-se) nesta rua há muito tempo.*

Português: Entrada 1: 6 sentidos.

Observa-se que ambos têm a mesma etimologia, apesar de haver alguma divergência nesta. Os sentidos de base são os mesmos, assim como o sentido 3(E) também existe no P. O sentido 2(E) não existe em P, assim como todos os demais do P não existe em E. Houve, portanto, maior evolução semântica em P do que em E, promovendo distanciamento entre os sentidos de ambas as línguas. Podemos dizer que há polissemia pela semelhança entre os sentidos citados, porém o consideramos heterossemântico e homônimo por possuir outros sentidos completamente divergentes em uma ou em outra, provenientes de mudanças semânticas nas línguas. Em P temos mudanças por extensão de sentido (em 3), e sentido figurado (em 2 e 4).

6. armazón/armação

1. Armazón (E): S.m./f. 1492, do lat. vulg. *armatione*, acusativo de *armationis* 'armação', do lat. *armatus* 'equipado', part. pas. de *armare* 'equipar'. Estrutura para

2. Armação (P):1372, *armar* + *-ção*. Do lat. *arma*.

segurar o que se constrói.

1. S.m. Armação feita com sarrafos, madeiras, barras ou materiais semelhantes, que serve como suporte e esqueleto de outra coisa. *El armazón del edificio es de hierro forjado*. (SEÑAS, 2001: 106).
2. Ação e efeito de armar, concertar, juntar. *El armazón del ropero de mi casa lo hizo Pepe*.
3. Armadura ou armação, esqueleto. *El armazón de la estantería era de hierro, por eso no se rompió fácil*.

1. S.f. Ato ou efeito de armar(-se). *O marceneiro armou os móveis da casa*.
2. Conjunto de peças ou elementos conectados que sustenta, reforça ou mantém unidas as várias partes de um todo. *A armação dos óculos quebrou.*
3. Conjunto de peças que formam a estrutura ou arcabouço de alguma coisa. *Com o barco ainda na armação, sonhava com grandes viagens*. (HOUAISS).
4. Construção feita por sucessivas junções de placas ou peças para manter o seu conjunto ou suster as diferentes partes de uma alvenaria, estrutura de telhado etc. (Construção, 1552). *A armação desse telhado está tomado por cupim.*
5. Conjunto de tecidos, tapeçarias e couros com que se guarnecem paredes, tetos, janelas etc. (1647). *A armação da parede estava muito estragada, foi necessário trocar*.
6. Conjunto dos móveis e vitrinas em que, nas lojas, se expõem ou guardam as mercadorias. *A armação daquela loja do shopping ficou muito bonita com aquela decoração de Natal*.
7. O esqueleto de um móvel ou parte dele. (1893). *Com aquela explosão a estante veio ao chão, e só restou parte da armação*.
8. M.q. *Galhada*.
9. O que se arma, programa ou combina, geralmente com o objetivo de se divertir. (Snt. fig./ reg. Brasil/ us. inf.). *Qual é a armação para esse domingo?* (HOUAISS).
10. Aquilo que se planeja ou encena com a finalidade de lograr alguém, de obter alguma compensação ilícita etc. (Snt. fig./ reg. Brasil/ us. inf.). *Foi tudo armação da irmã do defunto para cima da viuvinha.*
11. Disposição, imediatamente anterior ao

fechamento, das diversas matérias componentes de uma página de jornal ou de qualquer outro trabalho gráfico-editorial. (Artes gráficas/ reg. Bras.).

12. Ato ou efeito de equipar, abastecer e municiar embarcação de pesca ou mercante. (Marinha). *Antes de partir para a pesca, Frederico fez a armação do barco*.
13. Conjunto de mastros, mastaréus e acessórios, juntamente com o velame, que serve para distinguir os diversos tipos de veleiro. (Marinha). *Os barcos de Apolo e Siro diferem pela armação*.
14. Local em que se aparelhavam navios para a pesca da baleia; base da pesca da baleia. (Marinha, pesca/ Diac. ant.). *Hoje não havia ninguém na armação, fiquei ali sozinho esperando a aproximação de alguma baleia.*
15. Rede especial, usada para determinadas pescarias. (Pesca/ reg. Brasil/ us. inf.). *Os barcos já prepararam a armação da sardinha*. (HOUAISS).
16. Local próximo às praias onde as ondas começam a se formar. (Reg. Brasil). *Fiquei a tarde toda no Mirante da Sereia observando a armação das ondas naquela praia*.
17. Presença de nuvens espessas nas baixas camadas da atmosfera, fazendo prever tempestade. (Reg. Norte do Brasil). *Estava na rua quando percebi uma forte armação no céu, corri muito para chegar logo dentro de casa, pois parecia aproximar-se uma grande tempestade*.
18. Presença que se destaca por elegância ou apuro. (Reg. Norte do Brasil/ us.inf.). *Com toda aquela armação, parecia estar em apuros*.
19. Empresa que explorava a caça de índios. (Reg. Sul do Bras./ Diac. ant.). *Aquela armação foi presa pelas injustiças cometidas com os índios*.
20. Os cornos de um bovino. (Reg. Ceará). *A*

armação pesava-lhe muito sobre a cabeça, por isso decidimos cortá-los.

21. Armadilha para capturar pombos. (Reg. Alentejo). *Aqueles malandros capturavam centenas de pombos com aquelas armações*.
22. Seção de terreno destinada à cultura do arroz. (Reg. Alentejo). *O cultivo do arroz naquela armação sofreu muito este ano devido às pragas*.
23. Determinada quantia em dinheiro com a qual se entra num jogo. (Reg. Alentejo). *Sempre entrava com vantagem no jogo, pois oferecia uma armação sempre maior que os outros*.

Espanhol: Entrada 1: 3 sentidos.

Português: Entrada 1: 23 sentidos.

O par, embora pareça vir de raízes latinas diferentes, pelo menos quanto à formação do lexema em cada língua, percebe-se nitidamente que ambos vêm da uma forma mais genérica *arma/armare*, e destas para as demais formas. Afirmamos isso devido à semelhança quanto ao sentido de base entre as línguas e quanto ao conjunto dos derivados desses em cada língua, o que os torna evidentemente próximos do ponto de vista etimológico. A principio, podemos considerá-los polissêmicos pelas semelhanças de sentidos existentes entre ambas as línguas, pois, como se observa, os três sentidos do E estão contidos no P. Porém, estes lexemas tornam-se homônimos entre as línguas e heterossemânticos haja vista a quantidade de sentidos existente em P e não presente no E. Em P, houve mudanças de sentido por especialização, sentido figurado etc.

7. avenida/avenida

1. Avenida (E): de *avenir* ‘aproximar-se, chegar, concorrer’, do lat. *ad-venire* ‘chegar’, de *ad*-‘a’ + *venire* ‘vir’.

2. Avenida (P): do esp. *avenida*, deriv. do fr. *avenue*, 1160 ‘chegada’. Part. pas. *advenue*, do v. fr. *avenir* (< lat. *advenire*) ‘chegar’; ‘vir’. Séc. XVII, ‘logradouro mais largo e

1. S.f. Crescente impetuosa de um rio ou arroio. *Las tormentas de los últimos días han formado una avenida que ha inundado nuestros campos*. (SEÑAS, 2000: 135).
2. Caminho que conduz a um povoado ou paragem determinada. *La avenida está muy oscura, por eso es peligroso ir al campo por ella durante la noche*
3. Via larga, às vezes, com árvores aos lados. *Sería agradable pasear por la avenida si no pasaran por ella tantos coches*. (SEÑAS, 2000: 134).
4. Afluência ou concorrência de muitas coisas ao mesmo tempo. (fig.). *La avenida de estos días me dejó muy preocupada y triste.*
5. *Avenencia:* Convênio, transação. Conformidade e união. (Aragão). *Como no tenían otra sugerencia, la solución fue hacer avenida con aquellos banqueros gananciosos*.
6. Desfiladeiro, barranco, caminho, ponte, etc., que conduz a uma praça forte, acampamento ou posição. *Seguimos por esa avenida hasta llegar a la Plaza de la Iglesia del Rosario*.

Espanhol: Entrada 1: 6 sentidos.

importante do que a rua', 'via principal, geralmente retilínea e larga, que atravessa centros urbanos'.

1. S.f. Via pública urbana ampla, mais larga do que a rua, geralmente arborizada ou provida de outros guarnecimentos. *Preferimos ir pela Avenida Fernandes Lima para tentar chegar mais rápido ao Aeroporto*.
2. A principal via de acesso a uma casa de campo, a um parque etc., ladeada por árvores; alameda. *A avenida para a Fazenda Bom Sucesso estava ocupada pelos sem-terra*.
3. Espaço deixado livre para jogadas do adversário. (por anal./ Futebol: reg. Bras.l). *O time do Uruguai não deixava avenida para o time do Brasil*.
4. M.q. *vila*: conjunto de casas. (Reg. Brasil). *Nessa avenida mora uma família inteira, mas só vivem brigando*.

Português: Entrada 1: 4 sentidos.

Advém da mesma etimologia, possuem alguns sentidos em comum, porém os de base ou de maior uso não são os mesmos, como se vê nos sentidos 1 das duas línguas. O sentido 1 do P corresponde ao 3 do E, que é um sentido secundário nesta. Os sentidos 2, tanto do P como do E, são muito semelhantes. Outros, porém, são completamente distintos, não há sequer traços em comum ou semelhantes. Houve, portanto, deslocamento de sentido independente e diferente nas duas línguas. Como em P advém do E, é provável que os

sentidos em comum tenham sido mantidos ou trazidos desta, evoluindo depois para os demais, de acordo com a necessidade de uso no cotidiano do falante. Por isso são heterossemânticos e homônimos, embora, a princípio, possam ser considerados polissêmicos.

8. balcón/balcão

1. Balcón (E): do it. *balcone*, deriv. de balco 'tablado', este do indoeuropeu *balko* 'viga', hoje *balken* em alemão; de uma pronúncia mais tardia procede palco.

1. S.m. Oco aberto no muro de um edifício, que se diferencia das janelas em que começam do chão de uma casa e tem geralmente um piso saliente. *Se asomó en el balcón de su casa*.
2. *Miradero*. *Mirador*. *Miranda*. Lugar elevado protegido por uma varanda ou parapeito, do qual se vê uma paisagem digno de ser contemplado: *El Balcón del Mediterrâneo.*
3. Aplica-se como nome genérico a qualquer lugar com varanda para assomar-se. *Miraba desde el balcón del edificio las personas en la calle.*

Espanhol: Entrada 1: 3 sentidos.

2. Balcão (P): do it. *balcone,* de origem germânica *balko* 'trave'. Séc. XIV, 'varanda ou sacada, guarnecida de grade ou peitoril', 'móvel usado em lojas para atendimento do público', 'localidade da platéia situada entre os camarotes e a galeria'.

1. S.m. Plataforma saliente da fachada de casa ou edifício, geralmente em balanço ou sustentada por colunas, consolos etc. e guarnecida de um parapeito, à qual tem-se acesso do interior, por uma porta; sacada. (Arquitetura). *Levou-me ao balcão de uma janela.*
2. Móvel comprido e da altura aproximada dos cotovelos de uma pessoa que, nas repartições públicas, cartórios, clínicas etc., separa a parte da entrada, destinada ao público, da parte de dentro, onde ficam os funcionários que fazem o atendimento. (Mobiliário). *Esse funcionário trabalha no balcão.*
3. Móvel, nas casas comerciais, sobre o qual os vendedores mostram aos fregueses as mercadorias. (Mobiliário). *A vendedora colocou todas as peças em cima do balcão para me mostrar.*
4. Numa sala de espetáculos, cada um dos andares recuados situados acima das últimas filas da platéia, entre os camarotes e as galerias. (Teatro). *Gosto de assistir a peça do balcão.*

Português: Entrada 1: 4 sentidos.

Vê-se claramente que o par vem da mesma origem e tem o mesmo sentido de base nas duas línguas. No entanto, percebe-se que há divergências nos demais sentidos, provocadas por mudanças semânticas em cada língua em particular. Embora possamos classificar como um

par polissêmico a princípio, torna-se homônimo e heterossemântico justamente pela divergência posterior quanto aos demais sentidos. As mudanças de sentido em P são conseqüência de extensão de sentido (para mobília e teatro), tendo em vista os traços semânticos semelhantes que existem entre ambos os sentidos. Acreditamos que o mesmo ocorre em E, ainda que não para os mesmos referentes ou coisas.

9. benjamín/benjamim

1. Benjamín (E): na Bíblia, filho mais novo e mais querido de Jacó e Raquel, do heb. *Binyamin*, literalmente, 'filho da mão direita', do lat. tardio *Benjamin*; 'filho mais novo'.	2. Benjamim (P): antr. lat. *Benjamin*, do heb. *Biniamin* 'filho da mão direita e, na Bíblia, filho mais moço e preferido de Jacó'; 1836 benjamin.
1. S.m. Aplica-se ao filho mais novo de uma família, e comumente quando este é o mais querido ou mimado de seus pais. (fig.). *Llevaron al benjamín de la familia al circo*. (SEÑAS, 2000: 158).	1. S.m. O filho mais jovem de uma família. *O meu benjamim está doente.* 2. O filho preferido dos pais (freq. o mais jovem). (ext. de snt.). *O seu filho benjamim excedeu os limites.* 3. O mais jovem de um grupo. (ext. de snt., da acp. 1). *Meu filho é o benjamim da turma.* 4. O que é mais querido entre todos; o predileto, o protegido. (ext. de snt.). *Paco é o benjamim da professora*. 5. Plugue ou extensão com três ou mais tomadas em que se ligam três ou mais plugues de lâmpadas ou aparelhos elétricos; ficha tripla. *Ele comprou um benjamim lá pra casa.*
Espanhol: Entrada 1: 1 sentido.	Português: Entrada 1: 5 sentidos.

Observa-se, neste par, semelhança de sentidos entre as línguas. Em E temos apenas um sentido, embora este envolve dois sentidos do P (1 e 3), ou seja, enquanto em E este sentido aplica-se figuradamente ao filho mais novo e mais querido, em P pode ser tratado separadamente: o mais novo e o mais querido, embora os dicionários divirjam quanto a essa distinção. O dicionário de Ferreira (1986) junta esses dois traços para o mesmo sentido,

enquanto que o Houaiss os separa. Ao nosso ver, essa diferença ou junção só será percebida quando em contexto situacional haja ênfase a um ou ao outro traço ou aos dois concomitantemente, o que parece também ocorrer em E. Ainda sobre este mesmo sentido, acreditamos que este lexema é de uso muito mais freqüente em E do que em P, pois nesta última língua adotamos um outro lexema para o mesmo sentido 'caçula', cujo uso é muito maior. Porém, convém observar os outros três sentidos em P (3, 4, 5), os quais não existem para esse lexema em E, tornando, desse modo, o par heterossemântico e homônimo. Houve, portanto, em P, extensão de sentido, a partir do sentido de base, para esses sentidos secundários, fato não que não ocorreu em E.

10. boato/boato

1. Boato (E): do lat. *boatus* 'grito', 'alvoroço', de *boare* 'gritar', gr. *boao*.

1. S.m. Luxo. Conjunto de coisas supérfluas, de adorno, ou que proporcionam bem estar, com as quais se faz ostentação de riqueza. *Organizaron una ceremonia con mucho boato para entregar los premios*. (SEÑAS, 2000: 160).
2. Maneira de viver com essas coisas, com criados, carros etc. *El boato mostraba que, aunque siendo rico, el príncipe era muy simpático.*
3. Vozearia ou gritos em aclamação de uma pessoa. (ant.). *Los partidarios del candidato hacían mucho boato en la calle.*

2. boato (P): do lat. *boatus* 'mugido, berro de boi, grito muito forte', ligado ao vb. *boare*, adp. do gr. *boao* 'gritar muito, berrar' . Séc. XVII, 'notícia anônima que corre publicamente sem confirmação'.

1. S.m. Som forte e estrepitoso. (Diac.: antigo). *Ouvia-se um forte boato saindo daquele porão*.
2. Notícia muito propalada. (Diac.: antigo).*Todo o povoado ficou sabendo daquele boato da mulher do prefeito.*
3. Clamor de novidade. (Diac.: antigo). *Os moradores da cidade fizeram um grande boato naquele dia.*
4. Noticia de fonte desconhecida, muitas vezes infundada, que se divulga entre o público; qualquer informação não oficial que circula dentro de um grupo. *Fizeram um horrível boato sobre o gerente.*
5. Maledicência divulgada à boca pequena; coscuvilhice. (ext. de snt., acp. 4). *Aquele boato vai terminar prejudicando a nossa amizade.*
6. Dito sem fundamento; balela. (ext. de snt., acp. 4). *O boato não passou de uma brincadeira de mal gosto, e de uma*

grande mentira.

Espanhol: Entrada 1: 3 sentidos. Português: Entrada 1: 6 sentidos.

Embora o par tenha vindo da mesma origem etimológica, como se observa acima, no sentido de base a semelhança já não existe mais, evoluindo para um sentido completamente diferente e não existente em ambas as línguas neste lexema. Como se nota que o sentido 3 do E, assim como o 1, 2 e 3 do P parecem estar próximos ao sentido etimológico, provavelmente houve uma desmotivação que os tornou opacos para este lexema, evoluindo para outros sentidos através de alguma mudança semântica. Houve, portanto, duas forças contrárias atuando nesse lexema, desmotivação de um lado e motivação de outro. Em P percebe-se que, de certa forma, pode-se considerar que ainda há traços daquele sentido original nos sentidos atuais neste lexema, pois podemos imaginar que as noticias infundadas, as maledicências, balela, muitas vezes são tão impetuosas que ecoam forte e gravemente aos ouvidos das pessoas, principalmente quando se utilizam dos meios de comunicação em massa para divulgação. Incluímos o par neste grupo pelo fato evidente de ter os lexemas nas duas línguas a mesma origem e ainda guardarem traços semânticos semelhantes aos dessa origem em alguns sentidos, embora, estes mesmos sentidos provavelmente desapareçam, pois já são considerados diacronicamente antigos ou antiquados e desusados atualmente. Podemos afirmar, portanto, que foram polissêmicos em determinado período das línguas, porém atualmente são homônimos e heterossemânticos por apresentarem grandes divergências de sentido.

11. billete/bilhete

1. Billete (E): do fr. *billet*, alteração de *bule*, *bullete*, ‘documento’, deriv. do lat. *bulla*, bula.

2. Bilhete (P): do fr. *billet*. (1459), do fr. ant. *bullete* ‘pequena esfera que serve de selo ou marca’, do lat. medv. *bulla* ‘selo, documento com a marca do selo’.‘Carta ou mensagem

1. S.m. Carta breve enviada com um mensageiro. (não freq.). *Mi hija me manda muchos billetes*.
2. Entrada. Cartão ou papel que se recebe e que dá direito para entrar ou ocupar assento em algum lugar. *Ya compré el billete.*
3. Passagem. O que se obtém para viajar de trem, avião etc. (ext. de snt., acp. 2). *Ya tengo los billetes de tren para Málaga*. (SEÑAS, 2000: 163).
4. Papel semelhante que dá direito a entrar em um espetáculo público. (ext. de snt., acp. 2). *Me dieron los billetes para la ópera*.
5. Bilhete. Especificamente, número completo do jogo de loteria, que está dividido em décimos que podem vender-se em separado. (ext. de snt.). *He comprado un billete de lotería*. (SEÑAS, 2000: 163).
6. Cartela. Peça ou figura de forma retangular, como as que há, por exemplo, na parte superior de muitos escudos. *El billete de su escudo es diferente del nuestro.*
7. Nota. Bilhete de banco. Papel dos que imprime e põe em circulação um banco oficial, e circula como moeda ou meio legal de pagamento. *Por favor, cámbieme este billete de mil pesetas*. (SEÑAS, 2000: 163).

Espanhol: Entrada 1: 7 sentidos.

breve e simples', 1813; 'senha de admissão em espetáculos, reuniões etc.'. '(Com.) título de obrigação, nominal ou ao portador', cédula numerada de habilitação em jogos de rifa e loteria' 1844.

1. S.m. Carta ou mensagem breve, reduzida ao essencial, tanto na forma como no conteúdo. *Ada manda bilhete para sua avó*.
2. O pedaço de papel escrito que lhe serve de suporte. (por mtn.). *Pegue aquele bilhete, por favor*.
3. Pequeno papel, senha ou cartão, geralmente impresso, que se adquire ou recebe por convite para assistir a função, espetáculo, conferência, congresso, reunião etc.; ingresso, convite. (1844). *Perdi o bilhete do circo*.
4. Papel, senha ou cartão impresso que constitui o contrato de transporte de um indivíduo ou de um grupo por via aérea, marítima, férrea, fluvial, lacustre, rodoviária etc. e representa o preço por ele pago ao transportador; passagem. *Comprei o bilhete de avião*.
5. Cédula numerada que geralmente um indivíduo compra e que o habilita a receber prêmio que lhe vier a caber no sorteio de uma rifa, loteria ou jogo similar. (1844) *O ganhador do prêmio não o recebeu pois rasgou o bilhete*.
6. Tapa no rosto; tabefe, bofetão. (Reg. Portugal./us. inf.). *Levou um bilhete nas trombas*. (HOUAISS).
7. M. q. *bilheta*. (Arquitetura). *O bilhete deu outra vida a esse espaço.*
8. Título que compreende uma obrigação de pagamento de determinada soma de dinheiro ou pelo qual se confere ao seu portador um direito ou uma vantagem. (1844, termo jurídico). *Deram-lhe algum bilhete de pagamento?*

Português: Entrada 1: 8 sentidos.

Como se vê, os lexemas advêm da mesma etimologia, possuem o mesmo sentido de base, embora este seja não freqüente em E, e muitos outros semelhantes. São polissêmicos em particular e entre as línguas. No entanto, possuem outros sentidos diferentes nas duas línguas, por isso são heterossemânticos e homônimos. Observa-se, portanto, que alguns sentidos tiveram uma evolução muito semelhante nas duas línguas, ou seja, pelos mesmos processos de mudança semântica. Outros, porém, distanciaram-se ou sofreram outros tipos de mudança semântica, como em 7(E), que não existe para o lexema homófono em P, mas no lexema *nota, cédula*, que em E pode ter evoluído por extensão de sentido, já que há outros tipos de bilhete que têm valor em dinheiro, como passagem, entrada, etc. Em P há especialização em 7 e 8, pois passaram da linguagem vulgar para uma nomenclatura especializada (arquitetura e jurídico), ampliando o seu campo associativo. Se atentarmos apenas para o sentido 1 nas duas línguas, observamos que já ai há uma diferença considerável, pois em E esse sentido é pouco usado, ou seja, não freqüente, o que nos faz admitir ainda que não se constitui como o seu real sentido de base, pelo menos atualmente, enquanto que em P constitui-se como o sentido de uso mais freqüente e como seu sentido de base.

12. bombacha/bombacha

1. Bombacha (E): deriv. de *bomba* ‘máquina para elevar água’, 1490, este do lat. *bombus* ‘barulho profundo, estampido, zumbido’, pelo barulho que faz a bomba. Pela forma esférica das bombas: *bombacho*, 1884, *bombacha*, arg. ‘calças largas’.

1. S.f. Calção ou calça bombacho, larga e se ajusta na perna, abaixo do joelho. (América; usa-se também no pl.). *La bombacha se utiliza en algunos deportes como el golf ou el montañismo.* (SEÑAS, 2000: 171).
2. Roupa íntima feminina. (América). *Las*

2. Bombacha (P): como s.f.pl. ‘calções largos’, 1813; do cast. *bombacha*, provavelmente do it. *bombace*, deriv. do lat. méd. *bombax -acis*, do class. *bombyx –ycis* e, este , do gr. *bómbyx* ‘inseto’ ‘instrumento ruidoso’ ‘seda, bicho-da-seda’. No sing. ‘espécie de flauta’ XVIII.

1. S.f. Calções largos que se atavam por sob os joelhos. *Usavam bombachas por debaixo das calças.*
2. Calças muito largas em toda a perna, salvo no tornozelo, onde são presas por botões, típicas, sobretudo, do vestuário regional gaúcho. M. q. *bombachas*.

mujeres no usaban bombachas, usaban calzones.	(Reg.: Sul do Bras.). *Em suas festas típicas os gaúchos costumam usar as bombachas.*
Espanhol: Entrada 1: 2 sentidos.	Português: Entrada 1: 2 sentidos.

Embora pareça haver divergências na etimologia, percebe-se nitidamente que nesta existe certa relação ou aproximação. Como se vê, em P advém do E, através do lat., de onde parece surgir a aparente controvérsia, pois se em E vem do lat. *bombus* ‘ zumbido’, em P, deriva do lat. *bombax/bombyx*, através do gr. *bombyx* ‘inseto’ ‘instrumento ruidoso’ ‘seda, bicho-da-seda’. No entanto, nesta aparente controvérsia percebe-se certa relação, se entendermos que se trata mais de uma reiteração da mesma onomatopéia que ocorre no lat. e no gr., do que de um descendente da palavra antiga, como demonstram Corominas (1998) e De Silva (1999). Ou seja, parece ter havido desde o gr. uma onomatopéia pelo zumbido de algum inseto, passando para a máquina que eleva a água no lat, pelo barulho que esta faz, e daí passa por metáfora para o E como bombacha ‘calças largas’, como uma espécie de comparação pela forma esférica das bombas, e desta também para o P.

Dessa forma, acreditamos que a controvérsia existe se observamos isoladamente a origem dessa palavra em cada língua, mas se comparamos a etimologia e o campo associativo de ambos os lexemas percebemos que esta controvérsia se desfaz, e entre eles há semelhança, e a mesma origem. Podemos, por isso, afirmar que pertencem à mesma etimologia. Isto fica ainda mais evidente quando observamos que os sentidos de base nas duas línguas são os mesmos. Em P há apenas uma extensão de sentido[42], passando para uma veste típica dos

[42] Quando nos referimos a extensão de sentido apenas, entendemos que o sentido de um lexema aumentou em número com o passar do tempo, especialmente quando este ainda têm traços básicos do significado primário, como é o caso desse lexema em P. Provavelmente, seria uma espécie de generalização. Deslocamento de sentido por metáfora, metonímia, sinédoque, etc. ocorre quando esse deslocamento acontece pelo uso figurativo da linguagem, que não é o caso. O uso figurativo ocorre quando há deslocamento (na maioria das vezes intencional) do sentido original de uma palavra, por meio de um desses processos (metáfora, metonímia, sinédoque, etc.). (GABAS JR., N. In MUSSALIM & BENTES, 2001: 91-2).

gaúchos (regionalismo do sul do Brasil), e em E passa para peça do vestuário íntimo feminino, também através de extensão de sentido, sendo este último de uso mais freqüente em países da América, pois na Espanha esta peça (do vestuário feminino) recebe o nome de *bragas*. O exemplo do sentido 1 do E também revela outra pequena divergência quanto ao P, pois esta vestimenta não é usada apenas pelos gaúchos, mas também como indumentária ou vestimenta em alguns esportes, o que mostra de certa forma uma ampliação de sentido nesta língua, não ocorrida no P. Assim, podemos concluir que os lexemas são heterossemânticos por estas divergências apontadas, havendo, portanto, distanciamento entre os sentidos por mudanças semânticas ocorridas em ambas as línguas, mas que originalmente advêm da mesma etimologia e são polissêmicos entre as línguas.

13. cachorro/cachorro

1. Cachorro (E): possivelmente, der. de *cacho* que significaria primitivamente 'cachorro', provavelmente derive do lat. vulgar **cattulus*, do lat. *catulus* 'cachorro jovem, animal jovem', do indo-europeu *kat-olo-* 'animal jovem'; hoje só subsiste em acepções secundárias ('nome de peixe malacopterigio', 1624; 'ramalhete de flores de oliva'). "Cria de cachorro e de certas feras', 1490.	2. Cachorro (P): 'orig. filhote , cria de qualquer quadrúpede', 'extensiva cão' XIV. De origem incerta, talvez deriv. do lat. vulg. **cattulus*, por reduplicação afetiva e diminutiva do lat. *catulus* 'cachorro'.
1. S.m./f. Cachorro de pouco tempo, pequeno, cria. *Aquella gata ha parido a tres cachorros*. (ESPAÑOL PARA BRASILEÑOS, 1997: 220) 2. Cria ou indivíduo muito jovem de qualquer mamífero. *La leona del zoo ha tenido cinco cachorros*. (SEÑAS, 2000: 194). 3. *Cachorrillo*. Pistola pequena. *El hombre compró un cachorro, pero dice que no lo usará*. 4. Assento geralmente de pedra, lavrado ou construído ao lado das janelas nos castelos e em outros edifícios antigos.	1. S.m. M.q. cão. (Mastozoologia. Reg.: Bras. Us. inf.). *Comprei um cachorro para minha filha*. 2. Cria de cão; cão novo e pequeno. *Aquele cachorro ainda precisa de cuidados especiais.* 3. Filhote de outros animais que lembram o cão (geralm. mamíferos carnívoros), como lobo, onça, leão, hiena. (ext. de snt., por anal.). *No zoológico havia dois cachorros de leão*. 4. Menino irrequieto, travesso, levado; cachorrão. (snt. fig.). *Na turma havia um cachorro que não parava de mexer com*

Los cachorros de este castillo están todos rotos.

os colegas.

5. Haste em cuja extremidade fica a roseta da espora. (Reg. Brasil). *Não percebi que a roseta da espora tinha caído, pois o cachorro tinha se quebrado.*
6. Par de nádegas, esp. femininas. (Reg. Bras., us. inf.). *Aquele homem não tira o olho do cachorro das mulheres.*
7. Cédula de cinco cruzeiros. (Reg. Bras. Uso: linguagem de delinqüentes, informal. Diacr.: obsoleto). *Não tinha nenhum cachorro para comer, por isso fui roubar.*
8. No jogo do bicho, o quinto grupo, que corresponde ao número do cachorro (o cinco) e abrange as dezenas 17, 18, 19 e 20. (Ludologia. Reg.: Bras.). *Esta semana deu cachorro no jogo.*
9. Balsa descoberta, geralm. de buriti, em que se transportam cargas fluviais na bacia do rio Parnaíba. (Reg.: Piauí). *Foi um lindo passeio, atravessamos o rio de cachorro.*
10. Soldado da polícia militar. (Reg.: Ceará). *Aquele cachorro da PM é muito ignorante.*
11. Nos moinhos, peça que dá movimento de vaivém à calha para fazer os grãos caírem entre as mós. (Reg.: Minho). *O cachorro não faz mais a calha se mover.*
12. M.q. cachorro-quente. (Alim. Reg.: Port.). *Comemos um saboroso cachorro.*
13. Boca-de-fogo que se monta na última portinhola de vante dos navios, com artilharia disposta em bateria. (Armamento, termo da marinha. Diac.: antigo).
14. Extremidade de viga ou peça de pedra ou madeira que se projeta de uma parede, pilastra, coluna etc. para sustentar ou ornar, dando aparência de sustentação, uma parte em balanço, como beirada de telhada, cornija, varanda, sacada, balcão, cimalha, ressalto de torre etc.; cão, consola, consolo. (Arquitetura,

construção). *Vamos fazer um reparo no cachorro da sacada, pois a chuva e o tempo o desgastou.*

15. Peixe teleósteo clupeiforme da fam. dos engraulídeos (*Lycengraulis barbouri*) encontrado na bacia do rio Parnaíba (PI); peixe-cachorro. (Ictiologia. Reg.: Piauí). *Fomos pescar na bacia do Parnaíba, mas só conseguimos pescar peixe-cachorro.*
16. M.q. *Bonito-cachorro* (*Auxis thazard*). (Ictiologia). *Nesse riacho via-se muito cachorro, chamado também de bonito-cachorro.*
17. M.q. *Anujá* (*Trachycorystes galeatus*). (Ictiologia). *Está na época da desova desse tipo de cachorro, também conhecido como Anujá.*
18. Cada uma das peças de madeira que escoram embarcações nos berços das carreiras de construção ou nas calhas de estaleiros. (termo de marinha). *Muitos desses cachorros foram substituídos, pois estavam muito desgastados e alguns até apodrecidos.*
19. Adj. e s. m. Diz-se de ou indivíduo cuja qualificação social ou classe é muito baixa (p.ex.: um escravo) (Us. pejorativo. Diac.: obsoleto). *Alguns senhores de engenho qualificavam os seus escravos de cachorro.*
20. Diz-se de ou indivíduo indigno, vil, infame ou que tem mau caráter. (Us. pejorativo). *Esse sujeito é muito cachorro*. (HOUAISS).
21. Adj. Muito grande, intenso (não tem uso no fem., raramente emprega-se no pl.) (Us. inf.). *Estamos sentindo um frio cachorro*.

Espanhol: Entrada 1: 4 sentidos.

Português: Entrada 1: 21 sentidos.

Apesar de toda essa confusão e incerteza na origem deste par nas duas línguas, acreditamos que ambos os lexemas têm a mesma fonte ou etimologia. O que ocorre é que em

E ele se mantém quase inalterado, inclusive quanto ao sentido original e de base que ainda se mantém, enquanto que em P primeiramente perde o mesmo sentido de base do original e se multiplica em inúmeros outros sentidos. Houve, portanto, uma grande motivação semântica se comparado ao E, através de vários processos de mudança de sentido, tais como especialização, extensão de sentido, sentido figurado, etc. São, dessa forma, heterossemânticos por essas divergências de sentidos em P e E. São polissêmicos em particular, mas tornam-se homônimos pelo distanciamento que os sentidos apresentam em cada língua mesmo tendo partido da mesma origem. Como o sentido 3(P) é muito pouco ou não é usado, provavelmente o exemplo 1(E) traria dificuldades para o aprendiz de E/LE, falante de P/LM, assim como alguns outros sentidos que não existem em uma ou em outra língua neste mesmo lexema trariam possivelmente problemas de compreensão, caso o contexto não contribuísse para desfazer a ambigüidade ou a dificuldade no mesmo.

14. cartón/cartão

1. Cartón (E): deriv. *carta*, séc. XVI, do it. *cartone*, aumentativo de carta 'papel', do lat. *charta* 'folha de papel'.

2. Cartão (P): Deriv. do lat. *charta*. Do fr. *carton*, séc. XVI, 'folha de papel bastante espessa', este emprt. do it. *cartone* (1508). Segundo FERREIRA (1986), do it. *cartone*. 'Papelão, cartolina', 'retângulo de papelão utilizado para nele se escrever' XVII.

1. S.m. Conjunto de várias folhas superpostas de massas de papel que, em estado úmido, se aderem umas às outras por compressão e se secam depois por evaporação. *La nevera venía en una gran caja de cartón*. (SEÑAS, 2000: 235).
2. Folha de vários tamanhos, feita de massa de trapo, papel velho e outros materiais. *Para disminuir los gastos, las invitaciones fueron hechas con ese tipo de cartón.*
3. Caixa. Recipiente ou embalagem feito de cartão-pedra. *En el frigorífico tengo un cartón de leche y otro de zumo*. (SEÑAS,

1. S.m. Papel encorpado, obtido por colagem e prensagem de várias folhas, ou utilizando a polpa na fabricação à máquina.; papel-cartão [Como suporte de impressão, nos meios gráficos, cartão é a folha de papel que pesa 180 g ou mais por metro quadrado; quando tem mais de 0,5 mm de espessura, denomina-se *papelão*; quando tem menos, *cartolina*.] (Indústria de papel). *As indústrias fabricam cartão através de reciclagem*.
2. Pedaço pequeno e retangular dessa espécie de papel, us. para diversas

2000: 235).

4. Pacote. Embalagem de papelão que costuma ter dez maços de cigarros. (p. mtn.) *Fue al estanco a comprar un cartón de cigarrillos*.
5. Nome dado a classificação dos ovos feita mecanicamente pelo seu tamanho para a venda. *Los huevos pasaron por el cartón y después siguieron para la venta.*
6. Cartão. Desenho ou esboço feito sobre papel, as vezes colorido, que serve de modelo para afrescos, tapeçarias, vidraçarias ou quadros de grandes dimensões. (Pintura; p. mtn.). *Los cartones de Goya estaban destinados a la fábrica de tapices*. (SEÑAS, 2000: 235).
7. Adorno proeminente da chave do arco romano e dos modilhões, geralmente com uma folha de acanto sobreposta. (Arquitetura; por ext. de snt.). *Los decorados de las películas de romanos son de cartón piedra.* (SEÑAS, 2001: 235).
8. Adorno de metal imitando uma folha larga de algumas plantas, feita de ferro, latão ou outro metal, e raramente de madeira. (Decoração; p. ext. de snt.). *Me regalaron un cartón que era una hoja de hierro.*

finalidades. (Indústria de papel). *A mulher usa cartão para confeccionar caixinhas*.

3. Desenho executado sobre papel espesso ou sobre papelão, para servir de modelo a diversas obras. (p. mtn.). *Antes de fazer sua obra de arte, o artista moldou em cartão*.
4. Retângulo de cartão utilizado para nele se escrever. (p. mtn.). *Mandei um cartão de Natal para Maria*.
5. Cartão de visita. (p. mtn.). *Não gosta de distribuir cartão de visita*.
6. Bilhete; ingresso; senha. *O cartão era falso, por isso não pode entrar*.
7. Carteira (de identificação, de clube etc). (Reg. Portugal; p. mtn.). *Perdeu o cartão da Coopertiva dos Bancários e agora não pode mais fazer compras lá*. (HOUAISS).
8. M.q. cartela ('motivo ornamental'). (Artes plásticas; p. mtn.). *A professora nos deu um cartão para fazermos o motivo.*
9. Página, ou quarto de folha (compreendendo quatro páginas) que se põe em livro já impresso, quando se faz necessário completar ou substituir alguma página errada. (Artes gráficas; p. mtn.). *Sugeriram que colocasse um cartão com a errata do livro.*
10. Substância semelhante à cartolina, expelida por insetos himenópteros e isópteros, utilizada na construção de ninhos e galerias [É constituído da combinação da saliva, excretas e celulose parcialmente digerida.]. (Rub.: entomologia; por ext. mtf.). *Constroem seus ninhos com o cartão que eles mesmos fabricam.*
11. Retângulo de cartão colorido que o juiz exibe ao jogador quando este comete uma falta. (Futebol; p. mtn.). *O juiz deu cartão vermelho ao jogador da Argentina.*

	12. Peça de cartolina ou de papelão, dividida em colunas, própria para receber perfurações representativas de letras ou números; constitui elemento fundamental em processamento de dados. (Processamento de dados; p. mtn.). *Teremos que fazer outros cartões pois aqueles estão com as perfurações trocadas.*
Espanhol: Entrada 1: 8 sentidos.	Português: Entrada 1: 12 sentidos.

Acreditamos que ambos têm a mesma etimologia, embora haja divergência quanto ao étimo no P, Cunha (1982) e Houaiss (2002) afirmam ter vindo do fr. deriv. do it., enquanto Ferreira (1986) afirma ter vindo do it. como ocorreu no E. Acreditamos, no entanto, que essa divergência não interfere tanto em nossa análise, pois observa-se que o par possui o mesmo sentido de base nas duas línguas, isto é, o traço semântico principal é (+ papel, + grosso). Sobre esse fato poderíamos dizer que certos sentidos poderiam ser divergentes, ou existir em uma e não na outra, pelo fato de ter vindo de uma ou de outra língua, caso estes sentidos ou traços tenham estado presentes na língua que emprestou. Por exemplo, se determinados sentidos do P estivessem presentes também no francês e não no E, poderíamos pensar que realmente foi empréstimo do fr., e não diretamente do italiano. Posteriormente, este mesmo sentido de base é deslocado de forma peculiar em cada língua em particular, através de mudanças semânticas, constituindo-se, portanto, como polissêmico, a princípio, e posteriormente homônimo, já que vários sentidos secundários divergem totalmente entre ambas, tornando-os heterossemânticos e homônimos entre as línguas. Em ambas as línguas, podemos dizer que houve extensão de sentido, como nos exemplos 2(E) e 2(P). Outros sentidos secundários vêm por metonímia (o material pela coisa), como 6(E) e 3(P), sendo estes dois citados semelhantes entre as duas línguas. Houve também especialização em

ambas, porém denotando coisas ou objetos diferentes, como em 10, 11, 12 em P e em 7 e 8 do E. Isso pode ocasionar dificuldades de compreensão/produção oral/escrita, quando estes sentidos não existentes em uma ou outra se apresentarem em determinada situação, como mostram os exemplos.

15. cajón/caixão

1. Cajón (E): deriv. de *caixa* (aumentativo), este do lat. *capsa* 'caixa, cofre', de *capere* 'conter'. 1490, 'Compartimento móvel de certos móveis, parecido a uma caixa'.

1. S.m. Caixa, caixote, comumente de madeira e de forma prismática, quadrilonga ou cúbica, destinada a guardar ou preservar as coisas que se colocam dentro dela. *La llave inglesa está el cajón de las herramientas*.
2. Gaveta. Quaisquer receptáculos que se pode puxar e encaixar em certos ocos ou espaços, aos quais se ajustam, de estantes, armários, mesas, cômodas e outros móveis. *La agenda está en el cajón de la mesa del despacho*
3. Nas estantes de livros e papéis, espaços intermediários entre tábuas. *Colocó el reloj en el cajón de arriba*.
4. Casa ou guarita de madeira que serve de barraca ou de oficina. *Trabaja y duerme en aquel cajón*.
5. Canhada longa, vale, baixada, por cujo fundo corre algum rio ou arroio. (Chile). *Se cayó en ese cajón y de allí no salió nunca más*.
6. Correspondência que chegava da Espanha nos galeões. (América). *Se quedaba muy feliz cuando recibía un cajón*.
7. Em alguns lugares da América, comércio, quitanda ou barraca onde se vende pelo

2. Caixão (P): caixa + *-ão* 'caixa grande', 'caixa para depositar os corpos dos mortos', XVI. Deriv. de *caixa* 'recipiente de madeira, papelão ou outro material, com faces geralmente retangulares ou quadradas, como uma arca, um estojo etc'. Provavelmente do cast. *caixa* ou do prov. *caissa*, deriv. do lat. *capsa* 'caixa, cofre'.

1. S.m. Caixa grande. *Guardavam as roupas num caixão velho*.
2. Caixote ('caixa de madeira para embalagem'). (Reg. Bras.). *Ganhou um faqueiro num caixão de madeira muito lindo*.
3. Qualquer estrutura, cavidade ou compartimento, geralm. grande, destinado a conter algo ou a permanecer vazio. (Reg. Bras.). *O caixão do hélice está danificada*.
4. Parte oca ou vazia de um móvel, especialmente, estante. (Mobiliário, da acp. 3). *Deixaram os livros naquele caixão e agora não estão mais lá.*
5. Espécie de grande caixa ou compartimento, sem fundo e de paredes resistentes, usado como ensecadeira nos trabalhos em terrenos sujeitos a desmoronamento ou debaixo de água. (Construção; da acp. 3). *Como há um caixão no local, esperamos que o lugar da obra permaneça seco.*
6. A parte mais funda do leito de um rio, açude etc.; álveo, talvegue. (Reg. N/NE do Bras.). *Caiu naquele caixão e dali não saiu nunca mais*.
7. Entre os criadores de gado, figura

menor preço óleo, vinagre, legumes secos, bacalhau etc. *Están cada vez más caras las cosas en ese cajón*.

8. Ataúde, caixa em que se coloca um cadáver para enterrá-lo. (América Central e Merid.). *Lo pusieron en un cajón muy simples*.
9. Cada um dos espaços em que fica dividido um muro ou parede pelos pilares e vergalhões de material mais forte. (Arquitetura). *En esa tapia hicieron solamente un cajón, puede no estar muy seguro*.
10. Caixão prismático de base retangular, com as portas levadiças e montado sobre rodas, utilizado para o traslado dos touros. *Ese toro es muy grande, casi no pasaba en la puerta de ese cajón*.

Espanhol: Entrada 1: 10 sentidos.

gravada no ferro de marcar o gado, que é repetida, com pequenas alterações, nos ferros usados por criadores ou associados ao proprietário da figura original. (Reg. NE do Bras.). *Esse caixão não ficou bem, pois não ficou legível no gado*.

8. Espécie de caixa portátil, geralmente de madeira, onde é depositada a argamassa com que trabalha o pedreiro. (Alvenaria). *O pedreiro está merecendo outro caixão, pois o seu está muito velho*.
9. M.q. *jequitibá-rosa* (*Cariniana legalis*). (Angiospermas).
10. Marco de portas, janelas etc.; especialmente conjunto de partes imóveis dos batentes de janelas, venezianas etc., que suportam e contêm as peças e mecanismos que permitem abri-las e fechá-las. (Carpintaria, construção. Reg. Brasil). *Os caixões da casa tiveram que ser trocados, pois estavam tomados pelo cupim*.
11. M.q. letra de *caixa-alta*. (Artes gráficas). *Muito homens só gostam de escrever com letra de caixão*.
12. Mesa de trabalho de ourives. (Ourivesaria). *Preciso mudar o meu caixão, pois este está causando mal impressão aos clientes que vêm procurar jóias*.

Português: Entrada 1: 12 sentidos.

Observamos que o par acima vem da mesma origem, e o P vem, provavelmente, através do castelhano, o que comprova ainda mais a polissemia entre as duas línguas. O que torna os lexemas heterossemânticos e homônimos entre as línguas é o fato de que em ambas os significados secundários evoluíram de *per se*, como vemos em 6(E), criado por metonímia, que não existe no P. O mesmo ocorre com o sentido 7(P), o qual não há neste lexema no

espanhol, e distancia-se do sentido de base nesta língua (P) por extensão metafórica. Vemos ainda que outros sentidos ou distanciam-se totalmente entre as línguas como 4 e 7 do E, 7, 9 e 11 do P, ou mantêm traços semelhantes, como entre 2(E) e 2(P), 5(E) e 6(P), assim como outros que são idênticos. Outros, porém, divergem totalmente como já mencionamos. Por isso, podemos considerar o par como heterossemântico e homônimo entre as línguas.

16. brocha/brocha

1. Brocha[1] (E): de orig. incerta.; cf. fr. dialet. *brouche*; it. *brusca*.

1. S.f. Pincel. Escova de cerda amarrada na extremidade de uma varinha ou mango, que serve para pintar e para outros usos, como para barbear-se. *Esa brocha no sirve más para pintar, está muy desgastada*.
2. Diz-se do mal pintor. (Fig. e fam.). *Que pintor brocha, no me gustó su pintura*.
3. Aplica-se às obras de engenho ou invenção depreciáveis por ser tosco ou de mal gosto. (Fig. e fam.). *Su idea parecía genial, pero quedó una brocha*.

_____

Brocha[2]: do fr. broche.

1. S.f. Trapaça, na gíria entre malandros. *No andes con él, hace muchas brochas*.
2. Botão de um vestido. (Ant.). *Aquel vestido de Alba tenía diez brochas grandes y negras*.
3. Jóia, peça de adorno. (Ant.). *Le gustaba mucho usar brochas exageradas*.
4. Broca. (Ant.). *Hizo un agujero en la pared con la brocha gruesa*.

2. Brocha (P): do fr. *broche* (1121) do lat. vulg. **brocca* fem. substv. do adj. lat. *broccus* ou *brocchus,a,um* 'saliente, proeminente, pontudo'; os voc. doc. no esp. *brocha* (1356) s.f. 'jóia, broche, fecho' e *brocha* (1633) s.f. 'pincel' ocorrem no port. como homógrafos desde cedo.

1. S.f. Fecho metálico que mantém livro encadernado ou pasta fechados; broche. (Diac. antigo). *A menina não gosta de caderno com brocha*.
2. Qualquer fecho; broche. (Por ext. de snt.; diac. antigo). *A brocha desse livro está precisando ser trocada*.
3. Pequeno prego de cabeça chata; tacha. (séc. XVI). *Perderam todas as brochas do quadro*.
4. Cravinho de ferro us. pelos sapateiros para pregar o salto ou a sola no sapato antes de cosê-lo. (Por ext. de snt.). *A brocha do sapato ficou mal colocada, e está furando meu pé*.
5. Espécie de pincel de crina animal ou de cerdas de porco de tamanho uniforme, implantados num cabo de madeira, com que se espalha tinta ou verniz sobre uma superfície, tela etc. (séc. XVII; Pintura). *A brocha está velha, não serve para pintar mais nada*.
6. Espécie de pincel grande, feito com cerdas grossas de qualidade inferior, todas de mesmo tamanho, que se emprega para fazer pinturas corridas, em caiação e tb. na indústria. (1712;

Pintura). *Ele usou uma brocha para caiar a casinha do cachorro*.

7. Acessório de limpeza feito com fios de qualquer tamanho, de diversos materiais (fibras vegetais ou sintéticas, crina animal etc.) e amarrados juntos num suporte comum. (Por analogia). *Limpei o teclado com uma brocha bem pequena*.
8. Nos calçados rústicos (alpercatas, tamancos etc.), tira ou correia que os cinge, e une uma borda a outra. (Diac. antigo). *A menina correu tanto que arrebentou a brocha do tamanco*.
9. Pedaço de corda com que, nos carros de bois, se amarram os fueiros, quando a carga é pesada. (Por ext. de snt.). *Aquela brocha é muito fina, não vai suportar o peso do carro de boi*.
10. Peça com que se cingiam as diferentes partes da armadura ao corpo do guerreiro; broche. (Diac. antigo). *Podia se ver várias brochas na roupa daquele guerreiro*.
11. Correia de couro cru que passa sob o pescoço do boi, cingindo-o, e se prende pelas extremidades aos canzis da canga; barbela. (Por ext. de snt.). *A brocha ficou tão apertada que machucou o boi*.
12. Chaveta ou cunha que se coloca na ponta dos eixos dos carros, para segurar as rodas. (Por ext. de snt.). *A brocha estava velha por isso não segurou a roda do carro, causando aquele acidente*.
13. Barbela ('pele') do boi. (Reg. Centro-Oeste do Brasil; da gíria). *Usa-se brocha de boi na fabricação de vários utensílios*.
14. Dinheiro. (Reg. Beira; us. inf.). *Não podemos comprar isso, nossa brocha está acabando*.
15. Espécie de cinta para fixar alporques. (Por ext. de snt.; da acp. 8; Agricultura). *Aquelas brochas vão servir para amarrar os ramos às plantas-mãe para criar raiz*.

16. M.q. *Pincel* (*Emilia sonchifolia*). (Por analogia; Angiospermas). *Essa brocha está quase morrendo*.
17. Nas máquinas-ferramentas, qualquer parte cilíndrica giratória que sirva para prender a peça ou ferramenta a ser torneada. (Por ext. de snt.; da acp. 8; Tecnologia). *Precisamos trocar as brochas dessas máquinas*.
18. Adj. e s2gên. Diz-se de ou indivíduo que não consegue ter ereção; impotente. (Reg. Brasil. Us. pejorativo, tabuísmo). *Ele é brocha*.
19. Diz-se de ou indivíduo desanimado, falto de vibração, indiferente. (Por ext. de snt.; us. inf.). *Afasta-se de todos, por isso é chamado de brocha*.
20. Diz-se de ou indivíduo debilitado, doente. (por extensão de snt.; us. inf.). *Não se sabe qual a sua doença, mas está brocha.*

Espanhol: Entrada 1: 3 sentidos; Entrada 2: 4 sentidos. Total: 2 entradas e 7 sentidos.

Português: Entrada 1: 20 sentidos.

Devido à semelhança de sentidos ou de traços semânticos entre ambas as línguas neste par, acreditamos que o mesmo pode ter a mesma origem, vindo através de línguas românicas diferentes para cada uma delas. Por isso, observamos semelhanças entre alguns sentidos, daí poderem ser considerados como polissêmicos. Ocorre também um distanciamento muito grande entre outros sentidos nas duas línguas, o que torna os lexemas heterossemânticos e homônimos, como se observa em vários sentidos que existem no P e não no E, ocasionados por mudança ou deslocamento de sentido em uma língua apenas.

17. abrigar/abrigar

1. Abrigar (E): do lat. *apricare* ‘resguardar do frio’.

2. Abrigar (P): do lat. *apricare* ‘aquecer ao sol, abrigar-se do frio ao sol, proteger, acariciar, afagar’. ‘Resguardar, proteger’, séc. XIII.

1. V. Defender, resguardar do frio. (us. tb.

1. V. Dar ou receber abrigo; acolher(-se),

c. prnl.). *Este gorro me abriga la cabeza*. (DEMM).
2. Auxiliar, patrocinar, amparar, proteger. (Fig.). *La niña se abriga en su madre*.
3. Tratándo-se de idéias, volições ou afetos, tê-los. (Fig. *Abrigar* projetos, esperanças, suspeitas, amor). *La policía abriga sospechas poco fundadas*. (SEÑAS, 2001: 8).
4. Apertar as pernas ao ventre do cavalo para ajudá-lo. (Equitação). *El niño, como era muy pequeño, no conseguía abrigar sus piernas en el caballo*.
5. Defender, resguardar a embarcação do vento ou do mar. (Marinha). *El comandante intentó abrigar la embarcación en la bahía.*

Espanhol: Entrada 1: 5 sentidos.

encerrar(-se) em algum lugar. *O fazendeiro abrigou os migrantes no celeiro*. (HOUAISS).
2. Proteger(-se) de algum dano, ameaça ou efeitos de fenômenos meteorológicos. *Abrigou-se da enchente subindo ao telhado*. (HOUAISS).
3. Proteger(-se), amparar(-se), resguardar(-se) de perigo, problema ou adversidade. (P. ext. de snt.; da acp. 2). *Abrigaram-se numa caverna durante o bombardeio*.
4. Refugiar(-se) [a embarcação] em abrigo natural (ilha, baía etc.) ou artificial (porto, ancoradouro etc.), para proteger(-se) da força do mar ou do vento. (Marinha). *O capitão abrigou o navio na enseada*. (HOUAISS).
5. Resguardar (navio) das intempéries das estações, geralmente por meio de toldos. (Marinha). *O marinheiro não abrigou o navio, por isso aconteceu esse desastre*.
6. Ter a capacidade de guardar (seres e objetos); conter, encerrar. *Este clube abriga 500 pessoas*.
7. Ter ou trazer consigo, conter(-se), guardar(-se). (Snt. fig.). *A esperança abrigava-se em seu coração*. (Houaiss).
8. Não expor ou manter em segredo; ocultar. (Snt. fig.). *A mente do falso pacifista abrigava ódios insuspeitados*. (Houaiss).

Português: Entrada 1: 8 sentidos.

Embora pareçam divergentes desde a origem, nota-se traços semânticos idênticos neste lexema das línguas na etimologia, no sentido de base, assim como entre outros sentidos. Em E atual, *abrigar* significa 'agasalhar', sentido não existente em P. Do mesmo modo, há outros existentes em P e não em E. Porém, como divergem entre outros sentidos, ou melhor, existem sentidos em uma e não na outra, podemos considerá-los como heterossemânticos e homônimos entre ambas as línguas.

18. acento/acento

1. Acento (E): 'Maior intensidade de uma sílaba em uma palavra'. Do lat. *accentus*, derivado de *cánere*, cantar. 1ª metade sXV. Segundo De Silva, do lat. *accentus*, tardução do gr. prosódia 'tom de uma sílaba'.

1. S.m. Em sentido mais amplo e na linguagem corrente se aplica ao conjunto de todas as modalidades fônicas da linguagem: a intensidade, o tom, a quantidade ou duração e o timbre dos sons, as variações que, conjuntamente, caracterizam, não apenas os diferentes idiomas, mas a maneira de falar nas diferentes regiões, a fala de cada pessoa ou a expressão em diferentes situações de ânimo. *Al pasar, me ha parecido que hablaban con acento francés. Lo dijo con un acento tan conmovedor...* (DEMM).
2. Relevo que na pronúncia se dá a uma sílaba da palavra, distinguindo-a das demais por uma maior intensidade ou por um tom mais alto. *Cuando hablaba colocaba los acentos en otra sílaba, lo que para mi era muy extraño. Son casos de heteroprosódicos en portugués y español y tenemos que estudiarlos.*
3. Acento ortográfico. *Distinguimos las palabras sólo (adverbio) y solo (adjetivo) por el acento, por ejemplo: el niño estaba solo, porque sólo quería estar peleando con los demás*.
4. Som que se emite ao falar ou cantar. '¡*Escucha mis acentos*...!' (DEMM).
5. Acento métrico ou rítmico. *Esa poesía parece no tener acento.*

6 Importância ou relevo especial que se dá a determinadas idéias, palavras, fatos, fins etc. *El presidente habló con acento en la mejora de los salarios*.

2. Acento: do lat. *accentus, us* 'acentuação de uma palavra, tom, entoação, acento, o levantar ou abater a voz numa sílaba', do lat. *accinere* 'cantar' com prov. interveniência do fr. *accent* (1220).

1. S.m. Destaque, relevo, realce que uma sílaba ou uma palavra têm em comparação com outras na mesma cadeia falada, seja pela maior intensidade com que é pronunciada (acento de intensidade), seja pela maior altura (acento tonal) ou seja pela maior duração (acento de quantidade); acento tônico. (Fonética). *Normalmente, a maioria das pessoas não apresenta problemas com o acento na língua falada, o problema está na língua escrita*.
2. Uso lingüístico desse acento, seja como o único elemento distinguidor de palavras com significados diferentes (p.ex. fábrica e fabrica), seja para marcar a fronteira de unidades lingüísticas (função demarcativa), como ocorre no francês, onde a sílaba mais forte indica onde termina um vocábulo e começa outro, ou ainda para dar a feição peculiar de cada palavra tal qual o falante nativo a conhece (p.ex., todo falante nativo de português reconhece a palavra *sagrada*, mas estranhará **ságrada* ou **sagradá*). (Fonologia). *Ao falar não se notava nenhum problema, mas ao escrever revelava um grande problema com os acentos, como elemento distinguidor de palavras com significados diferentes*.
3. Sinal diacrítico, gráfico, com que se indica como deve ser pronunciada uma vogal quanto à tonicidade ou quanto ao timbre. (Por ext. de snt.; ortografia). *As crianças normalmente apresentam problemas com relação à colocação do acento*.

4. Tom de voz; inflexão, timbre. (Fonética). *Ao falar percebe-se um acento, mas ao cantar nota-se outro agudíssimo.*
5. Destaque, realce, relevo. (por ext.). *É uma das características inglesas realizar as maiores modificações na estrutura social ou política do país sem colocar jamais o acento da inovação sobre as suas resoluções*. (Lindolfo Collor, *Europa* 1939, p. 143, in FERREIRA, 1986: 26).
6. Consonância, harmonia. (P. ext.). *Embalava o filho com os ternos acentos do seu canto*. (Ferreira: 1986, 26).
7. Pronúncia peculiar a uma região ou a um indivíduo; sotaque. (Fonética). *Basta dizer uma palavra que se nota o acento caipira*.
8. Parte do serviço religioso recitada ou cantada pelo padre e seus assistentes no altar. (Trm. Eclesiástico). *Ao ouvirmos os assistentes do padre durante a missa, logo percebemos que era a primeira vez que faziam o acento, pois estavam nervosos e atrapalhados*.
9. *Acentuação*. Processo em que se realça um detalhe do objeto. (Fotografia). *Não gostei muito do acento que o fotógrafo deu à cadeira na qual ela se sentou para ser fotografada*.
10. Destaque dado a uma pulsação, nota ou acorde; acentuação. (Música). *O cantor deu um acento especial àquele acorde*.
11. Sinal gráfico representativo desse acento. (por metonímia; Música). *Na partitura havia um acento que tornava aquela música mais lenta do que costumamos ouvir*.
12. *Tirata*. (Música). *O compositor colocou um acento para tornar o acorde mais bonito e rápido*.

Espanhol: Entrada 1: 6 sentidos.

Português: Entrada 1: 12 sentidos.

Em E mantém-se mais próximo do significado original, assim como do seu significado primário, que é talvez o sentido de maior uso nesta língua, além do 3 (E), enquanto que em P houve maior ampliação do seu contexto de aplicação, embora seu uso se restrinja mais aos sentidos 1, 2, 3, principalmente este último, que coincidem também com os três primeiros do E. Neste ponto, estamos de acordo com Leiva (1994), embora o classifiquemos como *Acidentais* e não *Propriamente ditos*, como ela o faz. Para nós, constitui-se como heterossemântico acidental pois são semelhantes na origem, no sentido de base, assim como em outros sentidos nas duas línguas, porém, as mudanças semânticas ou deslocamento de sentido que ocorre em cada língua em particular ou de modo diferente em cada uma, tornam o par heterossemântico por acidente, pois não se originaram de fontes diferentes, e, conseqüentemente, homônimos entre ambas as línguas, devido às divergências de sentido que estas mudanças semânticas provocaram.

19. sugestión/sugestão

1. Sugestión (E): aprox. 1440, do lat. *suggestio,-onis*, 'sugestão, insinuação', deriv. de *sugerir*, este do lat. *suggerere* 'levar por debaixo; sugerir, inspirar' e este de *gerere* 'levar'. Ação de sugerir; o que se sugere.

2. Sugestão (P): do lat. *suggestio,-onis* 'ação de construir, construção, edificação; conselho, parecer, sugestão, instigação'.

1. S.f. Ação de sugerir. *Sugerencia*: insinuação, inspiração, idéia que se sugere. *Ejercía tal sugestión sobre su novia que ésta carecía de voluntad*. (SEÑAS, 2001: 1194).
2. Idéia ou imagem sugerida. Usa-se geralmente com sentido pejorativo. *Las sugestiones del demonio*. (DRAE, 1996: 1917)
3. Ação ou efeito de sugestionar. Convencer(-se), persuadir(-se), influenciar(-se). Manipular. *La sugestión de la publicidad era de tal modo que la gente creía en todo lo que decía y*

1. S.f. Ato ou efeito de sugerir. *Não precisa de tantos rodeios, basta fazer uma sugestão*.
2. Aquilo que é sugerido; proposta, conselho, idéia. *Foi muito boa a sua sugestão*. (HOUAISS).
3. Estímulo, inspiração, instigação. *Ele age mal por sugestão dos amigos*. (HOUAISS).
4. Idéia, lembrança. *Aquela casa em ruínas era, para ele, a sugestão do desespero*. (HOUAISS).
5. Intimidação ou ameaça cuja finalidade é conseguir algo; sugesta. (Reg. Bras. Us.

compraban esos productos.

4. *Sugerencia*. Coisa sugerida. *Después de mucho tiempo, se dio cuenta que no era la mejor sugestión*.

Espanhol: Entrada 1: 4 sentidos.

inf.). *A sugestão do gerente da empresa me deixou temeroso e inseguro quanto a minha permanência no trabalho*.

6. Processo de influência verbal que se efetua por meio da comunicação, no curso do qual uma ou mais pessoas mudam de atitude, de julgamento ou de comportamento com um fim adaptativo, sem estar conscientes desta mudança ou sem poder fornecer, quando a finalidade é alcançada, uma explicação racional para isto. (Psicologia). *Não sei como isto pôde ter acontecido, mas a sugestão foi tão forte que hoje não é possível reconhecer aquela pessoa*.

Português: Entrada 1: 6 sentidos.

Aqui percebe-se que em ambas as línguas tem-se a mesma palavra latina como origem, com significados semelhantes, mas há também divergência desde a origem. Observamos que há semelhanças tanto no sentido primário como em alguns secundários. No entanto, encontramos também divergências, como em 2(E), que não existe no P, e em 4 e 5 do P, que não existe no E, o que torna esses lexemas heterossemânticos, e homônimos. Segundo Leiva (1994), neste caso, ou par, há uma única palavra de origem com um ou mais significados, que são conservados por uma das duas línguas. A outra conserva apenas um dos significados originais ou nenhum (e pode até criar, mais tarde, um outro termo para suprir a falta do(s) outro(s), como ocorreu em E com a entrada do termo *sugerencia*. Assim, acreditamos que há divergências semânticas desde a origem, ou seja, já no latim a palavra era polissêmica e evoluiu para as línguas com sentidos diferentes. As diferenças de sentido no par parecem sutis, mas o uso em E convence-nos que nesta língua o sentido é mais 'imposição' do que 'proposta, insinuação' como em P, até porque em E usa-se *sugerencia* justamente com o sentido de 'proposta, sugestão, insinuação', ou seja, semelhante ao sentido do P, apenas com

outro lexema. Aqui também, Leiva (1994) classifica-los-ia como heterossemânticos *Propriamente ditos* por terem a mesma origem, mas nós os classificamos como heterossemânticos *Acidentais*, já que divergem semanticamente por algum processo de deslocamento de sentido, provavelmente por usos diferentes em contextos diferentes, e não por divergências etimológicas.

20. cerca/cerca

1. Cerca[1] (E): do lat. *circa* 'ao redor, por volta; aproximadamente', deriv. de *circus* 'círculo'. Adv. e prep. 998.

1. Adv. A pouca distância no espaço; próxima ou imediatamente. *Mi casa está cerca*. (DEMM)
2. A pouca distância no tempo futuro. *Ya está cerca la Pascua*. (DEMM).
3. Objetos situados no primeiro plano de um quadro. (Pintura). *En el cuadro aparece un caballo cerca y muchos personajes detrás.*
4. *Cerca de*. (Loc. prepos.). *Vive cerca del trabajo*.
5. Serve para designar a residência de um ministro em determinada corte estrangeira. (loc. prepos., por infl. Do fr.). *Cerca de su Majestad Católica*. (DRAE).
6. Como complemento de quantidade, quase. (Loc. adv.). *Murieron cerca de dos mil soldados*.
7. A curta distância. *De cerca*. (loc. prep.). *Voy allá para ver el accidente de cerca*.
8. Ter bom, ou mal, *cerca*. (fr. fam.) *Parecer bien, ou mal, mirado desde cerca*.

2. Cerca[1] (P): do lat. *circa* (adv.) 'ao redor, em volta, ao pé de, nos arredores'.

1. Adv. Nas imediações; junto, cerca de, perto. (Pouco us.). *Minha casa fica cerca do clube*.
2. Com valor, tempo ou distância aproximada; cerca de. (Pouco us.). *Custou cerca de dois mil reais*. *Cerca de três dias depois recebi o convite para o casamento.*
3. Nas proximidades de; junto a, perto de. (Loc.). *Um ajuntamento de crianças famintas estavam cerca da mesa*. (HOUAISS).
4. Aproximadamente, quase. (Loc.). *Cerca de duas horas depois da missa o pároco faleceu. Emagreceu cerca de quatro quilos*. (HOUAISS).

Cerca[2]: de cercar.

1. Cerca, muro ou parede que se coloca ao redor de algum lugar, terreno ou casa para seu resguardo ou proteção. *Metieron*

Cerca[2]: origem controvertida; para a maioria dos autores, o subst. é regressivo de *cercar*, origem não aceita por todos, uma vez que *cerca* é um subst. concreto e não propriamente 'o ato de cercar' [43]; há quem levante a hipótese de ser *cerca*[1] a base do subst., embora não esteja bem explicada a evolução do adv. (ou loc. *cerca de*) para o subst. Séc. XV *cerca* 'muro'.

1. S.f. Obra de madeira, ferro, pedras, arame etc., que delimita, circunda e/ou protege área, terreno, plantação etc.

[43] Não parece um argumento satisfatório, pois o ato de cercar é concreto, o que pratica o ato de cercar pode ser a cerca. Talvez possa ser melhor explicado de acordo com a hipótese de ser de cerca[1].

las ovejas en la cerca.

2. *Cerco* de uma cidade ou praça. (Ant.). *Hicieron una cerca alrededor de la ciudad sagrada para atacarla*.
3. Formação de infantaria, semelhante ao quadro moderno, em que a tropa apresentava por todas as partes em frente do inimigo. (linha de frente). *Los soldados heridos deben ser evacuados, para que los demás se queden cerca.*

Espanhol: Entrada 1: 8 sentidos; Entrada 2: 3 sentidos. Total: 2 Entradas e 11 sentidos.

(Arquitetura, construção). *A cerca impedia que as pessoas jogassem lixo no terreno*.

2. Filamento caudal dos insetos.
3. O espaço assim delimitado; cercado. (P. mtn.). *O gado está tranqüilo na cerca*.
4. Quintal, horto. (Reg. Port.). *Aquela cerca está tomada de mato*.
5. Conjunto de estações de rastreio de órbitas de satélites. (Astronáutica).
6. M.q. reserva. (Esportes). *Hoje, Kaká está na cerca*.
7. Dispositivo para a localização de aeronaves sobre terreno montanhoso. (Engenharia, termo aeronáutico). *A cerca não está contribuindo para a localização precisa do avião desaparecido*.
8. Espécie de paleta presente na parte superior dos aerofólios. (Engenharia, termo aeronáutico). *Houve algum problema na cerca dos aerofólios da aeronave*.
9. Linha de radares. (Termo militar).
10. Dispositivo de combate medieval. (Termo militar. Diac. antigo). *Não faz mais sentido combater com cerca nos dias atuais*.

Português: Entrada 1: 4 sentidos; Entrada 2: 10 sentidos. Total: 2 entradas e 14 sentidos.

Nas duas línguas, tem-se duas entradas lexicais. Os lexemas evoluem semanticamente e possuem sentidos semelhantes entre si, principalmente entre cerca[1] nas duas línguas. Possuem, no entanto, sentidos não correspondentes em uma ou em outra língua, ou seja, sentidos que existem em uma língua e não em outra, como é o caso de cerca[2]. Nesta entrada, há semelhança apenas nos sentidos de base nas duas línguas, ao passo que os demais sentidos são totalmente divergentes. Por isso, podemos considerar o par como heterossemântico e homônimo entre as línguas.

21. cimiento/cimento

1. Cimiento (E): do lat. *caementum*, 'pedra para construção'; deriv. de *caedere* 'cortar', significou também 'argamassa'. Alicerce, fundamento.

1. S.m./Us. mais no pl. Parte de um edifício que está abaixo do solo e serve para dar-lhe sustentação. *El cimiento era de piedras costosas, piedras grandes, [...]* (I Rs 7.10/BS).
2. Terreno sobre o qual descansa o mesmo edifício. *Alrededor y en todos los cimientos donde se quedaban las torres temblaba mucho.*
3. Princípio e raiz de alguma coisa. *Los cimientos de su fe están en la lectura de la Biblia.*

Espanhol: Entrada 1: 3 sentidos.

2.Cimento (P): do lat. *caementum, i* 'pedra de alvenaria; lascas de mármore, cascalho, pedra miúda, brita', lat. tardio 'argamassa', do lat. *caedere* 'cortar'. 'Substância em pó, utilizada como aglomerante ou para ligar certos materiais', séc. XIII.

1. S.m. Aglomerante usado para unir solidamente diversos tipos de materiais de construção, constituído basicamente de substâncias calcárias e argilosas pulverizadas e calcinadas, ligadas com água para formar uma pasta mole a qual, ao secar, adquire consistência de pedra. (Materiais). *Esse cimento é muito forte, portanto o edifício vai ficar com um bom alicerce*.
2. Essa substância pulverizada produzida industrialmente. (P. mtn.; materiais). *Comprei dez sacos de cimento e não deu para concluir a obra*.
3. Alicerce, fundamento. (Construção; pouco usado). *Até o cimento do velho castelo desabou*.
4. Qualquer massa usada para unir superfícies duras não homogêneas ou para preencher cavidades. (Materiais; p. usado). *A dentista fez o reparo no dente com cimento.*
5. Material de ligação entre os grãos de uma rocha clástica, consolidada; pode ser de origem argilosa, calcária, ferruginosa ou silicosa. (Geologia). *Aquela rocha parece ser de origem calcária com cimento*.
6. Massa usada pelos joalheiros para fixar ou unir os elementos com que trabalham. (Ourivesaria). *Esse joalheiro usou um cimento fraco pois a pedrinha do meu anel já caiu*.
7. Elemento de união, base, alicerce, fundamento. *O cimento de nossa amizade é a confiança mútua*. (FEREIRA, 1986: 406)

Português: Entrada 1: 7 sentidos.

Observamos que ambos os lexemas têm a mesma etimologia e significados originais semelhantes. Os sentidos de base em cada língua, no entanto, já divergem entre si, estendendo-se para os demais, entre os quais não há quase semelhança. Em P, o sentido é sempre o básico, *concreto*, isto é, o traço semântico básico nos sentidos do P é sempre (+ material/massa, + substância calcária e argilosa, + ligar materiais). Em E parece haver uma espécie de metonímia: o cimento fica na parte de baixo, na base. Daí, ser usado com o sentido de coisa que fica em baixo, que dá sustentação. O sentido 3(E), por exemplo, pode ser uma metáfora a partir dessa criação metonímica: Princípio, raiz = base, sustentação. Temos, então: i. o material pela coisa – cimento – piso, base; ii. o concreto pelo abstrato – piso, base – fundamentos da fé, por exemplo.

22. exquisito/esquisito

1. Exquisito (E): 'belo, de bom gosto': do lat. *exquisitus* 'exquisito, excelente, refinado, seleto, escolhido', particípio passivo de *exquirere* 'buscar com cuidado, tratar de conseguir', este deriv. de *quaérere* 'buscar, desejar; interrogar'.

1. Adj. De singular e extraordinária qualidade, primor ou gosto em sua espécie. Aplica-se às coisas que têm um tipo de beleza ou outra qualidade grata capaz de satisfazer um gosto refinado. Correspondentemente, se aplica também à beleza. Pode também aplicar-se aos artistas por suas obras; particularmente, aos poetas. Aplica-se às pessoas pela delicadeza de seu gosto ou trato. E, correspondentemente, a gosto, trato ou outro nome de qualidade socialmente estimável. *Estaba en Roma y miramos a un concierto exquisito*.
2. Que é muito bom, delicioso. Aplica-se comumente a comidas ou bebidas. *Hemos comido unas ostras exquisitas*. (SEÑAS, 2001: 556).

2. Esquisito (P): do lat. *exquisitus, a, um* 'procurado diligentemente, escolhido, extremado, distinto', part. pas. de *exquiro, is, isivi, isitum, irere* 'procurar com diligência, perguntar, informar-se, inquirir, indagar, investigar'.

1. Adj. Encontrado com dificuldade; raro, precioso, fino. *Andou muito, mas encontrou umas jóias esquisitas*.
2. Desconhecido, estranho, exótico. (P. ext.). *Esse casal tem uns costumes esquisitos*.
3. Que não é igual à maioria; diferente, anormal, excêntrico. (P. ext. de snt., da acp.1). *Aquele menino tem um comportamento muito esquisito*.
4. Difícil de explicar; estranho, inexplicável. *Que coisa esquisita o desaparecimento das jóias!* (HOUAISS).
5. Que denota requinte; delicioso, refinado, delicado. *Tomei um vinho esquisito*.
6. Que tem um aspecto feio ou

desagradável. (Reg. Bra.). *Que bicho esquisito!* (HOUAISS).

7. S.m. lugar ermo, vazio, deserto. (Reg. Bras.). *Ao retornarmos, passamos por um lugar muito esquisito*.
8. Caminho difícil, escarpado, pedregoso. (Reg. Paraná). *Tem outro caminho, porém é mais esquisito do que este, principalmente para passar de carro*.

Espanhol: Entrada 1: 2 sentidos.

Português: Entrada 1: 8 sentidos.

O par possui grafia semelhante, houve uma mudança em P de <x> para <s>, enquanto que em E conserva-se a mesma grafia latina. Os lexemas têm a mesma origem, os mesmos significados originais ou muito semelhantes, como também seus significados primários, embora nos secundários haja traços sutis de semelhanças de sentido, enquanto outros totalmente divergentes. O que prevalece, neste caso, é o valor semântico, e o uso de cada sentido em determinados contextos. Por isso são divergentes, portanto, heterossemânticos, embora a principio tenham sido polissêmicos. Concordamos com Leiva, quando comenta sobre este par, diz que este tem "uma única palavra de origem, as duas línguas conservam o significado original, e ambas (ou uma delas) acrescentam um ou mais significados ou estreitam seu campo semântico" (Idem, p. 18), ao nosso ver, campo associativo. É mais comum percebermos o uso de esquisito em P como 'estranho' do que como gostoso, distinto, elegante, etc., como ocorre mais freqüentemente em E. Leiva também confirma este ponto de vista. Podemos afirmar que exquisito/esquisito é 'excepcional'. Em E, excepcional (+ positivo); em P, excepcional (+ negativo), a maior parte do tempo.

23. escoba/escova

1. Escoba (E): 'maço de ramas flexíveis que serve para varrer'. Do lat. *scopa* 'vassoura', primitivamente *scopae* (pl.) 'vassoura', literalmente 'fiapo, galho, galhinhos, varas'. Secundariamente, torna-se o nome de certas

2. Escova (P): 1813, do lat. *scopa*, *ae* 'vassoura; mil-em-rama (planta)', mais us. no pl. *scopae* 'hastes, vergônteas, raminhos, vassoura; punhado, feixe, molho'.

plantas usadas para fazer vassouras; do indo-europeu *skep*- 'cortar, raspar'.

1. S.f. Maço de palmital, e de outros galhos flexíveis, juntos e amarrados às vezes no extremo de um cabo/pau, que serve para varrer e limpar, etc. Modernamente se fabricam vassouras também com outros materiais. *Cogió la escoba y se puso a barrer el suelo*. (SEÑAS, 2001: 520).
2. *Cýtisus scoparius*. Certa planta leguminosa, que cresce até dois metros de altura, com muitos galhos e apropriada para fazer vassoura. *Con estas escobas fabricaremos muchas escobas*.
3. Jogo de cartas entre duas ou quatro pessoas, consistente em alcançar quinze pontos, cumprindo certas regras. *La escoba es un juego familiar*. (SEÑAS, 2001: 520).

Espanhol: Entrada 1: 3 sentidos.

1. S.f. Utensílio usado para limpar, pentear, alisar etc., e que consiste de uma placa onde se inserem filamentos flexíveis de cerda, metal, fio sintético etc. *Essa escova de dentes tem as cerdas muito duras. Não gosto de usar escova de cabelos. Passe a escova de roupa no paletó*.
2. Indivíduo maçante, maçador, chato. (Reg. Bras. Us. inf.). *Nunca vi igual, é uma pessoa muito escova!*
3. Condutor que funciona como meio de ligação entre o rotor e os coletores de corrente, em motores ou geradores elétricos, conduzindo corrente para o motor ou coletando a corrente produzida no gerador. (Eletricidade). *O motor não está funcionando, o problema pode ser também da escova*.

Português: Entrada 1: 3 sentidos.

Observa-se que o par tem a mesma origem etimológica, com significados originais idênticos, e que ambos tiveram alterações fonéticas semelhantes a partir do latim. A única diferença deu-se na alteração de /p/ para /b/ em E e para /v/ em P. Poderíamos afirmar que o sentido primário em ambos os lexemas é igual, caso não percebêssemos um traço semântico que os distingue totalmente. Em E (+ varrer, + limpar), em P (+limpar, + pentear, + alisar). São, portanto, diferentes. O uso de *escoba* em E, restringe-se quase especificamente ao ato de varrer o chão, piso, etc, e de forma alguma pentear, escovar, pois para estas ações há outro lexema 'cepillar', que vem de 'cepillo'. Há, portanto, certa divergência desde o sentido primário, como também deslocamento de sentido em ambas as línguas, distanciando ainda mais os seus sentidos secundários, como se pode observar no exemplo 2 e 3 do P, e 3 do E.

Portanto, a princípio, poderíamos considerar um par polissêmico em particular e entre as línguas. No entanto, tornam-se homônimos e heterossemânticos entre as línguas.

24. vaso/vaso

1. Vaso (E): 'Recipiente cilíndrico, comumente de vidro, que serve para beber; quantidade de líquido contido neste recipiente; conduto pelo qual se transmite ou circula um líquido (o sangue, a seiva) nos animais ou nas plantas. Do lat. vulg. *vasu, vasum* 'recipiente', variante do lat. clas. *vas,-i* 'recipiente', 'vasilha'.

1. S.m. Peça côncava de maior ou menor tamanho, capaz de conter alguma coisa. *En el vaso había muchas piedritas de varios colores*.
2. Copo. Recipiente de metal, vidro ou outro material, comumente de forma cilíndrica, que serve para beber. *A la niña no le gusta tomar agua en vaso de plástico*.
3. Quantidade de líquido que cabe nele. *Vaso de agua, de vino*. *En la receta de esa tarta dice que se puede añadir un vaso de vino*.
4. Embarcação ou barco e marcadamente seu casco. (Us. especialmente na Marinha). *El barco se hundió porque había un agujero en el vaso*.
5. Bacín. Urinol para urina e excrementos. *Salió al patio para tirar la orina del vaso*.
6. Casco ou unha das bestas eqüinas. *El veterinario cuidó del vaso de los caballos*.
7. Obra de escultura, em forma de jarro de flores ou ânfora usada para decorar edifícios, jardins etc. *En la sala segunda se expone una colección de vasos fenicios*. (SEÑAS, 2001: 1282).
8. Receptáculo ou depósito natural de maior ou menor capacidade, que contém algum líquido. (Por ext.). *No sabemos si el agua de ese vaso es limpia por eso no*

2. Vaso[1] (P): do lat. vulg. **vasum* do lat. cl. *vas, asis* 'vaso, vasilha', séc.XIII.

1. S.m. Recipiente côncavo, de vários formatos, próprio para conter líquidos ou sólidos. *Estocou as azeitonas em vaso de madeira*. (HOUAISS).
2. Esse tipo de objeto feito de material delicado, servindo de peça ornamental, geralmente usado como floreira; jarro. *Ganhei um vaso chinês com muitas flores*.
3. Objeto análogo, de tamanhos variados, que se enche de terra e adubo, usado para plantar plantas de pequeno porte. *No seu terraço há lindos vasos de samambaia*.
4. Tudo o que pode conter alguma coisa; receptáculo. (p. ext. de snt.). *Colocou as canetas, lápis e réguas num vaso*.
5. M.q. *Vaso noturno*. *Levantava-se durante toda a noite para usar o vaso*.
6. M.q. *Vagina*. (Us. inf.). *O vaso, nas fêmeas dos mamíferos, é o conduto musculomembranoso que vai do útero ao orifício externo do canal genital*.
7. Conduto que transporta os líquidos do corpo. (Anatomia geral). *Fez uma cirurgia nos vasos dos membros inferiores*.
8. Conjunto formado por uma série de células unidas, chamadas de elementos de vaso, cujas paredes adjacentes apresentam uma ou mais perfurações, formando um tubo, e permitindo que a

debemos usarla.

9. Oco de algumas outras coisas, como o do sino, do forno, a caixa da escada etc. (Desus.). *El cura ya no sabía como tocar la campana, pues su vaso estaba todo cubierto de herrumbre*.
10. *Culo de vaso*. (Fig. e fam.). Extremo inferior ou posterior de uma coisa. *El culo del vaso es de cristal grueso*. (SEÑAS, 2001: 377).
11. Conduto pelo qual circula no vegetal a seiva ou o látex. (Botânica). *La savia de las plantas circula a través de vasos*. (SEÑAS, 2001: 1282).
12. Conduto através do qual circula no corpo do animal o sangue e o linfa. (Zoologia). *Las venas son vasos por los que se distribuye la linfa*. (SEÑAS, 2001: 1282).
13. *Copa*, constelação. (Astronomia). *Desde la ventana podemos ver el vaso de la Osa Mayor*.
14. *Vaso de colmena.*

Espanhol: Entrada 1: 14 sentidos.

seiva circule livremente de célula para célula; traquéia. (Anatomia botânica). *Perfurou o tronco até penetrar no vaso e retirou a seiva da planta*.

9. M.q. *Navio*. (Termo da Marinha; p. us.). *Os marinheiros que se encontravam no vaso foram resgatados horas depois*.
10. O casco do navio. (Marinha). *Poderíamos afundar pois o vaso estava muito danificado e não tínhamos aparelhos e acessórios de resgate ou salvamento*.
11. Peça que sustentava o casco do navio, na antiga construção naval. (Marinha). *Hoje tudo está mudado, já não se faz navio com vaso para sustentar o casco*.
12. Tanque intermediário que recolhe fluidos condensados nos circuitos contínuos de processamento das indústrias químicas. (Química). *Proibido aproximar-se daqueles vasos, contêm líquidos inflamáveis*.

Vaso[2]: Prov. do ing. *baize* (1578) 'tosco tecido de lã ou algodão preparado para imitar feltro'.

1. S.m. Certo tecido de lã, us. no passado como luto. (Ind. têxtil). *Depois de tantos anos da morte de seu marido ainda usava roupa de vaso*.

Português: Entrada 1: 12 sentidos; Entrada 2: 1 sentido. Total: 2 entradas e 13 sentidos.

Trata-se de heterossemânticos por apresentarem substâncias semelhantes e sentidos diferentes, e inicialmente polissêmicos, pois, além de terem a mesma origem etimológica e o mesmo sentido de origem, têm outros sentidos semelhantes, ou com traços idênticos. O que os tornam efetivamente divergentes é, primeiramente, o fato de terem outros sentidos completamente diferentes ou inexistentes, como nos exemplos 2 e 6 do E, e 6 e 12 do P. Outro

fato é o uso de determinados sentidos serem mais freqüentes, além de existentes em apenas uma das línguas, como é o caso de 2 em E, como já mencionamos, que apesar de ter traços semelhantes nas duas línguas (+ recipiente, + conteúdo), em E ele possui mais um traço característico ('para beber água, vinho, ou outro líquido' que sacie uma necessidade humana), que o diferencia do P e tem uma freqüência de uso muito elevada pelos falantes de E pela sua utilidade e finalidade, o que é inexistente em P, havendo outra palavra para tal uso, utilidade ou fim em P, que é 'copo'.

25. acusar/acusar

1. Acusar (E): do lat. *accusare*, der. de *causa*.

1. V. Imputar a alguém algum delito, culpa, vício ou qualquer coisa vituperável. *Yo no acuso a nadie en particular*. (DEMM).
2. Denunciar, delatar. (prnl). *Me acuso de haber dicho esto*.
3. Perceber, sentir; desaprovar, culpar, tachar. *La profesora acusa el director de mala administración*.
4. Reconvir, censurar, repreender. *Su jefe lo acusó de irresponsable y loco*.
5. Manifestar, revelar, descobrir. *Los sismógrafos acusan las sacudidas de la tierra*. *Su cara acusa cansancio y mucho sueño.* (SEÑAS, 2001: 25).
6. Tratando-se do recibo de cartas, ofícios etc., avisá-lo, notificá-lo. *He tenido que acusar el recibo de la carta*. (SEÑAS, 2001: 25).
7. Em alguns jogos de naipes, manifestar alguém em tempo oportuno que tem determinadas cartas que, pela regra do jogo, ganha-se certo número de tantos. *Ahora sí, acuso recibir más diez puntos*.

2. Acusar (P): do lat. *acusare* 'acusar, censurar, repreender, acusar ou citar em juízo', do mesmo rad. do lat. *causa, ae* 'o que faz acontecer, a parte que dá origem'. Incriminar, culpar, séc. XIII.

1. V. Atribuir falta, infração ou crime a (alguém ou a si próprio); culpar(-se), incriminar(-se). *Acusou o inocente sem dó nem piedade*. (HOUAISS).
2. Declarar-se culpado espontaneamente; denunciar, confessar-se. (Prnl.; da acp. 1). *Arrependido, acusou-se perante as autoridades*. (HOUAISS).
3. Ter ou exprimir um julgamento moral desfavorável em relação a (alguém ou a si próprio); censurar(-se), culpar(-se), repreender(-se). *O passado criminoso acusa-os para sempre*. (HOUAISS).
4. Apresentar diante do tribunal ou juiz a responsabilidade de (alguém). (Ter. Jurídico) *O promotor acusou o seqüestrador e pediu a pena máxima*. (HOUAISS).
5. Caracterizar por meio de palavra, expressão etc.; qualificar, tachar. *Acusou o político de corrupto*. (HOUAISS).
6. Tornar conhecido; indicar, mostrar, realçar. (fig.). *A radiografia acusou a fratura*. *Suas rugas acusavam a idade*.

8. Refletir a contundência e efeitos de um golpe recebido, uma doença ou outra coisa. *Acuso menos molestias, pero todavía me duele en toda la zona de la cicatriz*. (SEÑAS, 2001: 25).
9. Um atleta ou jogador mostrar inferioridade ou falta de preparação física. (Esporte). *Acusan a la falta de preparación física por eso no fue convocado para el partido*.
10. Expor definitivamente em juízo os cargos contra o acusado e as provas dos mesmos. (Direito). *El juez acusa definitivamente el reo de sus delitos*.
11. Confessar, declarar alguém as suas culpas. *Me acuso de haber robado el dinero*.

Espanhol: Entrada 1: 11 sentidos.

(HOUAISS).
7. Comunicar, notificar, confirmar (recepção de cart, ofício etc.). *Acusou o convite recebido*. (HOUAISS).
8. Brandear ou folgar pouco a pouco (cabo); aliviar. (Marinha). *Acusa o cabo do escaler*. (HOUAISS).
9. Repetir (voz de comando) para demonstrar entendimento. (Marinha). *O marinheiro acusou a ordem do comandante*. (HOUAISS).

Português: Entrada 1: 9 sentidos.

Podemos considerar o par como polissêmico pois, além de ter mesma etimologia e o mesmo sentido de base, muitos outros sentidos secundários são semelhantes, ou seja, possuem os mesmos traços semânticos, coincidentes com o sentido de origem nas duas línguas e entre as línguas. No entanto, se observarmos os sentidos 7 e 8 do E, assim como o 8 e 9 do P, percebemos que ambos passaram por algum processo de deslocamento de sentido que os distanciou tanto do seu sentido original como do sentido de base, como também contribuiu para afastar a semelhança de sentidos que havia entre as duas línguas, provavelmente por meio de extensão metafórica, e, conseqüentemente, tornando o par heterossemântico e homônimo entre elas.

5.2.2 Grupo B.2: Originalmente polissêmicos, posteriormente com traços semânticos distintos

1. anécdota/anedota

1. Anécdota (E): aprox. 1775. Do gr. *anékdota* 'coisa, detalhes inéditos', plural de *anékdotos* 'inédito, não publicado', derivado de *ekdídomi* 'eu publico', provavelmente através do francês *anecdote.* De *an-* 'não' + *ékdotos* 'publicado, divulgado'.	2. Anedota (P): 1727, séc. XVIII. Do fr. *anecdote*, deriv. do gr. *anékdotos* 'inédito'.
1. S.f. Relato breve de um acontecimento curioso ou interessante ou de um traço de alguém, feito como ilustração, exemplo ou entretenimento. *Te voy a contar una anécdota curiosísima que me ha ocurrido hoy*. (SEÑAS, 2001: 80). 2. Acontecimento curioso e pouco conhecido, contado em um certo relato. *En ese libro hay muchas anécdotas.* 3. Argumento ou assunto de uma obra. *La anécdota de esta obra es el amor prohibido de la hija del coronel.* 4. Acontecimento circunstancial ou irrelevante. Minúcia. *No me gustan los libros que tienen muchas anécdotas, algunas son desnecesarias.* 5. Detalhe acidental e sem importância. *No te detengas en las anécdotas y ve al grano*. (SEÑAS, 2001: 80).	1. Relato sucinto de um fato jocoso ou curioso. Narrativa breve de um fato engraçado ou picante. *Ele vive contando anedotas.* 2. Particularidade engraçada de uma personagem ou passagem histórica ou lendária que acontece à margem dos eventos mais importantes, e por isso geralmente pouco divulgada. (P. ext. de sentido). *Esse livro tem muitas anedotas desconhecidas, embora seja uma obra tão famosa.*
Espanhol: Entrada 1: 5 sentidos.	Português: Entrada 1: 2 sentidos.

O par, embora a etimologia seja a mesma e os traços semânticos originais sejam mantidos nas duas línguas, possui outros traços semânticos divergentes: Em E, anedota é uma historinha ou historieta interessante, um caso pitoresco, ou ainda um episódio, não necessariamente uma piada, ou anedota. Em P, anedota tem sentido de 'dizer, contar ou fazer uma brincadeira; uma diversão; uma gozação ou até mesmo uma piada com algo ou alguém',

o que em E dir-se-ia ‘broma’ ou ‘chiste’. Ou seja, os sentidos 1 e 2 (do P) revelam que nesta língua há traços de (+ jocoso, + chistoso, + engraçado). Em E, em quase todos os sentidos aparece apenas como (+ interessante, + curioso, + acontecimento). Apesar de em E ele parecer ter mais extensão de sentido, em P engloba-se, quase totalmente, todos os sentidos do E, com exceção do 3 (do E) o qual estende-se para (+ argumento, + assunto, + obra) e não se refere apenas a um relato breve, ou acontecimento, detalhe, etc. O deslocamento de sentido em ambas as línguas ocorre apenas por extensão de sentido.

2. bachiller/bacharel

1. Bachiller (E): do sup. lat. *baccallarius*, provavelmente de origem céltica, através do fr. *bachelier* ‘jovem aspirante a cavaleiro’.

1. S.m. Antigamente, pessoa que tinha obtido o primeiro grau dos que se davam nas universidades, e que agora se concede nas faculdades de teologia e direito canônico nos seminários. (Comércio). *Aquel muchacho se recibió de bachiller en Contabilidad*.
2. Pessoa que cursou oficialmente o ensino médio. Nas artes, pessoa que recebeu o primeiro grau acadêmico. *Una vez que fue bachiller, decidió cursar estudios universitarios*. (SEÑAS, 2001: 140).
3. M. e f. Pessoa que fala muito e impertinentemente. (fig. e fam. u.t.c. adj.). *No me gusta estar cerca de esa chica, ella no deja nadie hablar, es bachiller.*

Espanhol: Entrada 1: 3 sentidos.

2. Bacharel (P): do fr. ant. *bacheler* (1100), mod. *bachelier* ‘jovem que aspira a ser cavaleiro’, p. ext. ‘homem nobre etc.’, do lat. medv. **baccalaris* (doc. sob a f. *baccalarius* ‘noviço de cavaleiro’).

1. S.m. Indivíduo que concluiu o curso de graduação em faculdade de Direito; advogado. *Francisco é bacharel em Direito.*
2. Indivíduo que obtém o primeiro grau de formatura em qualquer curso universitário. (ext. de sentido). *Elias é bacharel em Biblioteconomia.*
3. Aquele que concluiu o ensino médio. (ext. de sentido; pouco us.). *Ele é bacharel em técnicas comerciais.*
4. Pessoa que fala demais; tagarela. (figurado; us. pejorativo). *É insuportável ficar ao lado de uma pessoa bacharel.*

Português: Entrada 1: 4 sentidos.

Pertencem a esse grupo, pois advêm da mesma etimologia, possuem significados originais semelhantes, assim como os sentidos de base, embora talvez com traços que os distinguem um pouco: em E (+título, + faculdade, + direito, + teologia), em P (+ título, +

graduação, + direito), estendendo-se em ambas as línguas. Como vemos, o sentido 2 do E, além de ser o de maior uso, é uma extensão do sentido de base (+ título, + curso, + ensino médio), da mesma forma que o sentido 2 em P é uma extensão do sentido 1 nesta língua (+título, + faculdade, + qualquer curso). Os traços semânticos parecem se misturarem em ambas as línguas ou entre as línguas, pois ora coincidem, ora não coincidem nas duas em um ou em outro sentido. Com relação ao sentido 3 do P, embora existente em E, a grande diferença é que em P é pouco usado, ao nosso ver, não usado, enquanto que em E, como já dissemos, é o de maior uso. Acreditamos que isso (em E) deve-se ao fato de o número de pessoas que concluem o ensino médio ser maior do que daquele número que termina os cursos de teologia e direito. Ou mais acertadamente, acreditamos que esse sentido 2 em E tornou-se para nós, na verdade, o sentido de base nesta língua, pela freqüência de uso.

3. brincar/brincar

1. Brincar (E): do port. *brincar* 'brincar, saltitar', deriv. de *brinco*, 'brinquedo para crianças', primitivamente anel; este do lat. *vinculum*, 'ligadura, atadura'. Hoje, 'saltar, saltar agilmente'.

1. V. Saltar. Levantar-se a certa altura no ar mediante um esforço instantâneo dos músculos, para subir em algum lugar, ou voltando a cair imediatamente. *La niña brinca en el sofá*.
2. Sair disparado bruscamente para cima e voltar a cair, em geral repetidamente. *La bolita brinca en la ruleta*. (DEMM).
3. Exteriorizar bruscamente um sentimento contido de indignação, enfado etc. (Fig.). *Está Mario que brinca*.
4. Omitir com cuidado alguma coisa passando para outra, para dissimular ou ocultar na conversa ou leitura algum fato ou cláusula. (fig. e fam.). *Él prefiere brincar en algunos casos, para no*

2. Brincar (P): de brinco + -ar, séc. XVI 'divertir-se, entreter-se'. Do lat. *vinculum* 'laço'; 1572 'brincadeira, brinquedo'.

1. V. Distrair-se com jogos infantis, representando papéis fictícios etc. *Ada brinca de médica.*
2. Entreter-se com um objeto ou uma atividade qualquer; pular, correr, agitar-se. (Deriv. por analogia) *As crianças brincam horas na areia*.
3. Menear, tamborilar, mexer em algo distraidamente, por compulsão ou para passar o tempo. *Ele brincava com a corrente do relógio*.
4. Não falar a sério; gracejar. *Não brinque comigo, fale direito, você não é gago.*
5. Fazer zombaria, debochar. (p. ext. de 4). *Brincou a respeito da careca do amigo.* (HOUAISS).

comprometerse.

5. Ascender a um posto elevado sem passar pelo imediato superior. (p. us.). *¿Cómo puede brincar a director si nunca fue jefe?*

Espanhol: Entrada 1: 5 sentidos.

6. Não demonstrar interesse; não dar importância; não levar (algo) a sério. *Brincou, e agora se arrepende*. (HOUAISS).
7. Agir de modo exibido ou intrometido. *Aquele menino foi repreendido porque brincou com o professor.*
8. Agir com leviandade ou imprudência. *Brincou com o estudo e foi reprovado*. (HOUAISS).
9. Participar (nos folguedos carnavalescos). *Ela não brincou no carnaval este ano*.
10. Tirar gozo, distração ou proveito; desfrutar. *Brinquei a minha mocidade numa fazenda*. (HOUAISS).
11. Praticar a cópula ou ter outro tipo de relação libidinosa. (Reg. Bras.). *Foram pegos brincando no sofá*. (HOUAISS).
12. Tremelicar, oscilar. (Snt. fig.). *Uma lágrima de alegria brincava-lhe no rosto*. (HOUAISS).
13. Patentear-se, exibir-se. (Snt. fig.). *Um sorriso maroto brincava-lhe nos lábios*. (HOUAISS).
14. Adornar com brincos ('ornatos'); enfeitar com capricho. *O ourives brincou a prata desse gomil com genialidade*. (HOUAISS).
15. Ornar em excesso. (Estilística, Retórica). *Brincou o estilo de uma peça oratória*.
16. Ornar ou enfeitar (obra, elemento construtivo etc.; 1720, arquitetura, engenharia). *Brincou a escultura com muito esmero*.

Português: Entrada 1: 16 sentidos.

O par possui a mesma etimologia e sentidos originais semelhantes. No entanto, o sentido de base já apresenta traços semânticos diferentes, como se pode observar. Se observarmos os exemplos de 1, nas duas línguas, parece não haver nenhuma diferença

semântica entre ambas. Entretanto, o traço de modo ou forma de brincar em ambas são distintos. Em E (+ saltar, + pular), em P (+ divertir-se, + entreter-se, + jogos infantis, + papéis fictícios). Poderíamos até afirmar que desde o sentido de base são distintos, pois até certo ponto realmente o são. No entanto, se considerarmos que ambos têm um traço básico idêntico (+ divertir), preferimos admitir que neste sentido são semelhantes, porém o modo ou a forma de como se divertir é que são diferentes. Acreditamos ainda que o sentido de base em P está mais próximo do sentido original (brincadeira, brinquedo), e como em E este advém do P, ou seja, é um empréstimo desta, acreditamos que logo de inicio ele sofre mudança de sentido (ou adquire outro traço semântico), o que o torna divergente do P. Por isso, o consideramos heterossemântico, mas de certa forma são polissêmicos, pois admite-se certa evolução de sentidos de uma língua para outra, através de mudanças semânticas. Voltando aos exemplos 1 nas duas línguas, acreditamos que o aprendiz de E, falante de P/LM, que não tenha conhecimento dessa distinção, provavelmente acreditará que aquele 'brincar' em E tenha os mesmos traços ou representa a mesma coisa que em P. Já em P, acreditamos que a situação do aprendiz de P, falante de E/LM, seja de incompreensão, pois como em E esse traço do P (distrair-se com brinquedo...) não existe, a compreensão pode ser totalmente comprometida, salvo se houver o auxilio do contexto.

4. calzada/calçada

1. Calzada (E): Caminho empedrado ou pavimentado. Supostamente do lat. vulgar *calciata* 'caminho pavimentado', de *calciata*, feminino de *calciatus* 'pavimentado com pedra calcário', que pode derivar-se do lat. *calx,-cis*, 'cal','pedra calcário; pedrinha' ou do lat. *calx,-cis* 'calcanhar'.	2. Calçada (P): orig. contrv.; do lat. vulgar *calciata via*, de formação incerta ou fem. substantivado de *calçado*, part. de *calçar*.
1. S.f. Pista. Caminho pavimentado e largo. *El coche se salió de la calzada y chocó*	1. S.f. Caminho calçado de pedras; rua de paralelepípedos ou outro tipo de

contra una farola. (SEÑAS, 2001: 205).

2. Parte da rua, situado entre as duas calçadas. *Maceió tiene muchas calzadas*.
3. Nas estradas, parte central disposta para a circulação de veículos. Aplica-se particularmente às vias da antiga Roma ou aos pedaços que ficam delas. *Las calzadas romanas unían Roma con todas las provincias de su imperio*. (SEÑAS, 2001: 205).

Espanhol: Entrada 1: 3 sentidos.

revestimento de pedra. *A chuva batia forte no empedrado da calçada*. (HOUAISS).

2. Caminho calçado ou pavimentado, destinado à circulação de pedestres, quase sempre mais alto que a parte da rua em que trafegam os veículos; passeio. (Reg. Bras.). *As crianças brincam na calçada*.
3. Área pavimentada em torno de um edifício, junto às suas paredes externas, para proteger as fundações, impedir infiltrações de água e facilitar o acesso e circulação de pessoas. (Reg. Bras.). *A calçada do prédio está com uma grande rachadura*.
4. M.q. *Ladeira* ('rua íngreme'). *A calçada da Moenda é uma das maiores de Maceió*.
5. S.f.pl. Retenção de ribanceiras, taludes, ladeiras íngremes com paredes de pedras soltas, a fim de defendê-las da ação das enxurradas. (Reg. Port.). *Está perigoso passar por aquelas calçadas, pois a tempestade está muito forte, e pode desabar.*

Português: Entrada 1: 5 sentidos.

Neste par observamos a mesma etimologia e o mesmo sentido de base. Apesar de haver divergência entre alguns sentidos secundários, nota-se que traços semânticos originais são mantidos constantemente entre esses sentidos. Por isso, sustentamos ser um par polissêmico desde a origem, embora admitamos que há outros traços semânticos que tornam os lexemas divergentes entre as línguas. O E manteve os traços (+ pista, + rua, + pavimentado, + entre duas calçadas, + circulação de veículos). Nesta língua, nota-se que os traços semânticos originais se mantém mais do que no P, fato que justificaria a divergência entre ambas. O P manteve os traços (+ caminho, + pavimentado, + ao redor de edifício/casa,

+ circulação de pedestre). Com relação aos sentidos 4 e 5 do P, podemos também sustentar que, embora sejam mais divergentes com relação ao E, ambos conservam ainda traços semânticos da origem. Bastaria pensar em ladeira = rua íngreme; retenção de ribanceiras = rua íngreme com paredes de pedras. Podemos concluir, então, que embora admitamos polissemia entre alguns dos sentidos dos lexemas, os sentidos 4 e 5 do P os tornaria homônimos pelo fato de esses traços semânticos não corresponderem ao lexema no E.

5. ancho/ancho

1. Ancho (E): do lat. *amplus*, como amplios, 1ª metade séc. XIII.

1. Adj. Que tem mais ou menos largura. *Para hacer esos trabajos de dibujo lo ideal seria una mesa ancha*.
2. Que tem largura excessiva. *Esta alfombra es ancha para esta habitación.*
3. Folgado, amplo demais. *Íbamos muy anchos en el departamento*. (DEMM).
4. Amplio. *La casa tiene una sala ancha*.
5. *Mar ancha*. *Alta mar*. Mar alto.
6. Desembaraçado, laxo, livre. (Fig.). *Me he quedado ancho después de acabar el trabajo*. (DEMM).
7. De grande tamanho, importância, intensidade. (Fig.) *Se despertó esta mañana con un ancho malestar*.
8. Orgulhoso, envaidecido, convencido. (Fig.). *Solo un disparate y se quedó tan ancho*. (SEÑAS, 2001: 137)
9. M. Largura. *¿No ves que el ancho del paño no es suficiente para hacer las cortinas?*

Espanhol: Entrada 1: 9 sentidos.

2. Ancho (P): do lat. *amplus, a, um* 'amplo, largo', séc. XIII.

1. Adj. Que tem grande extensão; largo, amplo, espaçoso. *É bem mais proveitoso trabalhar numa sala ancha como esta*.
2. Inchado de vaidade, cheio de si; convencido, orgulhoso. (Fig.). *Primeiro ficou orgulhoso e até abria suas belas asas brancas, muito ancho delas*. (Homero Homem, *Menino de Asas*, p. 40, in FERREIRA, 1986: 115).
3. Largura. (Diac.: antigo). *Nunca vi uma poltrona tão ancha, só pode ter sido do período colonial*.

Português: Entrada 1: 3 sentidos.

O par acima possui a mesma etimologia, o mesmo sentido de base nas duas línguas. Observa-se também que os sentidos secundários do P têm várias correspondências no E, ou seja, 1(P) = 1, 2, 3, 4, 7 do E; 2(P) = 8(E), 3(P) = 9(E). Pode-se afirmar que no E, então, há

mais traços semânticos que no P, embora haja semelhança entre esses traços nas duas línguas, neste lexema, ou melhor, o traço semântico básico é mantido entre ambas. Encontramos também deslocamento de sentido, por sentido figurado em 6(E) não existente no P, no mesmo lexema. Assim, podemos concluir que o par é originalmente polissêmico (mesma etimologia, mesmo sentido de base e secundários), e, posteriormente, heterossemântico e homônimo pela presença de traço semântico distinto entre as línguas.

6. ganancia/ganância

1. Ganancia (E): de ganhar, palavra que tanto em E como em P procedem provavelmente de um verbo gót. **ganan* 'codiciar', irmão do escandinavo ant. *gana* 'abrir-se a boca', 'desejar com avidez', norueguês *gana* 'estar boquiaberto', 'olhar com ânsia'; da mesma palavra gótica procederia indiretamente o cast. *gana*, sendo o seu significado influenciado pelo it. *guadagnare* e pelo fr. *gagner* 'ganhar, obter em troco de serviços', ambos do germânico *waithanjan* 'caçar', de *waith-* 'perseguição', do indo-europeu *wei-* 'buscar'.

1. S.f. Ação e efeito de ganhar. O que se ganha, particularmente em dinheiro, como proveito/pagamento que se tira de uma coisa ou obra/trabalho. *Ha comprado la casa con las ganancias de un año*. (DEMM).
2. Utilidade que resulta do trato, do comércio ou de outra ação. *No sé como agradecerle, la ganancia fue satisfactoria*.
3. *Hijo de ganancia*. Margem de lucros. *El contable hizo un análisis en los precios para saber el hijo de ganancia*.
4. *Ganancias y pérdidas*. (Ganhos/lucros e perdas). Contas em que se anotam o aumento ou diminuição que sofre o haver do comerciante nas operações mercantis. No deve da contabilidade se anotam as

1. Ganância (P): do esp. *ganancia* (1131) 'ganância, ganho, lucro'.

1. S.f. Ação ou efeito de ganhar. (Diac. ant.). *[...] e ela tornará à sua ganância de prostituta, e terá comércio com todos os reinos que há sobre a face da terra*. (Is 23.17, BS).
2. Utilidade ou lucro que resulta do trato do comércio. (Dic. ant.). *Mesmo com essa crise, a ganância daquela multinacional superou as expectativas.*
3. Juro pago por mutuário. (Diac. ant.). *A ganância que o empregado pagou ao banco foi muito alta*.
4. Desejo ou ambição de ganho, de lucro. *Foi tamanha a sua ganância que mesmo antes de terminar o projeto, começou a desenvolvê-lo*.
5. Ambição exacerbada de ganho, de lucro. (p. ext. de snt.; da acp. 4). *Nem pensava*

perdas, e no haver os ganhos do comerciante. (Comércio; Chile, Guatemala e México: adehala). *La empresa de automóviles ha obtenido pocas ganancias estos últimos años*. (SEÑAS, 2001: 606).	*nos danos que provocava a sua própria saúde, tanta era a sua ganância*. 6. Ganho ilícito, usura. (Snt. fig.). *Não* (sejais) *cobiçoso de torpe ganância, mas moderado*. (ITm 3.3c BS).
Espanhol: Entrada 1: 4 sentidos.	Português: Entrada 1: 6 sentidos.

Constitui-se este par como polissêmico entre as duas línguas, pois o P deriva do E, do qual recebe o sentido primário, tornando-se posteriormente antigo no P, e estendendo-se para outros que com ele têm certa relação, embora perceba-se traços que os diferenciam. Por isso, são originalmente polissêmicos, e posteriormente apresentam traços semânticos distintos, ou seja, não se distanciam totalmente, mas também não têm o mesmo sentido ou o mesmo valor. Observa-se notadamente que o E conserva o seu sentido primário, e neste já não há relação nenhuma com o original, embora tenha passado para o P, onde é de uso freqüente, com o sentido 'desejar com avidez, usura, ambição', ao passo que o E não o conservou, nem passou para nenhum de seus sentidos secundários. Isto é, em E mantiveram-se os sentidos vindo do it. e fr., e em P, mesmo o lexema tendo vindo do E, mantêm-se traços do sentido etimológico e original. Isto mostra que muitas vezes as línguas tomam emprestado o lexema, mas não o seu sentido atual. Trata-se, muitas vezes, de um empréstimo lexical e não semântico, o que provavelmente implica em homonímia entre as línguas.

Tabela 1: Resumo numérico-sistemático dos lexemas heterossemânticos

Grupos	Lexemas		Entradas		Sentidos	
Grupo A1	Espanhol (E)	Português (P)	E	P	E	P
	abate	abate	1	1	4	4
	aceite	aceite	1	2	5	4
	ano	ano	1	2	1	11
	alejado	aleijado	1	1	2	4
	asignatura	assinatura	1	1	1	9
	cachear	cachear	1	1	1	3
	cana	cana	3	2	4	11
	cena	cena	2	1	5	14
	abrumar	abrumar	1	1	6	3
	boa	boa	1	3	2	15
Subtotal	10	10	13	15	31	78
Grupo A2	Espanhol (E)	Português (P)	E	P	E	P
	berro	berro	1	3	3	10
	abono	abono	1	1	9	12
	apertura	apertura	1	1	5	4
	aparato	aparato	1	1	11	8
	apellido	apelido	1	1	10	4
	antepasado	antepassado	1	1	3	5
	aportar	aportar	2	1	6	5
	burlar	burlar	1	1	7	4
	cigarro	cigarro	1	1	2	3
	cita	cita	1	2	3	4
	crianza	criança	1	1	7	9
	rato	rato	3	2	5	12
	basura	vassoura	1	1	4	11
Subtotal	13	13	16	17	75	91

Grupo B1	Espanhol (E)	Português (P)	E	P	E	P
	araña	aranha	1	1	10	23
	beca	beca	1	4	6	8
	bolsa	bolsa	2	2	17	32
	bolso	bolso	1	1	5	9
	borrar	borrar	1	1	6	13
	borrador	borrador	1	1	6	7
	cédula	cédula	1	1	2	5
	cepillo	cepilho	1	1	4	4
	acreditar	acreditar	1	1	10	13
	andanza	andança	1	1	6	7
	americana	americana	1	1	6	9
	asistir	assistir	1	1	11	10
	aposentar	aposentar	1	1	3	6
	armazón	armação	1	1	3	23
	avenida	avenida	1	1	6	4
	balcón	balcão	1	1	3	4
	benjamín	benjamim	1	1	1	5
	boato	boato	1	1	3	6
	billete	bilhete	1	1	7	8
	bombacha	bombacha	1	1	2	2
	cachorro	cachorro	1	1	4	21
	cartón	cartão	1	1	8	12
	cajón	caixão	1	1	10	12
	brocha	brocha	2	1	7	20
	abrigar	abrigar	1	1	5	8
	acento	acento	1	1	6	12
	sugestión	sugestão	1	1	4	6
	cerca	cerca	2	2	11	14
	cimiento	cimento	1	1	3	7
	exquisito	esquisito	1	1	2	8
	escoba	escova	1	1	3	3
	vaso	vaso	1	2	14	13
Subtotal	33	33	36	39	205	343

Grupo B2	Espanhol (E)	Português (P)	E	P	E	P
	abordar	abordar	1	1	5	9
	aborrecer	aborrecer	1	1	5	4
	bozal	boçal	1	2	8	7
	bolsista	bolsista	1	1	1	3
	anécdota	anedota	1	1	5	2
	bachiller	bacharel	1	1	3	4
	brincar	brincar	1	1	5	16
	calzada	calçada	1	1	3	5
	ancho	ancho	1	1	9	3
	ganancia	ganância	1	1	4	6
Subtotal	10	10	10	11	48	59
Total Grupos	Espanhol (E)	Português (P)	E	P	E	P
Grupo A1	10	10	13	15	31	78
Grupo A2	13	13	16	17	75	91
Grupo B1	33	33	36	39	205	343
Grupo B2	10	10	10	11	48	59
Total Geral	66	66	75	82	359	571

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise desses pares de palavras heterossemânticas do português e do espanhol confirma-se a possibilidade de explicar a sua heterossemanticidade, partindo, primeiramente, da premissa de que há, na maioria dos casos em que ocorre mudança de sentido, uma alteração entre a imagem acústica e o conceito, provocando um deslocamento ou desvio de sentido no signo lingüístico, possibilitando, dessa forma, identificar os fatores que promovem a divergência semântica nesses lexemas.

Em segundo lugar, e considerando sobretudo a relação genética entre as línguas confrontadas, a análise comparativa dos dados revela também que a variedade das causas que promovem a mudança ou 'deslocamento' de sentido entre essas palavras relaciona-se com as relações semânticas de polissemia e homonímia. Comprovamos, na polissemia, a semelhança e a proximidade dos sentidos ou traços semânticos nos pares homógrafos ou homófonos entre as línguas, assim como a diversidade de mudanças de sentidos em cada língua em particular, ora aproximando-as, ora distanciando-as semanticamente. Na homonímia, constatamos a convergência fônica e a divergência ou controvérsia de sentidos em alguns pares desses lexemas nas línguas, entre os quais sempre haverá grandes divergências, apesar das semelhanças fônica ou gráfica existente neles.

Com base nessa análise e nos postulados teóricos que especificam o nosso objeto de estudo – os heterossemânticos –, assim como nas discussões sobre o ensino-aprendizagem de línguas, a história e evolução dessas, como também nos postulados que tratam da natureza do signo lingüístico, as causas que promovem mudanças de sentido, e outras questões semânticas que envolvem o fenômeno observado, propomos uma classificação desses lexemas heterossemânticos em dois grupos principais de acordo com a relação semântica de A)

homonímia (totalmente diferentes) e B) polissemia (parcialmente diferentes), os quais se subdividem em mais dois subgrupos (A.1 e A2; B.1 e B.2), advindos, respectivamente, de processos fonéticos (convergência fonética) ou divergência semântica desde a origem ou fonte, como também de processos semânticos (mudanças semânticas).

Dessa maneira, apresentamos uma possibilidade de interação entre os dados analisados e as teorias e conceitos apresentados, fazendo que nossos argumentos e hipóteses se unam e se complementem na interpretação e elucidação dos fatos relacionados à problemática em questão. Salientamos que, se de um lado os postulados da lingüística aplicada fornece subsídios para delimitar o objeto de estudo e questionar a problemática relacionada ao ensino-aprendizagem deste em línguas estrangeiras, principalmente quando estas são geneticamente relacionadas, por outro lado os postulados semânticos assumidos explicam determinados fatores lingüísticos, sejam eles históricos, etimológicos, fonéticos, ou propriamente semânticos das línguas ou entre as línguas. Assim, embora se considere que tenhamos assumido uma postura teórica com certas restrições ou limitações quanto à aplicabilidade e superação nos dias atuais, foram estas que sempre nos fomentaram para os questionamentos iniciais e que presentemente nos possibilitam dar uma resposta plausível ao nosso problema. Entendemos, portanto, que da observação e comparação de fatos históricos e/ou etimológicos, assim como da identificação e classificação de causas ou fatores de mudanças de sentidos, pode-se elucidar determinados fatos atuais em línguas. Salientamos, também, que parece insuficiente ainda as discussões sobre a elucidação de determinados fatos históricos, etimológicos, semânticos na comparação entre línguas, principalmente com relação ao léxico, mesmo sendo estas relacionadas geneticamente, pois tais fenômenos abrem espaço, por vezes,

para os demais fatos e níveis lingüísticos, quase sempre voltados para o ponto de vista sincrônico da língua.

Podemos ainda acrescentar que através da análise e quantificação dos dados podemos afirmar que há alguns fatos que, embora (in)conclusivos devido ao número limitado de pares de lexemas heterossemânticos observados em nossa pesquisa, os mesmos fazem-nos acreditar que a língua portuguesa possui mais lexemas motivados do que os mesmos da língua espanhola, ou seja, o grau de arbitrariedade ou motivação são diferentes em ambas, podendo ser maior ou menor entre as línguas, como afirmamos anteriormente e expusemos através da *Tabela 1: Resumo numérico-sistemático dos lexemas heterossemânticos*. Assim, observa-se um número mais considerável de evolução ou deslocamento de sentidos em português do que em espanhol, devido, seguramente, às mudanças semânticas terem ocorrido em proporção maior naquela do que nesta última, possibilitando um maior ou menor número de sentidos nestas línguas. Isso não significa, contudo, que enfatizamos uma supremacia do português em relação ao espanhol quanto ao convencionalismo/opacidade e motivação, pois é sabido que a proporção de palavras transparentes e opacas varia caracteristicamente de língua para língua, e, às vezes, numa mesma língua. Assim, na história de uma língua pode haver um movimento da motivação para o convencionalismo ou vice-versa. (ULLMANN, 1964). As línguas, portanto, podem ter motivação fonética, morfológica e semântica em graus distintos e em períodos diferentes. Ressaltamos, ainda, que a quantificação dos dados (entradas e sentidos) na análise não significa uma preocupação quantitativa ou etnocêntrica, mas apenas um resumo quantitativo dos pares de lexemas heterossemânticos analisados.

Ao longo da análise, além das causas de mudanças e relações semânticas que se estabelecem entre os lexemas heterossemânticos analisados, como as causas lingüísticas,

históricas, sociais e psicologias, relações de homonímia e polissemia, apontamos outras questões as quais ajudam a observar as diferenças entre essas palavras do português e do espanhol. Dentre essas questões destacamos a similaridade fônico-gráfica na maioria delas, a referência a elemento único em uma língua e a referência a elementos múltiplos em outra. Outros pares de lexemas revelam a correspondência parcial entre os sentidos, enquanto outros apresentam diferenças da extensão metafórica, conotação entre os sentidos, assim como a multiplicidade de sentidos inexistentes na LM e presentes na LE, ou vice-versa. E outras causas, ainda, que se encontram mais no nível pragmático e sintático, especificamente. Portanto, se o estabelecimento preciso da heterossemanticidade entre esses lexemas parece inconcebível, as causas identificáveis teoricamente podem contribuir para a elaboração de dicionários de heterossemânticos ou bilíngües, como também para a prática do professor em sala de aula de LE.

Outro fato que se comprova em nossa pesquisa, e que já fora confirmado por Ulsh (1971), como já mencionamos, é o de o léxico de ambas as línguas confrontadas ter em grande proporção cognatos entre si, pelo fato de muitos lexemas serem empréstimo da língua-mãe de ambas – o latim vulgar. Isso, no entanto, parece ser contraditório e problemático, ou mesmo um tanto perigoso, quando observamos que este infindável número de cognatos entre ambas podem apresentar grandes e, ao mesmo tempo, sutis divergências semânticas, tornando esses cognatos em falsos cognatos ou heterossemânticos devido às mudanças semânticas por que passam as mesmas, já que ambas evoluem *per se*, e não *pari passu*, considerando-se, nesse sentido, suas particularidades, sua cultura, sua forma de ver, perceber, sentir, agir, pensar e representar a sua realidade diante dos fatos e das coisas que se lhes apresentam. Esse fato comprova-se também na *Tabela 1*, quando se observa a relevância do subgrupo B1 com

relação aos demais, o que o torna numericamente mais relevante. Pode-se afirmar, portanto, que há mais pares polissêmicos do que homônimos entre as duas línguas, o que parece coerente com o fato de as línguas terem a mesma origem, por isso há inúmeros cognatos no léxico de ambas. Em suma, conclui-se que os heterossemânticos propriamente ditos ou totalmente diferentes (homônimos) surgem por evolução fonética, ou por divergências semânticas desde a origem ou base, ou na etimologia; os heterossemânticos por acidente ou parcialmente diferentes (polissêmicos) tornam-se tais por evolução semântica ou deslocamento de sentido ou traços semânticos distintos. São cognatos por herança genética do latim, mas tornam-se heterossemânticos por acidente.

Reconhecemos, contudo, as nossas limitações quanto ao *corpus* selecionado para nossa análise, realizada nos Capítulos IV e V, como também com relação à argumentação diante das teorias apresentadas nos capítulos precedentes. Esperamos, no entanto, que esses questionamentos e possíveis respostas possam contribuir futuramente para uma ampliação dos dados, possibilitando a elaboração de um dicionário comparativo propriamente dito, voltado para o ensino–aprendizagem dessas línguas, como também fornecer no campo teórico maior preocupação ou inquietação com relação às questões voltadas para o nível léxico-semântico de línguas, principalmente quando estas são geneticamente relacionadas, embora as não geneticamente relacionadas também possam suscitar questionamentos teóricos.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE Abril 2004: a enciclopédia da atualidade. São Paulo: Abril, 2004.

ALMEIDA FILHO, J.C. Uma metodologia específica para o ensino de línguas próximas? In: ___ *Português para estrangeiros interface com o espanhol*. Campinas: Pontes, 1995.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. 3.ed. Campinas: Pontes, 2002.

ALVAR, Manuel. *Manual de dialetología hispánica*: el español de España. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

ARRIBAS, Jesús & CASTRO, Rosa Maria de Castro. *Diploma Básico*: Preparación para el Diploma Básico de Español Lengua Extranjera. 3.ed. Madrid: Edelsa, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BECHARA, Suely Fernandes & MOURE, Walter Gustavo. *¡Ojo! con los falsos cognatos:* dicionário de falsos cognatos em espanhol e português. São Paulo: Moderna, 1998.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Traduzido por Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 4.ed. Campinas: Pontes, 1995.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Traduzido por Eduardo Guimarães, *et al*. Campinas: Pontes, 1989.

BIBLIA de Estudio Ampliada. Flórida: Editorial Vida, 1999.

CÂMARA JUNIOR, J. Mattoso. Dicionário de filologia e gramática. 2.ed. Rio de Janeiro: Ozon. In: Lopes, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 2000.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 15.ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARDONA, Giorgio Raimondo. *Diccionario de lingüística*. Barcelona: Ariel, 1988. Traduzido por Maria Tereza Cabello.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*: fundamentos e visão crítica. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

COROMINAS, Joan. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. 3.ed. Madrid: Gredos, 1998.

CORREIDORA, Fernando Vázquez. *A construção da língua portuguesa frente ao castelhano*: o galego como exemplo a contrario. Santiago de Compostela: Laiovento, 1998.

COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. Traduzido por Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. 2.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e lingüística geral*: cinco estudos. Traduzido por Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COSTA, Sergio Corrêa da. *Palavras sem fronteiras*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

CRUSE, D. A. *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

CRYSTAL, David. *Dicionário de lingüística e fonética*. Traduzido e adaptado por Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DE LEÓN, M. Rodolfo Escobedo Díaz. *Etimologías del español*. México, D.F.: Trillas, 1996.

DE SILVA, Guido Gómez. *Breve diccionario etimológico de la lengua española*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1999.

DICCIONARIO de la lengua española: Real Academia Española. Tomo I e II. 21.ed. Madrid: Espasa Calpe, 1996.

DODSON, C.J. The bilingual method. Faculty of Education University College of Wales, Aberystwyth, Pamphlet n.9, 1962, p. 33-37. In: Titone Renzo. *Psicolingüística aplicada*: introdução psicológica à didática das línguas. São Paulo: Summus, 1983.

DUCROT, O. & TODOROV, T. *Dicionário das ciências da linguagem*. 6.ed. Lisboa: Don Quixote, 1982.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Traduzido por Gilson Cesar Cardoso de Souza. 9.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ELLIS, Rod. *Understanding second language acquisition*. New York: Oxford, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica*: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Ática, 1991.

FERNÁNDEZ, Sonsoles. *Interlengua y análisis de errores en el aprendizaje del español como lengua extranjera*. Madrid: Edelsa, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Itacira. A interlíngua do falante de espanhol e o papel do professor: aceitação tácita ou ajuda para superá-la? In: *Português para estrangeiros interface com o espanhol.* Org. Almeida Filho. Campinas: Pontes, 1995.

FINEGAN, Edward. *Language. Its structure and use*. Philadelphia: Harcourt, 1994.

FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da. *O português entre as línguas do mundo*: situação, história, variedades. Coimbra: Livraria Almedina, 1985.

FRAWLEY, William. *Linguistic Semantics*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1992.

GARCÍA, Concha Moreno. *Curso superior de español*. Ejercicios. Notas gramaticales. Textos. Claves de los ejercicios y vocabulario. Madrid: SGEL, 1998.

GECKELER, Horst. *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Madrid: Gredos, 1976.

GIRARD, Denis. *Lingüística aplicada e didática das línguas*. Lisboa: Estampa, 1997.

GRAN Diccionario General de la Lengua Española. Vol. I e II. Barcelona: Credsa, 1989.

GRANNIER, Daniele Marcelle. *Distância entre línguas e variáveis metodológicas no ensino de português como segunda língua*. (Universidade de Brasília). Anais do VII Encontro da Associação das Universidades de Língua portuguesa. Macau, abril de 1998. 7p.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural*: pesquisa e método. Traduzido por Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

GUERREIRO, Mário A.L. *Problemas de filosofia da linguagem*. Niterói: EDUFF, 1985.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido*: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas: Pontes, 1995.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento*: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2002.

GUIRAUD, Pierre. *A semântica*. 2.ed. São Paulo: Difel, 1975.

HENRIQUES, Eunice R. *Intercompreensão de texto escrito por falantes nativos de português e de espanhol*. (p. 263-295). D.E.L.T.A., Vol. 16, N.2, 2000.

HERMOSO, A. González; CUENOT, J. R.; ALFARO, M. Sánchez. *Gramática de español lengua extranjera*: normas, recursos para la comunicación. Madrid: Edelsa, 1998.

HOUAISS Dicionário eletrônico da língua portuguesa. (CD-ROM). Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

HOYOS, Balbina L. Feijóo & ANDRADE, R. E. Hoyos. *Diccionarización de los falsos amigos del español-portugues*: historia, metodología y resultados. (p. 137-142). ACI – ASELE V, 1996.

HOYOS, Balbina L. Feijóo. *Diccionario de falsos amigos*. 2.ed. São Paulo: Enterprise Idiomas, 1998.

ILARI, Rodolfo & GERALDI, João Wanderley. Semântica. 3.ed. São Paulo: Ática, 1987.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico*: brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2002.

ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. 3.ed. São Paulo: Ática, 2000.

KLEIN, Dari José. *Os heterossemânticos como elemento complicador na interface português-espanhol*. Araraquara, 2001, 115p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) -UNESP.

KRASHEN, Stephen D. *Principles na pratice in second language acquisition*. Traduzido por José Carlos Paes de Almeida Filho. New York: Editora Prentice – Hall International, 1987.

LADO, Robert. *Introdução à lingüística aplicada*. Traduzido por Vicente Pereira de Souza. Petrópolis: Vozes, 1972.

LEAL, César Barros. *Dicionário de falsos amigos*: armadilhas na tradução do Espanhol para o Português. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1997.

LEIVA, Myriam Jeannete Serey. *Falsos cognatos em português e espanhol*. Campinas, 1994, 170p. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas.

LLORAC, Emilio Alarcos. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 2000.

LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 2000.

LOPEZ, Elvira Muñoz. *Diccionario de palabras olvidadas o de uso poco frecuente*. Madrid: Editorial Paraninfo, 1992.

LYONS, John. *Introdução à lingüística teórica*. Traduzido por Rosa Virgínia Matos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Ed. Nacional: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

LYONS, John. *Linguagem e Lingüística*: uma introdução. Traduzido por Marilda Winkler Averbug e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

LYONS, John. *Semântica*. Vol. 1. Traduzido por Wanda Ramos. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1977a.

LYONS, John. *Semantics*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977b.

MARÍA Moliner diccionario de uso del español edición electrónica. (CD-ROM). Madrid: Gredos, 1996.

MARIANO, Grant. *Muy amigo*: um guia de espanhol para escapar das armadilhas do portunhol. Rio de Janeiro: Difel, 1999.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. 5.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MARRONE, Célia Siqueira. *Português-Espanhol*: aspectos comparativos. São Paulo: Editora do Brasil, 1990.

MARZANO, Fábio. *Dicionário espanhol-português de falsas semelhanças*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

MIAZZI, Maria Luísa Fernandez. Introdução à lingüística românica: histórico e métodos. São Paulo: Cultrix, 1976.

MICHELENA, Luis. *Lengua e historia*. Madrid: Paraninfo, 1985.

MIRANDA, José Alberto. *La formación de palabras en español*. Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1994.

MOLINER, María. *Diccionario de uso del español*. Edição abreviada. Madrid: Gredos, 2002.

MOLINER, María. *Diccionario de uso del español*. Vol. I e II. Madrid: Gredos, 1997.

MONTE, João Bosco. *Dicionário ilustrado*: falsas semelhanças espanhol-português. Fortaleza: Bosco Monte, 2003.

MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina. *Introdução à lingüística*: domínios e fronteiras. Vol. 1 e 2. 2.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

OLANO, Concepción Otaola. *Comentario y desarrollo de textos lingüísticos*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. *Semântica formal*: uma breve introdução. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

PALMER, F. R. *A semântica*. Traduzido por Ana Maria Machado. São Paulo: Edições 70, 1976.

PEREIRA, S. J. Isidro. *Dicionário grego-português e português-grego*. 7.ed. Braga: Apostolado da Imprensa, 1990.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2001.

PLATÃO. Fedro. In:____. *Diálogos I*: Mênon, Banquete, Fedro. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

RECTOR, Monica & YUNES, Eliana. *Manual de semântica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

RECTOR, Monica. Lingüística aplicada. In: *Manual de lingüística*. São Paulo: Global, 1986.

ROBERTS, Edward A. & PASTOR, Bárbara. *Diccionario etimológico indoeuropeo de la lengua española*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

ROHLFS, Gerhard. *Estudios sobre el léxico románico*. Madrid: Gredos, 1979.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática*: teoria e prática. 18.ed. São Paulo: Atual, 1994.

SARMIENTO, Ramón & SÁNCHEZ, Aquilino. *Gramática básica del español*: norma y uso. Madrid: SGEL, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1922.

SCHMITZ, John R. Análise contrastiva. In: *Tópicos em lingüística aplicada*. Org. Bohn & Vandresen. Florianópolis: UFSC, 1988.

SEÑAS: Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños. Universidad de Alcalá de Henares. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SERRA NEGRA, Carlos Alberto & SERRA NEGRA, Elizabete Marinho. *Manual de trabalhos monográficos de graduação, especialização, mestrado e doutorado*. São Paulo: Atlas, 2003.

SILVA, Deonísio da. *A vida íntima das palavras*: origens e curiosidades da língua portuguesa. São Paulo: Arx, 2002.

SOUSA, Francisco António. *Lello*: Novo *dicionário latino-português*. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1984.

STÖRIG, Hans Joachim. *A aventura das línguas*: uma viagem através da história dos idiomas do mundo. Traduzido por Glória Paschoal de Camargo. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

TITONE, Renzo. *Psicolingüística aplicada*: introdução psicológica à didática das línguas. Traduzido por Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Summus, 1983.

TRUJILLO, Ramón. *Principios de semántica textual*: los fundamentos semánticos del análisis lingüístico. Madrid: Arco Libros, 1996.

ULLMANN, Stephen. *Semântica*: uma introdução à ciência do significado. Traduzido por J. A. Osório Mateus. 4.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VANDRESEN, P. Lingüística contrastiva e ensino de línguas estrangeiras. In: *Tópicos em lingüística aplicada.* Org. Bohn & Vandresen. Florianópolis: UFSC, 1988.

WALTER, Henriette. *A aventura das línguas no ocidente*. Traduzido por Sérgio Cunha dos Santos. São Paulo: Mandarim, 1997.